

SALLY GREEN

ILL
D
A
D
ILL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HALF BAD

SALLY GREEN

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Para minha mãe

sumário

PARTE UM: O TRUQUE

o truque

a jaula

flexões

passando roupa

o truque não funciona

PARTE DOIS: COMO FUI PARAR EM UMA JAULA

minha mãe

jessica e a primeira notificação

meu pai

o suicídio de minha mãe

a segunda notificação

os dons de jessica

falta muito para dezessete

thomas dawes high school

mais brigas, mais cigarros

a quinta notificação

meu primeiro beijo

B&S

depois do trauma

a história da morte de saba

mary

duas armas

a sexta notificação

PARTE TRÊS: A SEGUNDA ARMA

o enforcador
o truque novo
a rotina
lições sobre meu pai
fantasias sobre meu pai
pensamentos sobre minha mãe
avaliações
punk
um caçador
vovó
visitantes
codificado

PARTE QUATRO: LIBERDADE

três saquinhos de chá na vida de nathan marcusovich
nikita
cobalt alley
dinheiro
jim e trev (parte um)
jim e trev (parte dois)
caçadores
arran

PARTE CINCO: GABRIEL

genebra
gabriel
o telhado

PARTE SEIS: FAZENDO DEZESSETE ANOS

os favores
a águia e a rosa

confiança em gabriel
annalise
a fairborn
de volta para mercury
três presentes
fuga

“Pois não existe nada de bom ou de mau que não seja assim pelo nosso pensamento.”

Hamlet, William Shakespeare



parte um

o truque

o truque

Ali estão dois garotos sentados juntos, espremidos entre os braços da velha poltrona. Você é o da esquerda.

O outro menino está querendo se aproximar e move os olhos da TV para você, meio que em câmera lenta.

— Está gostando? — pergunta.

Você faz que sim com a cabeça. Ele passa o braço ao seu redor e se volta para a tela outra vez.

Depois, os dois querem tentar fazer o que viram no filme. Você pega a caixa de fósforos grande na gaveta da cozinha e corre com ela para o mato.

Você primeiro. Acende o fósforo e o segura com o polegar e o indicador, deixando que arda até o final. Seus dedos queimam, mas não soltam o fósforo enegrecido.

O truque funciona.

O outro garoto tenta também. Só que não consegue. Deixa o fósforo cair.

*

Aí você acorda e lembra onde está.

a jaula

O truque é não se importar. Não se importar com a dor, não se importar com nada.

O truque de não se importar é fundamental. É o único truque da cidade. Só que não é uma cidade. É uma jaula ao lado de uma cabana, cercada por vários morros e árvores e céu.

É uma jaula de um truque só.

flexões

A rotina é ok.

Acordar ao ar livre é ok. Acordar em uma jaula algemado faz parte. Você não pode deixar que a jaula entre em você. As algemas arranham, mas a cicatrização é rápida e fácil, então, por que se importar?

A jaula está muito melhor agora que puseram peles de carneiro. Mesmo quando estão úmidas aquecem. O oleado cobrindo o canto que dá para o norte também foi uma grande melhoria. Lá há abrigo quando o vento e a chuva apertam. E faz um pouco de sombra se está quente e ensolarado. Brincadeira! Você também precisa manter o senso de humor.

A rotina é acordar quando o céu se ilumina antes do amanhecer. Você não precisa mover um músculo, não precisa abrir os olhos para saber que está clareando, pode só ficar ali deitado absorvendo tudo.

A melhor parte do dia.

Não há muitos pássaros. Seria bom saber o nome de cada espécie, mas você conhece os diferentes cantos. Não há gaivotas, o que é algo para se pensar, nem fumaça. O vento normalmente é brando na calma que antecede o amanhecer, e o ar já parece mais quente ao começar a receber luz.

Agora você pode abrir os olhos e tem alguns minutos para saborear o alvorecer, que hoje é uma fina linha rosa que se estende ao longo de uma tira estreita de nuvens pairando acima de morros indistintos. E você ainda tem um minuto, talvez até dois, para pôr os pensamentos em ordem até ela aparecer.

Mas você precisa de um plano, e a melhor ideia é ter elaborado tudo na noite anterior para poder agir direto, sem pensar. Normalmente o plano é fazer o que lhe mandam, mas não todo dia, e não hoje.

Você espera até que ela apareça e lhe jogue as chaves. Você pega as chaves, solta as correntes dos tornozelos, os esfrega para enfatizar a dor que ela lhe está infligindo, destranca a algema esquerda, destranca a direita, fica de pé, destranca a porta da jaula, devolve as chaves para ela, abre a porta da jaula e sai, sempre de cabeça baixa, sem jamais a encarar (a menos que isso seja parte de outro plano), esfrega as costas, talvez solte um gemido, vai até a horta e mija.

Às vezes ela tenta confundir sua cabeça, é claro, mudando a rotina. Às vezes manda fazer as tarefas antes dos exercícios, mas quase sempre a primeira coisa são as flexões. Você descobre como vai ser antes mesmo de fechar o zíper.

“Cinquenta”.

Ela diz isso baixo. Sabe que você está ouvindo.

Você não se apressa, como sempre. Isso é parte importante do plano.

Fazê-la esperar.

Você esfrega o braço direito. A argola de metal corta seu pulso quando você fica algemado. Você se cura e fica só com um leve formigamento. Depois gira o pescoço, os ombros, o pescoço de novo, e fica ali parado por um ou dois segundos, forçando-a até o limite antes de se esticar no chão.

<i>Um</i>	<i>Não se importar</i>
<i>Dois</i>	<i>é o truque.</i>
<i>Três</i>	<i>O único</i>
<i>Quatro</i>	<i>truque.</i>
<i>Cinco</i>	<i>Mas há</i>
<i>Seis</i>	<i>um monte de</i>
<i>Sete</i>	<i>táticas.</i>
<i>Oito</i>	<i>Um monte.</i>
<i>Nove</i>	<i>À espreita</i>
<i>Dez</i>	<i>o tempo todo.</i>
<i>Onze</i>	<i>O tempo todo.</i>
<i>Doze</i>	<i>E é</i>
<i>Treze</i>	<i>fácil.</i>

<i>Quatorze</i>	<i>Porque não há</i>
<i>Quinze</i>	<i>mais nada</i>
<i>Dezesseis</i>	<i>a fazer.</i>
<i>Dezessete</i>	<i>Procurar o quê?</i>
<i>Dezoito</i>	<i>Alguma coisa.</i>
<i>Dezenove</i>	<i>Qualquer coisa.</i>
<i>Vinte</i>	<i>Qual-</i>
<i>Vinte e um</i>	<i>quer</i>
<i>Vinte e dois</i>	<i>Coisa.</i>
<i>Vinte e três</i>	<i>Um erro.</i>
<i>Vinte e quatro</i>	<i>Uma chance.</i>
<i>Vinte e cinco</i>	<i>Um descuido.</i>
<i>Vinte e seis</i>	<i>O</i>
<i>Vinte e sete</i>	<i>menor</i>
<i>Vinte e oito</i>	<i>erro</i>
<i>Vinte e nove</i>	<i>da</i>
<i>Trinta</i>	<i>bruxa</i>
<i>Trinta e um</i>	<i>da Luz</i>
<i>Trinta e dois</i>	<i>do</i>
<i>Trinta e três</i>	<i>Inferno.</i>
<i>Trinta e quatro</i>	<i>Porque ela comete</i>
<i>Trinta e cinco</i>	<i>erros.</i>
<i>Trinta e seis</i>	<i>Comete, sim.</i>
<i>Trinta e sete</i>	<i>E se esse erro</i>
<i>Trinta e oito</i>	<i>não der</i>
<i>Trinta e nove</i>	<i>em nada,</i>
<i>Quarenta</i>	<i>você espera</i>
<i>Quarenta e um</i>	<i>pelo próximo</i>
<i>Quarenta e dois</i>	<i>e pelo próximo</i>

<i>Quarenta e três</i>	<i>e pelo próximo.</i>
<i>Quarenta e quatro</i>	<i>Até</i>
<i>Quarenta e cinco</i>	<i> você</i>
<i>Quarenta e seis</i>	<i>conseguir.</i>
<i>Quarenta e sete</i>	<i>Até</i>
<i>Quarenta e oito</i>	<i>conseguir</i>
<i>Quarenta e nove</i>	<i>fugir.</i>

Você se levanta. Ela devia estar contando, mas nunca terminar é outra tática. Ela não diz nada, mas se aproxima e o esbofeteia.

Cinquenta — Cinquenta.

Depois das flexões, você fica parado e espera. É melhor olhar para baixo. Você está perto da jaula na trilha. A trilha está enlameada, mas você não vai varrê-la, não hoje, não com esse plano. Choveu muito nos últimos dias. O outono está chegando rápido. Apesar disso, hoje não está chovendo. As coisas já estão indo bem.

“Faça o percurso externo.”

Fala baixo outra vez. Ela não precisa levantar a voz.

E você já vai começar a correr... mas ainda não. Tem que fazer com que ela continue achando que você é a mesma pessoa difícil, mas basicamente submissa. Então você bate um pé da bota no outro para limpar a lama, o salto do esquerdo na ponta do direito, em seguida o salto do direito na ponta do esquerdo. Você levanta a mão e olha ao redor como se estivesse avaliando a direção do vento, cospe nos pés de batata, olha para a esquerda e para a direita como se estivesse esperando uma brecha no trânsito e... deixa o ônibus passar, e então parte.

De um salto, sobe no muro de pedras empilhadas, desce do outro lado e depois sai correndo pelo pântano em direção às árvores.

Liberdade.

Quem dera!

Mas você tem um plano e aprendeu muito em quatro meses. O mais rápido que percorreu o circuito externo para ela foi em quarenta e cinco minutos. Você pode fazer em menos que isso, talvez em quarenta, pois para no riacho do outro lado e descansa, bebe, escuta e observa, e uma vez conseguiu chegar até a beirada do penhasco e viu mais morros, mais árvores e um lago (talvez fosse um rio, mas, de certa forma, as urzes e a duração dos dias de verão davam a impressão de que era um lago).

Hoje o plano é acelerar assim que ela não puder mais vê-lo. Isso é fácil. Bem fácil. Sua alimentação está ótima. Tem que dar a ela algum crédito, pois está bem saudável e em forma. Carnes, verduras, mais carne, mais verduras, sem esquecer a boa dose de ar fresco. Ah, isso é que é vida.

Você está indo bem. Mantendo um bom ritmo. Seu melhor ritmo.

E está zunindo, se curando do tapinha que levou dela; isso é que provoca esse zunido.

Você já está no ponto mais distante, onde pode fazer a volta para o percurso interno, que na verdade é metade do externo. Mas ela não queria o interno, e você ia fazer o externo, mesmo que ela tivesse dito o contrário.

Dessa vez tem que correr ainda mais rápido.

E aí descer pela beirada do penhasco.

E deixar que a gravidade o leve para baixo em passadas longas na direção do córrego que vai dar no lago.

Aí a coisa fica complicada. Você acaba de sair da área do percurso e logo estará bem longe dela. Ela não vai perceber que você fugiu até notar que está atrasado. Isso lhe dá vinte e cinco minutos depois de deixar o percurso, talvez trinta, talvez trinta e cinco, mas digamos vinte e cinco, antes de ela ir atrás de você.

Mas ela não é o problema. O problema é a pulseira. Vai se romper quando você se afastar demais. Você não sabe como funciona: feitiçaria, ciência ou ambas as coisas, mas vai se romper. Ela lhe disse isso no Dia Um, e disse que a pulseira tem um líquido, um ácido. O líquido vai ser liberado, queimar e cortar seu pulso.

“Vai amputar sua mão”, foi o que ela disse.

Você continua descendo. Há um estalido... e a queimação começa.

Mas você tem um plano.

Para e mergulha o pulso no riacho. O riacho ferve. A água ajuda, apesar de o líquido ser uma poção estranha e gosmenta nada fácil de ser lavada. E está saindo mais. Mas você precisa continuar.

Você coloca musgo e turfa úmidos ao redor da pulseira. Enfia a mão na água de novo. Coloca mais. Está demorando muito. Continue.

Morro abaixo.

Siga o riacho.

O segredo é não pensar no pulso. Suas pernas estão bem, cobrindo uma boa distância.

E, afinal de contas, perder a mão não é tão ruim assim. Você pode substituir por alguma coisa boa... um gancho... uma garra de três pontas, como a do cara de *Operação dragão*... ou talvez alguma coisa com lâminas retráteis que saem na hora de uma briga, *sliiink*... ou mesmo com chamas... mas de jeito nenhum você vai ter uma mão falsa, isso é certo... de jeito nenhum.

Sua cabeça está girando. E também está zunindo. Seu corpo está tentando curar o pulso. Você não tem como saber, talvez escape dessa com duas mãos. Apesar disso, o truque é não se importar. Seja como for, você está livre.

Teve que parar. Enfiar a mão no riacho de novo, botar mais turfa e continuar.

Quase no lago.

Quase.

É... Frio maldito.

Você está indo devagar demais. Andar pela água é lento, mas é bom manter o braço ali dentro.

Apenas não pare.

Não pare.

É um lago grande à beça. Mas tudo bem. Quanto maior, melhor. Significa que sua mão vai ficar na água por mais tempo.

Passando mal... ughhh.....

Merda, essa mão está com uma aparência horrível. Mas parou de sair ácido da pulseira. Você vai escapar. Você a derrotou. Você pode encontrar Mercury. Você vai receber três presentes.

Mas precisa seguir em frente.

Vai terminar de atravessar o lago em um minuto.

Está indo bem. Está indo bem.
Agora não está longe.
Logo vai conseguir avistar o vale e...

passando roupa

— Você quase perdeu a mão.

Está na mesa da cozinha, ainda presa no braço por osso, músculos e tendões visíveis no corte profundo e irregular aberto ao redor do pulso. A pele que havia ali parece ter escorrido como rios de lava até os dedos, como se tivesse derretido e se solidificado de novo. Sua mão inteira está inchando muito e dói como... bom, como uma queimadura de ácido. Você consegue flexionar os dedos, mas o polegar não funciona.

— Talvez melhore e você consiga voltar a usar os dedos. Talvez não.

Ainda no lago, ela tirou a pulseira de seu pulso e borrifou uma loção na ferida, que aliviou a dor.

Ela estava preparada. Está sempre preparada.

E como chegou ali tão rápido? Será que correu? Voou em uma maldita vassoura?

Independentemente do jeito como ela chegou lá, vocês tiveram que voltar andando juntos. E foi uma caminhada difícil.

— Por que não fala comigo?

Ela olha bem na sua cara.

— Estou aqui para ensiná-lo, Nathan. Mas você tem que parar de tentar fugir.

Ela é tão feia que você tem que virar o rosto.

Tem uma tábua de passar armada do outro lado da mesa da cozinha.

Será que ela estava passando roupa? Passando as calças camufladas que usa?

— Nathan, olhe para mim.

Você não tira os olhos do ferro de passar.

— Quero ajudá-lo, Nathan.

Você enche a boca de catarro, se vira e cospe. Ela é rápida e pula para trás, por isso você a acerta na camisa, não no rosto.

Ela não bate em você. Isso é novidade.

— Precisa comer. Vou esquentar um ensopado.

Isso também é novidade para mim. Normalmente você tem que cozinhar, limpar e varrer.

Mas nunca teve que passar roupa.

Ela vai até a despensa. Não há geladeira. Nem eletricidade. Há um fogão a lenha. Acender o fogo e limpá-lo também são tarefas suas.

Enquanto ela está na despensa, você observa o ferro de passar. Suas pernas estão fracas, bambas, mas sua cabeça está funcionando. Funcionando o bastante. Um gole de água talvez ajudasse, mas você quer ver o ferro. É só um pedaço de metal na forma de um ferro de passar, com um cabo de metal, velho. É pesado e frio. Precisa ser aquecido no fogão para funcionar. Deve demorar séculos. Ela está a quilômetros de qualquer lugar, de qualquer coisa, e ainda assim passa as calças e camisas!

Quando ela volta alguns segundos depois, você está ao lado da porta da despensa e a ataca com o ferro, a ponta virada para a cabeça dela.

Mas ela é muito alta e muito rápida. O ferro passa de raspão pela cabeça e afunda no ombro.

Você está no chão, com as mãos nas orelhas, olhando para as botas dela, e desmaia.

o truque não funciona

Ela está falando, mas você não consegue entender nada.

Está novamente sentado à mesa da cozinha, suando e tremendo um pouco, o sangue escorrendo do ouvido esquerdo pelo pescoço. O ouvido não vai ficar bom. Você não consegue escutar nada daquele lado. E seu nariz está em frangalhos. Você deve ter caído de cara no chão. Está quebrado, entupido, ensanguentado e também não vai ficar bom.

Sua mão está estendida sobre a mesa e agora está tão inchada que os dedos não se movem mais.

Ela está sentada na cadeira ao seu lado e borrifa seu pulso de novo com a loção. É refrescante. Deixa o local dormente.

Seria bom ter essa sensação por todo o corpo, ficar dormente diante de tudo. Mas isso não vai acontecer. O que vai acontecer é que ela vai trancá-lo de novo na jaula, acorrentá-lo, e as coisas vão continuar como antes...

Então o truque não funciona. Não funciona e isso aborrece você. Aborrece muito. Você não quer entrar de novo na jaula e não quer mais o truque. Não quer mais nada daquilo.

O corte no couro cabeludo dela está cicatrizado, mas ainda há uma casca de ferida grossa sob o cabelo louro e sangue no ombro. Ela continua a falar alguma coisa. Seus lábios grossos e salivantes não param de se mexer.

Você passa os olhos pela cozinha. A pia, a janela que dá para a horta e a jaula, o fogão a lenha, a tábua de passar, a porta da despensa e novamente a mulher feia com calças bem-passadas. E botas limpas. E na bota a sua faquinha. Ela às vezes a guarda ali. Você viu quando estava no chão.

Você está tonto. Não é de espantar que desmaie, que caia de joelhos. Ela o segura pelas axilas, mas com a mão esquerda, que não está machucada, você encontra o

cabo e puxa a faca da bota enquanto ela sustenta seu peso morto. Você deixa o corpo pesar ainda mais e leva a lâmina até a própria jugular. Rápido e com força.

Mas ela é veloz demais, e você luta e briga e luta e chuta, mas ela tira a faca de sua mão, e você não tem mais condições de chutar nem lutar.

*

De volta à jaula. Acorrentado. Acordou o tempo todo a noite passada... suando... o ouvido ainda não funciona... respira pela boca porque o nariz está entupido. Ela acorrentou até seu pulso ferido, e o braço está tão inchado que a algaema está apertada.

A manhã já vai tarde, mas ela ainda não veio buscá-lo. Está ocupada com alguma coisa na cabana. Batendo. A chaminé está soltando fumaça.

Hoje está quente, sopra uma brisa sudoeste, as nuvens se movem em silêncio pelo céu, escondendo e revelando raios de sol que tocam seu rosto e projetam em suas pernas as sombras das barras. Mas você já viu tudo isso antes, então fecha os olhos e se lembra de coisas. Tudo bem fazer isso às vezes.



parte dois

como fui parar em uma jaula

minha mãe

Estou parado na ponta dos pés. A fotografia está na mesinha do corredor, mas não consigo alcançá-la direito. Eu me estico todo e empurro o porta-retratos com a ponta dos dedos. É pesado e cai no chão com um estrondo.

Prendo a respiração.

Ninguém aparece.

Pego o porta-retratos com cuidado. O vidro não quebrou. Sento embaixo da mesa encostado na parede.

Minha mãe é bonita. A foto foi tirada no dia de seu casamento. Ela está com os olhos semicerrados por causa do sol, a claridade iluminando seu cabelo. Seu vestido é branco e há flores brancas em sua mão. O marido está a seu lado. É bonito e está sorrindo. Cubro o rosto dele com a mão.

Não sei por quanto tempo fico ali sentado. Gosto de olhar para minha mãe.

Jessica aparece. Eu me esqueci de prestar atenção para saber se ela estava por perto.

Ela segura o porta-retratos.

Não solto. Eu me agarro a ele, com força.

Mas minhas mãos estão suadas.

E Jessica é muito maior que eu. Ela o puxa, me levando junto, e o porta-retratos escorrega de minhas mãos. Ela o levanta bem alto com a mão esquerda e o baixa de volta na diagonal, e a quina da moldura deixa um corte em minha bochecha.

“Nunca mais toque nesta foto.”

jessica e a primeira notificação

Estou sentado em minha cama. Jessica também, me contando uma história.

— *Mamãe pergunta: “Você veio levá-lo embora?” A jovem na porta de entrada diz: “Não. De jeito nenhum. Nunca faríamos isso.” A moça é sincera e está ansiosa para fazer um bom trabalho, mas é muito ingênua.*

Eu a interrompo.

— O que é ingênua?

— Boba. Tola. Burrinha como você. Entendeu?

Balanço a cabeça.

— Bom, agora escute. *Essa mulher ingênua diz: “Estamos visitando todos os bruxos da Luz da Inglaterra para notificá-los das novas regras e ajudá-los a preencher os formulários.” A mulher sorri. O caçador parado atrás dela, não. Está de preto como eles sempre se vestem. Ele é uma figura impressionante, alto e forte.*

— A mamãe sorri?

— Não. Depois que você nasceu, ela nunca mais sorriu. *E quando mamãe não responde, a mulher do Conselho fica preocupada. Ela diz: “Você recebeu a notificação, não recebeu? É muito importante.” A mulher folheia os papéis em sua prancheta e puxa uma carta.*

Jessica abre o pergaminho que está segurando. É um dos grossos. É grande, e suas dobras formam uma cruz bem-vincada. Ela o segura com delicadeza, como se fosse algo precioso, e o lê.

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

Decidiu-se que para aumentar a proteção dos bruxos da Luz, deve ser feito e mantido um registro de todos os bruxos da Grã-Bretanha.

Um sistema de código simples será usado para todos os bruxos e brux (bruxos com menos de dezessete anos) que não sejam de ascendência pura, usando as referências: Luz (L), Sombra (S) ou Félix/Não bruxo (F). Assim, meios-códigos serão registrados como (L 0,5/S 0,5) e meios-sangues, como (L 0,5/F 0,5) ou (S 0,5/F 0,5). O código materno é o primeiro; o paterno, o segundo. Os códigos 0,5 devem ser mantidos pelo menor espaço de tempo possível (e nunca além da idade de dezessete anos), até que um código definitivo (L, S ou F) possa ser designado para a pessoa.

— Sabe o que isso significa? — pergunta Jessica.

Eu sacudo a cabeça.

— Significa que você é um meio-código. Um código de Sombra. Não da Luz.

— Vovó diz que eu sou um bruxo da Luz.

— Não diz, não.

— Ela diz que eu sou meio Luz.

— Você é meio Sombra. *Depois que a mulher termina de ler a notificação, mamãe continua sem dizer nada, mas volta para dentro de casa, deixando a porta aberta. A mulher e o caçador a seguem. Estamos todos na sala. Mamãe está sentada na poltrona perto da lareira, que não está acesa. Deborah e Arran brincavam no chão, mas agora estão sentados, um em cada braço da poltrona.*

— Onde está você?

— Parada ao lado dela.

Imagino Jessica parada ali com os braços cruzados e os joelhos esticados.

— *O caçador se posiciona na porta. A mulher com a prancheta se empoleira na beira da outra poltrona, a prancheta sobre os joelhos bem juntos e a caneta na mão. Ela diz para mamãe: “Provavelmente vai ser mais fácil e rápido se eu preencher o formulário e a senhora apenas assinar.” A mulher pergunta: “Quem é o chefe da família?” Mamãe diz: “Sou eu.” A mulher pergunta o nome da mamãe. Ela responde que se chama Cora Byrn. Uma bruxa da Luz. Filha de Elsie Ashworth e David Ashworth. Bruxos da Luz. A mulher pergunta quem são seus filhos. Mamãe diz: “Jessica, de oito anos. Deborah, de cinco. Arran, de dois.” “Quem é o pai deles?” “Dean Byrn. Bruxo da Luz. Membro do Conselho.” A mulher pergunta: “Onde está ele?” Mamãe diz: “Está morto. Assassinado.” A mulher diz: “Sinto muito.” E então pergunta: “E o bebê? Onde está o bebê?” Mamãe diz: “Está ali, naquela gaveta.”*

Jessica se vira para mim e explica.

— Depois que Arran nasceu, mamãe e papai não queriam mais filhos. Eles deram o berço, o carrinho e todas as coisas de neném. O bebê não era planejado e dormia em um travesseiro dentro de uma gaveta, vestindo um macacão velho e sujo que fora de Arran. Ninguém comprou brinquedos nem presentes para esse bebê, porque todos sabiam que ele não era desejado. Ninguém deu presentes, flores nem chocolates para mamãe porque todos sabiam que ela não queria esse bebê. Ninguém queria um bebê como aquele. Mamãe só recebeu um cartão, e não dizia “Parabéns”.

Silêncio.

— Quer saber o que dizia?

Sacudo a cabeça.

— Dizia: “Mate-o.”

Mordo o punho fechado, mas não choro.

— *A mulher se aproxima do bebê na gaveta, e o caçador se junta a ela porque quer ver aquela coisa estranha e indesejada. Mesmo dormindo, o bebê é horrórico, feio, com seu corpinho fraco, pele com aspecto sujo e cabelo preto arrepiado. A mulher pergunta: “Ele já tem nome?” “Nathan.”*

Jessica já tinha encontrado um jeito de dizer meu nome como se fosse algo repulsivo.

— *A moça pergunta: “E o pai dele...?” Mamãe não responde. Não consegue porque é horrível demais; ela não consegue suportar. Mas todos sabem só de olhar para o bebê que o pai dele é um assassino. A mulher diz: “Talvez você possa escrever o nome do pai.” E ela entrega a prancheta para a mãe. E a mãe agora está chorando e não consegue escrever. Porque é o nome do bruxo das Sombras mais maligno que já existiu.*

Quero dizer “Marcus”. Ele é meu pai e quero dizer o nome dele, mas estou com muito medo. Sempre tenho muito medo de dizer o nome dele.

— *A mulher torna a olhar para o bebê adormecido e estende a mão para tocá-lo... “Cuidado!”, alerta o caçador, porquê, apesar de caçadores nunca terem medo, eles sempre são cautelosos quando se trata de magia das Sombras. A mulher diz: “É apenas um bebê.” E acaricia o braço nu da criança com o dorso da mão. E o bebê se remexe e abre os olhos. A mulher exclama: “Oh, céus!” E dá um passo para trás. Ela*

percebe que não devia ter tocado algo tão horrível e corre até o banheiro para lavar as mãos.

Jessica estende a mão como se fosse me tocar, mas aí encolhe o braço e diz:

— Eu nunca conseguiria tocar em algo tão ruim como você.

meu pai

Estou parado diante do espelho do banheiro, encarando meu rosto. Não tenho nada a ver com minha mãe, nem com Arran. Minha pele é um pouco mais escura que a deles, mais azeitonada, e meu cabelo é de um preto bem escuro, mas a grande diferença é o negro de meus olhos.

Não conheci meu pai, nem cheguei a vê-lo. Mas sei que tenho olhos iguais aos dele.

o suicídio de minha mãe

Jessica levanta o porta-retratos bem alto com a mão esquerda e o baixa de volta na diagonal, e a quina da moldura deixa um corte em minha bochecha.

— Nunca mais toque nesta foto.

Não me mexo.

— Está me ouvindo?

Há sangue no canto do porta-retratos.

— Ela morreu por sua causa.

Eu me encosto na parede.

Jessica grita comigo.

— Ela se matou por sua causa!

a segunda notificação

Eu lembro que chovia por dias. Dias e dias, até que me cansei de ficar sozinho na floresta. Então fui me sentar à mesa da cozinha e fiquei desenhando. Vovó também estava na cozinha. Vovó está sempre na cozinha. Ela é velha e magra, com aquela pele fina que gente velha tem, mas também é esbelta e bem ereta. Usa saias xadrez plissadas e botas de caminhada ou galochas. Está sempre na cozinha, e o chão da cozinha está sempre sujo de lama. A porta dos fundos está aberta mesmo com a chuva. Uma galinha entra em busca de abrigo, mas a vovó não atura isso e delicadamente a enxota para fora com a bota e fecha a porta.

A panela borbulha no fogão e solta uma coluna de vapor que sobe estreita e veloz e vai se espalhando para se juntar à nuvem lá no alto. As cores verde, cinza, azul e vermelho das ervas, flores, raízes e bulbos pendurados no teto por fios, em redes ou cestos, estão embaçadas pela névoa que as envolve.

Nas prateleiras, há potes de vidro enfileirados cheios de líquidos, folhas, grãos, unguentos, poções e alguns até com geleia. A bancada empenada de carvalho está cheia de colheres de todos os tipos — metal, madeira, osso, do tamanho de meu braço ao tamanho do mindinho, além de facas em um cepo, facas sujas de alguma coisa pastosa e jogadas sobre uma tábua de corte, um almofariz de granito com seu pilão, duas cestas redondas e outros recipientes. Atrás da porta há um chapéu de apicultor, vários aventais e um guarda-chuva preto tão torto quanto uma banana.

Desenhei tudo aquilo.

*

Estou com Arran vendo um filme antigo na TV. Arran gosta de assistir a filmes antigos, quanto mais velhos, melhor, e gosto de ficar ali com ele, quanto mais perto, melhor. Nós dois estamos de shorts e nós dois temos pernas esqueléticas, só que as dele são mais brancas que as minhas e chegam mais perto do chão, pendendo da poltrona velha em que estamos sentados. Ele tem uma cicatriz pequena no joelho esquerdo e uma comprida na face direita. O cabelo dele é castanho-claro e ondulado, e de algum modo nunca cobre o rosto. Meus cabelos são compridos, lisos e negros e sempre caem nos olhos.

Arran está usando um suéter de tricô azul por cima de uma camiseta branca. Estou usando a camiseta vermelha que ele me deu. Ele está quentinho, é bom ficar perto dele, e quando me viro para olhá-lo, ele desvia os olhos da TV, voltando-os para mim, meio que em câmera lenta. Seus olhos são claros, de um azul-acinzentado, com toques prateados, e até seu piscar é vagaroso. Tudo em Arran é suave e gentil. Seria maravilhoso ser como ele.

— Está gostando? — pergunta ele sem pressa de ter uma resposta.

Faço que sim com a cabeça.

Ele apoia o braço em meus ombros e volta a olhar a TV.

Lawrence da Arábia faz o truque com o fósforo. Depois, combinamos de tentar fazer o mesmo. Pego a caixa grande de fósforos na gaveta da cozinha e corremos com ela para o mato.

Tento primeiro.

Acendo o fósforo e o seguro entre o polegar e o indicador, deixando-o arder até apagar. Meus dedos pequenos e magros, com unhas todas roídas, se queimam, mas não soltam o fósforo enegrecido.

Arran também tenta fazer o truque, mas não consegue. É como o outro homem no filme. Ele solta o fósforo.

Depois que ele volta para casa, faço o truque de novo. É fácil.

*

Eu e Arran entramos escondidos no quarto da vovó. Tem um cheiro estranho de remédio. Embaixo da janela há uma caixa de carvalho onde a vovó guarda as notificações do Conselho. Sentamos no tapete. Arran abre a tampa da caixa e

pega a segunda notificação. Está escrita em um pergaminho grosso e amarelado, em uma letra cinza e rebuscada que se espalha por toda a página. Arran a lê para mim, devagar e baixo como sempre.

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

Para garantir a segurança e o bem-estar de todos os bruxos da Luz, o Conselho vai dar seguimento a sua política de Captura e Retaliação de todos os bruxos e brux das Sombras.

Para garantir a segurança e o bem-estar de todos os bruxos da Luz, será feita uma avaliação anual dos bruxos e brux de ascendência mista da Luz e das Sombras (L 0,5 /S 0,5). Essa avaliação vai contribuir para a designação do bruxo ou brux como da Luz (L) ou das Sombras/Não da Luz (S).

Não pergunto a Arran se ele acha que eu vou ser código L ou S. Sei que ele vai tentar ser simpático.

*

É meu aniversário de oito anos. Tenho que ir a Londres para ser avaliado.

O prédio do Conselho é frio, com vários corredores de pedra cinza. Vovó e eu aguardamos em um banco de madeira no corredor. Estou tremendo quando um jovem de jaleco surge e me indica uma salinha à esquerda de nosso banco. Vovó não tem permissão de me acompanhar.

Há uma mulher na sala também de jaleco. Chama o rapaz de Tom, que a chama de srta. Lloyd. Eles me chamam de meio-código. Ordenam que eu me dispa.

“Tire suas roupas, meio-código.”

E eu tiro.

Suba na balança.

E eu subo.

“Fique de pé junto à parede. Temos que medir você.”

Eles me medem. Depois tiram fotos de mim.

“Vire de lado.”

“Um pouco mais.”

“Fique de cara para a parede.”

E eles me deixam ali olhando para as pinceladas da tinta creme brilhante na parede enquanto conversam e guardam coisas. Então mandam que eu me vista, e eu me visto. Então me conduzem pela porta e apontam para o banco no corredor. E eu me sento e não encaro a vovó.

A porta em frente ao banco tem painéis de carvalho escuro e, depois de um tempo, é aberta por um homem grande, um guarda. Ele aponta para mim e, em seguida, para a sala às suas costas. Quando vovó faz menção de levantar, ele diz: “A senhora, não.”

A sala de avaliação é comprida e com pé-direito alto. Tem paredes de pedras nuas e janelas encimadas por longos arcos, enfileiradas dos dois lados. O teto também tem o formato de arco. Os móveis são de madeira. Uma grande mesa de carvalho ocupa quase toda a largura do salão e mantém os três membros do Conselho na extremidade oposta. Eles estão sentados em cadeiras grandes de madeira trabalhada, como se fossem nobres de tempos passados.

A mulher no centro é velha, magra, grisalha e pálida, como se não tivesse sangue correndo nas veias. A mulher a sua direita é de meia-idade, baixa, cheinha, de pele bem negra e de cabelos puxados para trás. O homem à esquerda é um pouco mais jovem e tem cabelo louro bem claro e farto. Todos estão usando túnicas brancas de um tecido rústico, que brilha de um jeito estranho no sol.

Há um guarda a minha esquerda, e o que abriu a porta está às minhas costas.

“Sou a líder do Conselho. Vamos lhe fazer algumas perguntas simples”, diz a mulher no centro.

Mas ela não pergunta nada. Quem faz isso é a outra mulher.

A outra é lenta e metódica. Tem uma lista, que começa a citar em seguida. Algumas perguntas são fáceis (“Qual o seu nome?”), outras mais difíceis, como: “Sabe que ervas extraem o veneno de uma ferida?”

Penso sobre cada pergunta, e cada uma delas eu resolvo não responder. Também sou metódico.

Depois que ela termina, é a vez da líder do Conselho. A líder faz perguntas diferentes, perguntas sobre meu pai, como: “Seu pai já tentou entrar em contato com você?”, ou “Você sabe onde está seu pai?”. Ela tenta até “Você considera seu pai um grande bruxo?” e “Você ama seu pai?”.

Sei as respostas para suas perguntas, mas não digo quais são.

Depois disso, eles se reúnem e sussurram por algum tempo. O homem de cabelo louro diz ao guarda para buscar vovó. A líder do Conselho sinaliza para que ela se aproxime, como se a estivesse puxando com a mão magra e pálida.

Vovó fica a meu lado. Não comemos nem bebemos nada desde o início da manhã, então talvez por isso ela pareça tão cansada. Ela agora parece tão velha quanto a líder do Conselho.

“Nós fizemos nossa avaliação”, diz a líder do Conselho.

A mulher estava escrevendo em um pedaço de pergaminho, que agora empurra sobre a mesa.

“Por favor, assine para confirmar que concorda com isso.”

Vovó se aproxima, pega o pergaminho e volta para perto de mim. Ela lê a avaliação em voz alta, para que eu escute. Gosto dessas atitudes da vovó.

<i>Avaliado:</i>	Nathan Byrn
<i>Código de nascimento:</i>	L 0,5/S 0,5
<i>Sexo:</i>	Masculino
<i>Idade em que foi feita a avaliação:</i>	Oito anos
<i>Dom (se acima dos dezessete anos):</i>	Não aplicável
<i>Inteligência geral:</i>	Não apurada
<i>Habilidades especiais:</i>	Não apuradas
<i>Habilidade de cura:</i>	Não apurada
<i>Línguas:</i>	Não apuradas
<i>Comentários especiais:</i>	O avaliado não foi cooperativo
<i>Código designado:</i>	Não apurado

Estou sorrindo pela primeira vez no dia.

Vovó caminha de volta até a mesa, pega a caneta tinteiro da conselheira e assina o formulário com um floreio.

A líder do Conselho torna a falar.

“Como você é a guardiã do menino, sra. Ashworth, é sua responsabilidade garantir que ele coopere.”

Vovó olha para ela.

“Voltem amanhã para repetirmos a avaliação.”

Eu podia passar o ano inteiro seguindo o caminho do *não apurado*, mas no dia seguinte a vovó diz que eu devo responder algumas perguntas, ainda que nunca aquelas sobre meu pai. Por isso respondo.

Eles alteram o formulário para registrar minha inteligência geral como *não apurado*. Vovó está satisfeita.

os dons de jessica

Jessica completa dezessete anos. A manhã avança, e ela está mais cheia de si do que o normal. Não consegue ficar quieta. Mal pode esperar para receber seus três presentes e se tornar uma bruxa adulta. Vovó vai celebrar a Cerimônia de Atribuição dos Dons ao meio-dia, por isso, até lá, temos que aturar Jessica andando de um lado para outro na cozinha, pegando uma coisa aqui e outra ali e botando tudo de novo no lugar.

Pega uma faca, anda um pouco com ela, então para do meu lado e diz:

— Eu queria saber o que vai acontecer no aniversário do Nathan. — Ela testa a ponta da lâmina.

— Se ele tiver que passar pela avaliação, pode não conseguir os dons.

Ela está me provocando. Só preciso ignorá-la. Vou receber meus três presentes. Todo bruxo recebe.

— Nathan vai receber três presentes de aniversário — diz vovó. — É assim com todos os bruxos. E vai ser assim com Nathan.

— Quer dizer, já é bem ruim para um brux da Luz quando alguma coisa dá errado e ele não recebe os três presentes.

— Nada vai dar errado, Jessica. — Vovó se vira e olha para ela, acrescentando: — Vou dar três presentes a Nathan assim como vou dar a você, a Deborah e a Arran.

Arran vem e senta a meu lado. Põe a mão em meu braço e diz baixinho só para mim:

— Estou ansioso pela sua Atribuição. Você vai à minha, e eu à sua.

— Kieran me falou de um brux em York que não recebeu os três presentes — diz Jessica. — No fim ele se casou com uma félix e agora trabalha em um banco.

— Qual o nome desse garoto? — pergunta Deborah.

— Pouco importa. Ele agora não é bruxo. E nunca vai ser.

— Bem, nunca ouvi falar desse rapaz — diz vovó.

— É verdade. Kieran me contou — retruca Jessica. — Mas Kieran disse que é diferente com os bruxos das Sombras. Eles não perdem apenas suas habilidades. Se os das Sombras não recebem os três presentes, morrem.

Jessica encosta a ponta da faca na mesa em frente a mim e a equilibra ali, na vertical, com o indicador.

— Eles não morrem imediatamente. Ficam doentes, podem durar um ou dois anos, se tiverem sorte, mas não conseguem se curar e vão ficando mais fracos e doentes, e então... — Ela deixa a faca cair. — Um bruxo das Sombras a menos!

Eu devia fechar os olhos.

Arran envolve delicadamente o cabo da faca com os dedos e o afasta.

— Eles morrem mesmo, vovó? — pergunta.

— Não conheço nenhum bruxo das Sombras, Arran, por isso não sei. Mas Nathan é metade da Luz, e vai receber seus presentes no aniversário. E você, Jessica, pare com essa conversa sobre bruxos das Sombras.

Jessica se inclina para perto de Arran e sussurra:

— Mas ia ser interessante ver o que acontece. Acho que ele ia morrer como os das Sombras.

E eu tenho que sair dali. Subo as escadas. Não quebro nada, só chuto a parede algumas vezes.

*

Surpreendentemente, Jessica escolheu não ter uma grande Atribuição, preferindo algo pequeno e privado. Por outro lado, não foi nada surpreendente ela ter feito isso, porque escolheu algo tão pequeno e particular que Deborah e Arran foram convidados, e eu não. Ouvi vovó algumas noites antes tentando convencer Jessica a me convidar, mas não adiantou, e eu não queria mesmo ir. Não tenho amigos com quem brincar, por isso fico sozinho em casa enquanto vovó, Jessica, Deborah e um Arran desanimado caminham para a floresta.

Normalmente eu estaria na floresta, mas não posso sair porque não quero ser castigado com uma das poções da vovó. Não quero ficar vinte e quatro horas coberto de enormes bolhas purulentas por causa da Jessica.

Fico sentado à mesa da cozinha desenhando. Faço um desenho da vovó celebrando a Atribuição e dando a Jessica os três dons. Assim que os presentes lhe são entregues, ela os deixa cair, sinal de muito azar. O sangue da mão da vovó, o sangue dos ancestrais que Jessica deve beber, pinga vermelho no chão da floresta, sem ser bebido. E Jessica permanece na imagem, horrorizada, sem conseguir obter seu dom, seu único poder mágico especial.

Gosto do desenho.

Em pouco tempo o grupo retorna da cerimônia, e é claro que Jessica não deixou nada cair.

— Agora que não sou mais brux, preciso descobrir qual é meu dom — diz ela, enquanto entra pela porta dos fundos. Olha fixamente para o desenho, depois para mim. — Tenho que praticar alguma coisa.

E tudo o que posso fazer é ficar ali, sentado, torcendo para que ela nunca descubra seu dom. E torcer para, caso ela descubra, que seja algo bem comum, como preparar poções, o dom da vovó. Ou que seu dom seja fraco como o da maioria dos homens. Mas sei que não adianta torcer por isso. Sei que ela vai ter um dom poderoso, como a maioria das mulheres, e que vai descobri-lo, aperfeiçoá-lo e praticá-lo. E usá-lo. Usá-lo em mim.

*

Estou deitado no gramado nos fundos de casa observando as formigas construírem um formigueiro na grama. Parecem grandes. Posso ver os detalhes de seus corpos, como as patas se movem, andam e sobem.

Arran vem sentar a meu lado. Ele me pergunta como estou e como vai a escola, o tipo de coisa que lhe interessa. Conto a ele das formigas, aonde elas estão indo e o que estão fazendo.

— Você tem orgulho de ser filho de Marcus, Nathan? — pergunta Arran de repente.

As formigas continuam com seu trabalho, mas eu não me importo mais.

— Nathan?

Eu me viro para Arran, e ele me fita nos olhos com aquela sua expressão franca e honesta.

— Ele é um bruxo muito poderoso, o mais poderoso de todos. Você deve se orgulhar disso.

Arran nunca tinha perguntado sobre meu pai antes.

Nunca.

E apesar de confiar nele mais do que em qualquer outra pessoa, de confiar completamente nele, tenho medo de responder. Vovó insistiu muito comigo para nunca falar sobre Marcus.

Nunca.

Nunca devo responder perguntas sobre ele.

Qualquer pergunta pode ser distorcida ou mal-interpretada pelo Conselho. Qualquer indicação de que um bruxo da Luz simpatiza com algum bruxo das Sombras é vista como traição. Todos os bruxos das Sombras são perseguidos por caçadores a mando do Conselho. Se são capturados vivos, sofrem Retaliação. Qualquer bruxo da Luz que ajude um bruxo das Sombras é executado. Tenho que provar a todos, o tempo inteiro, que sou da Luz, que sou totalmente leal à Luz e que meus pensamentos são puramente de Luz.

Vovó me disse que se alguém me perguntar como me sinto em relação a Marcus, devo dizer que o odeio. Se eu não puder responder isso, então a única opção segura é não responder nada.

Mas quem está perguntando é Arran.

Quero ser honesto com ele.

— Você o admira? — insiste Arran.

Conheço Arran melhor que ninguém, e conversamos sobre quase tudo, mas nunca falamos sobre Marcus. Nunca falamos nem sobre o pai de Arran. Meu pai matou o pai dele. O que se pode dizer sobre isso?

E apesar de tudo... quero me abrir com alguém, e Arran é a melhor e a única pessoa a quem posso confiar meus sentimentos. E ele está me olhando daquele seu jeitinho, com aquela expressão de bondade e preocupação.

Mas e se eu disser a ele: “Sim, admiro o homem que matou seu pai” ou “Sim, tenho orgulho de ser filho de Marcus. Ele é o mais poderoso bruxo das Sombras, e seu sangue corre em minhas veias”, o que vai acontecer?

Mesmo assim, ele me pressiona.

— E então? Você admira Marcus?

Seus olhos são tão claros e sinceros... suplicam que eu compartilhe meus sentimentos.

Tenho que olhar para baixo. As formigas ainda estão ocupadas, como refugiados levando cargas enormes para um novo lar.

Respondo a Arran o mais baixo que consigo.

— O que você disse? — pergunta ele.

Continuo de cabeça baixa. Mas digo um pouco mais alto.

— Eu o odeio.

Nesse instante, um par de pés descalços surge ao lado do formigueiro. Os pés de Arran.

Ele está de pé à minha frente e sentado a meu lado. Dois Arrans. O que está sentado fecha a cara e se transforma diante de meus olhos em Jessica, parecendo apertada demais dentro da camiseta e do short de Arran.

Jessica se inclina em minha direção e pergunta entredentes:

— Você sabia. Sabia o tempo todo que era eu, não sabia?

Arran e eu a observamos se afastar a passos largos e firmes.

— Como você sabia que não era eu? — pergunta ele.

— Eu não sabia.

Pelo menos não de olhar para ela. Seu dom é impressionante.

*

Depois daquela primeira tentativa de usar seu dom para me enganar, Jessica não desiste. Seus disfarces são impecáveis, e sua determinação e persistência não ficam atrás. Mas tem um problema fundamental que ela não consegue compreender: Arran jamais tentaria me fazer falar de meu pai.

Mesmo assim, Jessica continua a tentar. E sempre que desconfio que Arran na verdade é Jessica, estendo a mão para tocá-lo, tocar as costas de sua mão ou segurar seu braço. Se é Arran, ele dá um sorriso e segura minha mão entre as suas. Se é Jessica, ela recua. Nunca consegue controlar isso.

*

Certa noite Deborah entra em nosso quarto, se senta na cama de Arran e lê seu livro. É o tipo de coisa que Deborah faz — cruzar as pernas como Deborah, inclinar a cabeça para o lado como Deborah —, mas ainda estou desconfiado. Ela escuta o que eu e Arran estamos conversando por um ou dois minutos. Parece estar lendo o livro. Vira uma página.

Arran vai escovar os dentes.

Eu me sento ao lado de Deborah, não muito perto. Mas posso sentir que o cheiro de seu cabelo não é o de sempre.

— Vou lhe contar um segredo — digo, me inclinando para perto dela.

Ela sorri para mim.

— Seu cheiro é muito nojento, Jessica — continuo. — Vou passar mal se você não for embora...

Ela cospe na minha cara e sai do quarto antes que Arran volte.

Mas eu tenho um segredo. Um segredo tão sombrio, tão desesperado, tão absurdo que nunca vou poder dividi-lo com ninguém. É uma história secreta que conto para mim mesmo quando estou na cama, à noite. Meu pai não tem nada de mau. Ele é poderoso e forte. E se importa comigo... Ele me ama. E quer me criar como seu filho de verdade, me ensinar feitiçaria, me mostrar o mundo. Mas é perseguido constantemente pelos bruxos da Luz, que não lhe dão a chance de se explicar. Eles o perseguem e o caçam, mas ele só os ataca quando não tem alternativa, quando o ameaçam. É perigoso demais me levar junto. Ele quer que eu fique em segurança, por isso tenho que ser criado longe dele. Mas meu pai está esperando a hora certa para vir me buscar e me levar com ele. No dia em que eu fizer dezessete anos, ela vai querer me dar três presentes e me dar seu sangue, o sangue de nossos ancestrais. Fico deitado na cama imaginando a noite em que ele virá me buscar e nós iremos embora, voando juntos escuridão adentro.

falta muito para dezessete

Estamos na mata perto da casa da vovó. O ar ainda está parado e úmido; as folhas de outono formam uma camada grossa sobre o chão macio e enlameado. O céu está baixo e cinza, como um lençol velho esticado para secar sobre os galhos negros das árvores. Jessica leva uma faca pequena nas mãos estendidas à sua frente. A lâmina é afiada e reluzente. Ela tem um sorriso afetado no rosto, tentando chamar minha atenção.

Deborah está um pouco encurvada, mas sorri tranquila, com as mãos em concha, vazias, estendidas. Nas mãos da vovó há um broche que pertenceu à avó dela, o anel de noivado de minha mãe e uma abotoadura que foi do pai de Deborah. Lentamente vovó baixa as mãos e toca as de Deborah. Vovó lhe passa com cuidado os presentes, dizendo:

— Deborah, dou a você três objetos para que receba seu dom.

Vovó pega a faca e faz um corte na palma da própria mão, na parte carnuda embaixo do polegar esquerdo. O sangue escorre pelo pulso; algumas gotas caem no chão. Ela estende a mão e Deborah se debruça para a frente, põe a boca sobre o corte, com os lábios grudados na pele de vovó, que se inclina em sua direção e sussurra as palavras secretas no ouvido da neta. A garganta de Deborah se move conforme ela engole o sangue. Eu me esforço para ouvir o feitiço, mas as palavras são como o farfalhar das folhas ao vento.

O feitiço termina. De olhos fechados, Deborah engole uma última vez antes de soltar a mão de vovó e se aprumar novamente.

E é isso. Deborah não é mais brux. É uma bruxa da Luz de verdade.

Dou uma olhada para Arran. Ele tem um ar solene, mas sorri para mim antes de se virar e abraçar Deborah. Espero minha vez de parabenizá-la.

— Estou contente por você — digo.

E estou mesmo. Abraço Deborah, mas não tenho mais nada a dizer, por isso saio andando pela mata.

Outra notificação chegou naquela manhã, antes da Atribuição de Deborah.

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

É proibido realizar Cerimônia de Atribuição de Dons para brux mestiços de pais bruxos da Luz e das Sombras (Meio-código L 0,5/S 0,5) ou mestiço de pais bruxos da Luz e fêlixes (Meios-sangues L 0,5/ F 0,5) sem a permissão do Conselho dos Bruxos da Luz. A desobediência a esta notificação vai ser considerada uma ação contra o Conselho. Qualquer meio-código que aceite presentes ou sangue sem permissão do Conselho estará desafiando esta instituição e corrompendo os bruxos da Luz. A punição para todos os envolvidos é a prisão perpétua.

Vovó leu a notificação em voz alta. Jessica ia começar a falar, mas eu já estava me dirigindo para a porta dos fundos.

— Vamos conseguir permissão, Nathan. Vamos, sim — disse Arran, me segurando pelo braço.

Eu não ia me dar o trabalho de discutir com ele e o afastei de meu caminho. Havia um machado junto da pilha de lenha no jardim e fiquei ali, dando machadadas até não conseguir mais erguê-lo.

Deborah veio se sentar comigo em meio a todas as lascas de madeira. Pôs a cabeça em meu ombro. Sempre gostava quando ela fazia aquilo.

— Você vai dar um jeito, Nathan — disse ela. — Vovó vai ajudá-lo, e eu também, e Arran também.

Estourei as bolhas em minha mão.

— Como?

— Ainda não sei.

— Você não deve me ajudar. Estaria agindo contra o Conselho. Eles vão prender você.

— Mas...

Eu a afastei de meu ombro e fiquei de pé.

— Não quero sua ajuda, Deborah. Não entendeu? Você é tão inteligente, e ainda não entendeu, não é?

Saí e a deixei ali.

E agora Deborah recebeu seus três presentes e o sangue da vovó, e em três anos vai ser a vez de Arran passar pela mesma cerimônia, mas para mim... Sei que o Conselho não vai permitir que isso ocorra. Eles têm medo do que eu possa me tornar. E se eu não me tornar bruxo, vou morrer. Sei disso.

Preciso receber três presentes e beber o sangue de meus ancestrais, o sangue de meus pais ou avós. Mas além da vovó, só há uma pessoa que pode me dar três presentes, só uma pessoa que pode desafiar o Conselho, só uma pessoa cujo sangue pode me transformar de brux em bruxo.

A floresta está em silêncio. Parece que está esperando e observando. E, de repente, eu sei que meu pai quer me ajudar. Compreendo muito bem a verdade. Meu pai quer me dar três presentes e me deixar beber seu sangue. Sei disso como sei respirar.

Sei que ele virá me buscar.

Vou apenas esperar.

A mata continua silenciosa.

Ele não vem.

Mas me dou conta de que é perigoso demais para ele aparecer e me levar embora. Eu devo ir procurá-lo.

Preciso ir atrás de meu pai e encontrá-lo.

Tenho onze anos. Ainda falta muito para dezessete. E não tenho ideia de como encontrar Marcus. Não tenho nenhuma pista de por onde começar a procurá-lo. Mas pelo menos agora sei o que preciso fazer.

thomas dawes high school

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

Qualquer contato entre meios-códigos (L 0,5/S 0,5) com brux e bruxos da Luz deve ser informado ao Conselho por todos os envolvidos. O descumprimento dessa determinação pelo meio-código será punido com a eliminação de todo contato.

Considera-se que há contato se o meio-código está no mesmo aposento que um brux ou bruxo da Luz ou também se fica a uma distância que permita a conversa entre as partes.

— Será que preciso me trancar no porão, agora? — pergunto.

Deborah pega o pergaminho e o lê mais uma vez.

— Eliminação de todo contato? O que isso significa?

Vovó parece hesitante.

— Isso não significa que querem eliminar o contato *conosco*, certo? — insiste Deborah, olhando para vovó e depois para Arran. — Ou significa?

Estou impressionado com Deborah. Ela ainda não entende. Aquilo pode significar o que o Conselho quiser que signifique.

— Para garantir, vou preparar uma lista de bruxos com quem Nathan tem contato. É bem simples. Nathan quase não encontra ninguém, e com certeza não muitos bruxos da Luz — diz vovó.

— Mas vai ter os O'Brien na escola — lembrou-lhe Arran.

— Sim, mas é só isso. Vai ser uma lista pequena. Só temos que ter certeza de estar seguindo as regras.

Vovó tem razão, a lista é pequena. Os únicos bruxos com os quais eu tenho contato são minha família e os que encontro nas salas do Conselho quando vou para as Avaliações. Nunca vou a festivais, festas nem casamentos, pois meu nome

nunca está nos convites que surgem sobre o capacho diante de nossa porta. Vovó fica em casa comigo e manda Jessica, e, quando tiverem idade suficiente, Deborah e Arran irão também. Sei das celebrações pelos outros, mas nunca vou.

Bruxos da Luz de qualquer lugar do mundo são bem-vindos à casa de outros bruxos, mas visitas em nossa casa são raras. Quando alguém passa uma ou duas noites, me trata ou com curiosidade, ou com repulsa, e aprendi rápido a sumir de vista.

Quando eu e vovó fomos a Londres para minha primeira avaliação, aparecemos tarde da noite na porta de uma família perto de Wimbledon, e fui deixado do lado de fora, de cara para a porta vermelha, enquanto vovó entrava. Quando ela reapareceu um minuto depois, com o rosto branco e tremendo de raiva, segurou minha mão e saiu me arrastando, dizendo:

— Vamos ficar em um hotel.

Fiquei mais aliviado que com raiva.

*

Antes de entrar na Thomas Dawes High School, estudei na pequena escola do vilarejo. Sou o garoto lento e burro que senta no fundo da sala, aquele sem amigos. Como a maioria dos fêlixes pelo mundo, as crianças e os professores de lá não acreditam em bruxos; não entendem que vivemos entre eles. Não me veem como especial, só como especialmente lerdo. Mal consigo ler ou escrever, e não sou esperto o suficiente para enganar a vovó quando mato aula. A única coisa que aprendo é que ficar sentado na sala de aula, entediado, é melhor do que ficar sentado em qualquer outro lugar sob o efeito das poções de castigo da vovó. A cada novo dia só o que faço é esperar que ele termine. Desconfiava que o ensino médio não seria nada melhor.

E tinha razão. Em meu primeiro dia na Thomas Dawes, estou usando calças cinza compridas demais, que não servem mais em Arran, uma camisa branca com colarinho puído, uma gravata com listras azuis, pretas e douradas manchada e um blazer azul-escuro muito maior que eu, apesar de vovó ter encurtado as mangas. A única coisa que ganhei que ainda não tinha sido de ninguém foi um celular

barato. Eu o tenho “por precaução”. Arran acabou de ganhar um também, por isso sei que vovó teme que haja uma situação a ser precavida.

Levo o telefone ao ouvido, e minha cabeça se enche de estática. Só de ter que o levar comigo já fico irritado. Antes de ir para a escola, deixo-o atrás da TV na sala, que me parece um bom lugar, pois recentemente ela também começou a provocar um chiado leve em minha cabeça.

Arran e Deborah tornam a ida e a volta da escola suportáveis. Felizmente Jessica saiu de casa e foi ser treinada para virar caçadora. Os caçadores são o grupo de elite dos bruxos da Luz, usado pelo Conselho para caçar bruxos das Sombras por aqui. Vovó diz que cada vez mais eles são usados por outros Conselhos na Europa, pois restam pouquíssimos bruxos das Sombras por aqui. O grupo é principalmente composto por mulheres, mas inclui alguns bruxos talentosos. Eles são implacáveis e eficientes, o que indica que Jessica tem tudo para se adaptar com perfeição.

A partida de Jessica me dá a chance de relaxar em casa pela primeira vez na vida, mas agora tenho que me preocupar com o ensino médio. Implorei à vovó para não ir, disse que a escola tinha tudo para ser um desastre. Ela diz que bruxos têm de “se misturar” com a sociedade fêlix, e devem “aprender a agir como eles”, que é importante que eu faça o mesmo e que “vou ficar bem”. Nenhuma dessas expressões descreve minha vida.

As expressões que costumo ouvir para me descrever são “porco e repulsivo”, “desprezível” e a clássica “babaca”. Estou preparado para ser provocado por ser burro, sujo ou pobre, e algum idiota provavelmente vai pegar no meu pé porque sou baixinho, mas não ligo. Eles só vão fazer isso uma vez.

Estou preparado para tudo, mas não para o barulho. O ônibus é um caldeirão de gritos e piadas borbulhando com o chiado dos telefones celulares. A sala de aula não é muito melhor, pois está cheia de computadores, e todos emitem um zunido agudo que invade minha cabeça e que não diminui nem quando enfio os dedos nos ouvidos.

O outro problema, e de longe o maior, é que Annalise está na minha turma.

Annalise é uma bruxa da Luz, e uma O’Brien. Os irmãos O’Brien também frequentam minha escola, menos Kieran, que é da idade de Jessica e já se formou. Niall está na turma de Deborah; e Connor, na de Arran.

Annalise tem cabelos louros compridos que reluzem como chocolate branco derretido. Tem olhos azuis e cílios claros e longos. Ela sorri muito, revelando dentes brancos e perfeitos. Suas mãos são incrivelmente limpas, a pele é cor de mel, e as unhas brilham. A camisa de seu uniforme é impecável, como se tivesse sido passada há apenas um minuto. Até o blazer fica bem nela. Annalise vem de uma família de bruxos da Luz cujo sangue não tem sinal de contaminação com félixes, e sua única associação com bruxos das Sombras são seus ancestrais que mataram ou foram mortos por eles.

Sei que devo manter distância de Annalise.

Na primeira aula, a professora pede que escrevamos algo sobre nós mesmos. Devemos fazer um texto de pelo menos uma página. Olho para o papel, que me encara, vazio. Não sei o que escrever, e, mesmo que soubesse, não conseguiria. Consigo escrever meu nome no alto da página, mas odeio até isso. Meu sobrenome, Byrn, é do marido morto de minha mãe. Não tem nada a ver comigo. Eu o risco totalmente. A palma de minha mão está suada. Olho ao redor da sala e vejo que os outros garotos estão ocupados escrevendo, e a professora caminha pela sala vendo o que eles estão fazendo. Quando chega ao meu lado, pergunta se há algum problema.

— Não consigo pensar em nada para escrever.

— Bem, talvez você pudesse me contar o que fez nesse verão. Ou me falar sobre sua família. — Essa é a voz que ela usa com os alunos lentos.

— É, está bem.

— Então posso deixar que você resolva sozinho?

Balanço a cabeça sem tirar os olhos da folha de papel.

Quando ela se afasta o suficiente e se debruça sobre o trabalho de outro aluno, escrevo uma coisa.

eu tem um irmão e irmã meu irmão Arrhan é legou e Debs é imtelijenti

Sei que está ruim, mas isso não significa que eu possa fazer algo para melhorar.

Temos que entregar nossas redações, e a garota que recolhe a minha me olha fixamente.

— O quê? — pergunto.

— Meu irmão tem sete anos e escreve melhor que você — diz ela, rindo.

— Quê?

Ela para de rir.

— Nada...

E sai apressada, quase tropeçando para entregar os trabalhos à professora.

Olho para ver quem mais está zombando de mim. Os outros dois em minha carteira parecem fascinados pelos lápis que têm nas mãos. À minha esquerda estão morrendo de rir, mas no instante seguinte não tiram os olhos da carteira. O mesmo ocorre com os garotos à minha direita, exceto Annalise. Ela não olha para a carteira, mas sorri para mim. Não sei se está rindo de mim ou o quê. Viro o rosto.

No dia seguinte, na aula de matemática, não entendo nada de nada. O professor, felizmente, logo percebeu que, se eu for ignorado, vou ficar sentado quieto sem causar problemas. É difícil ignorar Annalise. Ela responde a uma pergunta e acerta. Responde à outra e acerta de novo. Quando responde à terceira, me viro um pouquinho na cadeira para olhá-la e, mais uma vez, a surpreendo me olhando e sorrindo.

No terceiro dia, na aula de artes, alguém esbarra em meu braço. Uma mão limpa e com um bronzeado cor de mel passa por mim e apanha um bastão preto de carvão. Quando a mão volta, a manga do blazer roça nas costas de minha mão.

— Que desenho legal.

O quê?

Olho para meu desenho de um pássaro negro que está comendo migalhas no pátio deserto.

Mas parei de pensar no pássaro preto e no desenho. Agora só consigo pensar em uma coisa: *Ela falou comigo e foi simpática!*

Então penso: *Diga alguma coisa!* Mas tudo o que acontece é: *Diga alguma coisa!* *Diga alguma coisa!* ecoando em minha cabeça vazia.

Meu coração bate forte, o sangue em minhas veias pulsa com as palavras.

Diga alguma coisa!

Em pânico, só consigo pensar em dizer: “Gosto de desenhar, você também?” e “Você é boa em matemática”. Felizmente Annalise já se foi antes que eu pudesse dizer qualquer uma dessas frases.

Ela foi a primeira bruxa da Luz fora de minha família a sorrir para mim. A primeira. Primeira e única. Nunca achei que isso fosse acontecer. Talvez nunca volte a acontecer.

E sei que devia me manter longe dela. Mas ela foi legal comigo. E vovó disse que devemos “nos misturar” e “agir como eles”, e essa história de ser educado também faz parte dessa coisa toda. Por isso, no fim da aula consigo mover meu corpo o bastante para ir falar com ela.

Estendo meu desenho.

— O que você acha? Agora está pronto.

Estou preparado para que ela diga algo horrível, ria dele ou de mim. Mas não acho que vá fazer isso.

Ela sorri.

— Está muito bom — diz.

— Você acha?

Ela não olha de novo para o desenho, mas continua a olhar para mim.

— É brilhante. Espero que você saiba disso.

— Ficou OK... Não consegui fazer o asfalto direito.

Ela ri, mas para de repente quando a olho.

— Não estou rindo de você, ficou ótimo.

Torno a olhar para o desenho. O pássaro não ficou ruim.

— Posso ficar com ele? — pergunta.

O quê?

O que ela faria com isso?

— Não tem problema. É mesmo uma ideia idiota. Mas é um desenho maravilhoso. — Ela pega o desenho que estava fazendo e vai embora.

A partir desse dia, Annalise sempre dá um jeito de sentar ao meu lado na aula de artes e de ficar no mesmo time que eu na educação física. No resto do tempo que passamos na escola, ficamos em grupos de níveis diferentes. Estou sempre entre os piores, e ela, entre os melhores, então não nos vemos muito.

— Por que você não olha para mim por mais de um segundo? — pergunta ela durante a aula de artes, na semana seguinte.

Não sei o que dizer. Parece bem mais que um segundo.

Deixo meu pincel no pote de água, viro-me e olho para ela. Vejo um sorriso, seus olhos, sua pele cor de mel e...

— Dois segundos e meio no máximo — diz ela.

Parece muito mais.

— Nunca pensei que fosse tímido.

Não sou tímido.

— Meus pais disseram que eu não devia falar com você — diz ela, aproximando-se de mim.

Eu a encaro. Seus olhos estão brilhando.

— Por quê? O que eles falaram de mim?

O rosto dela fica levemente vermelho, e seus olhos perdem um pouco do brilho. Ela não responde a minha pergunta, mas o que quer que eles tenham dito não parece ter sido o suficiente para afastá-la de mim.

À noite em casa, eu me olho no espelho do banheiro. Sei que sou menor que a maioria dos garotos da minha idade, mas não muito menor. As pessoas sempre dizem que sou sujo, mas ando muito pela floresta, e é difícil ficar limpo. Não vejo qual é o problema com um pouco de terra. Mas gosto do fato de Annalise ser tão limpa. Não sei como ela consegue.

Arran chega para escovar os dentes. Ele é mais alto que eu, mas é dois anos mais velho. É o tipo de garoto de quem Annalise gostaria, imagino. Bonito, gentil e inteligente.

Debs entra também. O lugar fica um pouco cheio. Ela também é limpa, mas não como Annalise.

— O que está fazendo? — pergunta ela.

— O que você acha?

— Acho que Arran está escovando os dentes, e você está admirando seu belo rosto no espelho.

Arran me cutuca e dá um sorriso, a boca cheia de espuma.

Meu reflexo tenta sorrir também e coloca pasta de dente na escova. Observo meus olhos enquanto escovo os dentes. Tenho olhos de bruxo. Olhos de fêlix são

comuns. Todo bruxo que já vi tem centelhas nos olhos. Os olhos de Arran são de um cinza pálido com reflexos prateados. Os de Debs são verde-acinzentados, mais escuros, com reflexos em verde-claro e prateado. Annalise tem olhos azuis com pontinhos prateados que vão e voltam, especialmente se ela está me provocando. Deborah e Arran não conseguem ver esses lampejos, nem a vovó. Ela diz que é uma habilidade que poucos bruxos têm. Não contei a ela que quando me olho no espelho não vejo centelhas prateadas, e sim, reflexos escuros e triangulares que giram lentamente e não são exatamente cintilantes. Não têm um brilho escuro, mas uma espécie de negro oco, vazio.

*

Os irmãos de Annalise, Niall e Connor, têm olhos azuis com centelhas prateadas. Eles também são facilmente reconhecidos como O'Brien pelo cabelo louro, o corpo esguio e o rosto bonito. Evito Annalise nos intervalos e na hora do almoço, pois sei que, se seus irmãos nos virem juntos, ela terá problemas. Odeio que pensem que tenho medo deles, mas não quero mesmo causar problemas para Annalise, e nessa escola enorme é fácil evitar pessoas se essa for a sua intenção.

Um dia, no final do primeiro mês, está caindo uma chuva fininha, quase uma névoa, que logo cobre nossa pele, lavando-a e deixando-a limpa. Estou nos fundos do ginásio, encostado na parede, considerando as opções para ocupar uma tarde de geografia quando Niall e Connor surgem pela lateral do prédio. Pelo sorriso deles, parece que encontraram o que estavam buscando. Não me movo da parede, mas retribuo o sorriso. Isso vai ser bem mais interessante que estudar o delta do Mississippi.

— Vimos você conversando com nossa irmã — começa Niall.

Não consigo saber quando ou onde, mas não vou me dar o trabalho de perguntar e dou a ele um de meus olhares “E daí?”.

— Só fique longe dela — diz Connor.

Os dois se afastam, sem saber ao certo o que fazer em seguida.

Quase rio. Eles são muito tapados. Não digo nada, me perguntando se já acabou. Podia muito bem ter acabado, mas então Arran surge atrás deles e se mete.

— O que está acontecendo?

Quando se viram para ele, os dois mudam. Não têm medo de Arran e não vão deixá-lo perceber que estavam com um pouco de medo.

— Cai fora — dizem os dois em uníssono.

Como Arran não faz isso, Niall avança até ele.

— Estou com meu irmão — diz Arran, mantendo-se firme.

A campainha toca indicando o fim da hora do almoço, e Niall dá um empurrão no ombro de Arran.

— Cai fora e volta para a aula.

Arran é forçado a recuar, mas em seguida dá um passo à frente.

— Não saio daqui sem meu irmão — diz ele.

Connor está encarando Arran e já não me olha mais. É tentador demais ver seu rosto assim, de lado. Eu o acerto com força com um gancho de esquerda. Antes que o corpo de Connor toque o chão, me abaixo bem e acerto Niall atrás do joelho com o cotovelo. Ele também cai, e de modo tão dramático que só preciso sair do caminho. Ainda abaixado, soco Niall duas vezes no rosto, mas sei que tenho que ser rápido para voltar e dar conta de Connor. Eu me levanto, chuto Niall e empurro o ombro de Connor com um dos pés quando ele tenta se levantar. Niall, porém, é mais perigoso, pois é o maior e o mais forte dos dois, e é esperto o bastante para rolar de novo quando parto para cima dele. Não acerto o chute, pois Arran segurou meus ombros com uma força surpreendente e está me arrastando dali. Não resisto muito. Já fiz o suficiente.

Arran está me abraçando enquanto caminhamos de volta para o prédio da escola. Ele me segura com força, apertando seu corpo contra o meu, mas quando chegamos perto da porta, ele me empurra e se afasta. É um empurrão com raiva.

— Qual o problema? — pergunto.

— Por que você está rindo?

Eu estava rindo? Não tinha percebido.

Arran segue para a escola, com os braços estendidos, como se precisasse me evitar. A porta bate e fecha quando ele entra.

mais brigas, mais cigarros

Naquela tarde, não volto mais para a escola. Vou para a floresta e de lá para casa, calculando o tempo para que minha chegada coincida com a de Arran e Deborah. Espero que Arran diga alguma coisa, mas ele está sem falar comigo. Isso dura a noite toda. Acho que vai passar quando formos deitar, mas ele já está coberto e com a luz apagada quando entro no quarto. Acendo a luz e paro de costas para a porta.

— Amanhã vou contar à vovó sobre a briga.

O volume embaixo das cobertas não responde.

— Você sabe que brigar é normal, não sabe? A maioria dos garotos briga. Seria estranho se eu não.

Nada, ainda.

— Eu ri porque batemos nele. Fiquei aliviado. Vamos encarar as coisas, você estava lá comigo, estávamos em desvantagem.

Ele continua a não reagir.

— Isso não significa que eu seja o diabo.

Finalmente ele se mexe e senta para olhar para mim.

— Você sabe que eles vão dizer que você começou.

Claro que sei. Sei que mesmo que eu não brigue, mesmo que evite Annalise, mesmo que me ajoelhe e beije os pés de Niall e Connor, não vai fazer diferença. Eles vão fazer o que quiserem e dizer o que quiserem, e as pessoas vão acreditar neles. Arran ainda não entendeu que não há esperança para mim. Mas ele parece muito triste.

Sento na cama.

— Você tem muitos problemas por ser meu meio-irmão? — pergunto.

— Sou seu irmão.

Ele me lança aquele olhar, o olhar da pessoa mais doce do mundo.

— Você tem muitos problemas por ser meu irmão? — pergunto novamente.

— Não muitos.

Ele mente mal demais, mas eu o amo mais do que nunca por tentar.

— Enfim — diz ele. — Vivi com Jessica a minha vida inteira. Aqueles palhaços são amadores.

*

Eu me pergunto quando Niall e Connor tentarão me pegar de novo. Minha maior preocupação é que eles decidam ir atrás de Arran, mas não fazem isso. Talvez percebam que é uma ideia estúpida e é melhor se vingar apenas de mim.

Depois da briga, saio da escola na hora do almoço e fico circulando pelas ruas próximas para evitar os O'Brien e quem mais eu conseguir, mas é uma escolha infeliz, e em menos de duas semanas fico cansado de me esconder.

Estou encostado na parede no mesmo ponto onde houve a primeira briga quando Niall e Connor surgem do mesmo lugar de antes. Sei que estarão mais preparados desta vez, mas acho que, se eu derrubar Niall primeiro, tenho uma chance razoável contra eles.

Eles correm em minha direção, e vejo que *estão* mais bem-preparados. Niall está carregando um tijolo.

A melhor defesa é o ataque. Já ouvi isso em algum lugar. Então corro na direção deles, gritando o mais alto possível — coisas ruins, palavrões.

Niall fica tão surpreso que hesita, e eu o empurro, dando um soco sem muita força em Connor, que está um passo atrás. Mas de algum modo ele se vira e segura meu blazer. Eu me livro dele, porém Connor me agarra com os braços, imobilizando o esquerdo. Tento socá-lo com o direito, mas está tudo acabado.

Niall me acerta na têmpora com o tijolo, e Connor me segura.

Depois me acertam nas costas, provavelmente com o tijolo de novo. Mas ainda estou bem.

Aí

T
U
M
P

Sinto o golpe reverberar pela espinha e me apagar completamente.
Fui martelado no asfalto como se fosse um prego.
As mãos de Connor o empurram para longe de mim.
Ele está me olhando fixamente. Está branco, de boca aberta. Com medo.
E então não está mais ali.
Devagar, bem devagar, o asfalto encontra meu rosto, e tenho tempo para pensar que nunca vi asfalto fazer aquilo antes e me pergunto como...

*

Meu corpo está frio... e deitado sobre algo duro. Minha bochecha está amassada em algo duro. Sinto gosto de sangue.
Mas me sinto bem. Estranho, mas bem.
Quando abro os olhos, tudo está cinza e confuso.
Tento me situar. Ah, claro, o pátio da escola... Eu lembro...
Não me mexo. O tijolo está ali, jogado no chão. Também não se mexe. O tijolo também parece ter tido um dia ruim.
Fecho os olhos de novo.

*

Estou na mata perto de casa. Eu me lembro muito vagamente de ir até ali. Estou deitado de costas olhando para o céu e com dores por toda a parte. Não me sento, mas toco o rosto com os dedos, cada milímetro dele, bem devagar, tentando chegar os lugares que estão mais machucados.
Estou com o lábio inchado e dormente, um dente mole, a língua dói por algum motivo, meu nariz está sangrando, o olho direito está inchado, e uma espécie de

muco grudento escorre de um corte acima da orelha esquerda. Também tenho um galo enorme no alto da cabeça.

*

Vovó lava meu rosto e passa uma loção nos hematomas que surgiram em minhas costas e braços. Meu couro cabeludo volta a sangrar. Vovó raspa o cabelo em torno do corte e passa um pouco de loção ali também. Ela faz tudo em silêncio, já que lhe contei com quem tinha brigado.

Olho no espelho e sorrio, apesar do lábio inchado. Meus dois olhos estão roxos, e outras cores estão surgindo — lilás, verde e amarelo. Meu olho direito está fechado de tão inchado. Meu nariz está enorme e dolorido, mas não quebrou. Meu cabelo foi raspado acima da orelha esquerda, e a pele foi coberta com um creme grosso e amarelo.

Vovó deixa que eu fique em casa até que meu olho melhore. Felizmente, quando isso acontece, a parte raspada do cabelo já começou a crescer.

Em meu primeiro dia de volta, Annalise senta ao meu lado enquanto desenho.

— Eles me contaram o que fizeram — sussurra.

Pensei muito em Annalise e em seus irmãos naqueles dias. Sei que seria uma atitude sensata ignorá-la, e tenho quase certeza de que se eu pedir ela vai me evitar. Tenho um pequeno discurso pronto sobre isso, algo como: “Por favor, não fale mais comigo que eu não falo com você.”

— Sinto muito. Foi culpa minha — diz ela.

E o jeito como ela diz isso, o jeito como ela parece estar sentida, como se estivesse realmente chateada, me deixa com raiva. Sei que não é culpa dela, nem minha. Esqueço meu discurso piegas e todas as minhas intenções piegas e, em vez disso, toco a mão dela com a ponta dos dedos.

*

Annalise e eu passamos as aulas de arte sussurrando e olhando um para o outro, e consigo chegar até bem mais que dois segundos e meio. Mas quero olhar para ela

em particular, e ela também. Começamos a pensar em como fazer para conseguir passar algum tempo sozinhos.

Planejamos nos encontrar em Edge Hill, um lugar tranquilo no caminho entre a escola e a casa dela. Mas toda vez que pergunto se é hoje que podemos nos encontrar, Annalise sacode a cabeça. Ela está sendo vigiada pelos irmãos, que estão sempre grudados nela quando não está na sala de aula ou na escola.

Annalise não é a única a ser vigiada. Agora que voltei para a escola, Arran e Deborah fazem questão de me acompanhar do ônibus até a sala. Arran me leva para casa e perde o almoço para ficar comigo.

A escola está ficando insuportável, apesar de Annalise. Ainda ouço ruídos em minha cabeça, e embora me esforce para ignorá-los, às vezes quero arrancá-los e grito de frustração.

Algumas semanas depois da surra, minha cabeça está zunindo. É aula de tecnologia da computação e não sei o que devíamos estar fazendo. Não estou interessado e não estou nem aí. Peço para ir ao banheiro, e o professor não parece se importar quando saio da sala.

O silêncio do corredor é um alívio, e, sem nada melhor para fazer, caminho sem pressa.

Quando entro no banheiro, Connor está saindo de uma das cabines.

Levo menos de um segundo para perceber uma oportunidade e o ataque. Acerto vários socos e, quando ele cai no chão, dou uns chutes também.

Connor não faz nada para tentar se defender. Nem ao menos tenta me acertar. Não é ele que me faz parar, mas o sr. Taylor, um professor de história que estava passando e que me arranca de cima de Connor. O sr. Taylor me segura firme junto ao seu peito suado, e fico todo melado, enquanto Connor geme e se contorce no chão.

— Se há alguma coisa realmente séria com você, não se mexa. Se não, levante e vamos dar uma olhada — diz ele a Connor.

Connor fica parado por alguns segundos antes de se levantar.

Ele não me parece tão mal.

— Venham comigo. Os dois.

Não é um pedido nem uma ordem. Parece mais um comentário resignado.

Ele segura meu pulso com tanta força que impede o fluxo do sangue para minha mão. Seguimos por vários corredores vazios que ecoam nossos passos rápidos e deixamos Connor em um posto médico que eu nem sabia que existia. Então o sr. Taylor me leva ao gabinete do diretor e paramos de pé no chão acarpetado diante da mesa da secretária.

Ele lhe explica a situação. Ela balança a cabeça, bate à porta do diretor e desaparece em sua sala. Temos que esperar apenas um minuto até que ela ressurja e nos mande entrar.

Só quando estou parado diante da mesa do sr. Brown, o sr. Taylor solta meu pulso e se senta pesadamente na cadeira ao meu lado. A cadeira chega a ranger.

O sr. Brown está digitando e não levanta os olhos.

O sr. Taylor explica que me encontrou brigando.

O sr. Brown continua a digitar durante toda a história da briga e um pouco além. Ele parece estar lendo o que há no monitor. Então respira fundo, se vira para o sr. Taylor e agradece a ajuda.

O sr. Brown respira fundo de novo e olha para mim pela primeira vez. Ele fala sobre comportamento aceitável, sobre meu castigo e me manda voltar para a sala. Obviamente já fez aquilo antes e realiza todo o procedimento em menos de cinco minutos.

Tenho que voltar. Tecnologia da computação ainda não acabou.

— Não.

A palavra sai de minha boca sem que eu tenha tempo de pensar.

— O quê? — pergunta o sr. Brown.

— Não. Não vou voltar para a aula.

— O sr. Taylor vai levá-lo de volta — diz o sr. Brown com autoridade, e vira para o computador.

O sr. Taylor começa a resmungar enquanto levanta da cadeira.

Com um empurrão, eu o faço sentar novamente.

— Não.

Arranco o teclado das mãos do sr. Brown, que ficam imobilizadas em cima da mesa vazia. Destruo o teclado no gabinete do computador e jogo tudo no chão.

— Eu disse *não*!

O sr. Taylor ainda está sentado, mas agarra novamente meu pulso e me puxa para perto dele. Não ofereço resistência, mas aproveito o impulso para me virar e me jogar em cima dele, e nós dois caímos para trás. O sr. Taylor balança os braços tentando nos segurar. Não dá certo. Mas agora estou livre e, ao contrário do sr. Taylor, caio sobre algo macio.

Fico de pé e vou embora dali.

Não tenho certeza se fiz o suficiente para ser expulso, por isso agarro a cadeira da secretária e a atiro pela janela. Sigo para a saída e aciono o alarme de incêndio no caminho. Só para garantir, quebro o para-brisa do carro do diretor com a cadeira da secretária que, melhor impossível, caiu ali perto.

A polícia está me esperando quando chego em casa.

*

Tenho que voltar à escola, mas só uma vez, para me desculpar formalmente com o sr. Brown e com o sr. Taylor. Por algum motivo, não tenho que me desculpar com Connor. Vovó reclama da burocracia e das visitas do agente de polícia. Terei que prestar cinquenta horas de serviço comunitário.

Somos quatro prestando serviço, limpando o centro esportivo. Acho que os dias podem passar mais rápido se fizermos alguma coisa, até limpar, mas Liam, o mais velho e mais experiente em termos de pagar dívidas com a comunidade, não quer saber de nada disso. Passamos a primeira hora fingindo procurar esfregões e vassouras. Pelo menos eu finjo, mas Liam fica só andando por ali. Então saímos para um intervalo e para fumar. Eu nunca tinha fumado antes, mas Joe é um especialista e consegue soprar vários anéis de fumaça seguidos, um dentro do outro. Ele me ensina tudo o que sabe.

Depois de algum tempo, o sujeito jovem e musculoso que trabalha na recepção sai e nos diz para entrarmos. Nós o ignoramos, e ele vai embora.

Passo a maior parte do tempo sentado nos fundos, fumando e ouvindo os outros falarem.

Liam foi apanhado roubando várias vezes. Ele pega qualquer coisa, valiosa, útil ou sem valor. O que importa é roubar, e não o que está sendo roubado. Joe foi

pego roubando em uma loja; e Bryan bateu com um carro que tinha roubado, e ainda está usando um colar ortopédico no pescoço.

Quando não estamos sentados fumando, circulamos pelo centro esportivo. Às vezes levo um esfregão. As manhãs de sábado são as mais movimentadas. Joe e eu gostamos de ver as aulas de caratê. São para crianças, de iniciantes até faixas-pretas. Depois voltamos para nosso treino de fumo.

Certo sábado, depois da aula de caratê, vemos que Bryan está usando um par de tênis que parece bem caro.

— Agora posso entrar em forma — diz ele. — Tirei o colar ortopédico.

— Isso mesmo, cara — diz Liam. — Exercícios e uma vida saudável. Tudo a ver.

Joe e eu deitamos de barriga para cima na mureta e pegamos nossos Marlboros. Estou tentando fazer uma série de três anéis, com um menor passando pelo meio de todos os três. Estava quase conseguindo quando uma pessoa surge pela saída de emergência gritando.

— Qual de vocês pegou meus tênis?

Termino de soltar a fumaça e olho para o garoto. Ele é um dos faixas-pretas, mas agora está de calça jeans, ainda descalço.

Liam e Bryan desapareceram.

— Quero que me devolvam. Agora!

O garoto faixa-preta parte para cima de mim e de Joe.

Não me levanto, mas ergo os pés, mostrando minhas botas velhas e imundas.

— Não estão comigo — digo.

Joe se senta e bate os calcanhares de seus tênis cinza velhos no muro, mas não diz nada. Sopra um anel e depois um belo míssil de fumaça em forma de charuto, que passa pelo meio do anel e vai direto na cara do garoto.

Eu me sento.

— Vimos você treinando kung fu — digo.

— Caratê.

— Isso... Caratê. Você é faixa-preta, não é?

— Sou.

— Se me derrubar, pego seus tênis de volta.

Joe ri.

— Que beleza, um desafio.

— Mas se eu derrubar você, quem pegou seus tênis pode ficar com eles.

O garoto faixa-preta não precisa de mais que um segundo para decidir. Ele é maior do que eu, pesa pelo menos uns dez quilos a mais, e acho que sabe perfeitamente que não sou faixa-preta. Ele fica em posição de luta.

— Então pode vir — diz.

Tiro o cigarro da boca e estendo o braço como se fosse entregá-lo a Joe, mas ao mesmo tempo levanto as pernas para pôr os pés na beirada da mureta e me lanço sobre o garoto, pulando em seus ombros com meus joelhos. Ele está no chão em um segundo, e consigo cair de pé.

Fico longe dele, que parece louco de raiva.

Percebi que deixei cair meu cigarro, e faço um movimento para pegá-lo. Então, como em um filme de kung fu, o professor de caratê surge do nada. O sujeito é baixo, tem cerca de cinquenta anos e cara de poucos amigos. Ao contrário dos garotos em sua turma, ele parece ter batido muito mais do que apanhado.

— Promessa é dívida, Tom. Ele venceu. E você devia ter sido mais rápido — diz ele para o garoto faixa-preta.

Joe dá um riso de escárnio.

O sr. Caratê ajuda o garoto faixa-preta a se levantar e o leva dali.

Como quem não quer nada, pego meu cigarro e dou um trago.

O sr. Caratê se vira para trás.

— Essas coisas vão matar vocês — diz.

Joe sopra um anel enorme de fumaça com uma forma estranha, porque ele mal consegue parar de sorrir.

— Você pretende viver o suficiente para morrer de câncer? — pergunta ele quando a dupla do caratê some de vista.

a quinta notificação

Cerca de uma semana após minha expulsão, vovó diz que vai me ensinar as matérias em casa. Parece ótimo. Chega de escola. Chega de “me misturar” e “agir como eles”.

— É escola, mas é em casa — diz.

Ela pega os livros, papéis e canetas velhos de Arran e nos sentamos à mesa da cozinha. Fazemos alguns exercícios, bem devagar. Eu me esforço para ler as perguntas, e vovó anda de um lado para outro na cozinha enquanto escrevo o alfabeto. Depois que ela vê o que escrevi, guarda todos os livros de Arran.

À tarde, saímos para caminhar na floresta e conversamos sobre árvores e plantas e observamos o líquen com uma lente de aumento.

Quando Arran chega em casa, vovó pede a ele que se sente comigo enquanto leio. Arran sempre é paciente, e nunca me sinto envergonhado quando estou com ele, mas fazer isso é demorado e exaustivo. Vovó fica parada de pé olhando.

— Os livros nunca vão funcionar com você, Nathan — diz ela mais tarde. — E com certeza não tenho nem paciência nem habilidade para ensiná-lo a ler. Se quiser aprender, vai ter que ser com Arran.

— Não me importo.

Apesar de saber que Arran vai insistir para que eu não desista.

— Eu não vejo problema, mas você também tem que aprender muitas outras coisas.

*

No dia seguinte, vovó e eu partimos em nossa primeira excursão ao País de Gales. É uma viagem de duas horas de trem. Está frio e ventando, mas não chega a

chover de verdade. Caminhamos pelas colinas, e amo ver onde vivem as plantas e os animais silvestres, como crescem, onde é seu lar.

No primeiro dia quente de abril, passamos a noite ao ar livre. Nunca mais quero dormir dentro de casa outra vez. Vovó me ensina sobre as estrelas e me conta como o ciclo da lua afeta as plantas que ela colhe.

Quando voltamos para casa, ela me ensina sobre poções, mas comparado a ela sou desajeitado e não tenho a mesma intuição de como as plantas agem juntas ou se neutralizam. Mesmo assim, aprendo o básico sobre o preparo das poções, sobre como seu toque e até seu hálito acrescentam magia a elas. Aprendo também a fazer loções curativas simples para cortes, um creme para extrair veneno e uma substância para dormir, mas sei que nunca vou fazer nada mágico.

Tenho mapas de Gales comigo e dou uma boa estudada neles. Leio mapas com facilidade; são imagens, e sou capaz de ver a terra mentalmente. Aprendo onde todos os rios, vales e montanhas ficam em relação uns aos outros, os pontos para atravessá-los, os lugares onde posso encontrar abrigo ou água, onde posso nadar, pescar ou caçar (com armadilhas).

Em pouco tempo, começo a viajar para o País de Gales sozinho. Fico normalmente dois ou três dias fora de casa, dormindo ao ar livre e vivendo da terra.

Na primeira vez que vou sozinho me deito no chão. Deitar-se em uma montanha galesa é especial. Tento compreender a situação: sou feliz quando estou com Arran, só de estar com ele, observando sua natureza lenta e paciente. É algo especial; e fico feliz com Annalise, muito feliz, vendo como ela é bonita. Eu me esqueço de quem sou quando ela está comigo. Isso também é muito especial. Mas deitar em uma montanha galesa é diferente. Melhor. Esse é meu verdadeiro eu. Meu verdadeiro eu e a verdadeira montanha, vivos e respirando em uníssono.

*

No meu aniversário de doze anos, sou avaliado mais uma vez. Eu os odeio, mas me controlo, me obrigo a aceitar um dia no Conselho, os conselheiros, a paisagem e a medição para poder ficar livre novamente. No fim dessa avaliação, fazem perguntas à vovó sobre meus estudos, apesar de ser bem óbvio que eles sabem de

minha expulsão da escola. Vovó lhes diz pouca coisa e não menciona nossas excursões. A avaliação parece correr bem. Minha designação ainda é *não apurado*.

Uma semana depois, chega outra notificação. Estamos sentados à mesa da cozinha quando vovó a lê em voz alta:

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

Para garantir a segurança de todos os bruxos da Luz, decidiu-se que todo e qualquer movimento de meios-códigos (L 0,5/S 0,5) fora da área de sua residência oficial deve ser aprovada pelo Conselho antes do início de tais jornadas. Qualquer meio-código encontrado em lugares que não tenham sido aprovados terá todos os movimentos restritos.

— Isso é demais. Ele vai acabar em prisão domiciliar — diz Deborah.

— Será que eles sabem que Nathan tem ido ao País de Gales? — pergunta Arran, preocupado.

— Não sei. Mas, sim, temos que supor que sim. Achei que eles permitiam isso porque... — A voz de vovó se perdeu no silêncio.

Sei o que ela está pensando. O Conselho pode estar me usando para atrair Marcus. Para fazê-lo vir me ver, e se ele vier, vão surgir de repente e matá-lo... Vão nos matar. Mas agora parecem querer me cercar.

Deborah obviamente também estava pensando em Marcus.

— Pode ter alguma coisa a ver com a família que Marcus atacou no nordeste. Todos olhamos para ela.

— Vocês não souberam? Foram todos mortos.

— Como você soube disso? — pergunta vovó.

— Tenho ficado de ouvidos alertas. Todos nós temos que fazer isso, não é? Pelo bem de Nathan... e pelo nosso também, aliás.

— Mas como exatamente você mantém os ouvidos alertas? — pergunta Arran.

Deborah hesita, e então ergue o queixo e diz:

— Fiz amizade com Niall.

Arran balança a cabeça.

— Só escuto tudo o que ele diz, e digo como ele é inteligente e bonito, e ele... ele me conta algumas coisas.

Arran se inclina na direção de Deborah para alertá-la, acho, mas antes que possa dizer qualquer coisa, ela continua.

— Não fiz nada de errado. Falo com ele, escuto o que ele tem a dizer. O que há de errado nisso?

— E quando ele fala mal de Nathan? O que você faz?

Deborah olha para mim.

— Nunca concordo.

— Você discorda? — pergunta Arran à beira do escárnio.

— Arran! Acho a ideia ótima — interrompo. — Vovó diz que o Conselho usa espões o tempo todo. Não vejo problema em usar a mesma tática contra eles. Além disso, Deborah tem razão, ela não está fazendo nada de errado.

— Também não está certo.

Caminho até Deborah e lhe dou um beijo no ombro.

— Obrigado, Deborah — digo.

Ela me abraça.

— Então, Deborah, o que você descobriu? — pergunta vovó.

Deborah toma fôlego.

— Niall disse que Marcus matou uma família na semana passada, uma mulher, um homem e o filho adolescente. O pai de Niall foi chamado para uma reunião de emergência do Conselho por causa disso.

— Não acredito que ele tenha contado tudo isso a você.

Arran está sacudindo a cabeça de novo.

— Niall adora se gabar da família. Ele deve ter me contado umas dez vezes que Kieran está treinando para ser caçador e que fica em primeiro em todos os exames. Menos quando perde para Jessica, é claro. Parece que Kieran está desesperado para ser enviado para essa investigação como sua primeira missão.

— Que família era essa?

— Niall diz que eles se chamavam Grey. Ela era uma caçadora, e ele trabalhava para o Conselho. A senhora sabe quem são?

— Já ouvi falar — diz vovó.

— Niall disse que os Grey eram os guardiões de algo chamado Fairborn, e que Marcus andava atrás disso. Não sei o que é. Acho que nem Niall sabe. Quando perguntei, acho que ele percebeu que tinha falado demais, e depois praticamente não falou mais nada.

Fico calado. Por alguma razão, meu pai acabou de matar mais três pessoas, incluindo um garoto poucos anos mais velho que eu. Será que era um mal-entendido? Ele estava tentando lhes explicar que na verdade não era mau, que não queria fazer mal a eles... Só queria o tal do Fairborn. Talvez precisasse daquilo, não sei, mas eles se recusaram a entregar, não o escutaram... Eles o atacaram, e ele estava se defendendo e...

— Vou escrever para o Conselho — diz vovó. — E pedir permissão para você viajar ao País de Gales.

— O quê?

Eu não estava prestando muita atenção.

— A notificação diz que você vai precisar de aprovação para viajar. Vou escrever para o Conselho e conseguir a autorização.

— Não. Não quero que eles saibam aonde vou. Não quero a permissão deles.

— Você pretende ir sem informá-los?

— Por favor, vovó. Só peça autorização para eu ir à floresta local e às lojas e coisas assim. Coisas para as quais eu não dou a menor importância.

— Mas Nathan, aqui diz... — Vovó olha para o pergaminho. — “Qualquer meio-código encontrado em lugares que não tenham sido aprovados terá todos os movimentos restritos.”

— Sei o que diz aí. E sei o que quero fazer.

— Você só tem doze anos, Nathan. Não entende que eles...

— Vovó, eu entendo. Entendo tudo.

*

Mais tarde, quando estou tirando a roupa, Arran vem falar comigo. Vovó deve ter lhe pedido. Ele diz que eu devia “repensar”, “talvez pedir permissão para ir a algum lugar em Gales” e outras coisas assim. Coisas de adultos. Coisas da vovó.

— Tenho permissão para ir ao banheiro, por favor? — pergunto. Ele não responde, por isso jogo meu jeans no chão, me ajoelho e repito: — Tenho permissão para ir ao banheiro? Por favor?

Ele não responde, mas cai de joelhos comigo e me abraça. Nós ficamos assim. Ele me abraçando, e eu ainda rígido de tanta raiva, querendo magoá-lo de alguma forma.

Depois de um bom tempo, eu o abraço, mas só um pouco.

meu primeiro beijo

O Conselho me dá autorização para ir a lugares a alguns quilômetros de nossa casa, o que inclui pouco mais que algumas lojas e nossa mata. Um ano se passa e depois mais outro. Faço treze e depois quatorze anos, e meus aniversários são apenas borrões, mas passo pelas avaliações, e meu código de designação ainda é *não apurado*. Vovó continua a me ensinar sobre poções e plantas. E continuo a ir ao País de Gales sozinho. Aprendo a sobreviver ao ar livre no inverno, a interpretar o clima e a lidar com a chuva. Nunca passo mais de três dias fora de casa e sempre tomo cuidado para circular furtivamente. Saio e retorno por caminhos diferentes, sempre atento a possíveis espiões enviados para me observar.

Penso muito em meu pai, mas meus planos de me juntar a ele são vagos. Penso, também, cada vez mais em Annalise. Nunca deixei de pensar nela, em seus cabelos, sua pele e seu sorriso, mas depois de fazer quatorze anos, esses pensamentos ficaram mais persistentes. Quero vê-la outra vez, e meus planos nesse sentido logo se tornam menos vagos.

Não sou burro a ponto de me aproximar da escola ou da casa dela, mas entre os dois lugares fica Edge Hill, onde dissemos que um dia iríamos nos encontrar.

Vou até lá.

O lugar tem a forma de uma tigela virada de cabeça para baixo, achatada em cima, com as encostas íngremes e uma trilha em torno da base. No lado sul, há um afloramento de arenito, e do topo tem-se uma vista da planície, uma extensão verde de plantações interrompida por uma rede de estradinhas secundárias ladeadas por cercas-vivas e pontilhada por algumas casas. O morro é coberto por uma floresta, e as árvores são retas, altas e bem espaçadas. É um afloramento de arenito áspero riscado por fendas profundas horizontais e verticais. Na base do

penhasco há uma faixa de terra limpa. É vermelho-tijolo e arenosa, e deixa meus sapatos empoeirados quando passo por ela.

Subir o afloramento é fácil, pois os apoios para mãos e pés são grandes e amplos. Quando me sento no topo de uma laje lisa de arenito, não consigo ver a trilha ao pé da encosta devido à curva do morro, mas de vez em quando escuto vozes de pessoas passeando com cachorros e gritos de algumas crianças que fazem sem pressa o caminho de volta para casa. Se alguém além de Annalise se aproximasse do afloramento, eu teria tempo suficiente para subir o morro e desaparecer.

Todos os dias de aula esperei naquele afloramento. Uma vez pensei ouvir a voz dela conversando com um dos irmãos, então subi o morro e peguei o caminho de casa.

É fim de outono quando o brilho do cabelo louro de Annalise surge na curva daquela elevação.

Eu me concentro em fazer minhas pernas balançarem naturalmente na beira do afloramento.

Annalise não olha direito para cima até ter passado pela parte mais íngreme do morro. Reduz o ritmo ao me ver e olha ao redor, mas continua andando até ficar quase abaixo de mim. Olha para cima, sorri e fica vermelha.

Esperei tanto para vê-la e sei o que quero dizer, mas tudo o que pensei para começar uma conversa parece errado. Percebo que minhas pernas pararam de balançar e me concentro nelas outra vez. Minha respiração também está estranha.

Annalise sobe a pedra. Até isso ela faz com elegância. Em poucos segundos está sentada ao meu lado, balançando as pernas no mesmo ritmo que eu.

Após um minuto, consigo falar.

— Você vai ter que informar ao Conselho que teve contato comigo.

As pernas dela param de balançar.

— De acordo com a resolução do Conselho dos Bruxos da Luz — lembro a ela —, todo contato entre meios-códigos e brux da Luz deve ser informado ao Conselho por todos os envolvidos.

As pernas de Annalise voltam a balançar.

— Não tive contato.

Nesse momento sinto cada pulsação de meu coração, cada batida parecendo que vai romper e abrir meu peito.

— Além disso, tenho uma memória horrível. Minha mãe sempre briga comigo porque não me lembro das coisas. Vou tentar me lembrar de contar a ela que vi você, mas tenho a estranha sensação de que vou acabar esquecendo.

— Ainda bem que é fácil me esquecer — resmungo, observando seus sapatos, cobertos de poeira vermelha, que entram e saem do meu campo de visão com o movimento de suas pernas.

— Nunca esqueci você. Lembro-me de todos os desenhos que você fazia, de todas as vezes que olhava para mim na sala de aula.

Quase caí de cima da pedra. *Todas as vezes?*

— Então quantas vezes olhei para você na sala?

— Duas vezes no primeiro dia.

— Duas?

Sabia que tinha sido apenas uma. Posso sentir seus olhos em mim, mas continuo a encarar seus sapatos.

— Você parecia tão... infeliz.

Ótimo.

— E meio que sofrendo.

Solto uma gargalhada.

— É, bem, isso provavelmente está bastante correto.

Tudo parece ter acontecido há tanto tempo...

— Dez vezes no segundo dia — prossegue ela.

Foi uma vez, e agora sei que ela está me provocando.

— Mas só duas vezes no terceiro dia, que foi quando me sentei do seu lado na aula de artes, e nem assim você olhou para mim, mas continuou concentrado naquele pardal.

— Era um melro.

— Depois daquilo, achei que fôssemos superar sua timidez, mas você até agora não olhou para mim.

Ela para de balançar os pés, os ergue e torna a soltá-los.

— Não sou tímido e olhei para você.

— Estou falando desse pedaço de mim.

Percebo que ela está apontando para o rosto, mas ainda estou olhando seus pés balançarem. Eu me viro e engulo em seco. Ela está mais linda que nunca. Cabelo

de chocolate branco e pele clara cor de mel, levemente bronzeada e corada. Mas não está sorrindo.

— Você sabe como seus olhos são maravilhosos? — pergunta ela.

Não.

Ela me cutuca com o ombro.

— Não fique com essa cara tão feia quando falo coisas boas para você.

Ela se aproxima mais, olhando em meus olhos, e olho nos dela, observando os reflexos prateados se movendo pelo azul, alguns velozes, outros lentos, alguns parecendo se mover em minha direção.

Annalise pisca e volta a sua posição original.

— Talvez não tão tímido — diz.

Ela pula do alto da pedra e aterrissa suavemente no chão lá embaixo. É uma boa altura.

Pulo atrás dela, e quando caio no chão ela sai correndo como uma gazela, e ficamos perseguindo um ao outro em torno do morro por algum tempo, mas logo ela diz que tem que ir.

Sozinho, eu me deito na laje de arenito e revivo tudo o que acabou de acontecer. Tento pensar no que dizer a ela da próxima vez. Um elogio, como o que ela fez sobre meus olhos: “Seus olhos são como o céu da manhã”, “Sua pele parece veludo”, “Adoro a luz do sol em seus cabelos”. Todos eles soam muito patéticos, e sei que nunca conseguiria dizê-los.

*

Voltamos a nos encontrar uma semana depois, e agora é Annalise que parece triste e cabisbaixa.

Adivinho o problema.

— Andam falando muitas coisas ruins sobre mim?

Ela não responde de imediato, possivelmente contando quantas coisas.

— Dizem que você é um bruxo das Sombras.

— Se fosse verdade, me matariam.

— Bom, dizem que você puxou mais ao seu pai que à sua mãe.

E então percebo como aquela situação é perigosa.

— Você precisa ir. Não devia me ver.

Ela me segura e me encara.

— Não me importa o que dizem. Não me importa nem seu pai. O que me importa é você.

Não sei o que dizer. O que se pode dizer depois disso? Mas faço o que sempre quis fazer. Beijo sua mão.

*

Depois disso, nos encontramos toda semana e sentamos naquela pedra para conversar. Falo de minha vida, mas somente das coisas que se referem a vovó, Arran e Deborah. Nunca conto a ela sobre Gales nem sobre as viagens que faço para lá, apesar de ter vontade. Tenho medo. E odeio isso. Odeio não poder ser honesto por causa do meu medo doentio e terrível. Sei que quanto menos ela souber, mais segura estará.

Ela me fala de sua vida. O pai e os irmãos parecem versões masculinas de Jessica, enquanto a mãe é uma bruxa da Luz estranhamente pouco poderosa. A vida de Annalise parece triste e faz a vida em minha casa parecer livre e tranquila. Ela nunca ouviu falar das avaliações e não acredita em mim até que descrevo o membro do Conselho louro que senta à esquerda da líder. Annalise diz que esse parece ser seu tio, Soul O'Brien.

Pergunto uma coisa que sempre me intrigou. Quantos meios-códigos existem? Ela não sabe, mas vai tentar descobrir com o pai, que trabalha no Conselho.

Na semana seguinte, ela diz que a resposta dele foi: “Só um.”

*

Um dia ela pergunta:

— Deborah já encontrou seu dom?

— Não. Ela está se esforçando. É muito racional.

— Niall também está frustrado. Ele é louco para ficar invisível, como Kieran e meu tio, mas acho que isso não tem nada a ver com ele. Não quis que mamãe

fizesse a Atribuição. Disse que teria mais chance se fosse o papai. Mas não acho que faça a menor diferença. Kieran bebeu o sangue da mamãe, não o do papai. Acho que o dom está relacionado à pessoa; está em você desde o nascimento, e a magia da Atribuição permite que ele se manifeste. Niall é indiscreto demais para ter o dom da invisibilidade.

— É, também acho que funciona assim. Jessica pode assumir a forma de outras pessoas. Sempre mentiu com a maior naturalidade. Seu dom caiu como uma luva. Ela bebeu o sangue de vovó, e não há ninguém desse lado da família com esse dom.

— Acho que o meu vai ser preparar poções.

— É o de minha avó. Ela é inteligente, mas também instintiva. Acho que é por isso que é boa no que faz. Você é como ela. Ela tem um dom forte.

— Não acredito que meu dom vá ser muito forte. Acho que vou ser como a mamãe.

Annalise não costuma se enganar, mas dessa vez está completamente equivocada. Pego sua mão e a beijo.

— Não, você vai ter um dom poderoso.

Ela fica levemente corada.

— Você me intriga. Às vezes, parece selvagem e louco, e acho que vai ter o mesmo dom de seu pai. Mas você é tão gentil... e aí não tenho tanta certeza... Talvez você fique como sua mãe. Mas não vai preparar poções.

*

Continuamos a nos encontrar uma vez por semana durante as aulas mesmo no inverno, na primavera e no início do verão. Tomamos o cuidado de nos vermos por curtos períodos de tempo e em dias variados. Não nos encontramos nas férias nem nos feriados.

Acaricio o cabelo de Annalise, vendo como ele desliza por entre meus dedos. Ela estuda a palma de minha mão e passa a ponta dos dedos por minha pele. Diz que pode ler minha sorte interpretando as linhas.

— Você vai ser um bruxo poderoso — diz ela.

— É? Como assim poderoso?

— Excepcional! — Ela alisa minha mão outra vez. — É, isso é bem claro. Posso ver nesta linha aqui. Você vai ter um dom raro. Que poucos têm. Vai poder se transformar em animais.

— Parece bom.

Ponho o cabelo dela para trás, e observo como os fios caem.

— Mas apenas em insetos.

— Insetos?

Solto o cabelo.

— Você só vai ser capaz de se transformar em insetos. Vai ser um excelente besouro rola-bosta.

Sorrio sem graça.

Ela continua passando os dedos pela palma de minha mão.

— Você vai se apaixonar profundamente por alguém.

— Humano ou besouro rola-bosta?

— Humano. E essa pessoa vai amá-lo para sempre, mesmo quando você for um besouro.

— E como é essa pessoa?

— Isso eu não consigo ver... Tem uma mancha de lama no local.

Então acaricio seu rosto com as costas da mão. Ela fica parada, deixando-me tocá-la. Meus dedos se movem por sua face, em torno de sua boca, passam por seu queixo, descem por seu pescoço e então tornam a subir por seu rosto até a testa, baixando lentamente até a ponta de seu nariz, voltando aos lábios, onde param. E ela os beija uma vez. E os beija de novo. Eu me aproximo e só ousar tirar os dedos dali quando os substituo por meus lábios.

Ficamos ali colados um ao outro, meus lábios, meus braços, peito, quadris, meu corpo desesperado para ficar mais perto do dela.

Não consigo tirar a boca de sua pele.

Parece que se passaram apenas alguns minutos, mas está ficando tarde quando finalmente conseguimos ir embora.

Quando nos despedimos, ela me toma pela mão e beija meu dedo indicador, seus lábios, língua e dentes em minha pele.

Combinamos de nos encontrar em uma semana. O dia seguinte parece levar uma eternidade para passar. O outro é ainda pior. Não sei o que fazer comigo mesmo. Só me resta esperar. Meu corpo chega a doer de vontade de vê-la. Meu estômago se revira.

Finalmente o dia de nosso encontro amanhece, e leva um ano para a tarde chegar.

Espero na laje de arenito, deitado de costas, olhando para o céu e atento aos passos de Annalise. Ouço cada som, e quando escuto seus passos, viro e me sento. Seu cabelo louro surge acima da curva do morro. Pulo do afloramento, aterrissando agachado, com as pernas dobradas, as pontas dos dedos da mão esquerda no chão e a mão direita no ar, me exibindo um pouco. Depois levanto e dou um passo à frente.

Mas há algo terrivelmente errado.

O rosto de Annalise está distorcido... apavorado.

Hesito. Devo me aproximar dela? Devo sair correndo? O que fazer?

Olho ao redor.

Devem ser seus irmãos, mas não consigo vê-los nem ouvi-los. Não pode ser o Conselho... ou pode?

Avanço mais um pouco. E então surge a figura de um homem parado ao lado de Annalise. Ele estava ali o tempo inteiro, com a mão no ombro dela, conduzindo-a morro acima e mantendo-a sob controle. Mas estava invisível.

Kieran.

O irmão mais velho de Annalise é alto como o resto da família, tem ombros largos, e em vez de cabelos brancos, os seus são de um louro avermelhado, mais ralos e cortados rente à cabeça. Os olhos não se desviam de mim enquanto ele se inclina levemente para a frente e diz algo bem baixinho no ouvido da irmã.

O corpo de Annalise está rígido. Ela balança a cabeça com movimentos bruscos em resposta a Kieran. Os olhos dela estão fixos à frente, sem se dirigir a mim, olhando para o nada. Kieran tira a mão do ombro da irmã, e ela sai correndo, descendo o morro aos tropeções.

B&S

Kieran tinha minado minhas chances de escapar pelas rotas mais baixas. Connor se aproxima pelo alto, à minha esquerda. Niall está à direita. Eu podia ganhar bastante velocidade se descesse a encosta correndo, mas Annalise havia me dito que Kieran é rápido. Eu podia desviar para a esquerda ou para a direita, mas ele está um pouco abaixo de mim, e se é rápido vai...

Kieran sorri e faz um gesto para que eu avance.

Não, avançar não parece uma boa opção.

Eu me viro e subo correndo o declive de arenito. Já fiz isso várias vezes e conheço cada fenda, cada apoio para os pés. Poderia fazer de olhos fechados. Não há como Kieran me alcançar de sua posição mais abaixo na encosta. Mas os poucos segundos de atraso deram vantagem a Niall e Connor, e quando chego ao cume, Connor vem correndo em minha direção, e não para até plantar as mãos em meu peito para me empurrar pelo penhasco de novo.

Caio de costas e me viro no ar para aterrissar agachado no chão liso, de volta à posição em que estava um minuto antes. Foi uma boa aterrissagem, e agora minha única opção é descer o morro desesperadamente. Assim que tiro a mão do chão, porém, uma bota me acerta e minha barriga se ergue no ar. Caio estatelado, sem fôlego, de cara no chão.

Começo a rastejar. Outro chute acerta minhas costelas. Mais outro. As botas se movem a minha volta, jogando poeira e areia nos meus olhos, e uma pisa com força na minha nuca, afundando minha cara no chão.

— Sente nas pernas dele — diz Kieran a Connor. — Segure os braços, Niall.

Niall segura meus braços e os prende no chão com as mãos e os pés enquanto senta em minha cabeça. Eu me esforço para conseguir respirar embaixo de suas calças suadas. Estou impossibilitado de fazer qualquer coisa. Não consigo ver nada

além de lã cinza, mas posso ouvir Niall arfando e Connor dando seu risinho nervoso engasgado. Não me movo.

— Você sabe o que é isso, Connor? — pergunta Kieran.

Connor tem que pensar um pouco.

— Uma faca de caça — responde por fim.

Eu me remexo, resmungo e xingo todos eles.

— Segure-o firme, Niall. Para ser exato, é uma faca de caça francesa. Os franceses fazem facas excelentes. Veja a lâmina. Como ela se encaixa perfeitamente no cabo. Que desenho lindo! Os suíços preferem encher seus canivetes de ferramentas, mas tudo de que você precisa é uma boa lâmina.

Ouçõ minha camiseta rasgar e sinto o ar frio em minhas costas. Esperneio e xingo de novo.

— Segure firme e cale a boca dele com isso.

As pernas de Niall se movem e ele enfia a camiseta em minha boca, e tento mordê-lo, mas então a lâmina passa de leve pelas minhas costas. Eu me encolho, mas ela me segue, e sua ponta para no meio da escápula esquerda.

— Acho que vou começar por aqui. Eu diria que essa metade é a das Sombras.

Então a ponta da faca penetra meu corpo. Lentamente a dor desce por minhas costas. Grito e xingo, sons que são abafados por minha camiseta.

— Niall disse a você para ficar longe de nossa irmã, seu merdinha das Sombras — sussurra Kieran em meu ouvido.

Ele leva a ponta de volta a minha escápula esquerda. Trinco os dentes e grito quando ele corta outra vez.

E para de novo.

— Você devia ter lhe ouvidos.

Faz outro corte bem devagar.

Estou enlouquecido, gritando e rezando para que alguém o detenha.

Mas ele faz outro corte, e mais um. Só consigo gritar e rezar.

— Hora de uma pausa.

Ninguém faz barulho. Mas não há silêncio em minha cabeça. Ela está cheia do ruído da oração. Rezar e rezar, implorando, por favor, por favor, não deixe que ele continue com isso.

— É legal aqui, não é, Connor? — diz Kieran. — A vista é bonita.

Paro de rezar para escutar.

Connor não responde.

— Kieran... — diz Niall. — Ele está sangrando muito.

Parece preocupado.

— Quase esqueci. Obrigado por lembrar, Niall. Consegui um pouco de pólvora no acampamento. — Sua voz está mais perto de mim. — Para usar nas Retaliações.

Volto a rezar, mais do que nunca, para que ele, por favor, não faça aquilo.

— Isso para o sangramento. Não posso deixar um bruxo das Sombras sangrar até morrer. Ouvi dizer que dói um pouco. Bom, acho que vamos descobrir, não é?

Começo a implorar. Apenas em minha cabeça, mas imploro. *Por favor, não, por favor, não, não, não, não...*

*

— Ei, acorde.

Consego respirar melhor. Niall saiu de cima de minha cabeça. Não estou mais com a camiseta na boca.

— Acorde.

Uma bota preta, engraxada, salpicada de areia e com algumas gotas de sangue é tudo o que vejo. Fecho os olhos de novo.

A voz de Kieran soa em meu ouvido, perto o suficiente para que eu sinta seu hálito.

— Como você está? Tudo bem?

Sinto medo.

A dor nas minhas costas passou. Mas não aguento mais. Faria qualquer coisa para que ele parasse com aquilo. Imploraria e suplicaria, e mentalmente... *Por favor, não faça mais nada, por favor.* Não posso pronunciar as palavras, elas não saem. Mas continuo implorando. *Por favor, não faça mais nada.*

— Você está chorando. Ei, Niall! Connor! Ele está chorando.

Silêncio.

— Você acha que ele está arrependido, Connor? Arrependido de ter batido em você?

Connor balbucia alguma coisa.

— Talvez, mas não tenho certeza. O que acha, Niall?

— Aham.

Consigo ouvir Niall. Ele parece estar com raiva.

— Está bem... ora, isso é bom. — A boca de Kieran se aproxima novamente de meu ouvido. — E então, está arrependido de ter batido nesses meus irmãos patéticos?

Quero dizer que sim. Realmente quero. Em minha cabeça estou pedindo desculpas. Mas não sai nada da minha boca.

— Está arrependido de ter conhecido minha irmã?

E sei, assim que Kieran diz isso, pelo modo como diz, que ele não terminou. Que ainda não acabou. Ele não tem intenção de parar por ali. E nada do que eu disser vai fazer diferença. A única coisa que posso fazer é odiá-lo.

— Perguntei se está arrependido de andar se encontrando com minha irmã.

Eu o odeio com todas as minhas lágrimas, gritos e súplicas.

— O que mais você tem feito com ela?

Quero que ele saiba o que fizemos, mas não vou contar nada, de jeito nenhum.

— Acho que você não está arrependido de nada... não é?

E não estou. Não estou arrependido de nada daquilo. Estou com muito ódio para me arrepender de qualquer coisa.

— Vamos tentar de novo, está bem? Deste lado. Esta deve ser a metade da Luz.

Enfiam a camiseta novamente em minha boca, e sinto a lâmina riscar a lateral das minhas costas, perto da espinha. Todos os cortes que ele fez até agora foram do lado esquerdo, e sei o que está por vir. Esse foi objetivo de seu discurso: fazer com que eu soubesse o que estava me esperando.

Os cortes são feios, mas o tempo todo penso na pólvora. É disso que tenho medo. Mas Kieran não está com pressa...

*

— Acorda, acorda! — Um tapa em meu rosto. — Estamos quase acabando. Ainda falta minha parte favorita. Dizem que se deve deixar o melhor para o final, não é?

Desisti de pensar, desisti de rezar há muito tempo. Olho para a areia. Os grãos pequenos, laranja, cor de telha, vermelho, alguns pequenos negros.

— Quer botar a pólvora nele, Niall?

— Não.

— Não? Então é com você, Connor.

— Kieran... — fala Connor muito baixo. — Eu...

— Cale a boca, Connor! É você que vai fazer.

Kieran se ajoelha perto de meu rosto.

— E tome cuidado para que não haja uma próxima vez, seu meio-código de merda, porque se houver, vou cortar suas bolas e arrancar suas entranhas — diz.

Eu o odeio e, com a camiseta enfiada em minha boca, eu o xingo e grito com ele.

*

Está escuro. O chão está frio. Estou congelando por dentro, mas minhas costas queimam. Mal consigo me mexer, mas preciso apagar o fogo. Rolo no chão. Alguém em algum lugar ao longe grita.

*

Gritos...

A voz de Arran...

As árvores parecem sentinelas passando por mim.

Escuridão.

*

— Nathan.

A voz de Arran é suave ao meu ouvido.

Abro os olhos, e seu rosto está perto do meu. Acho que estamos na cozinha.

Estou em cima da mesa. Uma galinha servida no jantar. Vovó está de costas para mim, preparando o molho. Deborah carrega uma tigela fumegante. Deve estar

cheia de batatas.

— Você vai ficar bem. Vai ficar bem — diz Arran, de um jeito estranho.

Deborah põe a tigela ao meu lado, e vejo que não há batatas nela. Fico com medo, muito medo. Ela vai tocar minhas costas. Imploro a Arran para não deixar que me toquem.

— Elas têm que limpar os cortes. Você vai ficar bem. Vai ficar bem.

Imploro a Arran para não deixar que me toquem. Mas acho que as palavras não saem.

Ele segura minhas mãos com mais força.

*

Acordo novamente. Ainda uma galinha em cima da mesa. A mão de Arran segurando a minha. Minhas costas estão quentes por dentro, mas frescas por fora.

— Nathan? — chama Arran baixinho.

— Fique comigo, Arran.

*

O sol aquece meu rosto. Minhas costas estão rígidas e latejam tão rápido quanto minha pulsação. Não ousou mexer nada além dos dedos. Arran ainda segura minha mão.

— Nathan?

— Água.

— Mexa a cabeça, bem devagar. Vou botar o canudo na sua boca.

Pisco e abro os olhos. Estou deitado em minha cama com a cabeça na beirada do colchão. Abaixo de mim há um copo de água com um canudo comprido.

Depois de beber, cochilo por alguns minutos. Quando acordo, meu estômago está embrulhado e vomito em uma bacia que tinha substituído o copo de água, apavorado porque cada contração de meu estômago provocava fortes espasmos em minhas costas.

*

Quando acordo de novo, Arran ainda está ao meu lado.

— Vovó preparou uma bebida para você — diz ele. — Ela disse que você deve dar pequenos goles.

A bebida tem um gosto horrível. Devia ter uma poção do sono nela, pois não me lembro de mais nada até acordar de novo à noite.

Mexo os dedos. E Arran não está a meu lado. O quarto está escuro, mas posso ver a forma dele dormindo na cama. A casa está em silêncio. Escuto vozes abafadas e mexo um pouco a cabeça para ver pela fresta da porta. Vovó está no corredor com Deborah. Elas estão conversando, e me esforço para ouvir o que estão dizendo. Só então percebo que não estão falando: estão chorando.

*

Na manhã seguinte acordo de novo com sede. Abaixo de mim há um copo de água. Pelo menos não tenho mais que beber aquela poção. Sugo com força e faço um ruído alto quando esvazio o copo.

— Você devia beber em goles pequenos.

Levanto a cabeça e vejo Arran sentado de lado na cama, apoiado na parede. Está pálido e com olheiras escuras.

— Como está se sentindo?

Reflico e mexo a cabeça. A pressão em minhas costas é enorme.

— Melhor. E você?

Ele esfrega o rosto.

— Um pouco cansado — responde.

— Pelo menos não está chorando — digo. — Nunca tinha visto vovó chorar.

Sugo novamente o canudo, apesar de não haver mais bebida, então olho para ele.

— Está tão feio assim? — pergunto.

Os olhos de Arran encontram os meus.

— Está.

Ficamos um tempo em silêncio.

— Foi você quem saiu para me procurar?

— Quando ficou tarde, fui procurar na mata. Eram umas dez da noite. Você não estava lá, aí fui ver nas ruas de trás. Debs me ligou à meia-noite. Alguém tinha telefonado para cá dizendo onde você estava. Debs acha que foi Niall.

Conto a Arran o que aconteceu e falo dos meus encontros com Annalise.

Ele não diz nada.

— Você acha que fui burro por me encontrar com ela? — pergunto.

— Não.

— Sério?

— Vocês gostam um do outro. Ela é legal com você e é, você sabe, linda.

Ficamos novamente em silêncio.

— Prometa que não irá vê-la de novo.

Olho para o chão, pensando em Annalise e em seu sorriso, em seus olhos e na expressão em seu rosto na última vez em que a vi.

— Nathan, me prometa.

— Não sou tão burro assim.

— Prometa.

— Prometo que não sou tão burro.

Ainda não tirei os olhos do chão.

Arran desce e se senta no chão ao meu lado.

— Por favor, Nathan — sussurra. Ele afasta o cabelo de meu rosto e me dá um beijo na testa. — Eu não aguentaria.

*

Fico bom depressa, mas se passam cinco dias até tirar os curativos. Paro no banheiro de costas para o espelho grande com um espelho pequeno da vovó nas mãos. Arran me perguntou no segundo dia se Kieran tinha me contado o que havia feito. Descobri, então, que tinham sido mais que cortes.

As cicatrizes se estendem de minhas escápulas até o fim de minhas costas: um B na esquerda e um S na direita.

BS

depois do trauma

Sei que preciso ficar longe de Annalise. Não sou burro. Não vou tentar vê-la de novo, pelo menos não por enquanto, mas quero saber se ela está bem.

Desde que as aulas terminaram, Deborah não teve mais contato com Niall, além do telefonema dizendo onde eu estava. Mas mesmo que estivessem se falando, eu não confiaria no que Niall dissesse sobre a irmã. Peço a Arran para transmitir um recado a ela, mas ele me diz que Niall já tinha lhe falado para manter distância.

“Você vai acabar como o seu irmão se chegar perto dela.”

Desconfio que Niall não disse “seu irmão”, mas a mensagem é clara, e digo a Arran para esquecer o assunto.

— Não fique se culpando — diz Arran.

Não fico. A culpa é de Kieran e de seus irmãos idiotas.

E sei que Annalise deve achar a mesma coisa, ela sabe que eu nunca quis lhe causar nenhum problema... mas estraguei tudo. Fui ingênuo. Sabia que seria um grande problema para nós dois se nos apanhassem e ignorei isso. Mas ela também.

*

Vovó senta ao lado de minha cama e limpa suas loções de minhas costas. Passa os dedos pelas cicatrizes e levo a mão às costas para tocá-las. São sulcos rasos e irregulares.

— Cicatrizaram bem — observa vovó. — Parece que estão aí há anos.

Alongo as costas e mexo os ombros. Não sinto mais dor. A rigidez se foi.

— As loções fizeram parte do trabalho, mas você também ajudou. Suas habilidades de cura despertaram.

Todos os bruxos se curam mais rápido do que os fêlixes. Alguns, muito mais rápido. Alguns imediatamente. E sei que vovó tem razão. Eu me sinto muito bem. Zonzo, um pouco alto...

Mas a cura terminou. Na primeira noite sem as loções eu me encolho na cama e, pela primeira vez, sou capaz de deitar em uma posição confortável. Eu me sinto bem, mas não por muito tempo. Começo a suar, a dor de cabeça que estava ignorando piora e meu crânio parece que vai partir ao meio. Vou até a cozinha beber um pouco de água, mas isso me deixa enjoado, então sento no degrau da porta dos fundos, e o alívio é instantâneo. Fico ali parado, recostado na parede. O céu está claro, e a lua cheia parece pesada e grande. Tudo está silencioso e imóvel, e não me sinto cansado. Olho ao redor e vejo que minha sombra se projeta comprida e escura pelo chão da cozinha. Pego uma faquinha na gaveta, sem pressa, sentindo o enjoo aumentar de novo, mas, assim que retorno para meu lugar naquele degrau, ele some.

Equilíbrio a faca na mão, me perguntando onde tentar primeiro.

Faço um corte pequeno com a ponta da faca na palma da mão, logo abaixo do indicador. Chupo o sangue e então olho para o corte, afastando a pele. Mais sangue, e sugo outra vez. Olho fixamente para o corte e tento curá-lo.

Penso: *Cure!*

Mais sangue escorre.

Relaxo, olho para a lua, sinto o corte e meu dedo latejando. Sinto. Eu me mantenho concentrado nele e na lua. Demora não sei quanto tempo. Um pouco. Mas sei que alguma coisa está acontecendo, porque estou sorrindo, não consigo evitar. Ouço o zunido. Isso é divertido. Enfio novamente a ponta da faca, agora na ponta do dedo.

Na noite seguinte tento dormir na cama, mas assim que escurece começo a suar e a me sentir enjoado. Saio e melhoro na mesma hora. Durmo no jardim e volto para o quarto antes que Arran acorde.

Faço o mesmo na terceira noite, e dessa vez só volto quando Arran está se vestindo.

— Aonde você foi ontem à noite?

Dou de ombros.

— Não está se encontrando com Annalise, está?

— Não.

— Se estiver...

— Não estou.

— Sei que gosta dela, mas...

— Não estou! Só tive um pouco de dificuldade para dormir. Estava quente demais. Dormi lá fora.

Arran não parece convencido. Saio, e Deborah está no corredor, escovando os cabelos, fingindo que não estava escutando.

Quando estamos na cozinha tomando café da manhã, Deborah se inclina em minha direção.

— Não estava quente ontem à noite. Acho que você deve dizer a vovó que não está conseguindo dormir — diz ela.

Sacudo a cabeça.

Então Deborah anuncia para todos nós.

— Andei lendo sobre Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

Arran revira os olhos. Enfio a colher com toda a força no prato de cereal a minha frente.

— A reação ao choque pode ser retardada. Pesadelos e flashbacks são típicos. Raiva, frustração...

Olho para ela enquanto ponho uma grande quantidade de cereal na boca.

— Do que você está falando, Deborah? — pergunta vovó.

— Nathan sofreu um trauma terrível. Não está dormindo. Tem suado.

— Ah, entendi — diz vovó. — Você tem tido pesadelos, Nathan?

— Não — insisto, com a boca cheia de cereal.

— Se estiver tendo pesadelos, e certamente se estiver estressado, então falar sobre isso na mesa do café não é muito inteligente — diz Arran.

— Só acho que vovó podia dar a ele uma poção do sono.

— Precisa de uma poção do sono, Nathan? — pergunta Arran.

— Não, obrigado — respondo, enfiando mais comida na boca.

— Você dormiu bem ontem à noite, Nathan?

Arran usa um tom falso de preocupação.

— Dormi, obrigado — falo, com a boca cheia.

— Bom, mas por que não dormiu na sua cama, Nathan? — pergunta Deborah, olhando para mim e para Arran.

Enfio a colher novamente em minha tigela. Arran encara Deborah.

— Você não está fugindo para se encontrar com Annalise, está? — pergunta vovó.

— Não!

Pedaços de cereal se espalham pela mesa.

Vovó me encara.

— Por que ninguém acredita em mim?

— Você ainda não disse por que não dormiu na sua cama ontem à noite — insiste Deborah.

— Sabemos que ele gosta de dormir lá fora — diz Arran.

Bato forte com a colher na mesa.

— Não dormi na minha cama porque estava me sentindo mal, está bem? Foi só por isso!

— Mas isso... — começa Deborah.

— Por favor, fiquem quietos. Todos vocês — interrompe vovó. Ela massageia a testa com os dedos. — Preciso lhes contar uma coisa. — Vovó estende a mão para segurar meu braço e diz: — Há vários rumores sobre bruxos das Sombras e sua afinidade com a noite.

Seus olhos estão preocupados, envelhecidos e sérios, fixos em mim. *Bruxos das Sombras e sua afinidade?* Será que ela está querendo me dizer que sou uma espécie de bruxo das Sombras só porque dormi lá fora algumas noites?

Puxo meu braço e me levanto.

— Mas Nathan não é um bruxo das Sombras... — diz Arran.

— Há histórias sobre fraquezas também — prossegue vovó. — Alguns bruxos das Sombras não conseguem ficar entre quatro paredes à noite. São histórias. Mas isso não significa que não sejam verdade. — Vovó massageia de novo a testa. — Ficar dentro de algum lugar à noite os deixa loucos.

Arran olha para mim e balança a cabeça.

— Isso não está acontecendo com você.

— Eu devia contar a vocês uma dessas histórias — acrescenta vovó. — É importante para Nathan.

A essa altura, estou encurralado no canto da cozinha. Deborah se aproxima, passa o braço ao meu redor e se apoia em meu ombro.

— Desculpe, Nathan — sussurra ela. — Eu não sabia. Eu não sabia.

a história da morte de saba

Saba era uma bruxa das Sombras. Tinha matado alguém do grupo de caçadores e estava fugindo. Virginia, líder dos caçadores, e um grupo de sua elite estavam atrás dela. Eles a haviam seguido por toda a Inglaterra, pelo campo, pelas cidades e aldeias, e estavam se aproximando.

Saba estava exausta. Em desespero, escondeu-se no porão de uma casa grande nos arredores de um vilarejo. Devia estar desesperada ou não teria tentado se esconder. Esconder-se de caçadores não funciona. Ela devia saber que iam segui-la até ali. E foi o que fizeram. Os caçadores encontraram a casa e logo a cercaram. Não havia escapatória para Saba. Alguns caçadores sugeriram atacar o porão, mas Virginia não queria perder mais ninguém. Só havia uma saída do porão, por um alçapão, e Virginia mandou que aquela entrada fosse bloqueada por um mês. Após esse período, Saba estaria morta ou tão fraca que poderia ser capturada sem perdas para os caçadores.

Virginia sabia que a maioria de seus caçadores não gostou nada disso. Eles queriam vingança, glória e um final rápido para Saba e aquela caçada. Virginia botou uma sentinela na entrada do porão para impedir que Saba fugisse, mas também para garantir que nenhum dos caçadores desobedecesse a suas ordens.

A noite chegou, e os caçadores encontraram lugares na casa e em seus jardins para dormir. Mas ninguém dormiu, porque, assim que escureceu, gritos terríveis começaram a vir do porão.

Os caçadores correram até a porta, achando que um deles tinha desobedecido às ordens de Virginia, entrado no porão, e estivesse sendo torturado por Saba. Mas, não, a sentinela ainda estava ao lado da entrada bloqueada. Os gritos vinham do porão e continuaram até o amanhecer. Os caçadores tentaram dormir, taparam os ouvidos ou os encheram com tampões feitos com pedacinhos do material de suas roupas, mas

nada impedia que os sons penetrassem sua cabeça. Era como se cada um deles também estivesse gritando.

Na manhã seguinte, estavam exaustos. Eram todos homens e mulheres fortes, os mais fortes, mas já estavam caçando Saba havia semanas, e agora estavam exaustos.

Na segunda noite os gritos recomeçaram, e novamente ninguém dormiu.

Isso continuou toda noite até que no fim da primeira semana os caçadores estavam discutindo e brigando entre si. Um deles tinha esfaqueado outro, e um terceiro havia desertado. Até Virginia estava desesperada; não dormia mais e podia ver seu grupo de elite mergulhando na desordem. Na oitava noite, quando os gritos recomeçaram, ela correu até o porão e começou a tirar a barricada de cima do alçapão. Os caçadores se reuniram ao seu redor, mas não sabiam bem o que pensar. Todos queriam entrar e acabar com a tortura, mas ver sua líder, normalmente o exemplo do autocontrole, destruindo a portinhola, os fez se perguntar se ela não tinha perdido a razão.

Um caçador se adiantou e ousou lembrar Virginia de que ela dera ordens para deixar Saba trancada por um mês, e que havia se passado apenas uma semana. Ela empurrou o caçador para trás dizendo que estava disposta a arriscar a própria vida e a deles para acabar com aquele tormento.

Abriu o alçapão e desceu para o interior do porão com seus comandados amontoados atrás dela.

O porão estava escuro. Virginia usou uma tocha para iluminar o chão e encontrar o caminho em meio a engradados, caixotes, uma cadeira velha, garrafas de vinho e um saco de batatas. Havia uma passagem para outro aposento. Os gritos vinham de lá. Virginia se encaminhou para a porta, e os caçadores a seguiram.

O segundo aposento parecia vazio. Mas no canto mais distante, bem difícil de discernir, havia uma pequena pilha de trapos.

Virginia foi até lá a passos rápidos, levantou os trapos e lá estava o corpo de Saba. Ela estava quase morta, totalmente louca, e não parava de gritar. Tinha arranhado o próprio rosto, agora uma massa de cicatrizes. Não falava porque tinha mordido a própria língua. Mas ainda gritava.

Virginia podia tê-la matado ali, mas disse que Saba devia ser levada diante do Conselho para ser interrogada. Saba mal estava viva, mas era uma poderosa bruxa das Sombras, então Virginia mandou que fosse amarrada antes de ser levada para fora.

Eram altas horas da noite, mas lá fora a luz da lua fazia com que parecesse quase dia. Quando os caçadores tiraram o corpo da casa, Saba começou a cantarolar e a se mexer. Virginia percebeu tarde demais que Saba recuperara suas forças quando chegou novamente ao ar da noite. A bruxa das Sombras soltou chamas pela boca e incendiou os dois caçadores que a carregavam. Caiu no chão e usou as chamas para queimar suas amarras. Virginia sacou sua arma e deu um tiro no peito de Saba, mas ela teve energia suficiente para deter Virginia e incendiá-la também. As duas estavam em chamas quando Clay, o filho de Virginia, deu um tiro no pescoço de Saba. Ela caiu, finalmente em silêncio, no gramado da casa.

Virginia morreu por causa das queimaduras, e Clay se tornou o novo líder dos caçadores. Ele é o líder até hoje.

*

Vovó esfrega o rosto com as mãos.

— Uma caçadora me contou essa história há muito tempo — diz ela. — Estávamos no velório de sua parceira, outra caçadora. Ela estava arrasada e muito bêbada. Eu a levei para fora e lhe dei uma poção para acalmá-la. Nós nos sentamos na grama e conversamos.

“Ela me contou que sua parceira era a caçadora que tinha desertado. Clay a perseguiu e a executou. Essa garota, a que estava bêbada, foi obrigada a puxar o gatilho e matar a amiga.”

Debs balança a cabeça.

— São todos uns monstros. Os caçadores são tão ruins quanto...

— Deborah! Não! Nunca diga isso! — intervém Arran.

— Quem era Saba? — pergunto.

Vovó respira fundo.

— Era a mãe de Marcus — diz ela.

Por alguma razão, isso não me surpreende. Eu me afasto de Deborah e vou sentar nos degraus da porta dos fundos.

Arran vem e senta ao meu lado. Ele se inclina para perto de mim.

— Isso não quer dizer nada — diz.

— Saba era minha avó.

— Isso não significa que você seja assim também.

Balanço a cabeça.

— Está acontecendo comigo, Arran. Eu sinto. Sou um bruxo das Sombras.

— Não é, não. O seu corpo é assim, não você. O seu verdadeiro eu não tem nada a ver com um bruxo das Sombras. Você tem alguns dos genes de Marcus e alguns de Saba. Mas isso é físico. E não são o lado físico, os genes, seu dom que fazem você um bruxo das Sombras. Você tem que acreditar nisso. É o modo como pensa e age que mostra quem você é. Você não é mau, Nathan. Nada em você é mau. Vai ter um dom poderoso, todos podemos ver isso, mas é como vai usá-lo que vai mostrar se você é mau ou bom.

Quase acredito nele. Não me sinto mau, mas tenho medo. Meu corpo está fazendo coisas que não entendo, e não sei o que mais vai fazer. Parece que tem vontade própria e está me conduzindo por um caminho que preciso seguir. Os tremores noturnos me levam para fora, forçando-me a me afastar de minha vida antiga. Os ruídos em minha cabeça também parecem estar me afastando das pessoas.

Sempre que Jessica dizia que eu era meio das Sombras, vovó rebatia.

— Meio da Luz também.

E eu sempre pensei nos genes de minha mãe e de meu pai se misturando em meu corpo, mas agora acredito que meu corpo é de meu pai, e meu espírito, de minha mãe. Talvez Arran tenha razão: meu espírito não é mau, mas tenho que lidar com um corpo que faz coisas estranhas.

*

Viajo para o País de Gales naquela manhã com a intenção de passar um ou dois dias por lá. É bom dormir ao ar livre e viver da terra, e depois de minha conversa com Arran estou me sentindo mais confiante, mais como se soubesse quem sou e o que sou. É um jeito diferente de ver as coisas que me permite observar meu corpo e aprender do que ele é capaz. Eu o observo com mais distanciamento, testando sua capacidade de cura e tentando entender como a noite me afeta.

Fico em Gales mais um dia, mais um e mais outro. Entro em um celeiro abandonado e tento dormir, e descubro que a lua influencia o modo como me

sinto. A lua cheia faz com que seja pior ficar dentro de algum lugar à noite. Só consigo tremer e vomitar. Na lua nova, ficar no celeiro é suportável: tudo o que sinto é um leve enjoo. Na lua cheia, minha capacidade de cura aumenta. Testei isso cortando o braço. Um corte de dia durante uma lua nova leva duas vezes mais tempo para cicatrizar do que um corte parecido feito à noite sob a lua cheia.

Os dias passam e aprendo muito, mas sei que não posso contar a ninguém o que aprendo, nem mesmo a Arran. Tudo o que é das Sombras deve ser mantido em segredo, e sei que meu corpo é de um bruxo das Sombras.

mary

Passo mais de um mês no País de Gales. É bom aprender sobre meu corpo, mas nunca relaxo. Tenho a sensação de que de algum modo meu pai está me observando, de que vê tudo o que faço e balança a cabeça, satisfeito, ao acompanhar minhas descobertas, sorri em aprovação quando pego um coelho, o esfolo e cozinho, mas sacode a cabeça quando tomo decisões equivocadas, como terminar o dia morrendo de frio em um abrigo ruim ou atravessar uma correnteza em um ponto errado. Tudo o que faço é com a consciência de que ele está me julgando, e todo dia penso que talvez ele apareça.

Mas é claro que meu pai nunca vem. Às vezes me pergunto se é porque sou meio da Luz, não das Sombras o suficiente. Mas aí digo a mim mesmo que esses não são testes de verdade. O teste verdadeiro será encontrar meu caminho até ele, e agora estou pronto para fazer isso.

Faltam três semanas para meu aniversário de quinze anos. Não quero arriscar passar por outra avaliação. Tenho certeza de que o Conselho vai ver o que está acontecendo com meu corpo, que estou mudando, e meu “código designado” não será mais *não apurado*. Ninguém me contou o que vai acontecer se eu for designado bruxo das Sombras, mas faço ideia, já que todos os bruxos das Sombras da Grã-Bretanha são capturados ou mortos imediatamente.

Tenho que ir embora. Mas primeiro preciso ver Arran. Em uma semana ele faz dezessete anos, e quero estar na sua Atribuição. Depois disso vou partir em busca de meu pai.

*

Em minha primeira manhã em casa, Deborah me entrega um envelope que chegou algumas semanas antes. Está endereçado a mim. Nunca recebi nada pelo correio. As notificações sempre são enviadas para a vovó. Espero um novo decreto do Conselho, mas lá dentro há um cartão branco com uma bela letra manuscrita.

Eu o entrego a Arran.

— Quem é Mary Walker? — pergunta ele.

Dou de ombros.

— Ela está fazendo noventa anos. Você foi convidado para a festa.

— Nunca ouvi falar dela — digo.

— Você a conhece, vovó? — pergunta Arran.

Vovó está com o cenho franzido, mas assente cautelosamente.

— Vovó?

— Ela é uma bruxa velha.

— Bem, acho que isso nós descobrimos sozinhos — diz Arran.

— Ela é... Eu... não a vejo nem ouço falar dela há anos.

— Desde quando?

— Desde que eu era jovem. Ela trabalhava para o Conselho, mas ficou um pouco... esquisita.

— Esquisita?

— Incomum.

— Você quer dizer que ela ficou maluca.

— Bem... ela ficou um pouco estranha, fazendo acusações deliberadamente. No início, era perigosa apenas para si mesma, mas depois ficou claro que estava louca. Aparentemente, saía dançando nas reuniões ou cantava canções de amor para a líder do Conselho. Ela deixou o Conselho em desgraça. Não simpatizavam muito com ela.

— Por que ela convidaria Nathan para sua festa de aniversário?

Vovó não responde. Lê o convite e trata de se ocupar fazendo mais chá.

— Então você vai? — pergunta Arran.

Vovó segura o bule de chá, pronta para enchê-lo.

— Ela é uma bruxa velha e maluca — digo. — Ninguém mais na família foi convidado. Não a conheço e não devo ir a lugar nenhum sem a permissão do Conselho. — Sorrio, para o deleite de Arran. — É claro que vou.

Vovó coloca o bule na mesa, mas não o enche.

*

Faltam quatro dias para a festa de aniversário. Nesses quatro dias vovó não me conta mais nada sobre Mary, e sua única preocupação quando toco no assunto é que eu decore as instruções escritas no verso do convite para chegar à casa dela. Há um mapa pequeno com indicações que incluem quando devo estar em cada ponto. Vovó diz que tenho que seguir o itinerário e os horários com exatidão.

Saio cedo na manhã da festa e sigo para a estação ferroviária na cidade. Pego um trem, e mais outro, e depois um ônibus e em seguida outro ônibus. A viagem é lenta. Na verdade, eu podia ter tomado dois ônibus mais cedo, mas as instruções são claras, e eu as sigo com precisão.

Então há uma longa caminhada. Vou até os pontos na mata indicados no mapa e espero o horário determinado antes de me dirigir ao ponto seguinte. O local é mais uma floresta do que um bosque, e, quanto mais avanço, mais silencioso tudo fica a minha volta. Enquanto espero pelo trecho final da viagem, percebo que não há ruídos em minha cabeça, e tudo ao meu redor está perfeitamente silencioso. Quase perco a hora de partir por ficar tentando descobrir quais barulhos desapareceram. Mas me mantenho no horário e acabo chegando a uma cabana precária em uma pequena clareira.

Há uma horta do lado esquerdo da cabana, um riacho à direita e algumas galinhas à frente. Sigo pela direita e pego um pouco de água com as mãos. É doce e límpida. Continuo a andar e cruzo a água corrente. Dou a volta na cabana, que de tão malcuidada está praticamente desmoronando, e vejo uma galinha ciscando dentro de um quarto. Continuo fazendo a volta até chegar à pequena porta verde e bato de leve para evitar que a madeira podre se desfaça.

— Seria um desperdício ficar dentro de casa em um dia desses.

Eu me viro.

A voz forte e alta não parece apropriada para a bruxa velha e encurvada com um chapéu de abas largas amarfanhado, um suéter folgado todo furado, jeans largos esburacados e galochas grandes e enlameadas.

— Mary?

Não tenho certeza. A pessoa à minha frente, com um leve bigode branco, podia ser um homem.

— Acho que não preciso perguntar quem é você.

A voz é definitivamente feminina.

— Há... Feliz aniversário.

Estendo-lhe a cesta de presentes, mas ela não faz nenhum movimento para pegá-la.

— Presentes para a senhora.

Ela continua sem dizer nada.

Eu baixo a cesta.

Ela faz um ruído que pode ser uma risada ou uma tosse. Enxuga com a manga um pouco de saliva que escorreu pelo queixo.

— Você nunca conheceu uma bruxa velha antes?

— Não muitas... bem, não...

Meus balbucios se perdem quando ela me observa mais de perto.

Ela é toda encurvada e precisa se inclinar para trás e virar de lado para olhar para mim.

— Talvez você não seja tão parecido com seu pai quanto pensei no início. Mas sem dúvida parece com ele.

— A senhora o conhece... quer dizer... já o encontrou?

Ela ignora minha pergunta e agora pega a cesta de minhas mãos.

— Para mim? Presentes? — diz ela.

Ela dá a entender que sua audição não é muito boa, mas acho que escuta muito bem.

Caminha até o córrego e se senta em uma faixa de grama rala. Eu me sento ao seu lado enquanto ela tira um vidro de geleia da cesta.

— É de ameixa?

— Maçã e amoras. De nosso quintal. Foi minha avó quem fez.

— Aquela velha sacana.

Fico de queixo caído.

— E isso?

Ela ergue um tubo grande de cerâmica vitrificada selado com cera e amarrado com uma fita.

— É... uma poção para aliviar dor nas juntas.

— Hein? — Ela põe o tubo sobre a grama. — Ela sempre foi boa com poções. Imagino que ainda tenha um dom forte.

— Tem.

— A cesta também é bonita. Descobri que cestas nunca são demais. — Ela examina a cesta, virando-a de um lado para outro. — Se não aprender mais nada hoje, pelo menos se lembre disso.

Balanço a cabeça como um idiota e tento lançar de novo minha pergunta.

— A senhora conheceu Marcus?

Ela me ignora novamente e pega o último presente, uma folha de papel enrolada e amarrada com uma faixa de couro, que ela puxa e joga no cesto.

— E um cadarço de couro também — diz ela. — Não estou mal, hein? Não tenho um aniversário como esse há... bem, há muito tempo.

Mary desenrola o papel, um desenho à caneta que fiz de árvores e esquilos. Ela o examina por algum tempo.

— Acho que seu pai gosta de desenhar. Ele tem talento para isso, igual a você — diz ela.

Ele tem? Como ela sabe disso?

— É educado dizer “obrigado” quando se recebe um elogio.

— Obrigado — balbucio.

Mary sorri.

— Isso mesmo. Agora vamos tomar um chá com bolo. Noventa velas. Vai ser interessante.

*

Muito tempo depois, estamos sentados na grama em silêncio fazendo um piquenique de chá com bolo. As velas, noventa ao todo, contadas lentamente por Mary, foram colocadas por mim em um pequeno bolo de cereja, apesar de eu não saber como todas elas couberam nele. As velas foram acesas em um estalar de dedos com um feitiço que ela murmurou. Seu sopro cheio de perdigotos não teve força suficiente para apagar todas, por isso eu abafei as chamas com um pano de prato. Até agora não aprendi nada com Mary além dos ingredientes do bolo, onde

ela guardava as velas e como desejava que alguém aparecesse com um feitiço que eliminasse as lesmas de sua horta.

Pergunto por que ela me convidou para sua festa de aniversário.

— Bem, não queria passar o dia sozinha, não é? — diz ela.

— Então por que não convidou minha avó?

Mary toma um gole de chá frio e solta um arrote bem alto.

— Eu convidei porque queria conversar com você, e não convidei sua avó porque não queria conversar com ela. — Ela arrota de novo. — Ah, esse bolo estava gostoso.

— Sobre o que a senhora quer conversar?

— O Conselho e seu pai. Apesar de eu não saber muito sobre seu pai. Mas sei sobre o Conselho. Antigamente eu trabalhava para eles.

— Vovó me contou.

Silêncio.

— O que sabe sobre o Conselho, Nathan?

Dou de ombros.

— Tenho que ir às avaliações e obedecer às notificações.

— Fale-me sobre essas últimas.

Eu me atenho aos fatos.

Mary não faz nenhuma pergunta enquanto falo, mas balança a cabeça e, de vez em quando, baba.

— Acho que vão me matar se eu for à próxima avaliação.

— Talvez... mas acho que não. Há uma razão para não terem feito isso até agora. E não é porque eles são bondosos e generosos, pode estar certo disso.

— A senhora sabe a razão?

— Tenho uma ideia do que pode ser. — Ela limpa a boca com a manga e me dá um tapinha no braço e diz: — Você terá que partir em breve.

O sol agora estava atrás das árvores.

— É, está tarde.

Ela segura meu braço como se tivesse garras.

— Não, não ir embora daqui. Você precisa deixar sua casa em breve. Encontrar Mercury. Ela vai ajudá-lo. Vai lhe dar os três presentes.

— Mas meu pai...

— Você não deve tentar encontrar seu pai. Mercury vai ajudá-lo. Ela ajuda muitos bruxos com problemas. Claro que vai esperar algum pagamento em troca. Mas vai ajudá-lo.

— Quem é Mercury?

— Uma bruxa das Sombras. Uma bruxa das Sombras velha. Você acha que *sim*, é velha. Seu dom, porém, é forte, muito forte. Ela pode controlar o clima.

— Mas como ela vai me dar o sangue? Não é nem um dos meus pais, nem um dos meus avós.

— Não, mas é uma mulher de negócios muito inteligente. Ironicamente, o Conselho é a fonte do sucesso comercial de Mercury. Eles resolveram há alguns anos manter um banco de sangue de todos os bruxos da Luz para que, caso uma criança fique órfã, o Conselho possa agir e realizar a Atribuição.

— E funcionou?

— Sim, perfeitamente. O feitiço é diferente, imagino, mas o sangue é dos pais ou dos avós, e os três presentes são dados.

— Deixe-me adivinhar... Mercury roubou um pouco desse sangue.

Logo, ela deve ter um pouco do de minha mãe.

— Bem, não é muito difícil chegar a essa conclusão. Qualquer idiota podia ter dito ao Conselho que isso ia acontecer, e muitos disseram. E enquanto alertavam o Conselho e o Conselho garantia a todos que o sangue estava em segurança, Mercury roubava parte do estoque. Nunca frascos inteiros, só o bastante para garantir que, se algum brux caísse em desgraça com os pais ou com o Conselho, pudesse pedir ajuda a ela.

“Há muitas poções que precisam de sangue de bruxa. Bruxas da Luz procuram Mercury quando não conseguem ajuda de sua própria comunidade. Bruxos das Sombras a procuram quando precisam de sangue de bruxos da Luz para poções. Mercury não ajuda as pessoas de graça, mas não é paga em dinheiro. Prefere outro tipo de pagamento. Troca sangue por poções, feitiços, ingredientes raros, objetos mágicos... Você sabe. Ela aprendeu a fazer poções e a lançar feitiços, apesar de esse não ser seu dom. Atingiu um nível de magia bastante forte e se transformou em uma bruxa muito poderosa.”

— E como a encontro?

— Ah, não sei onde ela está. Pouca gente sabe. Mas há alguns bruxos da Luz que não concordam com os métodos do Conselho ou que por um motivo ou outro caíram em desgraça com eles. Mercury usa essas pessoas. E uma delas eu conheço.

— E posso confiar nessa pessoa?

— Pode confiar em Bob, sim. Ele tem seus motivos para desprezar o Conselho. É um bom amigo.

Ficamos em silêncio. Acho que posso confiar em Mary, mas Mercury não parece uma boa solução para meus problemas. E quero ver meu pai.

— Mas acho que meu pai... — digo.

— Sim, vamos falar de seu pai — interrompe Mary. — Claro, eu o conheço muito pouco, e sua avó o conhece melhor que eu.

Não tenho certeza se escutei direito.

— Percebo pela expressão em seus olhos que ela nunca mencionou isso.

— Não! Como vovó conheceu Marcus?

— Logo a gente chega lá. Primeiro me diga o que sabe sobre seu pai.

Minha cabeça está girando. *Vovó conhece Marcus*. Isso significa...

Mary cutuca meu braço.

— Diga o que sabe sobre Marcus. Logo voltaremos a sua avó.

Eu hesito. Vovó disse para nunca falar sobre Marcus, e ela mesma nunca falou sobre ele. Mas guardou esse segredo de mim o tempo todo...

— Marcus é meu pai. Um dos poucos bruxos das Sombras que restaram na Inglaterra — digo, em alto e bom som.

Sempre tive medo de falar sobre ele porque o Conselho podia estar ouvindo, mas agora parece que é *ele* quem está ouvindo.

Fico com raiva dele e da vovó.

— Ele é poderoso — digo. — E impiedoso. Mata bruxos da Luz e se apodera de seus dons. Mata principalmente membros do Conselho, e também caçadores e suas famílias. Seu dom, o que não roubou de outros bruxos, é se transformar em animais. Isso significa que pode devorar o coração de bruxos cujos dons ele deseja. Ele se transforma em leão, ou algo assim, devora os corações ainda pulsantes de suas vítimas e rouba seus dons.

Fico quase sem fôlego.

— Ele é filho de Saba — continuo. — Ela foi morta por Clay. Saba matou a mãe de Clay, Virginia. Saba sofria se ficasse entre quatro paredes à noite. Eu também. E acho que com Marcus acontece a mesma coisa.

“Desenho bem e Marcus também. Leio muito mal e acho que essa é uma das poucas coisas em que Marcus é fraco. Ouço ruídos estranhos em minha cabeça e aposto que isso é coisa de família também.

“Marcus odeia bruxos da Luz. Também não gosto muito da maioria deles, mas não saio por aí matando ninguém!”

Grito essa última parte para o topo das árvores.

— Ele não deixa sobreviventes. Mata mulheres, crianças, todo mundo, mas não matou minha mãe. Provavelmente teria matado Jessica, Deborah e Arran, mas eles estavam com a vovó na noite em que ele atacou minha mãe e matou o pai deles.

Silêncio.

Olho para Mary e, agora, falo baixo.

— Ele não matou minha mãe, então. Também não fez nada com a vovó, apesar de a senhora dizer que eles se conheceram e que vovó o conheceu melhor que a senhora, por isso acho que eles se encontraram mais de uma vez...

Mary assente.

— Então Marcus conhecia minha mãe. E minha mãe não o odiava... nem o temia ou o desprezava?

— Acredito que não.

Hesito.

— Mas eles não podiam ser... amigos... ou amantes... Isso seria...

— Inaceitável — diz Mary.

— Se eles fossem, teriam de manter isso em segredo... Mas minha avó descobriu?

— Ou sempre soube.

— Mas nos dois casos não faria diferença. Vovó não poderia fazer nada além de tentar manter o segredo.

— Essa era a melhor maneira, a única maneira que ela tinha de proteger sua mãe. Levando-se tudo em conta, reconheço que ela fez um bom trabalho. Acho que sua mãe e seu pai se encontravam uma vez por ano.

— Então Marcus e minha mãe... eles queriam se ver, combinavam de se encontrar, deixavam as crianças com a vovó... mas o marido apareceu de surpresa...

e Marcus o matou.

Mary balança a cabeça a cada uma de minhas afirmações.

— Mas minha mãe se matou por causa da culpa...

Mary sacode a cabeça.

— Porque não podia ficar com Marcus?

Mary continua sacodindo a cabeça.

Desvio o olhar do dela, e acabo dizendo o que sempre soube.

— Por minha causa?

A mão de Mary está em meu braço, e me viro para fitar seus olhos pálidos e opacos devido à idade.

— Não pelo motivo que você está pensando.

— Quantos motivos pode haver?

— Desconfio que sua mãe achava que você seria parecido com ela, como seus irmãos. Mas não foi o que aconteceu. Ficou claro assim que você nasceu que seu pai era Marcus.

Então foi por minha causa.

Mary me estimula a falar mais.

— O que o Conselho esperava que sua mãe fizesse?

Eu me lembro da história de Jessica e do cartão que ela disse ter sido mandado para mamãe.

— Me matar — digo.

— Não. Não acho que o Conselho jamais quis isso. Mas sua mãe era uma bruxa da Luz. Ela amava um bruxo das Sombras e tinha um filho dele. E por causa do relacionamento dela, um bruxo da Luz, um membro do Conselho, seu marido, tinha sido morto.

A verdade me deixa com um vazio por dentro. Eles iam querer que ela se matasse. Eles a obrigaram a fazer isso.

duas armas

Na manhã seguinte, Mary faz mingau. Ela o toma lentamente, fazendo sons repugnantes. Não dormi, e aquele barulho me irrita.

— Sua avó fez o melhor que pôde com você — diz ela, entre uma colherada e outra.

Fecho a cara para ela.

— Minha avó mentiu para mim.

— Quando?

— Ela não me contou que conhecia Marcus. Não negou que minha mãe tivesse sido atacada por ele. Não me contou que o Conselho foi responsável pela morte de minha mãe.

Mary me cutuca com a colher.

— Se o Conselho um dia descobrir onde eu estava e o que lhe contei, o que acha que fariam comigo?

Desvio o olhar.

— E então?

— Está tentando me dizer que eles teriam matado a vovó? — pergunto.

— E vão matar.

Sei que ela tem razão, claro, mas isso não faz com que eu me sinta nem um pouco melhor.

Mary me dá uma série de tarefas para me ajudar a me “livrar do mau humor matinal”.

— Vovó me contou que a senhora saiu do Conselho em desgraça — afirmo, enquanto ela supervisiona o que faço no galinheiro.

— Bem, acho que é uma maneira de descrever a situação.

— Como a senhora descreveria?

— Escapei por sorte. Termine isso e feche tudo de novo. Depois prepare um pouco de chá e lhe conto a história toda.

Fervo água no fogão da cabana enquanto Mary está sentada lá fora ao sol. Quando levo o chá, ela dá um tapinha na grama a seu lado. Nós nos encostamos na parede da cabana.

— Lembre-se, Nathan, o Conselho é perigoso. Eles não permitem que ninguém demonstre qualquer fraqueza em relação aos bruxos das Sombras. Fui tola o bastante para um dia mencionar uma preocupação minha. Eu trabalhava como secretária para o Conselho. Eu era responsável pelos registros. Eles têm muitos arquivos, e eu os mantinha em ordem. Um dia, fazendo uma arrumação, tive alguns minutos de tempo livre e resolvi ler um deles. Ele descrevia a Retaliação imposta a um bruxo das Sombras. Era horrível.

“Estupidamente, contei a um dos membros do Conselho que a Retaliação era terrível. Isso não era um problema. A Retaliação é terrível, e deve ser mesmo. Se eu tivesse parado por aí, não teria acontecido nada. Mas não parei. Aquilo me incomodou muito. Não conseguia dormir. Sempre soube da Retaliação, mas de algum modo não tinha me dado conta de quanto sofrimento era infligido. Um mês de tortura antes de deixarem o bruxo morrer. Eu trabalhava para o Conselho porque acreditava que os bruxos da Luz eram bons, superiores, e agora estava diante do fato de que eles eram tão maus quanto os bruxos das Sombras, tão maus quanto os fêlixes, tão maus quanto todos eles.

“Havia um bruxo das Sombras nas celas, e eu sabia o que iam fazer com ele.

Era burrice tentar ajudá-lo. Ele nunca ia conseguir escapar. Mas eu estava com raiva e com vontade de fazer justiça, e por isso fiz o que pude.

“Fingi que estava louca de ódio pelo bruxo das Sombras. Ele tinha matado a família de um dos membros do Conselho, então não foi difícil, apesar de, na verdade, eles serem um bando de esnobes metidos a besta que sempre me trataram como lixo.”

Ela toma um gole do chá.

— Arranjei uma desculpa para descer até as celas. Na verdade, não tinha um plano. Não tinha arma, mas perto da porta havia uma mesa; sobre ela, facas e... outros objetos. Instrumentos de tortura, acho que é assim que chamam aquelas coisas. Peguei uma faca e comecei a gritar, a berrar e a fingir que estava atacando o

prisioneiro. Não era um ataque muito eficiente. Não havia a menor chance de conseguir matá-lo. Mas durante a luta com o guarda, dei um jeito de deixar a faca cair ao alcance do bruxo que estava acorrentado em sua cela. Ele enfiou a faca no próprio coração assim que a apanhou.

Mary botou a xícara de chá no chão.

— Fingi que estava louca. Consegui escapar. Mas houve desconfianças. Algumas pessoas achavam que eu estava fingindo. Então agora tento... ah, como é mesmo aquela expressão? Ficar longe da vista deles.

— Uau.

— É. Muitas vezes me espanto com o que fiz. Mas não me arrependo. Salvei aquele homem de semanas de tortura.

— Quem era ele?

— Ah, finalmente uma boa pergunta.

Ela põe a mão delicadamente em meu braço.

— Era Massimo. O avô de Marcus.

*

Mais tarde naquela manhã, Mary me faz decorar as instruções para minha partida. São parecidas com as de minha viagem até ali.

— Isso é um feitiço para garantir que não vou ser seguido?

— É uma das minhas especialidades e, modéstia à parte, não é lá muito fácil de fazer. A maioria dos bruxos não tem paciência para isso. Você precisa levar o tempo necessário a cada passo. E se fizer isso, nem caçadores irão segui-lo.

— Caçadores me seguiriam até aqui, imagino.

— Caçadores o seguem por toda parte, Nathan, e sempre fizeram isso. Menos em sua viagem para cá. E em sua viagem de volta, *se* você seguir as instruções.

— Eles sempre me seguem?

— São caçadores, Nathan. A pista está no nome. E são muito bons.

Eu balanço a cabeça.

— É, eu sei.

— Não, acho que você não sabe. Nunca subestime o inimigo, Nathan. Nunca. Os caçadores seguem você por toda a parte e podem matá-lo a qualquer

momento. É o que querem, Nathan. Mas trabalham para o Conselho, e, bem ou mal, o Conselho ainda consegue mantê-los sob controle.

— Então devo agradecer a eles?

Mary sacode a cabeça.

— O Conselho é mais perigoso que os caçadores, lembre-se disso também. Eles usam os caçadores. Usam tudo o que podem.

Não sei exatamente o que ela quer dizer com “tudo”.

— Vovó me disse que eles usam espões.

— É. Espionagem é um de seus métodos favoritos. Não confie em ninguém, Nathan. Nem em amigos, nem mesmo na família. Se eles forem da Luz, o Conselho vai usá-los como espões, se conseguir. E normalmente consegue.

“O Conselho e os caçadores estão unidos com o mesmo objetivo: querem matar Marcus. E acabar com toda a sua descendência.”

— Ontem a senhora disse que o Conselho nunca quis me matar.

— Ainda não. Por enquanto, acham que você é mais útil para eles vivo.

— Então querem me usar para pegar Marcus?

— Tenho certeza de que cogitaram essa ideia. Provavelmente tentaram. Mas não é só isso. Não vá a mais nenhuma avaliação. Encontre Mercury. Ela vai escondê-lo até sua Atribuição. Vá o mais depressa possível.

Concordo novamente, mas desconfio de que ela está se preparando para me dizer uma última coisa. Ela fica mais uma vez em silêncio.

— Tem mais uma coisa que lembrei sobre Marcus — digo. — Há alguns anos, houve um ataque a uma família de bruxos da Luz, os Grey. Marcus matou todos eles, mas acho que estava procurando algo que possuíam. Algo chamado Fairborn. Você sabe o que é isso?

— Sei, sim. É uma faca — responde Mary.

— Por que Marcus ia querer isso?

— É uma faca especial. Um objeto maligno. Fairborn é o nome do homem que a fez, há mais de um século. Ele gravou seu nome na lâmina. Conheci essa faca muito bem durante a investigação que o Conselho fez sobre meu ataque às celas. É a mesma faca que joguei para Massimo. Era a faca de Massimo.

— Então é por isso que Marcus a quer de volta.

— Não sei se é bem por isso, Nathan. — Mary esfrega a testa com as costas da mão e suspira. — Marcus me visitou há algumas semanas. Veio me pedir um favor. Ele tem vislumbres do futuro, de futuros possíveis, o que é mais um fardo do que um dom. Ele me contou uma de suas visões, uma que teve pela primeira vez muitos anos atrás e ainda hoje em dia. Queria que eu lhe falasse dela. Achou que, se você soubesse, poderia entendê-lo melhor.

— Ele deixou uma mensagem para mim! E a senhora esperou até eu estar de partida para me contar?

— Se dependesse de mim, não contaria de jeito nenhum. Você precisa entender, Nathan, isso é uma visão. Um futuro *possível*. É só isso. Mas quanto mais importância você dá às visões, maior é a possibilidade de se tornarem reais.

— A senhora faz ideia do quanto quero saber sobre ele? — Eu me afasto dela, torno a me aproximar e me inclino para perto de seu rosto. — Me conte.

— Nathan, há muitos bruxos da Luz que têm visões do futuro. Se Marcus teve essa visão, pode ter certeza de que o Conselho sabe dela também. Seu pai quer que você o entenda, mas que também entenda o Conselho.

— A senhora vai ou não vai me contar?

— Há duas armas que juntas podem matar seu pai. Ambas estão protegidas pelo Conselho até estarem prontas para serem usadas.

— Quais são?

— A primeira é a Fairborn.

— E?

— A outra arma é...

Mas de repente não quero ouvir. Sei o que ela vai dizer, e há um barulho em minha cabeça que é uma mistura de um trovão com um rugido animal, e quero que ele permaneça, fique mais alto, porque essa mensagem não é a mensagem que eu estava esperando. Tem que estar errado. Mary está dizendo, mas talvez eu não tenha entendido direito devido ao estrondo dentro de minha cabeça. E se o barulho continuar, não vou...

— Nathan! Está ouvindo?

Sacudo a cabeça.

— Não vou matá-lo.

— É por isso que deve partir. Se ficar mais tempo entre os bruxos da Luz, o Conselho vai obrigá-lo a fazer isso. Você é a segunda arma.

a sexta notificação

É apenas um futuro possível.

Esse é o mantra que repito para mim mesmo. Há milhões, bilhões de futuros possíveis.

E não vou matá-lo. Sei disso. Ele é meu pai.

Não vou matá-lo.

E quero vê-lo. Quero dizer isso a ele. Mas ele acredita na visão. Não vai querer me ver. Nunca.

E se eu tentar vê-lo, ele vai achar que quero matá-lo e vai me matar.

*

Mary me deu o endereço de Bob, seu amigo que vai me ajudar a encontrar Mercury. Ela diz que devo partir imediatamente, e digo a ela que vou, apesar de estar falando apenas da boca para fora. Não sei o que fazer.

Sigo para casa.

Quero conversar com vovó. Preciso perguntar a ela sobre Marcus. Ela tem que me contar alguma coisa. E falta apenas um dia para a Atribuição de Arran. Quero estar ao lado dele nessa ocasião, e depois vou embora.

Chego à noitinha. Ainda está claro. Vovó está na cozinha fazendo um bolo para depois da cerimônia. Não me pergunta sobre a festa de Mary.

Não digo “olá” nem “senti saudade” nem “como está o bolo?”. Pergunto apenas:

— Quantas vezes você viu Marcus?

Ela para o que está fazendo e olha para a porta da cozinha.

— Jessica veio para casa para a Atribuição de Arran — diz ela.

Eu me aproximo de vovó.

— Ele é meu pai. Quero saber sobre ele — digo, baixinho.

Vovó sacode a cabeça. Ela tenta me convencer de que vai me contar amanhã, mas ameaço gritar e chamar Jessica para ouvir a história também. Apesar de provavelmente saber que eu nunca faria isso, vovó se deixa cair na cadeira e, com uma voz que mal passa de um murmúrio, me conta tudo o que sabe sobre Marcus e minha mãe.

*

Abro a janela de nosso quarto. Agora escureceu, e uma lasca fina de lua está nascendo. Arran sai da cama e me abraça. Eu o abraço também durante um longo tempo. Então sentamos no chão perto da janela.

— Como foi a festa de aniversário? — pergunta Arran.

— Não sei do que está falando.

— Pode me contar alguma coisa?

— Me fale você de amanhã. Como está se sentindo?

— Bem. Um pouco nervoso. Tomara que eu não estrague tudo.

— Que nada.

— Jessica voltou para a Atribuição.

— Vovó me disse.

— Você vai?

Não consigo nem sacudir a cabeça.

— Não tem problema — diz ele.

— Queria ir.

— Prefiro você aqui, agora. É melhor assim.

Arran e eu conversamos um pouco sobre os filmes que vimos juntos e acabamos falando mais sobre a Atribuição dele. Digo que acho que seu dom vai ser a cura, como o de nossa mãe. Ela tinha um dom forte, e era excepcionalmente boa e gentil. Vovó me contou isso. Acho que Arran vai ser como ela. Ele acha que vai ter um dom fraco, seja ele qual for, mas não se importa, e sei que ele está sendo sincero.

Bem mais tarde, Arran vai para a cama, e faço um desenho para ele: nós dois brincando juntos na mata.

Passo a maior parte da noite sentado no chão com a cabeça perto da janela aberta, vendo Arran dormir. Sei que não posso ficar para a cerimônia, não se Jessica estiver lá. E não posso dizer a Arran aonde vou. Não posso nem me despedir dele.

Ainda estou tentando compreender a relação entre minha mãe e meu pai, e por que vovó escondeu isso de mim. Mas, no final, é mais fácil simplesmente não pensar nisso.

Ainda está escuro quando parto. Arran está estirado em sua cama, com um pé para fora. Beijo a ponta dos dedos e toco sua testa. Ponho o desenho em seu travesseiro e pego minha mochila.

No corredor, acendo um abajur de mesa e vejo a foto de minha mãe. Eu a vejo de maneira diferente agora. Talvez seu marido a amasse, ele parece bem feliz, mas ela tem um ar triste, tentando sorrir, mas conseguindo apenas estreitar os olhos.

Pego a fotografia e saio rapidamente pela cozinha.

Assim que chego lá fora, sinto o alívio do ar fresco. Dou um passo, dois no máximo, antes de ouvir o chiado de celulares avançando para mim em um turbilhão. Duas figuras escuras surgem, e suas mãos agarram meus braços e ombros, me virando e me jogando contra a parede da casa. Luto para escapar, e me puxam para longe da parede e me jogam contra ela outra vez. Meus pulsos são algemados às minhas costas, e sou puxado para longe da parede e jogado contra ela outra vez.

*

Estou de novo na sala de avaliação. Minhas correntes foram removidas, mas apenas depois de todo o percurso até o Conselho no banco traseiro de um carro, com um caçador de cada lado. Entendi pela conversa que vovó estava em outro carro que seguia atrás.

Penso na Atribuição de Arran. Vovó não estará lá, e me dou conta de que Jessica voltou não para assistir à cerimônia, mas para conduzi-la. O Conselho deve ter lhe dado o sangue. Arran vai odiar aquilo. O que faz parte também. Eles adoram aumentar o sofrimento.

Estou diante de três membros do Conselho. A líder fala primeiro.

— Você foi trazido aqui hoje para responder a algumas perguntas sérias.

Faço um esforço para ficar com os olhos bem abertos e para simular uma expressão inocente.

A mulher à direita da líder se levanta, contorna a mesa bem devagar e para à minha frente. É mais baixa do que eu esperava. Não está usando a túnica branca que os membros do Conselho normalmente usam em minhas Avaliações; está usando um tailleur risca de giz cinza com uma blusa branca por baixo. Seus saltos altos fazem um barulho seco no chão de pedra.

— Levante sua manga.

Estou usando uma camisa por cima da camiseta, e os punhos estão abertos, pois os botões caíram há muito tempo. Levanto a manga do braço esquerdo.

— E a outra — diz a mulher.

Agora que ela está perto de mim, posso ver que seus olhos são castanho-escuros, tão escuros quanto sua pele, mas têm manchas prateadas que se movem em uma espiral lenta e quase desaparecem para reaparecer com todo seu brilho.

— Deixe-me ver seu braço — insiste ela.

Obedeço. A parte interna de meu braço está marcada por uma série de cicatrizes finas e leves, vinte e oito ao todo, uma para cada dia em que testei minha capacidade de cura.

A mulher pega meu pulso com o polegar e o indicador, segurando com força e erguendo meu braço na altura de seus olhos. Posso sentir seu hálito em minha pele, e então ela me solta e caminha de volta para seu lugar.

— Mostre o braço para os outros membros do Conselho — diz ela.

Dou uns passos à frente e estendo o braço sobre a mesa.

Soul O'Brien, o tio de Annalise, mal dá uma olhada. Seu cabelo está esticado para trás em um branco amarelado lustroso. Ele se aproxima do ouvido da líder e sussurra.

Será que eles sabem das cicatrizes em minhas costas? Provavelmente. Kieran deve ter se gabado do que fez.

— Agora se afaste da mesa — diz Soul.

Faço o que mandam.

— Você pode curar cortes? — pergunta ele.

Negar parece ridículo, mas nunca quero admitir nada aqui.

Ele repete a pergunta, e permaneço em silêncio.

— Você precisa responder a nossas perguntas.

— Por quê?

— Por que somos o Conselho dos Bruxos da Luz.

Eu o encaro.

— Você pode curar cortes?

Continuo a encará-lo.

— Onde esteve nos dois últimos dias?

Não tiro os olhos dele, mas essa eu respondo.

— Estava na mata perto de casa. Passei a noite acampado.

— Mentir para o Conselho é uma ofensa grave.

— Não estou mentindo.

— Você não estava na mata. Não estava em nenhum local em que pudesse estar com a permissão do Conselho.

Tentei parecer inocentemente surpreso.

— Na verdade, não conseguimos encontrar você em lugar nenhum.

— Os senhores estão enganados. Eu estava na mata aqui perto.

— Não, não estou enganado. E, como disse antes, é um delito grave mentir para o Conselho.

— Eu estava na mata — repito, sustentando seu olhar.

— Não.

Soul não parece com raiva, mas entediado e desinteressado.

A líder do Conselho ergue a mão.

— Basta.

Soul olha para mim, depois para suas unhas e se recosta na cadeira.

A líder chama o guarda nos fundos do salão.

— Chame a sra. Ashworth.

O trinco se move, e o ruído dos passos de vovó se aproxima lentamente. Eu me viro para vê-la quando ela para a meu lado, fico chocado ao ver uma velha pequena e assustada.

A líder fala.

— Sra. Ashworth, nós a chamamos aqui para que possa responder a acusações que lhe foram feitas. Acusações sérias. A senhora descumpriu notificações do

Conselho. A notificação diz claramente que o Conselho deve ser informado se houver qualquer contato entre meios-códigos e bruxos e brux da Luz. A senhora não fez isso. Também nada fez para impedir que o meio-código fosse a áreas não autorizadas do país.

A líder baixa os olhos para seus papéis e, em seguida, torna a olhar para vovó.

— A senhora tem algo a dizer?

Vovó fica em silêncio.

— Sra. Ashworth. A senhora é a guardiã do meio-código, e é sua responsabilidade garantir que as notificações sejam cumpridas. A senhora não garantiu a permanência do meio-código em áreas certificadas e não informou ao Conselho sobre os encontros entre o meio-código e os bruxos da Luz Kieran, Niall, Connor e Annalise O'Brien.

— Minha avó não sabe de nada. E eu não tinha intenção de encontrar Kieran, Niall nem Connor. Eles me atacaram.

— Pelo nosso entendimento, você os atacou — retruca a líder do Conselho.

— Um contra três, claro. Isso mesmo.

— E Annalise? Você tinha intenção de encontrá-la?

Volto a encará-los.

— Tinha intenção de encontrar Annalise? Ou atacá-la? Ou alguma outra coisa? Tenho vontade de matá-la com meu olhar.

A líder se vira para vovó.

— Sra. Ashworth, por que ignorou as notificações?

— Não ignorei. Eu as cumpri. — A voz de vovó está trêmula e fraca.

— Não, a senhora não as cumpriu. Não conseguiu controlar o meio-código. Ou será que sabia de suas viagens a lugares não permitidos e resolveu não informar o Conselho dessas infrações?

— Segui as notificações — responde vovó, baixinho.

A líder do Conselho suspira e acena com a cabeça para o tio de Annalise, que puxa um pedaço de pergaminho de baixo da mesa. Lê horários e datas em que saí de casa, aonde fui e quando voltei. Todas as viagens ao País de Gales.

Eu me sinto mal. Tinha tanta certeza de não ter sido seguido... mas não há menção à viagem para ver Mary. Suas instruções funcionaram, mas com certeza meu sumiço levantou suspeitas.

— Você nega ter feito essas viagens fora de áreas autorizadas? — pergunta a líder do Conselho.

Ainda não quero admitir nada, mas negar agora parece não fazer sentido.

— Minha avó não sabia o que eu estava fazendo. Disse a ela que estava indo para a mata, aonde tenho autorização para ir.

— Então você admite que não respeitou as notificações — prossegue a mulher.

— Você mentiu para o Conselho. Enganou a própria avó, uma bruxa da Luz pura.

— É — diz o tio de Annalise. — Está claro que ele tentou enganar todos nós. Mas é responsabilidade da sra. Ashworth garantir o respeito às notificações. E...

— Ele faz uma pausa agora para olhar para a líder, que inclinou levemente a cabeça. — Como a sra. Ashworth evidentemente não fez isso, temos que indicar alguém que o faça.

Naquele instante, uma mulher enorme sai do canto mais distante do salão. Eu a havia notado antes, mas achei que fosse da guarda. Ela se aproxima e para à esquerda da mesa. Apesar do tamanho, se move com graça, e apesar de ficar de pé bem ereta, quase em posição de sentido, tem uma postura estranha, como se fosse uma mistura de bailarina e soldado.

A líder tira outro pergaminho de baixo da mesa.

— Estabelecemos outra resolução ontem — diz ela, e começa a ler devagar:

Notificação da Resolução do Conselho dos Bruxos da Luz da Inglaterra, da Escócia e de Gales.

Todos os meios-códigos (L 0,5/S 0,5) devem ser educados e supervisionados o tempo inteiro por bruxos da Luz que tenham a aprovação do Conselho.

— Ele é educado sob minha supervisão. Sou uma bruxa da Luz e estou fazendo o meu trabalho direito. — A voz de vovó soa tímida, quase como se estivesse falando consigo mesma.

— Sra. Ashworth — diz a líder —, está claro que a senhora não conseguiu cumprir pelo menos duas notificações do Conselho. Chegamos a considerar punições.

Considerar? O que isso significa? O que fariam com ela?

— Mas o Conselho concorda que não estamos aqui para punir bruxos da Luz. Estamos aqui para ajudá-los e protegê-los.

A líder começa a ler o pergaminho que tem em mãos. O tio de Annalise parece entediado e olha as próprias unhas. A mulher de tailleur cinza está olhando para a líder do Conselho.

Posso driblar os guardas que estão atrás de mim, mas há uma porta na parede mais distante por onde os membros do Conselho entram no salão.

A líder continua a ler, mas minha atenção não está nela.

— ... e percebemos que a tarefa é onerosa demais. A mais recente notificação... alivia vocês do fardo... da educação e do desenvolvimento de um meio-código... isso deve ser encarado com seriedade... monitorado e controlado.

Corro para a porta mais distante, pulando sobre a mesa entre a líder e a mulher de cinza. Pulo da mesa em meio aos gritos dos guardas. A líder do Conselho estende a mão, mas não consegue agarrar minha perna. Faltam cinco ou seis passos para me livrar de todos eles. O barulho me atinge.

Um zunido muito agudo enche minha cabeça tão de repente que não consigo fazer nada além de levar as mãos aos ouvidos e gritar. A dor é alucinante. Caio de joelhos, olhando para a porta, incapaz de me mexer. Grito para que o barulho pare, mas ele continua até a escuridão.

*

Silêncio.

Estou no chão; catarro escorre de meu nariz; meus dedos ainda estão tapando meus ouvidos. Devo ter ficado inconsciente por menos de um minuto. As botas militares da guarda/dançarina grandalhona estão perto de meu rosto.

— Levante. — A voz dela é baixa, suave.

Limpo o nariz nas costas da mão e mesmo trêmulo fico de pé.

A mulher está usando calça de brim verde e uma pesada jaqueta militar camuflada. Seu rosto é tão inexpressivo que ela só pode ser considerada feia. Sua pele é toda marcada de acne e levemente bronzeada. Tem a boca larga e lábios grossos. Seus olhos são azuis, com pequenos pontos prateados e cílios curtos e

brancos. Seu cabelo louro é curto, espetado e ralo, mal cobrindo o couro cabeludo. Deve ter uns quarenta anos.

— Sou sua nova professora e guardiã — diz ela.

Antes que eu possa reagir, ela se vira para os guardas e acena com a cabeça para eles, que me levantam pelos braços e me tiram da sala. Uso toda minha força, mas meus pés nem tocam o chão. Entre meus esforços, o braço e o peito fortes de um guarda capto um vislumbre de vovó. Há lágrimas em seus olhos, e seu casaco está cobrindo um único ombro, como se alguém a tivesse puxado ou segurado por trás. Agora ela está ali parada, sozinha, parecendo perdida.

Sou levado para fora pelos corredores até um pátio pavimentado onde há uma van branca estacionada, com as portas traseiras abertas. Sou jogado lá dentro. Antes que consiga me levantar, um joelho nas minhas costas me imobiliza no chão e meus pulsos são algemados para trás. Depois sou arrastado mais para dentro da van e os dedos grossos da mulher colocam uma coleira em volta do meu pescoço. Cuspo, xingo e levo um tapa forte na parte de trás da cabeça, que gira. A coleira está presa por uma corrente curta a uma argola no piso da van.

Eu ainda luto, esperneio, xingo e grito.

Mas o barulho me atinge de novo.

Dessa vez não consigo tapar os ouvidos. Grito em pânico, esperneio e luto até mergulhar na escuridão silenciosa.

*

Quando acordo, a van está em movimento, e estou sendo jogado de um lado para outro sobre seu piso de metal enferrujado. A viagem é longa. Posso ver a parte de trás da cabeça daquela mulher grande. Ela está dirigindo, mas não parece haver guardas ou caçadores conosco.

Grito que preciso mijar. Acho que, com ela sozinha, pode haver uma chance de fugir.

Ela me ignora.

Grito outra vez.

— Preciso mijar!

E preciso mesmo.

Ela vira um pouco a cabeça e replica gritando:

— Então cale a boca e mijie aí mesmo. De qualquer forma, amanhã você vai ter que lavar a van.

Ela não para de dirigir. Quando anoitece, sinto o estômago embrulhado tanto por estar ali dentro quanto pelo movimento da van. Luto para não vomitar, mas não consigo me conter por mais que alguns minutos.

Por causa da coleira e da corrente, minha cabeça está sobre o meu vômito. A grandalhona só para quando chegamos a nosso destino, muitas horas mais tarde, e aí já estou em uma poça de vômito e mijjo.



parte três

a segunda arma

o enforcador

É preciso dar crédito a ela: é uma bruxa feia dos infernos, mas é trabalhadora. Passou a noite inteira em claro, e a maior parte do dia aperfeiçoando uma nova coleira de ácido.

Ela a coloca e aperta bem.

— Você vai se acostumar.

Só passa um dedo entre a coleira e o pescoço.

— Posso afrouxar, se quiser.

Você a ignora.

— Só precisa pedir.

Não dá nem para cuspir, de tão apertado.

Você está outra vez na cozinha, sentado à mesa. Sem exercícios matinais, sem café da manhã, mas não vai conseguir comer nada com essa coisa, de qualquer maneira. Ela não pode estar falando sério; não é possível que vá deixar isso assim. Você mal consegue engolir, mal consegue respirar.

O frenesi da cura passou, como se tivesse se esgotado. Sua mão está inchada e pouco melhorou. Lateja. Você sente a pulsação no braço e no pescoço.

— Você parece cansado, Nathan.

Você está cansado.

— Vou limpar sua mão.

Ela molha um pano em uma bacia de água e o torce. Você tenta afastar a mão, mas ela a segura e passa o pano por seu pulso. Está frio. A sensação é boa. O alívio gerado pela queimação, mesmo que por um segundo, é bom. Ela passa o pano pelas costas de sua mão e depois a vira gentilmente para limpar a palma. A sujeira não sai, mas a água refresca. Ela é muito delicada.

— Consegue mexer os dedos?

Dá para mover um pouco os dedos, mas o polegar está dormente e fica difícil mexê-lo por causa do inchaço. De qualquer forma, você não faz o que ela pede, não mexe nada.

Ela molha o pano na tigela de água, torce-o e levanta.

— Vou limpar sua orelha. Tem muito sangue.

Ela esfrega o pano em torno de sua orelha. Mais uma vez, os movimentos são lentos e delicados.

Você não consegue escutar com o ouvido esquerdo, mas é provável que esteja apenas entupido com sangue seco. Sua narina esquerda também está entupida.

Ela molha o pano na tigela outra vez. Sangue se mistura na água. Ela torce o pano e tenta limpar seu rosto. Você recua.

— Sei que o enforcador está apertado. — Ela passa o pano por sua testa. — E sei que você aguenta. — Ela está passando o pano com muito cuidado em seu rosto. — Você é forte, Nathan.

Você vira um pouco para o lado.

Ela torna a molhar o pano, misturando lama, sangue e água. Torce o trapo e o pendura na borda da tigela.

— Posso afrouxar, se quiser. — Ela estende a mão e acaricia seu rosto com o dorso dos dedos. — Quero afrouxá-lo. Mas você precisa pedir — diz ela de novo, baixo e com grande delicadeza.

Você recua, e o enforcador penetra em sua pele.

— Está cansado, não está, Nathan?

E você está tão cansado disso tudo, tão cansado que poderia chorar. Mas não vai deixar que isso aconteça, de jeito nenhum.

De jeito nenhum.

Você só quer que aquilo pare.

— Tudo o que precisa fazer é me pedir para afrouxar que eu afrouxo.

Você não quer chorar e não quer pedir nada. Mas quer que aquilo pare.

— Peça, Nathan.

E o enforcador está tão apertado. E você, tão cansado...

— Peça.

Você mal falou em meses. Sua voz está rouca, estranha. E ela seca suas lágrimas com a ponta dos dedos.

o truque novo

A rotina é sempre a mesma. Assim como a jaula. Assim como as correntes. Ainda estou com o enforcador; frouxo, mas no mesmo lugar. Se tentar fugir, vou morrer, não há a menor dúvida. No momento, ainda não cheguei a esse ponto.

A rotina matinal é a mesma. Posso percorrer o circuito externo em menos de trinta minutos agora. Isso se deve à prática e à alimentação, o que significa que me tornei uma máquina de correr esguia e eficiente. Mas isso se deve principalmente ao truque novo.

O truque novo não é mais fácil que o truque antigo.

O truque novo é ficar no presente, perder-me em seus detalhes, desfrutá-lo!

Desfrutar a precisão de onde ponho os dedos quando faço flexões. Estou falando sério: procuro encontrar, com a maior precisão possível, onde cada dedo está em relação ao outro, se está reto ou dobrado, qual a sensação ao tocar o solo, como essa sensação muda enquanto meu corpo se move para cima e para baixo. Posso passar horas pensando na sensação em meus dedos enquanto faço flexões.

Há tanto a desfrutar, coisas demais, na verdade. Como quando estou correndo pelo circuito e posso me concentrar na profundidade de minha respiração, mas também na exata umidade do ar e na direção do vento, como ele muda sobre as colinas e fica mais lento ou rápido quando se afunila pelo vale estreito. Minhas pernas me levam morro abaixo sem esforço, essa é a parte de que mais gosto, quando tudo o que preciso fazer é ver o lugar onde ponho o pé: em um pequeno trecho de grama entre pedras cinza, ou sobre uma rocha lisa, ou no leito de um rio. Identifico os locais, olhando para a frente o tempo todo, e ponho a perna na posição certa, mas a gravidade é que faz o trabalho pesado. Só que não somos apenas eu e a gravidade. É o morro também. Parece que a própria terra faz de tudo para que eu não dê um passo em falso. Depois vem a parte da subida, e minhas

pernas queimam; tenho que encontrar uma forma satisfatória de apoiar os pés e as mãos quando o solo fica íngreme e fazer força para cima. Enquanto estou me matando, a gravidade diz: “É hora da vingança.” A encosta, por outro lado diz: “Ignore-a, continue correndo.” A gravidade é insensível. Mas o morro é meu amigo.

Quando estou na jaula, posso memorizar a cor do céu, as formas das nuvens, sua velocidade e como elas mudam, e posso ir lá em cima, nas nuvens, em suas formas e cores. Posso até entrar nas cores manchadas das barras da jaula, subir pelas rachaduras por baixo das lascas de ferrugem. Viajar em minha própria barra.

Meu corpo mudou. Eu cresci. Lembro-me de meu primeiro dia na jaula. Mal conseguia tocar as barras mais acima, e tinha que dar um pulinho para agarrá-las. Agora, quando me estico, minhas mãos e meus pulsos alcançam a liberdade. Tenho que dobrar as pernas para fazer barras. Ainda não tenho a altura de Celia, mas ela é uma gigante.

Celia. Admito que é difícil gostar dela, mas às vezes consigo. Nós conversamos. Ela não é o que eu esperava. Acho que também não sou o que ela esperava.

a rotina

Não me entendam mal. Está longe de ser um acampamento de férias, mas Celia diria que não chega a ser um *gulag*. Esta é a rotina:

Acordar e sair da jaula — como sempre, ao amanhecer, Celia joga as chaves para mim. Certa vez perguntei o que aconteceria se ela morresse enquanto dormia.

— Acho que você aguentaria uma semana sem água, talvez. Com chuva, poderia recolher água na lona. Muito provavelmente ia morrer de fome, mas não de sede, porque sempre chove aqui. Eu diria que você sobreviveria uns dois meses.

Tenho um prego enterrado no chão. Posso pegá-lo de dentro da jaula e consigo destrancar as correntes com ele. Ainda não consegui abrir o cadeado da jaula, mas teria muito tempo para trabalhar nisso. No entanto, ainda teria que retirar a coleira. Acho que eu sobreviveria um ano com ela.

Exercícios matinais — corrida: treinamento no circuito, ginástica. Às vezes, dou duas voltas. É a melhor parte do dia. Costumo correr descalço. A lama agora faz parte dos meus pés.

Limpar-me, lavar minhas roupas e limpar minha jaula — esvaziar meu balde, enchê-lo com água do riacho, me lavar no riacho, lavar minha camisa e meu jeans (quando parece que ele vai secar rápido — eu só tenho uma muda de roupa), varrer minha jaula, lubrificar e limpar a jaula, as trancas e correntes, embora ela não me obrigue a usá-las na maioria das noites.

Café da manhã — eu o preparo e lavo a louça depois. Mingau no inverno, mingau no verão. Às vezes ganho um pouco de mel ou de frutas secas.

Tarefas matinais — pegar os ovos, limpar o galinheiro, botar as galinhas para fora e lhes dar comida e água, alimentar os porcos, limpar o fogão a lenha da cozinha, cortar lenha. O machado está acorrentado a um tronco, e Celia sempre me vigia enquanto o uso. (Uma de minhas primeiras tentativas de fuga, não muito genial, admito, foi quando tentei arrebentar o tronco no qual estava presa a corrente.)

Almoço — preparar o almoço e lavar a louça depois. Asso pão dia sim, dia não.

Exercício da tarde — autodefesa, corrida, treinamento no circuito; estou melhorando na autodefesa, mas Celia é extremamente rápida e forte. Em suma, é uma desculpa para ela acabar comigo.

Aulas da tarde — leitura. Celia lê para mim, o que parece fofo, mas não é. Ela faz perguntas sobre as coisas que lê. Se minhas respostas não são boas o suficiente, levo um tapa, e esses tapas machucam. Mas pelo menos não preciso ler. Celia tentou me ensinar, mas acabamos concordando em parar com aquilo. Era duro demais para nós dois. Ela chegou a dizer:

— Às vezes você tem que admitir a derrota.

E então, quando dei um sorrisinho de deboche, levei um tapa.

Semana passada peguei um livro e comecei a soletrar umas palavras, mas ela o tomou de minhas mãos, dizendo que poderia ter que me matar se eu continuasse. Celia tem alguns livros. Três são do nosso mundo. Um é sobre poções, outro, sobre bruxos da Luz do passado e outro ainda sobre bruxos das Sombras. Ela os lê para mim e para si mesma, acho. Os livros de félixes formam uma pilha maior: um dicionário, uma enciclopédia, alguns sobre sobrevivência na selva, montanhismo, esse tipo de coisa, e alguns romances, a maioria de autores russos. Prefiro os livros do mundo bruxo, mas Celia diz que está me dando uma “educação generalista”, o que me parece uma mentira deslavada. Às vezes, quando está lendo esses outros livros, Celia não parece uma bruxa da Luz; ela parece... quase humana. No momento está lendo um livro chamado *Um dia na vida de Ivan Denisovich*. Ela adora todos esses livros sobre *gulags*. Diz que isso mostra que até félixes podem

sobreviver em condições muito piores do que as que estou enfrentando. O modo como diz isso me faz pensar se ela está planejando algo pior.

Chá — fazer chá e limpar tudo.

Trabalho à tarde dentro de casa — felizmente essa etapa é curta no inverno, pois logo escurece, e tenho que ficar lá fora. Mas enquanto estamos juntos, conversamos sobre o dia, o que aprendi de novo, coisas assim. Celia diz que não ensina. Ela fala, e tenho que aprender ouvindo e respondendo “usando minha inteligência”. Depois disso, se ainda está claro, às vezes tenho permissão para desenhar.

Exercício noturno ao ar livre — no inverno, quando escurece mais cedo, essa etapa costuma ir do fim da tarde ao anoitecer. Consigo correr bem no escuro. Não enxergo, mas algo me guia, e me deixa levar e apenas corro. É a única coisa que desfruto sem precisar de um truque.

Além de correr, lutamos no escuro. Fico mais forte e mais rápido na lua cheia. Nesse período, Celia não consegue me vencer, desde que eu me mantenha fora de seu alcance. Várias vezes ela diz: “Bom trabalho. Está bom por enquanto.”

Acho que ela deve estar se esforçando.

Hora de ir para a cama (para a jaula) — me acorrentar se ela estiver de mau humor.

Noite — dormir e ter pesadelos na maioria das noites. É bom olhar as estrelas, mas quase sempre está nublado e, em geral, estou exausto.

lições sobre meu pai

Celia é uma ex-caçadora. Não me diz quando se aposentou nem por quê. Só diz que trabalha para o Conselho como minha guardiã e professora.

Ela me vigia para evitar que eu fuja e me ensina a lutar e a sobreviver. Agora passamos da luta corpo a corpo para a luta armada, apesar de usarmos apenas facas de madeira. Perguntei se podíamos treinar com armas de fogo.

— Vamos ver se você aprende a usar a faca — diz ela, como se fosse uma ninja, o que, é claro, ela se revela ser. As facas falsas são extremamente alongadas e estreitas. Suspeito que a Fairborn seja assim.

Celia também me ensina sobre Marcus.

No geral, tudo parece seguir uma direção determinada. No início, não falei nada, me fiz de bobo, mas não posso mais aceitar esse jogo, tenho que reagir. Outro dia fui direto ao assunto.

— Não vou matar meu pai. Sabe disso, não sabe?

Ela me ignorou.

Mas estou acostumado a ser ignorado e insisto, balançando a cabeça.

— Não vou matá-lo.

— Fui instruída a lhe dizer essas coisas. Então digo. Não pergunto por quê — retruca ela.

— Você me ensina a questionar tudo.

— É. Mas algumas questões vão ficar sem resposta.

— Não vou matá-lo.

— Vamos supor que Marcus tivesse ameaçado matar um membro de sua família. Arran, por exemplo. E que a única maneira de salvá-lo seja matando Marcus.

— Vamos supor algo mais realista. O Conselho ameaça matar um membro de minha família: Arran, por exemplo. A única maneira que tenho de impedir que

eles o matem seria matar meu pai.

— E?

— Não vou matar meu pai.

— Toda a sua família. Sua avó, Deborah e Arran estão sendo torturados.

— Sei que o Conselho mataria todos eles. Eles são assassinos. Eu não.

Celia ergue as sobrancelhas ao ouvir isso.

— Você me mataria para fugir daqui.

Dou um grande sorriso para ela.

Ela balança a cabeça.

— E se eles ameaçassem você? Se torturassem você?

— Eles me ameaçam constantemente, me torturam constantemente.

Ficamos em silêncio.

Dou de ombros.

— Além disso, não sou bom o bastante para conseguir.

— Não, não é.

— Acha que serei bom o suficiente algum dia?

— Talvez.

— Vou precisar de meu dom.

— Provavelmente.

— Será que o Conselho vai me dar três presentes?

Silêncio. E o mais inexpressivo dos olhares. Tinha tentado essa pergunta antes, sem resultado.

— O que acontece com bruxos das Sombras se não recebem seus três presentes? Eles morrem?

— Houve o caso de uma menina, uma bruxa das Sombras, capturada aos dezesseis anos. Ela foi mantida prisioneira pelo Conselho, mas não foi maltratada. Claro, não recebeu os três presentes. Ela pegou uma doença pulmonar e também mental. Morreu pouco antes de completar dezoito anos.

Será que eu seria mais uma cobaia deles? E o que aconteceria comigo?

*

As aulas sobre Marcus falavam de seus ataques e seus dons. Há uma lista enorme dos bruxos que ele matou, onde e quando. *Quando* significa datas, mas também momentos do dia ou da noite e fases da lua, condições climáticas... Há cento e noventa e três bruxos da Luz na lista. Há também vinte e cinco bruxos das Sombras, apesar de essa segunda lista provavelmente estar incompleta. Marcus agora está com quarenta e cinco anos, portanto faz vinte e oito anos que recebeu seu dom, o que dá uma média de sete a oito mortes por ano.

Mas os números estão caindo. Ele chegou ao ápice quando tinha vinte e oito, com trinta e dois assassinatos em um ano. Talvez esteja ficando velho, talvez esteja amolecendo, talvez tenha matado a maioria dos que queria matar.

Os dons de todos esses bruxos constam na lista de Celia. Ele não comeu o coração de todos que matou, só daqueles cujos dons desejava.

O dom de Marcus, o original, é se transformar em animais. Ele gosta de se transformar em felinos, grandes felinos. A maioria das pistas vem das pegadas, algumas pessoas que o viram de longe e os corpos. Não há muitos relatos de sobreviventes. Na verdade, só dois: uma criança pequena que se escondeu atrás de uma estante de livros e minha mãe. A criança não viu nada, mas descreveu ter ouvido grunhidos e gritos. Minha mãe disse que se escondeu também, disse que nunca viu Marcus, então não é verdade, mas a mentira só se tornou óbvia depois de meu nascimento, embora ela nunca tenha contado o que realmente aconteceu, nem mesmo para vovó.

A maioria dos bruxos que Marcus matou não tinha grandes dons — o da maior parte era preparo de poções, então ele não fez isso. Boa parcela deles eram caçadores que tentavam capturá-lo, mas não só: havia também membros do Conselho e outros bruxos da Luz. Acho que ele teve seus motivos, mas Celia, mesmo que saiba, não me diz quais são.

Além de preparo de poções, os dons que ele roubou foram:

- + Soltar fogo pelas mãos e pela boca (o pai de Arran, membro do Conselho).
- + Invisibilidade (o avô de Kieran, caçador).
- + Mover objetos com o pensamento (Janice Jones, uma bruxa da Luz muito querida que, para mim, parece mais uma vigarista).

- + Prever o futuro (Emerald, uma bruxa das Sombras. Eu me pergunto se ela previu que isso ia acontecer).
- + Assumir a forma de qualquer ser humano, homem ou mulher (Josie Bach, caçadora).
- + Voar (Malcolm, um bruxo das Sombras de Nova York. Essa habilidade é questionável. Embora, ao que se diz, ele seja capaz de dar saltos muito grandes).
- + Fazer plantas crescerem ou morrerem (Sarah Adams, membro do Conselho. Será que ele gosta de jardinagem?).
- + Lançar eletricidade de seu corpo (Felicity Lamb, caçadora).
- + Curar outras pessoas (Dorothy Moss, secretária da líder do Conselho).
- + Dobrar e retorcer objetos de metal (Suzanne Porter, caçadora).

E o mais estranho de todos:

- + Desacelerar o tempo (Kurt Kurtain, bruxo das Sombras).

Pergunto sobre Marcus e seus ancestrais. Celia me disse os nomes da linhagem masculina. É uma lista ilustre de poderosos bruxos das Sombras. Todos eles tinham o mesmo dom de se transformar em animais. Eu me pergunto sobre meu dom. Será que ser meio da Luz vai mudar isso?

E apesar de Marcus não ser mais um tabu, isso não significa que tenho permissão de saber tudo sobre ele. Boa parte de minhas perguntas é respondida com um simples “Isso não é relevante”.

Já perguntei sobre:

A linhagem feminina dos ancestrais de Marcus. Não é relevante.

Onde Marcus nasceu e foi criado. Não é relevante.

Como Marcus conheceu minha mãe. Tapa.

Sei, porém, como Marcus conheceu minha mãe, e mais, pois depois que voltei da casa de Mary, vovó me contou o que aconteceu. E fico imaginando se Celia sabe mesmo, parte que seja da verdade com relação a isso ou a qualquer de minhas outras perguntas.

*

Um dia, Celia pergunta:

— Como você acha que controlo meu dom?

Não estou com a mínima vontade de conversar. Tive que matar, depenar e limpar uma galinha hoje. Dou de ombros.

Quando dou por mim, estou no chão da cozinha com as mãos nos ouvidos. Ela não costuma usar seu dom em mim, normalmente são só tapas.

O ruído para de repente, e me levanto, apoiando-me no fogão. Meu nariz sangra.

— Como controlo meu dom?

Limpo o nariz com as costas da mão.

— Você pensa sobre ele — digo. — E...

E caio de novo no chão.

O barulho para e fito as tábuas do piso. Ele e eu somos velhos amigos. Olho para ele em busca de uma resposta. Mas ele nunca é muito bom nessas coisas.

Eu me ajoelho.

— Então?

Eu dou de ombros.

— Você apenas controla.

— Isso. — Ela dá um tapa na parte de cima da minha cabeça. — É como dar um tapa. Sei que quero bater, onde e em quem, e é quase um reflexo. Simplesmente faço. Não preciso pensar, é só levantar o braço e mover a mão. — Ela me dá outro tapa.

Fico de pé e recuo um passo ao fazer isso.

— Como Marcus controla todos os seus dons? Os que ele roubou? — pergunta ela.

— Ele consegue controlar todos?

Celia assente, confirmando minha resposta.

— Há indícios de que usa raios, move objetos e salta...

— Há pessoas que tocam vários instrumentos musicais. Simplesmente pegam o instrumento e tocam. Mas precisam treinar se quiserem dominar todos.

— Mas há sempre um em que são melhores, certo? — pergunta Celia.

— Não tenho meu dom ainda, como poderia...
Aqueles tapas doem mesmo.

*

Celia também está me ensinando um pouco sobre a história dos bruxos. Não sei o quanto devo acreditar. Sempre me pergunto até que ponto devo acreditar em *qualquer coisa* que ela me diga. Enfim, segundo Celia, milhares de anos atrás, quando o mundo ainda não era dividido em países, mas habitado por tribos diferentes, cada uma delas tinha um curandeiro: um xamã. Poucos curandeiros tinham poder de verdade, mas uma, chamada Geeta, era especial: poderosa, boa e amável. Curava os doentes e os feridos de seu povo, mas também pessoas de outras tribos.

Isso não agradava muito ao líder da tribo, Aster, que proibiu que as pessoas vissem Geeta sem sua permissão. Ele a manteve praticamente como uma prisioneira na aldeia. Geeta queria ajudar todo mundo, então fugiu com o apoio de um de seus pacientes, Callor, um guerreiro ferido de sua tribo.

Callor e Geeta foram morar em uma caverna isolada. Geeta curava todos que a procuravam. Callor caçava e protegia Geeta. Eles estavam apaixonados e tiveram filhos. Gêmeas: duas meninas idênticas, Aurora e Vésper. Geeta ensinou feitiçaria às duas e deu a cada uma delas três presentes e seu sangue em seu décimo sétimo aniversário. Elas viriam a se tornar grandes bruxas.

O líder da antiga tribo de Geeta, Aster, estava doente, e mandou uma mensagem pedindo que Geeta voltasse para curá-lo. Apesar de ela querer ajudá-lo, como ajudava todo mundo, Callor não confiava em Aster, e convenceu Geeta a mandar sua filha Vésper, a gêmea mais nova, em seu lugar. Entretanto, em vez de curar Aster, Vésper, a gêmea perversa, lançou uma maldição sobre ele e fugiu. Aster morreu depois de um mês de agonia. Ash, o filho de Aster, vingou-se matando Callor e capturando Geeta e Aurora.

Segundo a história, Aurora, a gêmea piedosa, apaixonou-se por Ash, e eles tiveram uma filha. Essa criança foi a primeira bruxa da Luz.

Vésper viajava de tribo em tribo. Também teve uma filha, que se tornou a primeira bruxa das Sombras.

— Você acredita nessa história? — perguntei a Celia.

— É o nosso passado.

— O nosso passado segundo os bruxos da Luz.

Os bruxos das Sombras zombam dos da Luz por viverem perto de comunidades fêlixes, por fingirem ser como eles. Achrom que os bruxos da Luz estão mais fracos, cada vez mais parecidos com fêlixes, precisando de armas para matar e usando telefones para se comunicar.

E bruxos da Luz odeiam os das Sombras por sua anarquia e insanidade. Eles não se integram com comunidades de fêlixes, mas não têm uma comunidade própria. Seus casamentos nunca duram e normalmente terminam de forma violenta. Em geral vivem sozinhos, odeiam os fêlixes e sua tecnologia. Seus poderes são fortes.

Celia não fala da linhagem feminina de meus ancestrais das Sombras, mas me disse os nomes do lado masculino. É uma lista ao mesmo tempo ilustre e deprimente. Cada um foi um bruxo das Sombras poderoso, e nenhum deles morreu velho e tranquilo enquanto dormia. Meu bisavô Massimo se suicidou, então se pode dizer que ele não foi morto pelos bruxos da Luz, mas os fatos mostram o contrário:

- ✦ Axel Edge (pai de Marcus) — morreu nas celas do Conselho sob Retaliação
- ✦ Massimo Edge (pai de Axel) — cometeu suicídio nas celas do Conselho
- ✦ Maximilian Edge (pai de Massimo) — morreu nas celas do Conselho sob Retaliação
- ✦ Castor Edge (pai de Maximilian) — morreu nas celas do Conselho sob Retaliação
- ✦ Leo Edge (pai de Castor) — morreu nas celas do Conselho sob Retaliação
- ✦ Darius Edge (pai de Leo) — morreu nas celas do Conselho sob Retaliação

Celia diz que há dúvidas sobre o pai de Darius, pois isso ocorreu na época em que o Conselho dos Bruxos da Luz se organizou formalmente, e os registros anteriores

a esse período são muito imprecisos. Mas, pelas histórias, é possível acrescentar mais algumas gerações com alguma certeza:

- Gaunt Edge (pai de Darius) — morto por caçadores no País de Gales
- Titus Edge (pai de Gaunt) — morto por caçadores em uma floresta em algum lugar da Grã-Bretanha
- Harrow Edge (pai de Titus) — morto por caçadores em algum lugar da Europa

— Algum de meus ancestrais teve uma vida longa e feliz? — perguntei.

— Alguns deles chegaram aos cinquenta. Não sei se foram ou não felizes.

Bem, não é de se espantar que meu pai seja um pouco cauteloso. Penso em meus ancestrais, em toda sua dor e sofrimento e continuo a não entender o porquê. Não consigo entender. Vivo preso em uma jaula, e nada disso faz sentido. Não quero viver em uma jaula, não quero morrer em uma cela e não quero ser torturado nem matar meu pai. Não quero nenhuma dessas coisas, mas isso tudo só continua.

Se um dia tiver um filho, me pergunto o que o futuro reservará para ele. Talvez eu faça o que Marcus fez e simplesmente o abandone, torcendo para que de algum modo ele tenha um futuro melhor sem mim. Ainda assim, aqui estou, acorrentado em uma jaula, e sei que não há esperança, que não há qualquer esperança.

Mas mesmo com todo esse sofrimento, essa dor e essa crueldade, acho que talvez meus ancestrais tenham encontrado felicidade, mesmo que breve. Acho que sou capaz disso, e eles também devem ter sido. Tomara que sim. Tomara que sim. Tomara que sim. Porque, se vou morrer em uma cela, quero ter alguma coisa antes. Penso em Arran, em Annalise, nas viagens a Gales, em correr, em cada respiração; cada respiração tem que ser importante, preciosa, valiosa.

fantasias sobre meu pai

A rotina me mantém ocupado e cansado, mas ainda há momentos em que fico na jaula e não estou a fim de viajar pelas nuvens nem fazer exercícios nas barras, por isso apenas penso.

Ainda gosto de imaginar meu pai chegando para me salvar no dia em que eu completar dezessete anos. Estou aqui acorrentado, deitado nesta jaula, e tudo está em silêncio. De repente, um som distante, não é vento, não é trovão, mas a raiva e a fúria dele. Meu pai surge sobre os morros a oeste e está voando, não em uma vassoura ou em um cavalo, mas de pé, como se estivesse sobre uma prancha de surfe, apesar de não haver nenhuma prancha, ou ela ser invisível, e ele está voando em minha direção, vestido de preto. O barulho aumenta, a jaula simplesmente explode em pedaços, e minhas correntes caem. Ele faz uma volta zunindo, reduz a velocidade e, então, pulo sobre minha própria prancha de surfe invisível para sair voando com ele. É a melhor sensação do mundo estar com meu pai voando e deixando para sempre a jaula destruída.

Vamos para as montanhas luxuriantes e verdes, quase tropicais, onde ele mora. Lá, em meio a árvores antigas e rochas cobertas de musgo, junto do riacho límpido, nós nos sentamos. Ele me dá três presentes: uma faca, um anel e um desenho. Bebo o sangue quente de sua mão, e ele sussurra as palavras secretas em meu ouvido, então ficamos juntos para sempre, caçando, pescando e vivendo na floresta.

Acho que essa é minha principal fantasia: aquela à qual sempre retorno.

Tenho outras também. Annalise aparece na maioria delas, e há muita pele nua, suor, beijos e línguas. Imagino principalmente que estamos juntos na laje de pedra. Ela está com o uniforme da escola, e Kieran nunca soube da gente, eu a

beijo e tiro sua roupa, de um jeito lento, mas gostoso, desabotoo sua blusa e sua saia e beijo seu corpo inteiro.

Minha outra fantasia é bem parecida: Annalise e eu estamos na laje de arenito, e ela me despe, tira minha camiseta, desabotoa meu jeans, beija meu peito, minha barriga e meu corpo inteiro.

E aí há variações: ela me despe na encosta de uma colina em Gales; ela me despe na praia; tira minha roupa à luz do sol, ao luar, sob um temporal, na lama e em poças d'água.

Nessas fantasias, não tenho nenhuma cicatriz.

Na variação mais recente estou em minha jaula e a despedaço só com um pensamento. Então Annalise aparece, nos beijamos, tiro sua roupa e beijo seu corpo inteiro. Ela me despe, beija meu peito, minha barriga e minhas costas. Minhas cicatrizes estão lá, mas ela não se importa, e fazemos amor sobre as peles de carneiro, cercados pelo que restou da jaula.

Essa é das boas. Acho legal ela não se importar com minhas cicatrizes. Na verdade, não acho que chegue a gostar delas, mas talvez também não ligue muito para isso.

E há a fantasia que nem sempre gosto de imaginar, mas às vezes não consigo evitar. Nela vivo em uma cabana em um belo vale junto de um rio raso e rápido, tão claro e límpido que brilha até à noite. As colinas são cobertas com árvores verdes, que parecem vibrar de vida, a floresta é cheia de pássaros e animais. Minha mãe e meu pai estão vivos, moram na cabana, e eu moro com eles. Passo a maior parte do tempo com meu pai, mas não dormimos ali na cabana, dormimos na floresta, caçamos e pescamos juntos. Mas também ficamos com mamãe. Ela cuida das galinhas e da horta. Os verões são quentes e ensolarados, os invernos frios e com neve, e moramos juntos para sempre. Minha mãe e meu pai envelhecem e são felizes, e fico com eles, e todos os dias são belos, para sempre.

pensamentos sobre minha mãe

Quando voltei da visita a Mary, vovó me contou que Marcus e minha mãe estavam apaixonados. Mas mamãe sabia que era errado amar um bruxo das Sombras. Ela se sentia culpada. Casou-se com Dean, teve filhos com ele e tentou ser feliz, mas, ainda assim, amou Marcus desde o momento em que o conheceu.

Gostaria de saber se ela continuou a amar Marcus depois que ele matou o marido dela, o pai dos seus filhos.

Acho que quando Dean viu Marcus e minha mãe juntos deve ter havido alguma briga. O dom de Dean era a habilidade de lançar chamas pelas mãos e pela boca, apesar de isso não ter adiantado muito no fim das contas, pois Marcus devia querer essa habilidade e tomou o dom de Dean.

Quando será que as chamas pararam? Elas se extinguíram com seu último suspiro?

E onde estava minha mãe enquanto tudo isso acontecia? Será que estava lá? Assistindo ao meu pai devorar o coração ainda batendo de seu marido?

E será que foi fácil se matar, sabendo que amava uma pessoa capaz de fazer aquilo? Que amava alguém que matava homens, mulheres e crianças, que matou o pai dos seus filhos? Ela amava alguém que comia gente. E quando olhou para mim, seu filho, filho de Marcus, e viu que eu me parecia com ele, será que se perguntou de que eu seria capaz?

avaliações

Agora tenho avaliações mensais. É Celia que se encarrega disso.

Ela começa me pesando, medindo minha altura e me fotografando. Não vejo nem as medidas nem as fotos.

Passamos, então, para os testes físicos: corrida e treinamento no circuito. Todos os resultados são registrados. Ela não me mostra nenhum deles.

Depois disso tenho que fazer testes de memória, de lógica e de matemática. Vou bem neles. Aí chega a hora de ler e escrever, o que Celia diz que temos que fazer, mesmo que os dois saibam quais vão ser os resultados.

É isso.

No dia seguinte, sou deixado na jaula, acorrentado. Ela sai com a van pela manhã e volta no fim da tarde. Não sei se encontra alguém. Às vezes pergunto, mas minhas perguntas são ignoradas.

*

A outra mudança, que Celia acabou de saber, é que não tenho mais que ir até o prédio do Conselho para minha avaliação anual. No meu aniversário de dezesseis anos, o Conselho virá até mim. Pelo visto, terei que estar com a melhor aparência possível.

punk

— O que está pretendendo com isso?

— Hã?

— Com isso — diz Celia, indicando minha cabeça com um leve movimento da sua própria.

Sorriso.

Uma vez por mês, antes da avaliação, tenho permissão para usar o banheiro no interior da cabana e tomar um banho de verdade. Tem água quente, de um marrom lamacento, e sabão. Raspo os pelos que estão nascendo acima de meu lábio e em meu queixo. A lâmina está cega, um lixo, e em termos de armas, acho que um lápis é mais letal. Celia corta meu cabelo uma vez por mês, mantendo-o curto, mas hoje raspei as laterais para ficar com um moicano.

— Você devia raspar tudo. Ia ficar parecendo um monge.

— Um visual que indica pureza, santidade e busca pela verdade?

— Um visual que indica manso e dócil. O visual de um noviço.

— Esse não sou eu de verdade.

— Seria melhor não enfrentá-los.

Celia quer que eu me saia bem. Acho que seria bom para a carreira dela.

Eu me sento à mesa.

— E agora?

— Agora espero enquanto você volta lá para dentro e raspa essa porcaria.

— Você não tem senso de humor.

— Está muitíssimo engraçado, tenho que admitir. Mas seria muito melhor se você colaborasse e raspasse tudo.

Volto para o banheiro. Meu reflexo é estranho. O cabelo está legal, um moicano espetado. Mas não me reconheço. Acho que não estou acostumado a me olhar no

espelho. Eu me vejo penteando o cabelo, vejo minha mão cheia de cicatrizes escová-lo para trás, mas o rosto não parece meu. Sei que sou eu por causa da cicatriz que tenho na bochecha graças a Jessica, e há uma outra perto da orelha, onde Niall me feriu. Mas meu rosto está diferente do que eu esperava. Mais velho. Bem mais velho. Meus olhos estão grandes e negros, e mesmo quando sorrio não há vestígio de sorriso neles. Parecem esvaziados, com seus triângulos negros girando bem devagar. Eu me inclino para perto do espelho e tento ver onde terminam minhas pupilas e começam minhas íris, e minha testa bate no vidro. Recuo para o canto do banheiro, me viro rapidamente, tentando captar algo, uma luz, talvez. Não vejo nada.

— Por que está demorando tanto? — grita Celia.

Pego a lâmina de barbear e logo a devolvo ao lugar.

No minuto seguinte, saio de lá.

Ela ri, e então se recompõe e diz:

— Agora você está sendo ridículo. Tire essas coisas.

Sorrindo, passo o dedo na sobrancelha. Nela fiz três piercings, três argolas de metal. Também botei uma argola na narina direita e uma maior no canto esquerdo do lábio inferior.

— Tudo faz parte do visual punk. — Passo os dedos pelo enforcador. — Ficaria melhor com alfinetes de fralda.

— Onde você arranjou essa coisa que botou na boca?

— Tirei tudo da correntinha da tampa do ralo.

— Por que não prendeu a tampa, também? Ia parecer completamente maluco.

— Você é velha demais para entender.

— Podemos voltar para a minha pergunta inicial? *O que está pretendendo com isso?*

Olho pela janela, para as colinas e o céu, cinza pálido com nuvens altas sugando as cores de tudo.

— E então?

— Liberdade de expressão — digo sem rodeios.

Silêncio.

— Acha que posso um dia conseguir isso?

Nada se mexe lá fora. O vento não balança as folhas das urzes nas colinas. As nuvens estão imóveis.

*

Mais tarde naquela noite faço um desenho. Uso lápis, pois acabou nossa tina e fiquei sem carvão. Lápis serve. Desenhei os animais e as plantas que vejo por aqui. Celia separou alguns para mostrar aos conselheiros. Fico tentado a perguntar: “O que está pretendendo com isso?”, mas não me dou o trabalho, pois vou ser totalmente ignorado.

Esta noite estou desenhando Celia. Ela odeia quando a desenho, o que faz parte da diversão. Eu a faço sempre com verrugas e tudo mais. Sem piedade. Depois, ela queima os desenhos. Sempre queima seus retratos. Não tomo isso como um insulto artístico. O problema é a modelo.

Faço autorretratos, mas só de minha mão direita. A pele derretida lembra camadas de tinta a óleo grossa terminando em uma bolha arredondada e não totalmente solidificada. A pele no dorso da mão entre os trechos lisos é rachada e escamada como uma pintura velha também. Minha mão é arte.

Há algumas semanas, fiz um desenho da mão segurando um punhal comprido e fino. Celia prendeu o fôlego por tanto tempo que pensei que ela fosse desmaiar. Amassei o papel, dizendo que era “um lixo” e o joguei no fogo antes que ela pudesse me impedir. Não voltei a fazer aquele desenho, não foi tão divertido.

Minhas paisagens na verdade são um lixo. Nunca acerto, e todas as minhas construções são tediosamente ruins. Mas já desenhei a jaula. Consegui capturar isso. Captei sua escuridão absoluta, sua opressão. Conheço a jaula muito bem. Foi meu melhor trabalho. Disse a Celia que devíamos mostrá-lo ao Conselho. Ela não disse nada, e depois disso nunca mais vi o desenho. Imagino que o tenha queimado.

— Eles vão chegar aqui no fim da manhã — diz ela enquanto desenho. — Vou pesá-lo e fotografá-lo antes que cheguem.

— Está nervosa?

Ela não responde, e me afasto esperando um tapa, mas ela não cai na provocação.

— Não vou estragar as coisas. Não se preocupe. Vou ser um bom menino e responder todas as perguntas direitinho. E só vou cuspir neles no fim.

Celia dá um suspiro.

Ficamos em silêncio de novo enquanto tento desenhar seu cabelo. Acho que está rareando; talvez seja de preocupação.

— Vai estar na sala durante a avaliação?

— O que acha?

— Provavelmente não... Com certeza não.

— Então por que perguntou?

— Só para puxar conversa.

— Tente alguma coisa melhor.

Nesse momento, desenho sua boca. Ela está com uma grande expressão de escárnio que de algum modo faz seus lábios grossos parecerem menos feios e mais interessantes. Gosto de desenhá-la ali de pé, do lado de fora de minha jaula, segurando a chave, com a expressão que seu rosto às vezes assume, uma expressão que é quase de pena. Acho que é a razão por que escolheu esse trabalho.

— E então? — pergunta ela.

— Então o quê?

— Sei que quer perguntar alguma coisa.

Como ela pode saber?

— Há... Bem, eu estava pensando... Como conseguiu o emprego de carcereira?

— Professora e guardiã.

— Não devia haver muitos candidatos.

Estou terminando sua boca, mas a curva para baixo da modelo se suavizou.

Ela se vira para mim, saindo da pose.

— Acho que fui a primeira opção para o posto.

— A única opção deles, você quer dizer.

Espero, mas ela não deixa transparecer nada.

— E sua vida é tão vazia que sentar no meio do nada, sendo a carcereira de um garoto inocente, deve ser bem gratificante.

Ela, na verdade, está começando a sorrir.

— E aposto que o salário não é grande coisa.

Ela assente com um gesto discreto.

— Aprisionar, surrar, marcar física e mentalmente um garoto que não tem nem dezesseis anos, um garoto que nunca fez nada de errado, são alguns dos benefícios desse emprego.

— É — diz ela. — Esses são todos os benefícios.

Ela não está mais sorrindo, mas a expressão de escárnio não voltou. Retoma a pose anterior e não olha para mim quando diz:

— Marcus matou minha irmã.

A irmã dela deve estar na lista. Não sei o sobrenome de Celia. Já perguntei antes, mas aparentemente não é relevante.

— Qual era o dom dela?

— Poções.

Assinto com a cabeça.

— Marcus pode fazer o que você faz... seu dom... com o barulho?

— Está na lista?

— Você devia tomar cuidado. Aposto que ele gostaria de tê-lo.

Ficamos de novo em silêncio.

Eu já desconfiava que Celia tinha um problema comigo, ou melhor, com o fato de eu ser filho de você sabe quem. Não era um palpite sem fundamento. Afinal, era provável que ela conhecesse ou fosse parente de alguém na lista.

— Não sou Marcus — digo.

— Eu sei.

— Não matei sua irmã.

— É injusto, não é? Mas acho que há uma chance, bem pequena, é verdade, de que ele se preocupe com você e se irrite por saber que o filho está aqui.

— Ele sabe que estou aqui?

— Não, não é a esse aqui a que me refiro. Este local é bem escondido, mesmo das habilidades dele. — Ela estica o pescoço e os braços. — Estou falando que ele vai saber que temos você. E vai imaginar que não está vivendo uma vida de luxos. Eu odiaria desapontá-lo nesse sentido.

— Então por que não me deixa na jaula o dia inteiro? Não pode realmente achar que um dia vou ser capaz de matá-lo. Esse treinamento é idiota.

Ela se levanta e caminha pela sala. Esse normalmente é um sinal de que não quer responder a uma pergunta.

— Talvez. Mas deixar você o dia inteiro em uma jaula seria crueldade.

Fico tão surpreso que demoro um ou dois segundos para começar a rir. Quando consigo me controlar, digo:

— Você bate em mim. Uso um enforcador que pode me matar. Você me acorrenta a noite inteira em uma jaula.

— Você não passa fome. Está sentado aqui desenhando.

— E devo ficar grato?

— Não. Deve ficar aí sentado de barriga cheia e desenhando.

— Terminei — digo, e empurro o desenho para ela.

Ela pega o papel e o gira para examiná-lo. Após um minuto, ela o enrola e joga no fogo.

Pego o lápis e começo outro. Dessa vez desenho a mim mesmo, meu rosto como vi no espelho, mas ainda mais velho, como imagino que Marcus seja. Percebo que Celia está observando com atenção. Ela mal consegue respirar. Nunca fiz isso antes. Faço seus olhos profundos como os meus, exatamente como os meus. Não consigo imaginá-los mais negros.

Quando termino, não fico satisfeito. Ele está bonito demais, distinto demais.

— Queime — digo. — Não ficou bom.

Celia estende o braço para pegá-lo e o examina por mais tempo do que estudou o seu próprio retrato. Ela o leva da sala.

— Isso não significa que ele seja assim — grito quando ela sai.

Ela não responde.

Guardo os lápis, borracha e apontador na lata velha. A tampa fecha, e tudo acaba. Celia volta e senta outra vez à minha frente.

— Alguém já chegou perto de pegá-lo? — pergunto.

— Quem sabe? Ninguém teve sucesso. Ele é muito bom. Muito cuidadoso.

— Acha que vão pegá-lo um dia?

— Ele vai cometer um erro, e basta um para ser capturado ou morto.

— Estão me usando como isca?

— Imagino que sim — diz ela com satisfação.

— Mas você não sabe? Quer dizer, como assim?

— Meu trabalho é agir como sua professora e guardiã. Só isso.

— Até quando?

— Até eles me mandarem parar.

— O que vai acontecer comigo se eles o pegarem?

Ela projeta um pouco o lábio inferior. É grande e liso. Lentamente o recolhe à posição original, mas não diz nada.

— Será que vão me matar?

O lábio se projeta outra vez, mas agora se recolhe rapidamente.

— Talvez — diz ela.

— Apesar de eu não ter feito nada de errado.

Ela dá de ombros.

— É melhor prevenir do que remediar, não é?

Ela não responde.

— O que faria se mandassem você me matar? Se dissessem: “Meta uma bala no cérebro do meio-código.” — Imito um revólver, apontando um dedo para minha têmpora e fazendo um ruído de tiro.

Ela levanta, contorna a cadeira até ficar atrás de mim, empurra um dedo com força na parte de trás de meu crânio e faz o mesmo barulho.

*

Não durmo bem. Não está frio. Não venta, nem uma brisa. As nuvens estão imóveis. Não chove.

Estou nervoso por ter que ver o Conselho. Minhas mãos tremem. São os nervos, só os nervos.

Ainda sinto o dedo de Celia na minha nuca. Sei que podem me matar a qualquer momento. Quem faria isso e como são irrelevantes. O resultado final é o mesmo. Apesar disso, a possibilidade de ser Celia não saiu de minha cabeça. Sei que ela seria capaz de fazê-lo. Teria que fazer, ou alguém faria por ela.

A única saída é desfrutar. Mas como desfrutar isso?

Você tem que achar um jeito.

Celia me contou que não machucaram Annalise, nem Deborah, Arran e vovó, mas nas entrelinhas entendo que isso pode mudar a qualquer momento. Quando eu morrer, eles estarão em segurança.

Esse é o lado positivo.

Pensar que todos estão vivos, bem e em segurança é algo que posso desfrutar.

Annalise está na mata, correndo, sorrindo, rindo, subindo o penhasco de arenito. Quero vê-la e tocar sua pele outra vez. Quero que ela beije meus dedos, meu rosto, meu corpo. Sei que isso nunca vai acontecer, e em vez disso ela vai ficar com algum bruxo da Luz de merda que vai botar as patas nela. Tente desfrutar isso!

Deborah vai se casar com um cara legal, ter filhos e ser feliz. Posso imaginar isso. É verdade. Ela vai ter três ou quatro filhos, vai ser uma ótima mãe, e todos vão ser felizes. Vovó vai viver tranquila em sua casa, tomando chá e alimentando as galinhas.

Esses são bons pensamentos. Então me lembro de vovó e Deborah chorando no corredor. Mas, naquela ocasião, as lágrimas delas secaram, e vão secar de novo, talvez já tenham secado. Talvez elas achem que já estou morto.

Não acho que Arran acredite que estou morto. Lembro-me dele penteando meu cabelo para trás e dizendo: “Não aguento isso.” Seu pé está para fora da cama, e toco sua testa com a ponta dos dedos. E estou chorando.

um caçador

Hoje completo dezesseis anos. Fui pesado e medido por Celia, que também raspou minha cabeça e tirou meus piercings.

A manhã avança e estou de volta à jaula, acorrentado. Imagino que Celia pense que isso vai fazê-la parecer cuidadosa.

Um jipe aparece na trilha. Nesta quietude, soa grotescamente alto. E o barulho só aumenta. Por fim para e eles descem.

A líder do Conselho não se deu o trabalho de vir, nem a outra mulher. Mas o tio de Annalise, Soul O'Brien, está aqui, acompanhado por dois homens. Um tem aspecto jovial e cabelo escuro, está usando botas de caminhada novas, jeans e uma jaqueta impermeável novinha. É tão branco que parece que não sai de casa há anos. Comparado a ele, o outro parece ter passado a vida inteira ao ar livre. Seu cabelo louro tem fios grisalhos. É alto, musculoso e está de preto, o que me dá uma pista de quem ele é. Mas é fácil identificá-los. Eles olham com ar de superioridade para todos, até para os membros do Conselho.

Celia vai recebê-los. Eu me pergunto se ela vai bater continência ou apertar suas mãos. Nem uma coisa nem outra.

Eles vêm me ver. Enjaulado. O caçador tem olhos de um azul pálido que mal parecem azuis de tantos pontos prateados.

Eles olham para mim, depois me dão as costas, olham ao redor e entram.

Depois disso, vem a rotina normal de uma avaliação. Eles me deixam esperando.

Finalmente, Celia vem me buscar. Não diz nada, apenas destranca a jaula e me acompanha até a cabana. Para na porta. Quando passo por ela e entro, eu me pergunto se vai dizer “boa sorte”, mas não está tão nervosa assim.

Os três visitantes estão sentados à mesa da cozinha. Fico de pé, claro. Lá fora, Celia passa pela janela, andando de um lado para outro.

O tio de Annalise faz todas as perguntas e toma notas. O mesmo tipo de perguntas que Celia tem me feito todo mês. Ele fica impaciente quando tento ler, mas sua expressão é principalmente de tédio. Nunca se apressa, e nós completamos os testes mentais.

— Essas são as minhas perguntas — diz ele.

Não está se dirigindo a mim, mas ao caçador, que ainda não disse nada. Nem para mim, nem para eles.

O caçador se levanta e anda ao meu redor, me examinando. É mais alto que eu, mas não muito, e é forte. Seu peito é duas vezes mais musculoso que o meu, e seu pescoço é enorme.

Ele para às minhas costas e fala baixinho, perto de meu ouvido para que eu sinta seu hálito.

— Tire a camisa.

Obedeço. Devagar, mas obedeco.

O terceiro homem, o de cabelo escuro, se levanta e dá a volta para ver minhas costas. Segura meu braço, e é com grande esforço que contenho o impulso de tentar me soltar. Os dedos dele são desagradavelmente úmidos, fracos. Vira minha mão para cima e olha para as cicatrizes em meu pulso.

— Você se cura bem. E rápido?

Não sei ao certo o que dizer.

— Vamos lá fora ver — diz o caçador. Sinto de novo seu hálito em meu pescoço.

Ele fala com Celia. Ela assente e vai até a área onde praticamos autodefesa.

— Mostre-me o que ele pode fazer — pede o caçador.

Celia e eu treinamos alguns movimentos.

O caçador nos manda parar e chama Celia, então sussurra algo em seu ouvido.

Celia volta para perto de mim e percebo que está séria. Lutamos. Ela me derrota, quando deixo que se aproxime demais. Fico com o nariz sangrando e um olho inchado.

Agora eu é que sou convocado. O homem de cabelo escuro quer ver minha cura. Faço isso lentamente.

Quando penso que terminou, o caçador fala com Celia, depois se vira para mim e diz:

— Faça o circuito externo.

Faço em um ritmo razoável. Não há sentido em me matar de esforço.

Quando volto, o caçador me faz lutar outra vez com Celia. Mas agora ela está armada com uma faca. Ganha de novo. Tenho um corte no braço. Preciso curá-lo para o homem de cabelo escuro ver.

— Faça de novo o circuito externo — dessa vez é o homem de cabelo escuro quem diz.

Obedeço. Não me esforço demais porque tenho quase certeza de que vou levar outra surra no final.

E tinha razão. Celia ganha de novo. É óbvio que ela recebeu instruções para não pegar leve. Levo uma facada na coxa. Profunda. Agora fico puto. Eu me curo e...

— Faça o circuito externo outra vez.

Faço, mas não estou pensando na corrida, só estou pensando naquele homenzinho de cabelo escuro lá sentado, sorrindo.

Dessa vez, quando chego, o caçador também está sorrindo.

Tenho um mau pressentimento.

Vou lutar de novo com Celia. Já fiz o circuito três vezes e apanhei três vezes. Faço o possível para me manter fora de seu alcance, e consigo até acertar um chute, mas quando sou encurralado perto do caçador, ele me empurra na direção de Celia, e é o fim da luta. Estou no chão. O caçador se aproxima e me chuta com força nas costelas. Chuta de novo. Suas botas são como blocos de concreto.

— Levante-se. Faça o circuito externo.

Sei que estou com algumas costelas quebradas. Acho que ele também sabe.

Eu as curo e me levanto bem devagar.

Então ele me chuta e me derruba novamente. Mais chutes. Mais costelas quebradas. Fico deitado.

— Eu disse para se levantar e fazer o circuito externo.

Posso me curar, mas não como antes. Minha habilidade está se esgotando. Eu me levanto lentamente. Então parto, devagar mais uma vez.

Digo a mim mesmo para relaxar durante a corrida. Esquecê-los. Fingir que não existem. Faço o circuito, mas minhas costelas só terminam de se curar quando volto.

O homem de cabelo preto se aproxima e observa meu peito. O hematoma sumiu.

Então o caçador se aproxima, trazendo uma espécie de cassetete. Viro-me para Celia, mas ela está de cabeça baixa.

Quando ele termina, sou simplesmente deixado ali no chão. O cassetete era estranho. Não acho que tenha nada quebrado, mas estou me sentindo esquisito.

O homem de cabelo escuro está de pé junto de mim.

— Consegue se curar? — pergunta ele. — Consegue se levantar?

É, consigo me levantar. Fico de joelhos, mas aí tudo começa a girar e é bom deitar no chão de novo.

Quando torno a abrir os olhos, Celia está agachada a meu lado.

— Eles foram embora? — pergunto a ela.

— Foram.

— Vou só ficar descansando aqui.

— Está bem.

*

No fim da tarde, estou completamente curado, com a ajuda extra de um ensopado e pão. Celia está quieta me observando comer.

— Um grupo típico de bruxos da Luz — digo. — De natureza bondosa, delicada e curativa.

Celia não responde.

— Não teria me importado, mas nem consegui cuspir neles.

Celia continua sem responder, por isso tento uma abordagem diferente:

— Não posso ser tão importante assim. A líder do Conselho não se deu o trabalho de vir.

— Você sabe quem é o homem louro?

Dou de ombros.

— É Soul O'Brien. Foi recentemente nomeado vice-líder do Conselho.

Faço que sim com a cabeça. Interessante. O tio de Annalise está subindo na vida.

— Quem era o caçador?

Celia dá um riso breve. Paro de comer e olho para ela.

— Achei que você soubesse. Era Clay.

— Ah! — O líder dos caçadores veio me examinar. — E o cara de cabelo escuro? Quem é ele?

— Disse que se chama Wallend. Nunca o vi antes.

Termino o ensopado e raspo o resto com o pão. Afasto a tigela.

— Achei que devia deixar você ganhar todas as lutas para não ficar mal na frente deles.

— Muita consideração da sua parte.

— Mas não devem ter ficado muito impressionados. Quer dizer, comigo. Se não consigo nem vencer você, não vou ser páreo para Marcus.

— Talvez.

— E nem tentei acertar Clay.

— Uma decisão sábia.

Também acho, mas, mesmo assim, se eu soubesse que era ele...

— O que foi? — pergunta Celia.

Não sei... Não sei o que sinto em relação a Clay. Só consigo dizer:

— Ele matou Saba, a mãe de Marcus, minha avó.

Celia concorda.

— É, e Saba matou a mãe de Clay.

Concordo.

— Sua mãe... — diz Celia, mas hesita. Não olho para ela, pois não posso arriscar romper o momento delicado em que se sente disposta a confessar o que está prestes a dizer. — Sua mãe salvou a vida de Clay uma vez. Ele foi seriamente ferido por um bruxo das Sombras, o ombro estava sendo corroído por veneno. Sua mãe foi a única pessoa capaz de curá-lo. Ele teria morrido sem a ajuda dela.

Continuo sem olhar para Celia. Não há o que dizer.

— Sua mãe tinha um dom excepcional de cura. Realmente excepcional.

— Minha avó me contou. — Apesar de ela nunca ter me contado essa história.

— Eles estão interessados em sua habilidade de curar a si mesmo.

— E? — Agora olho para Celia.

— Acho que você já se curou o suficiente para lavar a louça.

VOVÓ

Após minha avaliação, os meses passam. A rotina é a mesma de sempre. Chega o outono, as noites ficam mais longas, e isso é bom. Inverno. Neve. Ventos. Fico mais forte que nunca. A chuva não me incomoda. A geada é linda. A sola dos meus pés parece feita de couro.

A neve derrete, apesar de restar um ou outro bolsão em algumas depressões nas encostas. O sol traz um pouco de calor, mas tenho que ficar completamente imóvel para deixar que penetre em minha pele.

Faltam meses, não anos, para meus dezessete anos.

Celia nunca fala sobre esse dia. Sempre pergunto, mas ela não me diz nada.

Um dia estou dentro da cabana, fazendo pão. Celia está escrevendo à mesa da cozinha.

Tento mais uma vez:

— No meu aniversário, vou receber três presentes?

Celia não responde.

— Se querem que eu mate Marcus, preciso de meu dom.

Ela não para de escrever.

— É minha avó quem vai me dar os três presentes?

Sei que eles nunca iam me deixar chegar perto dela, nem em um milhão de anos.

Celia ergue os olhos e abre a boca como se fosse responder, mas a fecha de novo.

— O quê?

Ela larga a caneta.

— Sua avó.

— O que tem ela?

— Morreu há um mês.

O quê? Há um mês!

— E só agora você se lembrou de me contar isso?

Eles não podem me contar absolutamente nada, e como posso saber se isso sequer é verdade?

Jogo a massa no chão.

— Eu não devia nem ter contado.

Então Celia tem alguma consideração, mas, para mim, pode muito bem ser outra mentira. E vovó morreu. Isso com certeza é verdade. Eles devem tê-la matado ou a feito cometer suicídio, e qualquer outra pessoa pode ser morta se eles quiserem.

— E Arran?

Ela me ignora.

Derrubo a cadeira com um chute, volto a erguê-la e a atiro no chão com toda força.

Eles vão fazer o que quiserem e matar todo mundo; eu os odeio, odeio, odeio. E estou batendo a cadeira no chão de novo.

— Vou ter que botar você na jaula se continuar assim.

Jogo a cadeira e parto para cima de Celia, gritando.

*

Acordo na jaula, acorrentado.

visitantes

Poucas semanas depois, estou pegando ovos no galinheiro. Fico pensando em vovó, em suas galinhas, em como elas tentavam entrar na casa, e em vovó com seu chapéu de apicultora, erguendo os favos de mel...

Boto a cesta com ovos no chão e escuto com atenção.

Bastante atenção.

Um som baixo, que não parece vir dali de perto; distante, mas em algum ponto nas colinas.

E um barulho alto na cozinha.

Corro até o muro e de lá subo de um pulo no teto da jaula para olhar na direção sudoeste, de onde Marcus chega em minha fantasia.

As colinas estão paradas, em silêncio, sem revelar nada; viro para os lados, observando e escutando, prendendo a respiração.

Isso não é o vento.

É um ronco, um ronco distante.

Celia está à janela da cozinha olhando fixamente para mim. Não ouviu o que ouvi, mas sabe que algo está acontecendo, porque estou em cima da jaula. Ela some e reaparece na porta da frente. Agora está ali, o som inconfundível.

Não é meu pai. É um veículo.

— Entre na cabana! — grita Celia para mim.

Um jipe surge como um cubo negro distante se aproximando pela trilha.

— Saia de cima da jaula.

Se forem pessoas, pessoas de verdade, *félixes* em um passeio, de férias, então posso fazer alguma coisa. Posso dizer a eles que ela me mantém em uma jaula. O enforcador. Talvez consigam tirá-lo. Talvez eu deva esperar até que ela se livre deles e então bater nela com alguma coisa...

Mas então o tom de sua voz muda. Seus ombros ficam levemente encurvados.

— Entre na jaula, Nathan — diz ela. Sua voz agora está calma. Ela sabe quem está no carro.

Fico olhando o veículo por mais alguns segundos e só então pulo no chão e entro na jaula.

— Passe o cadeado.

Ela vai em direção à trilha.

Fecho a porta, mas não a tranco. Vou para o fundo da jaula e encontro meu prego no chão. Eu o ponho na boca, enfio-o na bochecha e curo a carne por cima.

O jipe acelera, e o motor ronca mais alto. Ele para do outro lado da cabana. Vai ao encontro de Celia.

Ela conversa pela janela do motorista. Gesticula muito, parecendo frustrada. De um jeito dramático nada comum.

Não dá para ver o motorista.

As portas do jipe se abrem, e Celia está com os braços abertos como se pudesse detê-los. São quase tão grandes quanto ela. Todos de preto, é claro. Não consigo ver o rosto do motorista até Celia sair do caminho, mas sei quem ele é.

Será que vieram me matar? Por que mais teriam vindo? Para dar instruções a Celia de como fazê-lo? Será que eu deveria passar o cadeado na jaula agora? Se bem que seria inútil.

Clay está caminhando em minha direção.

Celia vem um passo atrás dele, e atrás dela vêm duas caçadoras.

— Mas ninguém me informou sobre isso — diz Celia.

— Está sendo informada agora. Tire-o da jaula.

Celia não hesita mais que um segundo antes de abrir a porta.

Eles só podem estar aqui para me matar. Talvez me conduzam até a extremidade do terreno antes, ou talvez nem se deem o trabalho, e façam isso ali ao lado da jaula mesmo. Vou ser enterrado junto com as batatas. E isso deve significar que já mataram Marcus. Não precisam mais de mim. Meu pai está morto.

— Saia. — A voz de Clay soa tranquila.

Recuo e balanço a cabeça. Vão ter que me matar aqui. E não posso acreditar que meu pai esteja morto.

Então ouço um zunido em minha cabeça, que não foi causado por Celia. É um telefone. E não vem das caçadoras atrás de Celia. Está mais perto. Sinto algo segurar meu braço direito, envolver meu pulso, e o quarto caçador se materializa ao meu lado. É tão grande e feio quanto eu lembrava. Kieran imobiliza meu braço, e agora a algema está visível. Tento acertar seu rosto com a mão livre, mas ele se abaixa e me puxa pela algema. Uma das caçadoras entra na jaula e segura meu braço esquerdo. Acerto um chute nela, mas sou jogado contra as barras e meus braços são algemados às minhas costas; sou jogado mais duas vezes contra as barras.

— Mais um movimento, e eu arranco seus braços — rosna Kieran em meu ouvido.

O mais legal em sentir ódio é que ele elimina todo o resto, de modo que nada mais importa. Então o velho truque é fácil. Não me importo que arranquem meus braços, não me importo com a dor, com nada. Jogo a cabeça para trás e acerto a cara de Kieran, e um som abafado indica que minha nuca quebrou seu nariz.

Ele grita, mas continua a me segurar com força.

Meus braços são puxados, e não consigo me mexer, mas eles não são arrancados, o que faz com que me pergunte até que ponto Kieran estava falando sério.

Ele me arrasta para fora da jaula e me empurra para o chão, mas rolo e dou um chute para cima, acertando o lado de seu rosto com a bota. Rolo de novo e fico de pé, mas as duas caçadoras já estão em cima de mim, e o soco que me dão na altura do rim é fortíssimo.

Caio de joelhos, de cara no chão.

Celia está gritando com Clay.

— Isso é inaceitável! Sou a guardiã dele.

— Nossas ordens são para levá-lo — diz ele, calmamente.

Uma bota pisa em minha cabeça, mantendo meu rosto junto ao chão.

Celia reclama, discute, diz que tem que ir também, mas Clay é bom no que faz. Ele apenas diz não.

No fim, Celia diz que tem que remover meu enforcador. Ela pede permissão para isso.

Enquanto o solta com mãos delicadas, ela diz:

— Vou segui-los.

Clay retruca:

— Não. Vamos pegar sua van emprestada. Ele é perigoso demais para correremos o risco de levá-lo no jipe.

— Então eu dirijo o seu carro.

— Não, Megan vai dirigindo. Se insiste em nos acompanhar, é melhor ir com ela.

Sua voz é ameaçadora. Celia deve perceber o tom. Megan não poderia feri-la, mas pode pegar o caminho errado, se perder, ficar sem combustível... Celia não vai se arriscar a ficar nas mãos dos caçadores. Vai ficar aqui. Vai fazer o que querem.

— Ah, sim, eu devia entregar isso a você. — A voz de Clay está novamente relaxada.

— Uma notificação! Quando isso aconteceu?

Ele não responde.

— Há dois dias? Deviam ter me informado. Ele está sob minha responsabilidade.

Clay continua sem responder.

— Aqui diz que todos os meios-códigos devem ser “codificados”. O que isso significa? — E sei que Celia está dizendo tudo isso para eu ouvir.

— Só estou fornecendo o transporte, Celia.

— Eu vou tam...

Mas Clay a interrompe.

— Já expliquei a situação, Celia. Ele é nosso.

— E quando vão trazê-lo de volta?

— Não recebi instruções sobre isso.

codificado

Estou de bruços na van de Celia com o rosto no chão de metal. Faz quase dois anos desde a última vez que andei aqui, e mesmo assim a pintura enferrujada parece familiar.

Kieran começou a curar o nariz quebrado, mas o estrago foi grande. Está segurando uma corrente presa a minhas algemas e enrolada em meus tornozelos, e dá puxões nela para passar o tempo.

Clay vai no banco do carona, na frente; Tamsin dirige; Megan segue no jipe, e acho que Celia ficou na cabana.

A única coisa a fazer é descansar, mas, assim que pego no sono, Kieran dá um puxão em meus tornozelos ou bate em minha bunda com a corrente. Quando cansa de fazer isso, grita para a frente da van:

— Ei, Tamsin, tenho outra.

— Ah, é? — exclama ela, também aos gritos.

— Qual a diferença entre um meio-código e uma cama elástica?

Ela não responde, e sinto o impacto de seus pés sobre as costas quando Kieran diz:

— Você tira os sapatos para pular em uma cama elástica.

Sua piada seguinte é contada baixinho, para que só eu escute.

— Qual a diferença entre um meio-código e uma cebola? — Ele levanta minha camisa. Sinto seus dedos arranharem a parte baixa de minhas cicatrizes, as cicatrizes que ele fez, e diz: — Cortar uma cebola faz a gente chorar.

*

Depois de quatro ou cinco horas, a van para. Pelas poucas vozes que escuto, deve ser em um posto de gasolina de beira de estrada. Eles enchem o tanque e então se sentam por ali para comer hambúrgueres com batatas fritas e beber refrigerantes. O cheiro seria tentador, mas estou desesperado para mijar e não quero pensar em comer e beber.

Provavelmente não vai adiantar, mas digo mesmo assim.

— Preciso mijar.

As correntes golpeiam o alto de minhas coxas. Tenho que cerrar os dentes e respirar pelo nariz.

Quando a dor melhora, eu falo:

— Ainda preciso mijar.

As correntes acertam minhas coxas de novo.

A van dá a partida. Clay está murmurando instruções para a motorista, mas não consigo ouvi-las.

Vinte minutos mais tarde, a van para. Sou puxado pelos calcanhares e tirado pela traseira da van, que está enfiada no meio de uns arbustos. Há pouco barulho de tráfego. Eles encontraram um lugar discreto.

— Se aprontar alguma coisa, qualquer coisa que seja, está morto — diz Kieran, tão perto de meu ouvido que sinto os perdigotos.

Eu não dou a mínima.

Ele abre minhas algemas e solta minha mão direita.

Uma mijada. Uma mijada longa e maravilhosa.

Mal terminei de fechar o zíper e já me algemam de novo, e sou jogado outra vez na van. Sorrio por dentro com o alívio, porque estou pensando em Celia. Ela é mais durona que esses idiotas.

Continuamos a viagem sacolejando. Kieran deve ter dormido, porque não está me perturbando. O prego ainda está na minha boca, mas não há possibilidade de escapar com três caçadores a minha volta.

*

A ferrugem no piso da van arranha meu rosto quando sou mais uma vez puxado pela traseira.

— De joelhos.

Estou no pátio do prédio do Conselho, o lugar de onde fui levado pouco antes do meu décimo quinto aniversário.

Levo um empurrão.

— De joelhos! — grita Kieran.

Clay foi embora. Tamsin e Megan estão perto da cabine da van, Kieran está parado ao meu lado, e tenho dificuldade em olhar para ele por causa da claridade. Ele está com o nariz inchado e com um olho roxo.

— Sua cura está um pouco lenta, Kieran.

Sua bota vem na direção de meu rosto, mas rolo, desviando-me, e fico de pé.

Tamsin ri.

— Ele é rápido, Kieran.

Kieran finge desinteresse.

— Isso é problema deles, agora — diz.

Olho ao redor quando dois guardas chegam, agarram meus braços e me arrastam sem dizer uma palavra.

Entram comigo no prédio do Conselho por uma porta de madeira, seguem por um corredor comprido, viram à direita, depois à esquerda e passam por um pátio interno e em seguida por outra porta à esquerda. Aí chego ao corredor, que reconheço, e me sento no banco do lado de fora do salão onde fazem as avaliações.

Curo os vários arranhões e hematomas.

É quase como nos velhos tempos. Tenho que esperar, é claro. Minhas mãos ainda estão algemadas às minhas costas. Olho apenas para meus joelhos e o chão de pedra.

Passa-se muito tempo e continuo esperando. A porta na outra ponta do corredor se abre. Ouço passos, mas não levanto os olhos. Aí os passos param, e a voz de um homem diz:

— Vá pelo outro lado.

Ergo os olhos e me levanto.

— Nathan? — pergunta Annalise, em voz baixa.

O homem que a acompanha deve ser seu pai, e ele está empurrando-a de volta pela porta, que se fecha. E acabou.

O guarda fica no caminho, bloqueando meu campo de visão. Sei que ele quer que eu me sente. Hesito, mas então obedeco, e o corretor volta a ser o mesmo de sempre.

Mas Annalise esteve ali. Ela parecia diferente: mais velha, mais pálida, mais alta. Estava de calça jeans, uma camisa azul-clara e botas marrons. Repasso a cena mentalmente: os passos, “Vá pelo outro lado”, vê-la, nossos olhos se cruzando, os olhos dela felizes, ela dizendo meu nome com doçura: “Nathan?”, e pelo modo como disse parecia não ter certeza, como se não pudesse acreditar no que via, e então seu pai a empurra, ela resiste, ele volta a empurrá-la e bloqueia a passagem, ela olha para trás por cima do braço dele, nossos olhos se encontram de novo, e em seguida a porta se fecha. A porta abafa qualquer barulho: os passos e vozes do outro lado não podem ser ouvidos.

Repasso a cena repetidas vezes. Acho que é real. Acho que aconteceu.

*

Tiram as algemas para me pesar, medir e fotografar, como sempre fazem antes de uma avaliação, mas faltam meses para meu aniversário, por isso não sei bem se vou ser avaliado ou o quê. Pergunto ao homem de jaleco, mas o guarda que está observando tudo me manda calar a boca, e o homem não responde. O guarda me algema outra vez, volto ao corredor e continuo a esperar.

Dessa vez, quando me mandam entrar, é Soul O’Brien quem está sentado no centro. Isso não me deixa nem um pouco surpreso. A mulher está mais atrás à direita, e o sr. Wallend está sentado à esquerda. Pelo menos Clay não está presente.

Começam me fazendo perguntas, como em uma avaliação. Não coopero, fico em silêncio. Soul está entediado como sempre, porém, estou mais convencido que nunca de que é fingimento. Tudo nele é encenado. Ele repete cada pergunta uma vez, e não comenta o fato de eu não responder, mas eles logo desistem e nem parecem aborrecidos. Tendo feito sua última pergunta, Soul sussurra algo para a mulher e depois para o sr. Wallend.

— Nathan. — Ele fala comigo.

Nathan! Essa é nova.

— Faltam menos de três meses para você completar dezessete anos. É um dia importante em sua vida. — Ele olha para as próprias unhas e depois novamente para mim. — E um dia importante na minha. Espero poder lhe dar seus três presentes nesse dia.

O quê?

— É, pode parecer um pouco surpreendente, mas é algo que tenho considerado há muitos anos, algo que eu ficaria... interessado em fazer. Entretanto, antes de poder lhe dar os três presentes, preciso, todos nós precisamos, ter certeza de que você está realmente do lado dos bruxos da Luz. Tenho o poder de determinar seu código de designação, Nathan. É de seu interesse ser designado um bruxo da Luz.

Antes eu queria isso, achava que seria a solução, mas agora tenho certeza de que não quero.

— Nathan, você é meio bruxo da Luz por nascimento. Sua mãe era de uma família forte e respeitável de bruxos da Luz. Nós no Conselho respeitamos a família dela. Alguns de seus ancestrais foram caçadores, e sua meia-irmã agora também é uma. Você tem uma herança que é motivo de orgulho e respeito pelo lado de sua mãe. E há muito dela em você, Nathan. Muito. Sua habilidade de cura é um sinal disso.

Não sei bem se o que ele está falando é uma bobagem, porque estou convencido de que meu pai também é muito bom com curas.

— Você sabe a diferença entre bruxos das Sombras e bruxos da Luz, Nathan?

Não respondo. Espero pelo habitual argumento “bem versus mal”.

— É uma pergunta interessante, não é? Uma coisa que sempre me fez pensar. — Ele olha para as unhas e depois para mim. — Bruxos da Luz usam seus dons para o bem. E é assim que você pode provar que é da Luz, Nathan. Use seu dom para o bem. Trabalhe com o Conselho, com os caçadores. Bruxos da Luz do mundo inteiro. Ajude-nos e... — Ele se recosta na cadeira. — A vida vai ser muito mais fácil para você. — Seus olhos parecem emitir um brilho prateado quando diz: — E mais longa, também.

— Já fiquei preso em uma jaula por quase dois anos. Apanhei, fui torturado e afastado da minha família, minha família de bruxos da Luz. Pode me dizer que parte disso tudo é para o “bem”?

— Nós *estamos* preocupados com o bem dos bruxos da Luz. Se você for designado da Luz...

— Aí vão me dar uma cama para dormir? Ah, sim, claro, desde que eu mate meu pai.

— Todos temos que fazer concessões, Nathan.

— Não vou matar meu pai.

Ele torna a examinar as unhas.

— Bem, eu teria ficado decepcionado se você aceitasse de imediato — diz ele. — Observo você com interesse desde que nos conhecemos, e raramente me desapontou.

Eu o xingo.

— E de certa forma, fico satisfeito que tenha continuado sem me desapontar. Entretanto, de um jeito ou de outro, você vai fazer o que nós quisermos. O sr. Wallend vai garantir isso.

Não tenho tempo de responder porque Soul acena com a cabeça para os guardas. Imediatamente eles se aproximam de mim, e cada um me pega por um braço.

Sou carregado para fora da sala e pelos corredores. Tento memorizar o caminho, as curvas à direita e à esquerda, os bancos, janelas e portas, mas é complicado demais, e logo estou em uma parte do prédio onde os corredores são menos retos, e esse em que estamos vai descendo até se tornar tão estreito que um dos guardas vai na minha frente, e o outro, atrás. Degraus de pedra nos levam ainda mais para baixo. Está frio. Há uma fileira de portas de metal à esquerda.

O guarda que vai à frente para diante da terceira porta, pintada de azul, embora a tinta esteja descascada em alguns lugares mostrando o cinza que há por baixo. É uma porta de correr, uma porta que não enche ninguém de esperança. Ele a abre, e o guarda atrás de mim me empurra para dentro.

Estou em uma cela. A única luz vem do corredor. A cela está vazia exceto por uma corrente fixada à parede, que o guarda agora está prendendo ao meu tornozelo. Depois sai, passando o ferrolho e baixando uma tranca com força.

Escuridão completa.

Ainda estou algemado. Ando para a frente e me oriento dentro da cela, sentindo a pedra irregular com os dedos dos pés, meu corpo, meu rosto. A três passos para

a esquerda do ponto onde a corrente fica presa é o canto, e mais dois passos, a corrente já não me deixa continuar. É o mesmo do lado direito. A corrente curta impede que me aproxime da porta.

O chão é frio e duro, mas seco. Sento encostado à parede. Quatro paredes de pedra, uma porta, um pedaço de corrente e eu.

Mas logo a náusea e o medo se juntam a nós.

A lua está na metade de seu ciclo, então a situação é ruim, mas não muito. No entanto, faz um bom tempo que não passo a noite em um lugar fechado. Balanço os pés. Depois balanço todo o corpo. Isso ajuda com a sensação de pânico, mas não com o enjoo. Rolo de lado, mas continuo me mexendo sem parar e rastejo até o canto e me enfito ali de cabeça. Às vezes balanço o corpo, às vezes fico parado.

Dou golfadas de um vômito agüado, mas não sai muita coisa. Não como nada desde o café da manhã, mas meu estômago tem repetidas ânsias de vômito. Não há nada para sair, mas ele se contrai e se revira, e não paro de sentir engulhos nem de golfar sem expelir nada, mas mesmo assim meu estômago quer se livrar de alguma coisa.

Então o barulho começa. Ouço um zumbido e batidas. Não sei se é minha imaginação ou se são ruídos reais. O zunido é terrível, persistente. As batidas me fazem pular de tão altas. Tento antecipá-las, mas não consigo. Tudo o que consigo fazer para ajudar é gritar. Gritar abafa os ruídos, mas não vou conseguir fazer isso a noite inteira. Estou enjoado de novo. Eu me deito com a cabeça apertada no canto e às vezes cantarolo, me remexo e grito para abafar os ruídos, quando eles me assustam.

*

Está amanhecendo. A cela continua escura, mas a náusea e os ruídos somem tão subitamente quanto começaram.

Ninguém aparece.

Eu devia bolar algum plano, mas estou exausto demais.

Ninguém aparece.

Tento descansar. Estou com fome. Estou com um gosto horrível na boca. Será que vão trazer comida e água? Ou vão me esquecer e me deixar aqui para morrer?

*

Eles se lembraram de mim. Trouxeram água, mas não lembraram que também preciso comer. E esqueceram meu nome.

Acho que nem eu mesmo lembro.

— Vou pedir mais uma vez que diga seu nome. — A bruxa jovem parou de pedir por favor.

Prossigo com meu plano de sempre, em que não digo nada. Não é o plano mais elaborado do mundo, só deve causar alguma irritação e provavelmente não vai mudar o resultado final. Mas pelo menos é um plano.

Olho para ela, examinando sua aparência, começando pelo cabelo castanho-claro bem-penteado, passando pelos olhos azul-claros, o rímel aplicado com perfeição, uma camada fina e lisa de base e o batom cor-de-rosa passado de modo preciso. Seu corpo pequeno está bem-vestido em um tailleur bege, meia-calça e sapatos pretos de verniz. Ela parece ter caprichado, e parece ter tido uma noite decente de sono. Está até usando um perfume floral.

E quanto mais a olho, mais sou tomado por sua aparência, sua beleza, sua burrice e crueldade básicas. Ela está vestida para algum tipo de reunião de negócios, e eu sou mantido em uma cela.

Agora tenho um novo plano. Jogo o peso do corpo para um lado, me inclino levemente para a frente na direção dela e digo:

— Meu nome é Ivan. Ivan Shukov.

A mulher parece um pouco confusa e irritada. Provavelmente está tentando entender se aquilo é alguma espécie de gíria desconhecida.

— Não, você é Nathan Byrn. Filho de Cora Byrn e Marcus Edge.

Eu me encosto e tento parecer despreocupado.

— Não. Sou Ivan. Você deve estar atrás do cara da outra cela.

— Não tem ninguém na outra cela.

— Quer dizer que ele fugiu?

Os lábios com batom formam um sorriso, talvez para mostrar que tem senso de humor.

— Só temos que garantir que você saiba o que está acontecendo.

— Claro que sei o que está acontecendo. — Isso não foi dito de modo tranquilo, e tenho que recuperar meu tom de voz. — Fui tratado como um rei pelo maravilhoso Conselho dos Bruxos da Luz. Comendo as melhores iguarias, dormindo na melhor cama e... — Eu me inclino outra vez para a frente. — Sendo apresentado às bruxas da Luz mais simpáticas e cheirosas. — O guarda me puxa para trás por um dos braços. — Meu nome é Ivan Shukov, e sei o que está acontecendo. Vocês sabem?

— Você não é Ivan seja lá o que for. Você é Nathan Byrn e vai ser codificado.

— Não tenho ideia de o que isso significa.

Os olhos dela estão frios, fixos em mim, um tremeluzir azul-claro e glacial no meio de um azul pálido.

— Isso não parece nada bom — digo. — Eu meio que sinto pena desse tal de Nathan.

— Você é Nathan.

— O que significa codificado? Gostaria de explicar a Nathan se me encontrar com ele.

— É uma tatuagem sofisticada.

— Não consigo imaginar você achando alguma tatuagem sofisticada.

Ela sorri.

— Esta é. O sr. Wallend está trabalhando na poção há um bom tempo.

— O que é a tatuagem?

— Seu código, é claro.

Eu me inclino para a frente; os guardas me seguram pelo braço e me puxam para trás.

— Você quer dizer uma marca.

Quando ela entreabre os lábios rosados no rosto lindamente maquiado para falar de novo, cuspo neles. O escarro acerta em cheio.

Ela grita e cospe, esfregando a boca. Os guardas me seguram.

A mulher recuou um passo; sua maquiagem não está mais tão impecável depois que limpou o rosto com um lenço.

— Você é Nathan Byrn — diz ela, com o lenço na boca. — Sua mãe era uma bruxa da Luz, e seu pai é um bruxo das Sombras. Você é um meio-código, e por isso deve ser codificado.

Dessa vez meu cuspe acerta a barra da sua saia. Ela recua como se eu a tivesse agredido. Os guardas não me soltam.

— Levem-no para a sala 2C.

Os guardas me puxam porta afora e me arrastam pelo corredor estreito. Eles têm que caminhar de lado, o que é melhor para mim, pois posso subir nas paredes com as pernas, mesmo com um guarda me segurando pelo pescoço. Eles me levam até uma porta de metal verde com “2C” pintado nela. A porta desliza e abre, e paro de lutar por um instante.

A sala 2C tem o que parece ser uma mesa de cirurgia com várias tiras de couro preto. Tento escapar e grito de novo.

No fim eles me apagam com um soco na têmpora.

*

Acordo e começo a engasgar e sufocar. Tem alguma coisa em minha boca. Não consigo cuspi-la. É borracha e metal.

A mulher está de pé ao meu lado, olhando para mim. Ela sorri.

— Ah, finalmente acordado — diz.

Eu me debato e gemo, mas é tão patético que paro. A sala 2C tem paredes pintadas de branco, e o teto não tem nada além de uma luz e o que parece uma câmara aninhada no canto mais distante. Isso é tudo o que sei sobre a sala 2C, porque não consigo me mexer para ver mais nada. Estou deitado com o corpo preso à mesa. Minhas mãos não estão mais algemadas, mas estão presas, e posso sentir com as pontas dos dedos que a mesa tem um acolchoado fino sob o lençol. Minha cabeça também está presa na altura da testa e está apoiada em uma parte mais funda da mesa. Parece que meu corpo e meus tornozelos estão presos por cintas.

Estou tentando não pensar em Retaliação. Não quero pensar na pólvora que Kieran pôs em minhas costas. Mas tenho uma mordaca metálica na boca. Será que *Retaliação*?

A porta chacoalha, e eu a escuto se abrir, e em seguida ouço o som de algo de metal sendo arrastado pelo chão. Surge uma luz tão forte que mesmo de olhos

fechados vejo um brilho vermelho. Ouço mais sons de coisas sendo arrastadas e o tilintar delicado de objetos de metal.

— Nathan, olhe para mim.

É o sr. Wallend. Ele tem olhos de um azul muito escuro, com pontos brancos. Está de jaleco.

— Você está aqui para sua codificação. Vou realizar o procedimento. Pode ser um pouco desconfortável, mas gostaria que se mexesse o menos possível. Tente relaxar.

Começo a me debater de novo.

— É um pouco como uma tatuagem, só que é um processo muito mais tranquilo e rápido. Vamos fazer as dos seus dedos primeiro. Para você sentir como é. Você é canhoto, não?

É impossível que ele entenda qualquer resposta enquanto me debato e gemo.

Ele empurra um anel de metal sobre o mindinho de minha mão direita e o aperta.

— Está bem. Então, é bem simples. Apenas relaxe. Já vai acabar.

Grito em minha mordança quando uma agulha perfura o osso de meu dedo.

Ele retira a agulha.

O sr. Wallend afrouxa o anel e o move mais para cima em meu dedo.

— O próximo.

Grito, xingo e mexo o dedo o máximo que consigo, mas o anel se aperta, e a agulha penetra meu osso de novo.

Quando ela é extraída, estou suando.

Ele vai para a parte superior de meu dedo, acima da unha. A agulha penetra outra vez.

Mordo a mordança e olho fixamente para ele, as lágrimas escorrendo.

Aí termina.

Meu coração bate forte.

Isso não foi uma tatuagem.

O sr. Wallend está soltando o anel e o removendo. Ele e a mulher examinam meu dedo.

— Excelente. Quase não inchou. Seu corpo é excepcional, Nathan. Excepcional.

O sr. Wallend contorna a mesa e vai até minha mão esquerda.

— Agora, nas tatuagens maiores, a sensação pode ser um pouco mais intensa. Sinto o metal frio sobre a mão esquerda, sobre o dedo médio. Eu o encaro e praguejo mesmo com a mordança.

O sr. Wallend me ignora e prossegue com seu trabalho; tudo o que consigo ver dele é o alto de sua cabeça. Cabelos castanho-escuros e ondulados.

— Tente relaxar.

Ah, claro, é fácil. Tem uma coisa raspando o interior da minha mão, do meu osso.

O cabelo do sr. Wallend é ondulado e está imóvel. Também estou imóvel.

Quando termina a raspagem, estou me sentindo enjoado e tonto.

O sr. Wallend ergue os olhos.

— Nada mal, hein? Agora você precisa se lembrar de que isso não vai sair. Nunca. Está dentro de você. Se tentar remover, digamos, raspando a pele, vai reaparecer, por isso não adianta tentar.

Ele torna a olhar para minha mão e passa suavemente o dedo sobre a pele. Parece machucada e sensível.

— O código ficou muito bom. Muito bom mesmo.

Ele está se dirigindo para o outro lado da maca.

— Agora o tornozelo. Tente relaxar. São só alguns segundos.

Puxo o pé, por mais que seja inútil, por mais que não tenha forças. Aparentemente ele passa bem mais que alguns segundos raspando meus ossos, chegando até a medula. A mordança está em minha boca, e sei que não posso vomitar.

— Demora mais em ossos maiores — diz ele. — Agora só falta uma.

Ele puxa a máquina para o outro lado da maca, some de vista e reaparece à minha direita.

Põe a máquina em meu pescoço.

Ah, não... não... não...

— Tente se acalmar. — Ele se debruça, e o rosto se aproxima de mim. — A sensação pode ser um pouco estranha.

Estou deitado em um colchão fino, encolhido. Meu pulso direito está algemado à barra de metal da cama. Sinto os locais do corpo em que fui codificado. Sinto meus dedos e minhas mãos machucados. Meu tornozelo também. Mas minha garganta está pior. Há um gosto, algo metálico.

Ainda não abri os olhos. Acordei aqui há algum tempo.

Quero voltar para minha jaula.

Surge em minha mente uma imagem do sr. Wallend sorrindo para mim. Abro os olhos.

Este lugar é diferente da cela de pedra. Tem uma atmosfera de hospital, como a sala 2C. O quarto é iluminado por uma luz fraca emitida por uma lâmpada pequena no canto do teto. No outro canto há uma câmera. A cela está vazia, com exceção da cama.

Levanto a mão esquerda para vê-la.

S 0,5

É uma tatuagem negra. A do tornozelo é igual.

E lá se foi a esperança de ser designado um bruxo da Luz. Para eles sempre serei metade das Sombras.

Curo as mãos e os dedos. A dor desaparece. O mesmo acontece com o tornozelo e o pescoço. Lentamente o gosto ruim some e começa o zumbido. Eu me encolho e olho para as tatuagens em meu mindinho. Três tatuagens minúsculas. S 0,5.

Preciso de um plano.

*

A luz está acesa para que eles possam me observar. Evito olhar para a câmera.

O prego ainda está na minha boca. Mordo a bochecha e o empurro para fora com os dentes e a língua, e o pego com a mão esquerda como se estivesse esfregando os lábios. Abrir as algemas não é difícil, embora tenha que fazer isso escondido. Fico com as algemas, agora abertas.

Chegou a hora da encenação.

Começo a tremer e a espernear, a fazer sons sufocados e a agarrar o pescoço. Só tenho que fazer isso por vinte segundos até ouvir o som de uma tranca se abrindo. Rolo no chão e fico parado, com a mão direita parecendo estar ainda algemada à cama. Meus olhos estão abertos, mas ocultos sob meu braço.

As pernas e a barra do jaleco do sr. Wallend vêm correndo em minha direção; ele deve estar mesmo muito preocupado. As botas pretas de um guarda param na porta.

O sr. Wallend se debruça, e eu o puxo para baixo, soco sua cara, rolo, fico de pé e lhe dou um chute no saco.

O guarda está lá dentro segurando meu braço. Chuto seu joelho. Ouve-se um estalo, e o guarda geme e cai para trás, mas seus braços são grandes e não há espaço para me livrar deles. Ele me puxa, eu giro e rolo para o lado para uma posição de onde chuto seu joelho de novo. Ele ainda segura meu braço, e seu outro braço me soca e acerta com toda força minha orelha. Giro para o lado e o chuto na cara. Seu aperto se afrouxa, e depois de mais um chute eu me desvencilho dele. Ele está imóvel. O sr. Wallend também está imóvel.

Eu me levanto, saio, fecho a porta e a tranco.

Estou prendendo as trancas, apoiado na porta, chocado com o quanto foi fácil. Meu ouvido está latejando rápido, no ritmo de meu coração. Curo meu ouvido.

Se mais alguém estivesse vendo as imagens da câmera, já estaria aqui a esta altura.

Vou para a esquerda, passando pela sala 2C, depois pego a direita, para longe da cela, e subo as escadas de pedra. Sigo pelo corredor à esquerda, por onde fui trazido. Nada. Ninguém aparece. Lentamente abro a porta no fim do corredor e espio o outro lado. Outro corredor, vagamente familiar, mas todos parecem mais ou menos iguais. Percorro-o depressa, passo por um pátio interno, que sem dúvida já vi antes, mas não lembro qual a posição dele em relação ao restante da construção.

Continuo em frente. Nada agora parece familiar. Viro à esquerda e à esquerda outra vez. A porta que fica na outra ponta começa a se abrir. Entro por um outro corredor, desta vez à direita, e corro o mais silenciosamente possível para a porta no final. Está trancada por uma barra de ferro. Posso ouvir passos a distância.

A barra de ferro é bastante pesada, mas consigo movê-la. Mais rápido... mais rápido...

Os passos estão ficando mais altos.

Passo pela porta e a fecho silenciosamente às minhas costas.

Quero rir de minha sorte, mas prendo a respiração e me encosto à porta. Estou no pátio onde a van de Celia me apanhou e me deixou. A van não está ali. Não há nenhum veículo. Há um muro alto de tijolos com arame farpado no alto. Nesse muro, há um portão sólido de metal para permitir a entrada de veículos, e perto dele uma porta de madeira comum. Provavelmente está trancada, protegida por alarme e por algum tipo de feitiço de segurança, mas talvez apenas um feitiço para impedir a entrada de pessoas, não a saída...

Percorro o pátio o mais depressa possível, sempre me mantendo junto ao muro. A porta de madeira tem uma tranca na parte de cima e outra na parte de baixo. As duas cedem com facilidade.

Tudo parece fácil demais.

Agora estou apavorado com o que pode haver do outro lado da porta... a decepção de encontrar um guarda parado ali.

Abro a porta devagar, em silêncio.

Não há ninguém.

Estou tremendo. Passo pela porta e a fecho sem fazer barulho ao sair.

É um beco. Estreito, com calçamento de paralelepípedos. E acima está o céu. Está cinza e com nuvens carregadas no entardecer.

Uma pessoa passa andando pelo fim da rua. Uma pessoa comum falando ao celular, só andando, olhando para a frente. Então passa um carro, e depois, um ônibus.

Meus joelhos estão fracos. Não sei o que fazer.



parte quatro

liberdade

três saquinhos de chá na vida de nathan marcusovich

Estou em liberdade há dez dias. Está ok. Estou em uma casa no campo, só tomando uma xícara de chá. Venho aqui quase todos os dias, mas durmo na mata a quase dois quilômetros de distância. A floresta é ok. É quente e posso ouvir caso alguém se aproxime. Nenhum humano aparece. É bom não estar na jaula. Mas dormia melhor nela. Agora tenho pesadelos constantes. Falando assim, os pesadelos não parecem muito assustadores. Apenas corro sem parar pelo beco do prédio do Conselho.

Comida era um problema antes de eu encontrar este lugar. É uma casa de veraneio, raramente usada. Consegui arrombá-la só mexendo na fechadura com um pedaço de arame. Tomo banho aqui na maioria dos dias, e às vezes me deito na cama no andar de cima, como se fosse a Cachinhos Dourados, só que nunca durmo. Todas as camas são macias demais, e também tem mingau, o que é meio estranho.

Há macarrão e cereais no armário, assim como aveia, então estou vivendo basicamente disso. Não tem leite, é claro, por isso faço mingau com água. Não fica empelotado, mas acabei com o mel, a geleia e as passas, portanto também não tem muita coisa para misturar.

Tento fazer uma refeição por dia, na hora em que parece certo. Não como muito; não há muito o que comer. Arroz com sal é meu prato favorito. Havia uma lata de atum, mas acabou em um dia, e a lata de feijões, em dois. Boto meio biscoito de cereal no bolso e o sugo lentamente à noite quando estou escondido na floresta.

Veio uma família e ficou aqui por dois dias. Acho que foi no fim de semana. Mãe, pai, dois filhos e um cachorro, a família de fêlixes perfeita. Não pareceram

perceber que estive na casa e andei pegando coisas. Sempre me asseguro de deixar tudo limpo e arrumado. Quando foram embora, havia mais macarrão, mas a aveia tinha acabado. Tinha esperança de encontrar outra lata de atum, mas não dei sorte.

*

Pensei ter ouvido algo lá fora. Não havia nada.

Voltei a roer as unhas. Tinha esse hábito quando era pequeno, mas parei por causa de Annalise. Agora voltei. Tento não pensar demais nela.

Está chovendo. Uma garoa.

É melhor dar uma conferida lá fora de novo.

*

Estou voltando para a mata. Acho que estou sendo observado. Às vezes sinto isso. Minha pele formiga.

Minha fuga foi muito fácil. Não dá para acreditar que o Conselho tenha tido tanto trabalho para me manter sob controle por toda a minha vida, com todas as avaliações e notificações, me manter prisioneiro com Celia e me tatuar, para depois me deixar fugir. Isso só pode ser um novo plano deles.

Já me seguiram antes, quando morava com a vovó e ia ao País de Gales. Na época eu não sabia, mas agora sei.

Aquela família que ficou na casa parecia de fêlixes, mas não tenho certeza. Talvez caçadores possam se disfarçar de fêlixes. E o primeiro homem com quem peguei carona não parava de me olhar e fazer perguntas, embora, no final das contas, ele fosse legal, porque me deixou saltar. Só que àquela altura eu estava gritando, e ele parecia assustado.

Essas tatuagens são uma espécie de rastreador. É a única explicação possível. Provavelmente há uma tela em algum lugar transmitindo meu sinal. Vi isso uma vez em um filme. *Bipe... bipe... bipe...* Estão sentados dentro de uma van olhando

para a tela e podem ver que estou fazendo um desvio para o lado do campo e seguindo de volta para a mata.

*

Meu abrigo é ok. Ele me protege da chuva, e o chão é seco. É bem escondido, enterrado sob as raízes de uma árvore perto de um riacho.

Passo muito tempo sentado aqui.

E às vezes, quando estou sentado, penso que não estou sendo seguido, que realmente fugi, e digo a mim mesmo: “Eu fugi. Eu fugi. Estou livre.”

Mas não me sinto livre.

Às vezes choro. Não sei por quê, mas isso sempre acontece. Estou, digamos, só olhando para o rio, que corre através da lama marrom-escura, e mesmo assim é límpido, claro, reluzente e silencioso, quando me dou conta de que sinto o gosto de lágrimas. São tantas que entram pela minha boca.

*

Tirei um cochilo, e, apesar do cobertor e de alguns jornais que peguei na casa, estou tremendo. Por quê? É abril, e não está nem frio. Passei quase dois anos morando em uma jaula no lugar mais frio e úmido da Escócia, que deve ser o lugar mais frio e úmido do planeta. Enfrentei neve, gelo e temporais, e aí chego aqui em um lugar agradável e quente e não paro de tremer. Algumas peles de carneiro viriam bem a calhar.

Penso bastante sobre a Escócia, sobre a jaula, fazer o circuito externo e limpar o fogão a lenha, fazer mingau e colher batatas, matar e depenar galinhas. Penso em Celia e no livro que estava lendo comigo.

No livro, o personagem principal, Ivan Denisovich, é um prisioneiro. Está cumprindo dez anos, mas mesmo depois que termina sua pena, não permitem que volte para casa, pois pessoas como ele são exiladas ao serem soltas. Achava que exílio significava que você tinha que sair de seu país e podia viver em qualquer outro lugar, um lugar ao sol, em uma ilha tropical, por exemplo, ou nos Estados

Unidos. Mas o exílio não significa isso. Significa que você é banido para um lugar específico, e, é claro, esse lugar não fica ao sol e não é um paraíso, não é nem os Estados Unidos. É um lugar frio e desgraçado como a Sibéria, onde você não conhece ninguém e mal consegue sobreviver. É outra prisão.

E agora estou livre. Não quero ser exilado.

Quero muito ver Arran.

Muito.

Sei que se eu for até lá vão me pegar e talvez machucar Arran também. Mas quero vê-lo e não paro de pensar que talvez conseguisse ir às escondidas até a casa da vovó à noite ou deixar uma mensagem para ele em algum lugar e combinar de encontrá-lo. Mas sei que não vai dar certo. Sei que vão me pegar e que vai ser pior do que antes, e nunca devo tentar voltar para Arran, nunca, mas me sinto um covarde por nem tentar.

O nome completo de Ivan Denisovich é Ivan Denisovich Shukov, que é um nome muito maneiro, apesar de Denisovich significar “filho de Denis”, o que estraga um pouco a coisa, mas acho que isso mostra que ele é uma pessoa comum.

Se você falar com alguém na Rússia, não vai chamá-lo apenas pelo primeiro nome. Vai usar o primeiro nome e o patronímico. Então você vai dizer: “Ivan Denisovich, passe o sal, por favor.” E ele vai responder: “Você gosta mesmo de muito sal no seu arroz, Nathan Marcusovich.”

Penso muito em Marcus Axelovich. Ele também deve gostar de arroz com bastante sal. E então hoje me dei conta de algo incrível. Gosto de pensar em meu pai, e sei que pensaria em meu filho se tivesse um. Pensaria muito em meu filho. Por isso sei que Marcus está pensando em mim.

*

A mata é um bom lugar: tranquilo, sem gente passeando com cachorros, sem ninguém. É interessante só ficar sentado quietinho ouvindo o que está acontecendo. Há poucos sons, um passarinho ou outro, não cantando, mas pulando de folha em folha, coisas assim. E quando não há som algum, formam-se bolsões de nada, e adoro passar um tempo ali.

Minha cabeça fica livre de ruídos, como ficava com Celia. Sem nenhum chiado. Nenhum equipamento elétrico zunindo em minha cabeça.

E sentado nesses locais começo a acreditar que... escapei.

*

Hoje comecei a correr de novo. Celia ficaria satisfeita comigo, apesar de eu estar lento, então provavelmente não ficaria tão satisfeita assim. Estou fazendo flexões. Não consigo, porém, fazer nem ao menos setenta. Não sei como fiquei tão fora de forma em poucas semanas. Eu me pergunto se é efeito das tatuagens, mas talvez eu apenas precise de mais comida. Minhas costelas estão visíveis.

*

Está escurecendo, agora. Outro dia quase no fim.

Quando estava com Celia, os dias voavam, mas os anos se arrastavam. Eu acordava ao amanhecer, me exercitava, depois fazia as tarefas da casa (nunca havia tempo para as tarefas) e respondia às malditas perguntas dela. Depois ainda tinha que correr, lutar, cozinhar, limpar e estudar nomes de bruxos, poderes, datas e locais... Quando dava por mim, já era hora de voltar para a jaula. Agora é o contrário. As horas não passam. Apesar disso, o tempo que falta para eu fazer dezessete anos parece escorrer entre meus dedos, e estou só vendo-o passar.

Mais um dia amanhece. Eu gostava das alvoradas, mas agora são apenas o início de outro dia lento e frio. Acabei de lembrar que Ivan começa seu dia se tremendo todo. Queria ter aquele livro de Ivan Denisovich. Sei que não o leria sozinho ou algo assim, mas gostaria de tê-lo em minhas mãos ou botá-lo por dentro da camisa.

Mas tenho um livro. É um guia de Londres que roubei antes de deixar a cidade.

Que livro ótimo! Um livro que consigo ler. Olho para os mapas e eles fazem sentido.

Eu o roubei porque sabia que tinha que encontrar o endereço de Bob, o homem sobre o qual Mary me falou. O homem que pode me ajudar a encontrar Mercury.

*

Calor, umidade e chuva de novo. Estou vendo TV e tomando chá. Bem, na verdade não vendo TV, mas ela está ligada enquanto tento analisar o ruído em minha cabeça. Há um chiado em meu crânio. É o melhor que consigo descrever. Não é um som em meus ouvidos. Está em minha cabeça, na parte superior direita.

É como o chiado de celulares, porém bem mais baixo. Nunca ouvi nenhum chiado quando estava com Celia. Ela não tinha celular. Mas quando os caçadores chegaram, eu os ouvi zumbindo.

Aqui na mata não há chiado.

*

Acabei de tomar um banho. Tem muito xampu, sabonete e essas coisas no banheiro. E tem um barbeador elétrico, que é um pesadelo e arranca pedaços do meu queixo, mas como me curo bem rápido, eu o uso mesmo assim.

Confiro a tatuagem no pescoço. Está a mesma coisa.

Todo dia confiro todas as tatuagens, e elas estão sempre iguais ao primeiro dia. Raspei a pele de uma delas no tornozelo um dia para ver o que ia acontecer, e o sr. Wallend estava certo: a tatuagem reapareceu. Era visível mesmo através da casca do ferimento, em um azul fluorescente.

Olho para meus olhos no espelho, os olhos de meu pai. Queria saber se ele se olha no espelho e se pergunta sobre meus olhos. Queria ver meu pai pessoalmente um dia, só uma vez, só conhecê-lo, conversar com ele. Mas talvez seja melhor para nós dois que nunca nos encontremos. Se ele acredita na visão, não vai querer me encontrar. Eu queria saber mais sobre a visão. Nela eu o apunhalo com a Fairborn? Eu o apunhalo no coração? Quero dizer a meu pai que nunca faria isso. Não poderia.

Meus olhos agora estão muito negros. Os vazios triangulares quase não se movem.

*

Estou de volta à cozinha, só o último saquinho de chá e eu.

Preciso ir. Preciso encontrar um jeito de achar Mercury e obter meus três presentes. E estou ficando sem tempo. Só faltam dois meses para meu aniversário.

Isso significa que tenho que ir à casa de Bob, o lugar que está no guia. Só que isso me leva de volta ao meu problema. Isso me leva de volta ao beco.

Quando saí do prédio do Conselho pelo pátio, cheguei ao beco e comecei a correr com um bom ritmo, um ritmo acelerado. Já estava correndo por três, quatro minutos, e ainda não tinha saído do beco. Era como correr em uma esteira rolante para o lado contrário, como se estivessem me puxando de volta para dentro. Eu estava entrando em pânico, quase gritando perto do final, mas segui em frente e de algum modo saí de lá. Eu me apoiei na quina do muro, e uma mulher passou e ficou olhando fixamente para mim. Segui em frente, mas não consegui me livrar daquele muro, nem por uma eternidade eu consegui me livrar daquele muro.

E agora tenho que voltar lá, dobrar aquela esquina e entrar naquele beco. O endereço de Bob, o homem que preciso ver, fica em Cobalt Alley. *Aquele* beco.

nikita

O prédio do Conselho fica do outro lado da rua, a minha esquerda. No início, não tive certeza de que fosse o lugar certo. Esperava algo gótico com espirais e janelas com vitrais, como é por dentro, mas seu exterior é diferente. É um prédio comercial dos anos 1970, enorme, quadrado e todo de concreto, cinza-escuro com manchas pretas em alguns lugares. Sei que é o prédio certo por causa do beco ao lado. Além disso, dei a volta no quarteirão e encontrei a entrada que vovó e eu usávamos. Fica nos fundos. É uma portaria pequena que ainda funciona no mesmo lugar. É a única parte antiga do prédio que pode ser vista do exterior.

Fiquei parado na entrada por um tempo observando. O dia está ensolarado, mas a parte da rua em que estou está protegida do sol e a sombra se estende até o lado oposto. O prédio do Conselho tem fileiras e fileiras de janelas quadradas posicionadas de forma regular, a maioria refletindo a luz do sol com um brilho negro azulado, e é possível ver persianas velhas e defeituosas nas janelas dos primeiros andares, com vasos de plantas secas apoiados nos parapeitos. Parece um prédio do qual ninguém gosta nem cuida. Não há nenhum movimento em seu interior. Vi duas pessoas entrarem. Duas mulheres. Deviam ser bruxas, mas não consegui ver seus olhos.

Nada nem ninguém passou pelo beco em uma ou outra direção.

Eu disse a mim mesmo que ia observar por uma ou duas horas, mas sinto como se as janelas estivessem me vigiando. Preciso resolver isso.

*

Estou me sentindo um pouco trêmulo.

Não consegui. Cheguei perto, mas não consegui subir.

Mas vou fazer. Preciso fazer.
Mas não agora.

*

Absolutamente nada está acontecendo. Esperava ver o tal Bob caminhando pelo beco, mas até agora nada.

Em algum momento ele vai ter que aparecer. A melhor ideia é continuar bem escondido e ficar só olhando.

*

Nada ainda. Ele pode ter tirado o dia de folga ou viajado de férias.
Passou apenas um dia. É só um dia a menos.

*

Segundo dia.

O primeiro dia não foi um sucesso. Ninguém passou pelo beco (nem mesmo eu). Algumas pessoas entraram e saíram do prédio do Conselho.

Mas hoje cheguei aqui cedo. Dormi na porta de outra casa a cerca de um quilômetro.

Estou progredindo. Algumas pessoas entraram no prédio do Conselho. O mais importante, porém, foi que uma van passou pelo beco; veio se aproximando, o portão do pátio se abriu, a van entrou, e ele se fechou. Tudo parecia normal.

Ninguém caminhou pelo beco ainda. Estou esperando que o homem que procuro faça isso.

Esperando.

Esperando.

Mas todos passam sem nem olhar para o beco, como se nem o vissem. Tem uma placa de rua sem saída e um muro de tijolos no final, por isso é improvável que alguém entre ali. Mas ainda assim ele parece invisível para quem passa.

E se Bob nunca vier? Mary me falou dele há anos. Talvez não esteja mais aqui. Talvez o Conselho o tenha apanhado.

Claro que no momento em que me distraio, alguém entra no beco. Um homem. Mas será Bob?

E agora ele está de costas para mim.

É grisalho e magro, está usando calça bege, paletó azul-marinho e carrega uma grande bolsa a tiracolo. Caminha depressa, sem olhar para a porta à esquerda por onde escapei, sem olhar para o portão por onde a van entrou, e segue em frente até o final, onde vira para a porta a sua direita e a destranca. Assim que gira a maçaneta, olha em minha direção. E desaparece.

Então, se esse for Bob, será que devo esperar que saia de novo? Ele pode ficar lá dentro por alguns dias. Preciso vê-lo. Preciso deixar de ser tão patético. Atravesso a rua.

E agora?

Uma garota está caminhando pelo beco à minha frente, e anda depressa. Já está quase no fim da rua. Bate à porta do homem e entra.

O quê?

Será que faço o mesmo? Ou espero?

Ouçõ uma buzina. Estou no meio da rua. Volto a me esconder no vão da porta.

Será que a garota também estava observando tudo? Será que está procurando ajuda, ou é sua assistente... filha... amiga?

Ela já está saindo. É uma criança. Mais nova que eu.

Anda depressa, atravessa a rua correndo por uma brecha no trânsito, vira à direita e olha para mim.

Convidando-me a segui-la.

Olho para o beco.

Ainda vai estar ali mais tarde.

Vejo a menina entrar em outra rua e corro para alcançá-la.

Ela pega outra ruazinha lateral, depois outra, e entra em uma rua larga com pessoas e comércio. No meio daquele movimento e de tanta gente, não consigo ver a menina. Ela pode estar em qualquer loja. Roupas. Telefones. Música. Livros.

Viro para trás e me deparo com ela parada bem à minha frente.

— Oi — diz ela, e segura meu braço. — Você está com cara de quem precisa de uma bebida.

*

Estamos sentados de frente um para o outro. Ela escolheu uma mesa nos fundos do café. Comprou chocolates quentes e pediu minimarshmallows extras, depois me mandou carregar a bandeja. Agora está com a xícara junto aos lábios e me encara por cima da montanha rosa e branca. Seus olhos são definitivamente de félix: verdes, bonitos, mas sem aquela característica dos bruxos... os brilhos. Com certeza é uma félix. Mas mesmo assim são olhos estranhos, parecem líquidos. Têm também outra cor, um turquesa que às vezes pode ser visto, outras vezes, não. Como um oceano tropical.

— Você quer ver Bob? — Ela joga o cabelo castanho comprido por cima do ombro.

Balanço a cabeça. Tento tomar minha bebida, mas os marshmallows não deixam. Como todos para me livrar deles.

— Posso ajudar você. Qual o seu nome? — pergunta, enquanto escolhe os marshmallows e pega um rosa, gesticulando com ele na mão.

— Hum, Ivan.

— Nome diferente. — Pega outro marshmallow e prossegue: — Bem, acho que não na Rússia.

Ela dá um gole em seu chocolate quente.

— Eu me chamo Nikita.

Acho que não é verdade.

— Você trabalha para o Bob? — pergunto.

Ela parece ter uns quatorze, quinze anos no máximo. Deve estar na escola.

— Sou uma faz-tudo dele. Um pouco disso, um pouco daquilo. Resolvo coisas na rua dele, sabe?

Na verdade, não.

Ela termina o chocolate quente, pegando o último restinho com a colher. Depois de raspar muito, põe a xícara na mesa.

— Quer um cookie? — pergunta. Ela se levanta e sai andando antes que eu possa responder.

Volta com dois cookies enormes de chocolate e me dá um deles. Tenho que me concentrar para não enfiar o biscoito todo na boca de uma vez.

— Você não devia ficar parado em frente ao prédio do Conselho — diz ela.

— Tomei cuidado.

— Eu vi você.

Tomei cuidado.

— Precisa arranjar óculos escuros para esconder os olhos. E não tenho ideia do que seja isso... — diz ela, apontando para minhas tatuagens. — Mas eu usaria luvas.

Estou usando um cachecol que peguei na casa de veraneio, mas não havia luvas.

Ela se inclina para perto de mim.

— Cobalt Alley é protegida.

— É? Como?

Ela abre os braços em um gesto amplo.

— Com magia, é claro. Os fêlixes não veem o beco. Só os bruxos.

Então ela é uma bruxa. Embora seus olhos sejam diferentes.

— Depois que você entra no beco, só consegue sair se olhar exatamente para onde vai e pensar nesse lugar. E estou falando em olhar fixamente e se concentrar. Quando entrar, olhe apenas para a porta de Bob; pense na porta e em mais nada e você chegará lá. Quando for sair, olhe fixamente para os prédios no fim do beco. Não olhe para baixo. Nunca olhe para baixo. Se olhar para os portões do prédio do Conselho, se pensar no prédio do Conselho, você vai parar lá.

— Está bem... obrigado.

— Aliás, seu disfarce de mendigo é bom.

E ela sorri para mim, não sei se está brincando ou não. Antes que eu possa responder, ela se levanta e sai do café.

Meu estômago se revira, sinto aquele gosto na boca e tenho que correr para o banheiro. Vomito no mictório uma mistura cor de café de pequenos marshmallows flutuantes e gosma.

Espero. Não sei mais nada, então me viro para beber água na torneira. O rosto que me olha do espelho está pálido e com olhos vermelhos, pesados e fundos, com

olheiras escuras. Faço o possível para me curar, mas comida decente e água são a única solução. Vejo o estado do meu jeans, gasto atrás e nos joelhos. Minha camisa tem furos nos braços e faltam alguns botões. A gola da camiseta por baixo está encardida e esgarçada.

Saio da loja, mas a mulher do balcão corre atrás de mim.

— Sua amiga acabou de deixar uma coisa para você — diz ela, e me entrega uma grande sacola de papel.

Dentro há dois sanduíches embalados (presunto com queijo e bacon com alface e tomate), uma garrafa d'água, outra de suco de laranja fresco e um guardanapo com algo escrito. Levo cinco minutos para entender o que diz.

Para Ivan
De Nikita

cobalt alley

Comi o sanduíche de bacon com alface e tomate, bebi toda a água e estou olhando para Cobalt Alley. Não pode ser tão difícil, não é? É só ir em frente. Bob e Nikita seguiram pela calçada estreita do lado direito. O prédio de Bob se estende da esquina da rua até o muro no fim do beco. É uma construção baixa e decadente de um andar com telhado de ardósia, e a única porta e a única janela ficam bem no fundo.

Meu passo é firme e confiante, mas não apressado, a cabeça ligeiramente virada para que eu não veja o prédio do Conselho. Meus olhos estão fixos na entrada da casa de Bob. Repito mentalmente: *A casa de Bob. A casa de Bob.*

Sei que minha tensão é aparente e me forço a reduzir o passo para o caso de alguém do Conselho me ver. Mas sinto um puxão na direção do prédio do Conselho e penso: *Merda! A casa de Bob. A casa de Bob.* E mantenho os olhos fixos na porta dele.

Chego lá. *Obrigado.*

A casa de Bob.

Bato à porta.

A casa de Bob. A casa de Bob.

Olho fixamente para a porta. Agora estou murmurando.

— Por favor, depressa. A casa de Bob. A casa de Bob.

Nada.

A casa de Bob. A casa de Bob.

Bato de novo. Mais alto.

— Depressa. Depressa! A casa de Bob. A casa de Bob.

O que farei se os guardas saírem do prédio do Conselho? Não tenho escapatória. Tudo pode ser uma armadilha deles. Sinto meu corpo ser atraído de novo na

direção do prédio.

A CASA DE BOB! A CASA DE BOB! Não posso esperar tanto. A casa de Bob. A casa de Bob.

Ouçõ um estalido e a porta se abre em apenas uma fresta.

Nada mais acontece.

Entro e empurro a porta para fechá-la bem.

— Merda! A casa de Bob.

— Entre. Que bom que conseguiu, mas terei que matá-lo se der uma olhada na pintura.

Longe de ser uma ameaça, as palavras pareciam uma súplica desesperada por atenção.

Reparo na sala, imunda. Até o ar tem cheiro de sujeira. O lugar é estreito, e encostada em uma das paredes há uma mesa de madeira com uma fruteira. Há algumas maçãs e peras espalhadas. À minha direita há uma cadeira de madeira e um cavalete, e atrás deles, uma porta aberta por onde a voz já desapareceu. Ao que tudo indica, a pintura será uma natureza-morta com frutas. Sigo para o outro aposento, parando no caminho para ver a obra em andamento. É boa, tradicional e detalhista. Óleo sobre tela.

Vejo um homem encurvado. Está mexendo algo em uma panelinha toda amassada. Sinto cheiro de sopa de tomate.

Espero na porta. O aposento tem a sensação gélida de uma caverna. Parece ainda menor do que o estúdio de pintura, isso porque junto às duas paredes há pilhas de grandes telas, todas com o verso vazio e pálido virado para o centro do aposento. A única luz vem de duas lâmpadas no teto. Há um pequeno sofá de couro falso, uma mesinha de centro de fórmica com três pernas, uma cadeira de madeira semelhante à do outro aposento e uma fileira de armários de cozinha com uma bancada enferrujada, onde há uma chaleira e um fogareiro elétrico de uma boca. No corredor ao lado da pia, várias canecas e uma lata de sopa aberta.

— Estou preparando o almoço.

Como não respondo, ele para de mexer a sopa e se vira para me olhar, se espreguiçando e sorrindo. Segura a colher de pau no ar como se fosse um pincel, e uma bolha vermelho-alaranjada pinga no linóleo.

— Gostaria de pintar você.

Acho que ele não captaria meus olhos.

O homem inclina a cabeça.

— Provavelmente, não. Seria um desafio.

Não respondo. Será que falei em voz alta?

— Acho que um pouco disso ia lhe fazer bem. — Ele segura a panela e levanta as sobrancelhas com ar interrogativo.

— Obrigado.

O homem serve a sopa em duas das canecas do corredor e coloca a panela na pia. Em seguida pega as canecas e me oferece uma.

— Infelizmente acabaram os *croutons* — diz ele, e senta no pequeno sofá de couro falso.

— Não faço ideia do que seja isso.

— Aonde esse mundo vai parar?

Sento na cadeira e seguro a caneca para aquecer as mãos. A sala está muito fria, e a sopa, apenas morna.

Ele usa meias vermelhas e calças largas, que revelam suas pernas incrivelmente magras. Ele gira um dos pés sem parar enquanto toma aos poucos a sopa.

Tomo a minha quase toda de um só gole.

O pé dele para.

— O problema daqui é a umidade. Mesmo nos dias de verão nunca bate sol, e sobe umidade do chão. Deve ser o rio.

Ele toma um pouco da sopa, franzindo os lábios a cada gole, e coloca a caneca na mesa.

— O fogareiro elétrico também não está funcionando direito e não esquenta muito.

Saboreio o último gole de sopa. Não é tão gostosa quanto o sanduíche de bacon com alface e tomate, mas está boa. Percebo que estou relaxado. Sei que é ele. Que com certeza não é nenhum caçador. Ele é Bob.

— Estou falando sério. Adoraria pintar você. Desse jeito. — Ele faz um gesto com a mão em minha direção. — Sentado na cadeira simples de madeira, meio faminto, jovem. Tão, tão jovem. E com esses olhos. — Ele para de gesticular e se inclina para a frente, examinando meu rosto. — Esses olhos. — Ele se recosta

outra vez. — Um dia talvez você me deixe pintá-lo. Mas isso vai ter que ficar para depois. Hoje nosso negócio é outro.

Estou prestes a abrir a boca para falar, e ele leva o dedo aos lábios.

— Não há necessidade disso.

Sorrio. Gosto dele. Tenho quase certeza de que sua magia é ler mentes, o que é incrivelmente raro e...

— Tenho certa habilidade, mas, um pouco como minha pintura, ela é competente, técnica... esforçada, pode-se dizer, mais do que... — Ele para e olha para mim. — Não sou um Cézanne. Tenho que me concentrar muito para extrair os pensamentos da confusão que é sua mente. Mas é óbvio por que você está aqui. — Ele dá um tapinha em um dos lados do nariz.

Penso bem alto: *Preciso encontrar Mercury.*

— Isso eu entendi com toda a clareza.

O senhor pode me ajudar?

— Posso colocá-lo em contato com a próxima pessoa da corrente. E mais nada.

Então não vou encontrar Mercury tão cedo. Mas *tenho um prazo a cumprir. E ele termina em dois meses.*

— Isso é tempo suficiente. Mas você precisa entender, e tenho certeza de que entende melhor que a maioria, que cautela é vital para todos os envolvidos.

Será que ele sabe quem sou? *Por que eu entenderia melhor que a maioria?*

— Ouvi dizer que um prisioneiro escapou do Conselho. Um prisioneiro importante. O filho de Marcus.

Ah.

— Os caçadores estão atrás dele. E são muito bons nisso.

Ele me encara.

Percebi que deixei escapar um pensamento.

— Posso vê-las?

Estendo uma das mãos, mas ele se levanta e vai para o aposento dos fundos. Ouço o estalido de um interruptor e a lâmpada acima de mim pisca antes de ganhar vida. Bob volta e para à minha frente. Suas mãos frias e magras pegam a minha, e seus dedos ossudos tocam minha pele e distorcem a tatuagem.

— São mesmo um horror, não são?

Não sei se ele está falando das tatuagens ou dos bruxos da Luz.

— Os dois, meu querido, os dois.

Ele solta minha mão.

— Posso ver as outras?

Mostro a ele.

— Bem, bem, bem... — Bob volta para seu lugar no sofá e começa a girar o pé de novo. — Precisamos ver se está tudo bem com você, se as tatuagens são algum meio de localizá-lo. Se forem, meu destino já está selado.

Ele ergue as mãos.

— Não, não. Não precisa se desculpar... Na verdade, acho que eu é que devo pedir desculpas, porque vamos ter que arranjar alguém para dar uma olhada nelas. Acho que não vai ser um procedimento rápido, e sei que não vai ser agradável. O homem que tenho em mente é um filisteu.

Bob se levanta e leva as canecas para a pia.

— Acho que não vou me dar o trabalho de arrumar as coisas. É hora de seguir em frente. Sabe, sempre achei que devia pintar na França, buscar o espírito de Cézanne nas colinas. Posso fazer melhor que isso.

Pode, sim.

— Devo levar as pinturas? — pergunta ele.

Dou de ombros.

— Tem razão, o ideal é começar do zero. Sabe, já estou me sentindo melhor. — Ele desaparece de novo no quarto dos fundos e volta com uma folha de papel e um lápis.

Debruçado sobre a bancada da cozinha, desenha. É bom observá-lo. O desenho é melhor que a pintura a óleo.

— Você é muito gentil. Achei que a ilustração faria mais sentido para você do que algumas palavras feias.

No desenho, eu tento pegar algo no alto de um armário no que parece ser uma estação de trem. Há uma placa, mas não tento lê-la de imediato. Vou decifrá-la depois.

Ele me entrega o desenho.

— Sabe que você é bonito, não sabe? — pergunta ele. — Não deixe que o peguem.

Olho para ele e não consigo evitar um sorriso. Ele me lembra Arran, seus olhos cinza suaves cheios da mesma luz prateada, apesar de o rosto inteiro de Bob parecer cinza e enrugado.

— Não precisa criticar minha aparência. Ah, tem mais uma coisa. Você vai precisar de dinheiro.

Percebo que não dei nada a Bob.

— Você me deu a chance de uma vida nova e um pouco de inspiração. É meu muso. Infelizmente vou ter que me contentar com esse mero vislumbre. Mas outros estão menos interessados na estética da vida e mais em ganhos obtidos de modo escuso.

Quanto eles vão cobrar?

Bob abre os braços e olha ao redor da sala.

— Como pode ver, eu mesmo não sou um especialista em dinheiro. Não levo o menor jeito com isso.

Então me lembro de perguntar sobre Nikita.

A garota que me ajudou... ela é bruxa?

— Meu caro rapaz, espero que entenda que, se vinte minutos depois que você for embora daqui, um homem bater na minha porta fazendo perguntas a seu respeito, seria muita falta de educação minha respondê-las. Detestaria falar de você pelas costas e nunca sonharia em ser tão descortês com qualquer pessoa que tenha vindo aqui. Batam à minha porta em vinte minutos ou vinte anos, a mesma regra de comportamento sempre se aplicará.

Balanço a cabeça.

Obrigado por mandá-la me ajudar. E pelos sanduíches.

— Não pedi a ela que lhe desse comida. — Ele sorri. — Ela é casca dura, mas seu recheio é macio.

Sorriso para ele e me viro para ir embora.

— *Adieu, mon cher* — diz ele enquanto fecha a porta às minhas costas.

Caminho apressado pelo beco, grudado ao muro à minha esquerda, com os olhos fixos nos prédios distantes e pensando: *O fim do beco. O fim do beco.*

dinheiro

O aviso de Bob sobre os caçadores realmente me deixou alerta. Sabia que eles estariam atrás de mim, mas agora minha adrenalina dispara sempre que vejo alguém vestido de preto. Depois de alguns quilômetros encontro um parque e circulo por ele. Um homem que passeia com o cachorro me ajuda a ler a placa no desenho de Bob: ela diz Earls Court. No desenho, também há um homem sentado em um banco lendo o *Sunday Times*. O homem me diz que é quarta-feira, então tenho quatro dias para juntar o máximo de dinheiro possível.

Não sei por onde começar, mas sei que arranjar um emprego não vai ser a solução. Lembro-me de Liam, com quem prestei serviço comunitário, me dando conselhos sobre como roubar. “Encontre uma pessoa burra e rica — há muitas por aí — e roube dela.”

*

Estou perto da Catedral de St. Paul. Tudo está silencioso. As poucas pessoas que vi saíram de um bar e entraram direto em um táxi. Estou esperando mais abaixo na rua.

É tarde quando aparece um homem caminhando, apreensivo e xingando a falta de táxis. Está usando roupas muito elegantes, sapatos sem furos, e sua cintura indica que comida não é problema. Não sei bem como fazer isso, mas caminho em sua direção, do outro lado da rua. Ele finge não ter me visto e acelera o passo. Cruzo seu caminho, e ele para. Deve pesar o dobro de mim e não é pequeno, mas é fraco e sabe disso.

— Olhe aqui, parceiro — digo. — Não quero mesmo machucar você, mas preciso de todo o seu dinheiro.

Ele olha ao redor, e percebo que vai começar a gritar.

Dou um passo à frente e o empurro contra a parede. Ele é pesado, mas ao bater nos tijolos, o ar sai dele como um balão se esvaziando.

— Não quero mesmo machucar você, mas preciso de todo o seu dinheiro.

Meu braço está em seu pescoço, empurrando sua cabeça para o lado. Seus olhos me encaram.

Ele tira do paletó uma carteira de couro preta, longa e fina. Sua mão está tremendo.

— Obrigado — digo.

Pego as notas, fecho a carteira, devolvo-a e então vou embora.

Mais tarde, quando estou encolhido na entrada de uma loja, penso no homem. Provavelmente está deitado em uma cama boa e quente, e com certeza não tem um bando de caçadores atrás dele, mas poderia ter acabado em um hospital com um ataque cardíaco. Não quero matar as pessoas. Só preciso do dinheiro delas.

*

No dia seguinte, analiso com cuidado a estação de Earls Court. Demoro um pouco para encontrar a plataforma e o local correspondentes ao desenho de Bob, mas o banco, a placa e os armários estão ali. Só preciso voltar em três dias e pegar o que estiver em cima deles. Vou lá e passo a mão em cima dos armários, mas só encontro sujeira.

Agora preciso de um homem rico, saudável e jovem para roubar.

*

Liam deveria vir a Londres. Ia adorar isso aqui. O lugar é cheio de gente rica e idiota. Alguns reagem, outros tentam me acertar, mas basicamente tudo é sempre muito rápido.

Comprei um terno e cortei o cabelo para me misturar aos felizes. Mas Canary Wharf, por ser um distrito financeiro, está deserto no sábado. Fico satisfeito, porque roubar dessas pessoas não é difícil e todas elas são caso perdido mesmo.

Tenho mais de três mil libras e uma consciência razoavelmente tranquila, mas não é divertido fazer nada só por dinheiro.

*

No domingo, pego o metrô até Earls Court e circulo pela estação para ver se há algum caçador. Ninguém está nem olhando para mim. Todos olham para a frente com um ar vazio, ou fitam os próprios celulares. Vou até o fim da plataforma, volto até os armários e ergo a mão.

Encontro um pedaço de papel. Puxo-o com a ponta dos dedos, guardo-o no bolso e sigo em frente praticamente sem interromper o passo.

Faço amizade com uma mulher em um café. Ela lê as instruções. São parecidas com as que Mary me deu, mas menos precisas. São para quinta-feira.

jim e trev (parte um)

Segui as instruções com cuidado. Elas me levaram para os arredores de Londres, até uma casa horrível em um lugar horroroso que ficava perto dos limites da cidade. Estou parado na sala de alguém. Está escuro aqui. Jim está sentado na escada. Se o desejo de Bob era ser artista, o de Jim era ser um criminoso, um bruxo da Luz com baixo nível de habilidade. Com certeza não é um caçador.

A casa é pequena, propriedade de fêlixes que, de acordo com Jim, “não sabem nada de nada”. A porta da frente se abre para uma sala de estar que dá para a cozinha. De um lado há uma escada e, do outro, uma tevê de tela plana grande na parede, mas por alguma razão não há cadeiras. Jim fecha as cortinas e o ar fica pesado. Tem um cheiro de cebola e alho, que parece vir dele.

Ele não me disse como encontrar Mercury, mas me explicou que é importante ter um bom passaporte e que, na verdade, vou precisar de dois deles, que seus passaportes são de qualidade, verdadeiros mesmo, e por aí vai...

Ele esfrega o nariz com as costas da mão e funga, puxando uma grande quantidade de catarro de volta para o peito.

— Dão mais trabalho que um terno sob medida... requerem mais habilidade, mais tudo. Esses passaportes vão lhe permitir passar pelas inspeções mais minuciosas. Eles podem salvar sua vida.

Não quero um passaporte. Só quero saber como encontrar Mercury. Mas acho que não devo me indispor com ele.

— Tenho certeza de que você está certo, Jim.

— Vai ver que estou, Ivan. Você vai ver.

— Então são dois mil por dois passaportes e pelas instruções para encontrar Mercury.

— Desculpe, Ivan, acho que não fui claro. O total é de três mil libras.

Ele torna a limpar o nariz, dessa vez com a palma da mão.

— Mas você disse mil por um passaporte.

— Você é novo nisso, não é? Vou explicar. É a questão dos passaportes estrangeiros. Consigo um britânico por mil, mas é melhor ter de algum outro lugar também. Os Estados Unidos são uma possibilidade, mas atualmente prefiro a Nova Zelândia. Muita gente tem problemas com os ianques por alguma razão, mas ninguém tem problemas com neozelandeses, exceto, talvez, algumas ovelhas... — Ele funga profundamente e engole. — E, é claro, coisas estrangeiras são mais caras.

Não sei. Não tenho ideia se mil libras é um bom preço ou não. Para mim, parece muito. Dois mil parece ridículo.

— Mercury vai gostar de saber que você está sendo cuidadoso. Ela prefere que as pessoas tomem todas as precauções.

Não tenho a mínima ideia se ele sabe mesmo alguma coisa sobre Mercury, mas...

— Está bem. Quando?

— Ótimo, Ivan. É muito bom fazer negócios com você. Muito bom.

— Quando?

— Está bem, filho. Sei que está ansioso. Em duas semanas deve estar tudo pronto, mas vamos dizer três para garantir.

— Vamos dizer duas semanas, um passaporte e mil libras.

— Duas semanas, dois passaportes, três mil.

Balanço a cabeça e me afasto dele.

— Ótimo... Metade adiantado, claro.

Não quero discutir e me aborrecer, então saco três maços de quinhentas libras. Vi isso em um filme e gostei da ideia. Tudo com Jim parece um filme barato de gângsteres.

— Pegue as instruções no mesmo horário daqui a duas semanas e siga tudo direitinho. Vai ser um local de encontro diferente. Nunca use o mesmo lugar duas vezes. Você traz o dinheiro e por aí vai.

— As instruções são parte de algum feitiço, Jim?

— Feitiço?

— É, as instruções para chegar ao ponto de encontro. Um feitiço para garantir que os caçadores não me sigam.

Jim sorri.

— Que nada. Mas sempre observo meus clientes enquanto esperam por ônibus e trens. Se eu visse um caçador, estaria longe há muito tempo.

— Ah.

— Mas são basicamente instruções. Não quero que um cliente meu se perca. Você não ia acreditar em como certas pessoas são burras.

Jim vai até a porta e acende a luz.

— Surpresa. — Nós dois piscamos e protegemos os olhos da luz. — Só preciso de uma foto sua agora.

Enquanto ele prepara tudo, me pergunto qual é o seu dom. Dizem que é falta de educação perguntar, mas sinto que com Jim isso não será problema.

— O habitual. Poções. Odeio poções — diz ele, e continua: — E eu pensei... bom, todos pensavam que eu ia receber um dom poderoso. Desde criança eu tinha um talento especial, e minha mãe, que Deus a abençoe, dizia: “Meu filho vai ter um dom poderoso.” Sabe, desde uns três ou quatro anos eu podia distinguir bruxos de fêlixes. Identificava com facilidade, e isso é raro, sabe...

— É raro, com certeza. E como você faz isso?

— Bem, não vai acreditar, mas está tudo nos olhos... Vejo pequenos brilhos prateados nos olhos dos bruxos da Luz.

Meu queixo deve ter caído.

— Não acredita em mim, não é?

— Jim, estou só... impressionado. Como são exatamente esses brilhos prateados?

— Ah, bem, não parecem com nada. A coisa mais parecida que posso dizer é que são linhas prateadas que se movem o tempo todo, rodando e girando, como aqueles focos brilhantes quando você sacode um globo de neve. É assim.

— Você vê esses brilhos quando se olha no espelho?

— Vejo, sim.

— Impressionante.

— É mesmo. Na verdade, é muito bonito. Bruxos têm olhos lindos.

— E o que vê nos meus olhos, Jim?

— Ah, bem, seus olhos... você com certeza tem olhos interessantes.

— Vê brilhos prateados?

— Ivan, para ser honesto, tenho que dizer que não tem nada muito prateado...

Sento no chão e me apoio na parede.

— Todos os bruxos da Luz têm pontos prateados nos olhos?

— Pelo que vi até agora, sim.

— Já viu algum bruxo das Sombras?

— Alguns. Os olhos deles são diferentes. — Ele parece preocupado. — Não são prateados.

— São como os meus?

— Não. Eu diria que os seus são únicos, Ivan.

Não, eles são iguais aos do meu pai.

Jim dá uma fungada forte e senta-se ao meu lado.

— Também posso identificar meios-sangues.

— Pode?

Acho que nunca vi um meio-sangue, uma pessoa meio bruxa, meio félix. Eles são desprezados pelos bruxos.

— Eles têm olhos muito bonitos. Mas estranhos... como água corrente.

Alguém bate à porta e fico de pé atrás dela, olhando para Jim. Ele sorri para mim.

— Tudo bem, Ivan, tudo bem. É só o Trev. — Jim olha para o relógio. — Mas está atrasado. Sempre atrasado. É o Trev.

— Quem é Trev? — murmuro.

Jim se levanta e alonga as costas antes de ir sem pressa até a porta.

— Trev é um gênio. Ele tem muitas habilidades... — E então Jim baixa a voz até virar um sussurro. — Não tem muita magia, mas tem muitas habilidades. Vai dar uma olhada nessas tatuagens para você.

*

Trev parece um especialista, mas não sei bem no quê. É excepcionalmente alto, quase careca com alguns fios ralos de cabelo grisalho que começam mais ou menos na altura das orelhas e vão até os ombros. Está usando um terno marrom velho, uma camisa bege grossa e um pulôver de tricô vermelho-ferrugem. Trev é inexpressivo em todos os sentidos. Seu corpo parece flutuar mesmo com o menor movimento dos braços ou das pernas. Sua voz não tem qualquer entonação.

Praticamente não demonstra nenhum interesse por mim e mal olha para o meu rosto, o que é ótimo. Mas quando vê minhas tatuagens, ele desperta.

— Vou ter que tirar algumas amostras — diz ele, olhando para mim e beliscando minha pele em vários lugares, indo do pescoço até minha mão e depois até a perna. — De pele e osso.

— Do osso?

— Do tornozelo.

— Como?

Trev não responde, mas se ajoelha no chão e abre sua bolsa de couro preta e surrada, que parece uma maleta de médico antiga.

Percebo o sorriso de Jim.

— Você é médico, Trev? — pergunto.

Trev provavelmente não escutou, porque não respondeu. Jim dá um riso de deboche seguido de uma fungada ruidosa.

Trev pega um saco plástico, rasga e pega um lençol cirúrgico azul, que estende no chão. Ao lado da bolsa há um bisturi também em um saco plástico, que logo é rasgado e jogado fora. Em pouco tempo há uma fileira reluzente de instrumentos cirúrgicos, e o mais preocupante deles é uma pequena serra de arco.

A essa altura, Jim está aos pulos de alegria.

Trev estende outro lençol azul sob minha perna e em seguida começa a limpar meu tornozelo com uma toalha cirúrgica.

— É melhor sem anestesia — diz.

— O quê?

— Mas assim o paciente acaba se mexendo demais. Você acha que consegue aguentar firme?

— Provavelmente não. — Minha voz sai mais aguda.

— Que pena. — Ele se vira para a bolsa e pega uma agulha hipodérmica e um líquido translúcido. — Preciso analisar a pele, o tecido e o osso. Se houver algum anestésico, isso pode alterar os resultados.

Não sei se ele está inventando isso só para divertir Jim, que parece estar cheio de expectativas.

— Está bem, vou aguentar firme.

E me pergunto em que momento vou mudar de ideia.

— Jim pode ajudar...

— Não, não precisa.

Não quero aqueles dedos melequentos perto de mim. São mais assustadores que a serra.

— Não comece a cura antes que eu diga que acabei. Vou ser rápido.

Verdade seja dita: Trev não enrola.

Não me mexo. Fico rígido, assistindo a tudo. Também não emito um som sequer, não dou nenhum grito nem gemido, apesar de minha mandíbula e meus dentes doerem de tanto trincá-los. Estou ensopado de suor quando ele termina.

Jim me observa enquanto eu me curo.

— Uau! Você é rápido.

Trev, então, pergunta como as tatuagens foram aplicadas, e enquanto falo ele tampa os quatro pequenos recipientes plásticos redondos com as amostras de pele, sangue, carne e osso. Então arruma os frascos e os prende com um elástico grande, colocando-os com cuidado no canto de sua bolsa. Em seguida, enrola o plástico ensanguentado com os instrumentos cirúrgicos em um embrulho grande, pede a Jim que abra o saco de lixo e o joga lá dentro. Recolhe o lençol que estava sob minha perna e o joga no lixo também.

Ele examina meu tornozelo e balança a cabeça.

— Eu removi o “0”, mas você pode ver que ele já reapareceu na cicatrização. Isso é muito inteligente. Isso tudo é muito inteligente. Vou tirar algumas fotos.

Pega o celular e faz várias fotos.

— Cicatrizes interessantes — diz ele, olhando para minhas mãos. — Ácido?

— Está estudando são as tatuagens — digo.

— Apenas interesse profissional.

— Em quanto tempo vai poder me dar os resultados?

Trev me olha completamente inexpressivo.

— Preciso analisar quais elementos químicos há nelas. Isso vai ser rápido. Mas como tem feitiçaria envolvida, as coisas ficam mil vezes mais complicadas.

— Em quanto tempo vai saber se eles estão usando essas tatuagens para me localizar?

Trev não responde. Fecha sua bolsa e se levanta para ir embora.

— É improvável que as tatuagens estejam sendo usadas para isso — diz ele para Jim.

Trev pega sua bolsa e vai embora. Jim fecha a porta.

— Não tem educação nenhuma. É brilhante demais para isso. Mas não custava nada tentar. — Jim funga e prossegue: — Também nunca se apressa. Nunca. Conto as novidades quando encontrar você em duas semanas.

— Ele não falou em dinheiro.

— Esse é um triste defeito do nosso Trev. Acha que está acima disso tudo. Mas como todo mundo, é claro que ele precisa comer, não é?

— Estou achando que não vai sair barato.

— Ele é um especialista, Ivan. Especialistas não são baratos. Especialistas em passaportes, em tatuagens, em qualquer coisa não são baratos. Ele cobra por hora. Digo a você em que região ele vai estar quando nos encontrarmos da próxima vez.

jim e trev (parte dois)

Duas semanas depois, de manhã cedo, Jim e eu estamos no vestiário de um clube em uma cidade do interior. Não tenho certeza se o odor é de Jim ou do vestiário, mas acho que os membros do clube não aguentariam aquele fedor por tanto tempo.

— Você está com uma cara muito melhor, Ivan. Está com o rosto mais cheio. Ossudo, era assim que você estava, ossudo.

Ele olha para a porta atrás de mim o tempo todo enquanto fala.

— Algum problema, Jim?

— Não devia ter. Não devia. Você seguiu as instruções direito?

— É claro.

— Esse lugar me dá arrepios. Vamos resolver isso logo, tudo bem?

Pego os passaportes e dou uma folheada neles. Para mim, parecem bons. Tenho dois nomes e datas de nascimento diferentes, mas tenho dezoito nos dois, o que é plausível.

— Então é isso — diz Jim enquanto termina de contar o dinheiro.

Ele o guarda no bolso da jaqueta, e eu seguro seu braço.

— E as instruções para encontrar Mercury?

Jim sacode a cabeça com tristeza, mas ainda sorrindo, pois é um profissional.

— Ivan, meu amigo, sinto muito mesmo, mas não posso divulgar nenhum detalhe até saírem os resultados do Trev. Adoraria ajudar, é claro. Adoraria.

— E como o Trev está indo?

— Ah, ele está se divertindo. Fui visitá-lo outro dia. Está adorando. Disse que é um grande quebra-cabeça. Um quebra-cabeça gigantesco.

— E quando vou saber a solução desse grande quebra-cabeça?

— Ele não sabe. Quase não falou comigo. Estava calado demais. Mas disse que ia deixar instruções no lugar de sempre na terça, às dez da manhã. Você só tem que checar toda terça.

— Acho que não vai ser nesta terça, então, pelo tamanho do quebra-cabeça.

— Nunca se sabe, Ivan. Nosso Trev é um gênio. Ele pode estar encontrando a solução agora mesmo. Você vai ter que procurar toda terça, e uma semana vai estar lá.

— E o dinheiro?

A expressão de Jim fica tão mal-humorada que sua boca se retorce e ele parece incapaz de formar palavras por alguns segundos, antes de sacudir a cabeça e dizer:

— Ele diz que vai discutir essas coisas com você, só com você.

Jim esfrega o nariz com os dedos e os limpa na calça.

*

Na primeira semana não espero encontrar nada em cima do armário. Estou com um bom pacote de dinheiro e não aguento mais roubar. Tenho botas e roupas novas. Continuo a me exercitar. Fazer cem flexões agora é fácil. Mas preciso sair da cidade. Não vi nenhum caçador, e não paro em lugar nenhum, dormindo cada noite em uma porta diferente, mas estou o tempo todo tenso. Decidi que depois de conferir o armário na próxima terça, vou para o País de Gales ou talvez para a Escócia, algum lugar remoto, e só volto na segunda-feira seguinte.

E na outra terça encontro um envelope no alto do armário. Saio andando lentamente, olhando ao redor. Um menino de não mais de cinco anos está segurando a mão da mãe e me olha fixamente. Fico paralisado, olho outra vez ao redor e o encaro novamente. Ainda está me observando. Não sei por quê, mas saio correndo.

Já fui complacente demais. Mesmo que não estejam me rastreando, e estou começando a acreditar que não estão, *com certeza* estão procurando por mim. Podiam dar sorte e me ver perambulando pelas ruas. Eles me subestimaram e eu fugi, mas não posso subestimar os caçadores. Como Mary disse, “a pista está no nome”.

Dentro do envelope há uma passagem de trem e um bilhete. Com um pouco de ajuda descubro que a passagem é para as seis da manhã do dia seguinte. A viagem não deve durar mais que algumas horas, o que vai me dar tempo para descobrir como chegar ao ponto de encontro indicado no bilhete:

11h
Mill Hill Lane, n° 42

Liverpool é um lugar com poucos bruxos porque há uma gangue de fêlixes na cidade que não gosta nada deles e os persegue. Vovó me contou que os bruxos da Luz tentam não ir lá porque há uma espécie de acordo: os fêlixes não revelam a identidade dos bruxos contanto que estes se mantenham fora dali.

Digo a mim mesmo que é um bom plano. Jim está cuidando de mim, me mandando para um lugar onde não há bruxos da Luz nem caçadores. Porém, mais tarde naquele dia fico nervoso e não consigo parar quieto. Essa mudança de estratégia me incomoda. Jim nunca mencionou passagens de trem. Só falou de instruções.

Estou caminhando de volta para Cobalt Alley. Acho que Bob deve ter partido semanas atrás, espero que tenha, mas alguma coisa me faz ir lá checar. Preciso saber se a passagem de trem é porque os caçadores estão atrás de Bob, ou pior: se é porque eles o capturaram.

Antes de chegar a meu antigo ponto de observação em frente ao prédio do Conselho, vejo que há alguma coisa acontecendo no beco, então continuo andando devagar do outro lado da rua. Há uma van grande branca parada em frente à casa de Bob e outro veículo do outro lado, que não consigo ver bem, mas acho que é o mesmo jipe que foi à Escócia me buscar. Arrisco uma última olhada e vejo um homem saindo da casa de Bob carregando um quadro. É Clay.

*

Não durmo essa noite. Chego à estação ferroviária poucos minutos antes da hora da partida do trem e vou para o meu lugar.

O vagão não está nem com metade dos assentos ocupados. É um dos primeiros trens. Tento ver os olhos de todas as pessoas que passam por mim. Não identifico caçadores.

Estou exausto e durmo na viagem. De repente, o trem sacoleja e há um anúncio. Estamos chegando a Liverpool.

*

São 11h15, e a Mill Hill Lane parece menos acolhedora a cada minuto que passa. Não há ninguém na rua. O número 42 é uma casa geminada caindo aos pedaços, junto de outras casas igualmente maltratadas. Vidros quebrados e pichações parecem ser a regra, mas o interior da casa está relativamente intocado: as tábuas do piso estão nuas, e a única janela danificada foi a que quebrei para entrar.

Escondi a mochila em um beco discreto a menos de um quilômetro dali. Meus passaportes e meu dinheiro estão nos bolsos da minha jaqueta. Estou usando um lenço árabe no pescoço e óculos escuros, apesar de não estar sol. Luvas que não cobrem os dedos são mais práticas que luvas comuns, e escondem as tatuagens e cicatrizes da minha mão, mas não as do meu dedo, que cobri com uma fita adesiva.

Digo a mim mesmo que ao primeiro sinal de qualquer coisa estranha vou embora. Mas quem estou querendo enganar? Tudo isso é estranho, e preciso ver Trev.

Estou parado no andar de cima olhando para a rua quando Trev vira a esquina mais distante, caminhando apressado e carregando uma bolsa de plástico. Fico imóvel, um pouco afastado da janela, e observo. Há um garoto de bicicleta na outra ponta da rua, e ele também observa Trev.

Desço quando Trev chega à porta da frente e o puxo para dentro, dizendo que aquele não é um bom lugar para nos encontrarmos.

— Normalmente deixo todas as instruções com Jim. É nisso que ele é bom. — Trev olha pela janela e depois de novo para mim. — Mas Jim foi embora.

— Embora? Embora para onde?

— Para fora do país, acho... Espero. Acho que o Conselho não o pegou, mas estão atrás de nós. Por isso me mudei aqui para as redondezas. Jim me disse que nem os caçadores gostam de vir para cá.

Não conto a ele sobre ter visto Clay na casa de Bob.

— Você vai sair do país também, Trev? — pergunto.

Ele tenta sorrir, mas parece não estar se sentindo bem quando bate de leve no bolso do paletó.

— Já estou com as passagens e viajo esta noite.

— Entendi. E eu?

— Ah, sim, foi bom perguntar. As tatuagens em seu mindinho são a pista. Assim que as vi tive uma ideia do que eles estavam armando. Sabe, as três pequenas tatuagens espelham as tatuagens em seu corpo. A que fica perto de sua unha reflete a do pescoço, a do meio reflete a da mão, e a mais embaixo reflete a do tornozelo. Eles planejavam fazer uma espécie de garrafa de bruxo.

Olho para meu dedo.

— Garrafas de bruxo são extremamente difíceis de controlar. Acho que estão trabalhando em uma versão sofisticada, uma versão muito sofisticada. Então, em vez de botar um pouco de seu cabelo, pele ou sangue na garrafa, acho que iam amputar seu dedo e usá-lo. Provavelmente iam cortar seu dedo em três partes e fazer três garrafas de bruxo. Assim, se fizessem alguma coisa com as tatuagens do dedo, você ia sentir nas tatuagens grandes, no pescoço, na mão ou no tornozelo.

— Para me forçar a fazer coisas para eles...

— É nisso que tenho pensado. Não sei como funcionaria. Infligiriam tanta dor que você concordaria em colaborar.

— Colaborar ou morrer.

— Colaborar ou sofrer. O sofrimento é a especialidade deles.

— Eles podem usar isso para me matar?

— É, podem.

Rasgo a fita em meu dedo e olho para as três tatuagens pequenas. Todas vão até o osso. Pego meu canivete e furo a tatuagem em minha unha, me perguntando se vou sentir algo no pescoço.

— Nada? — pergunta Trev.

Sacudo a cabeça.

— Tem que ser em uma garrafa, com o feitiço correto.

— Em quanto tempo iriam amputá-lo?

— Acho que iam querer conferir se as tatuagens são profundas e se cicatrizaram completamente. Levaria alguns dias. Não mais que uma semana. Depois, testariam. E, é claro, se não funcionasse direito, você tem mais nove dedos.

— Eles ainda podem fazer isso? Quer dizer, se me pegarem, podem cortar meu dedo?

— Podem, é permanente. Um problema permanente. Você não tem como removê-las.

— Achava que fossem uma espécie de marca ou um sistema de localização.

— Não são para localização — diz Trev —, mas, sim, são uma marca. Acho que a tatuagem vai continuar aí independentemente do que você vier a ser... Se tiver o dom de se transformar, por exemplo, a marca ainda vai aparecer.

— E não tem mesmo como removê-las?

— Você podia cortar fora o pé, a mão e o dedo, mas ainda ia sobrar o problema do pescoço.

Há gritos lá fora. Félixes.

Trev dá uma olhada pela janela, tira um papel do bolso e o põe em minha mão.

— Essas são as instruções para chegar até Mercury.

Enfia o papel bem no fundo do bolso.

— Obrigado, Trev — digo. — Obrigado por tudo.

Trev me entrega a sacola de compras.

— Aqui estão todas as suas amostras de pele e osso. Você deve destruí-las. Queimá-las. Se caírem nas mãos do Conselho, podem fazer uma garrafa de bruxo com elas. Uma rústica... mas, mesmo assim...

Olho dentro da sacola. Há recipientes de plástico com traços de sangue.

— E que não reste dúvida — acrescenta ele — nunca, por parte de ninguém... de que guardei algo seu.

Acho que ele está preocupado por causa de meu pai.

Um vidro se estilhaça em um cômodo do andar de cima.

Nós nos abaixamos e ficamos quietos.

Outro vidro se quebra... mais distante, em uma outra casa. Gritos.

Espio pela janela.

— Merda! — Eu me abaixo. — Caçadores — digo para Trev.

Ergo a cabeça de novo para ver. Há uma caçadora caminhando pela rua e um grupo de três fêlixes jogando pedras nela. Ela não parece muito incomodada. Caçadores só trabalham em dupla, por isso deve haver outro nas ruas ao redor.

Eu me abaixo de novo.

— Temos que ir — digo.

Corremos para os fundos da casa. A porta está fechada à chave e com trancas. As trancas não se movem. Quebro a janela com o cotovelo, chuto o resto do vidro e saímos por ela. No muro dos fundos, ajudo Trev a pular o portão, que está pregado com pedaços de madeira, e corro logo atrás dele, tentando ver se alguém está nos seguindo.

Nada. Ninguém.

Corremos.

Algumas ruas depois, reduzimos o passo, mas não deixo de olhar para trás.

Trev parece que vai vomitar. Já nem se preocupa com quanto devo a ele, por isso lhe dou quase todo meu dinheiro.

— Obrigado, Trev — digo. — Se algum dia precisar de alguma coisa... Quer dizer... você sabe...

Apertamos as mãos, e ele parte em uma direção e eu, em outra.

Meto a mão no bolso onde está o papel. Ainda está lá.

Então me dou conta de que não estou com a bolsa plástica.

Mal posso acreditar que fui tão burro, mas fui. Tenho certeza de que não a deixei cair. Acho que a coloquei no chão quando estava ajudando Trev a pular o muro.

caçadores

Eu podia partir sem a sacola plástica, torcer para que parecesse apenas lixo, mas... mas, mas, mas. Nunca subestime o inimigo. Se os bruxos da Luz pegarem aqueles pedacinhos de mim, não vão precisar do meu dedo, e vão poder fazer uma garrafa de bruxo com minha pele, meu sangue e meus ossos.

Refaço meus passos até a casa. Não vejo nenhuma sacola plástica no beco, no quintal nem lá dentro. Também não há sinal dos caçadores.

Merda!

Da sala da frente posso ver toda a rua. Está vazia. Sento no chão e tento pensar no que fazer em seguida.

Os caçadores foram atrás de Bob e agora de Jim e Trev, mas não estou sendo seguido. Se soubessem que estou aqui, haveria vinte deles, não dois. É provável que não saibam o que há na sacola, mas podem saber que ela estava com Trev.

Ouçõ gritos lá fora. Corro até a janela para ver o que é e me abaixo um segundo depois para recuperar o fôlego e organizar os pensamentos. A caçadora está de volta, assim como os três fêlixes que estavam jogando pedras. Ela está com a sacola plástica. Ainda deve estar procurando por Trev.

Subo rápido para vê-la melhor. É magra e alta e está pegando pedras para atirar nos fêlixes.

— Amiga sua?

Eu me viro.

Uma garota alta com um moletom de capuz está parada de pé no fundo do quarto.

— Não, mas ela tem um amigo. Não está sozinha. Deve haver...

— A amiga dela está nos fundos. Eu já vi. — A garota cruza os braços e me examina de alto a baixo. — Achei que fosse um deles, mas você é diferente. O que

você é?

— Diferente.

— Bem, não gosto deles, e não gosto de você.

Os gritos pararam, e me viro para a janela. Um dos fêlixes está estendido no chão, inconsciente ou morto. A garota está ao meu lado e também observa.

— Ela está aqui por sua causa?

Sigo os passos da caçadora. Ela recuou para a casa em frente e está assoviando para a parceira.

— Não. — Isso é tecnicamente verdade, já que provavelmente elas deviam estar seguindo Trev. — Olhe, vou embora... logo. Só preciso pegar aquela sacola plástica de volta.

— Então é atrás de *você* que elas estão? Será que devo entregá-lo?

Continuo a observar a caçadora e sorrio, mas não me viro.

— Você pode tentar.

A outra caçadora aparece, e mais pedras são atiradas.

Sacudo a cabeça.

— Jogar pedras não vai livrar vocês delas — digo.

— Meu irmão está chegando. Ele tem uma arma.

— Elas têm armas.

O rapaz fêlix está estirado na rua, sem se mexer.

— Não acha melhor chamar uma ambulância para seu amigo?

— Se eu achasse que viriam, chamava.

Surgiram mais dois fêlixes, que se mantiveram afastados. As duas caçadoras estão paradas perto do garoto no chão. Parecem bem nervosas. Não vão querer atrair a atenção dos fêlixes. Se alguém pegar um celular para filmá-las, as caçadoras vão embora. Não posso deixar que fujam com minhas coisas.

Ajusto bem o lenço em torno do pescoço e em segundos saio pela porta. Agarro dois tijolos e caminho na direção das caçadoras. Elas estão junto do fêlix caído. Espero que eu consiga parecer um amigo dele indignado.

— O que fizeram com meu colega?

Acrescento alguns palavrões.

As caçadoras permanecem imóveis, me observando, como se não acreditassem que vou fazer algo de fato. Mas continuo avançando. A que está um pouco mais

longe saca a arma, e eu acelero.

— Pare! — grita ela.

Como se isso fosse me deter.

Acerto a primeira com uma tijolada na lateral do rosto e uso seu corpo como escudo enquanto ataco a outra.

Um tiro, mais um, em seguida chuto o revólver da mão dela e ele desliza para o outro lado da rua. A caçadora da tijolada apaga e cai no chão. Estou agachado. A outra caçadora também, e agora segura uma faca.

Só então percebo como Celia é boa no que faz. A garota é uma caçadora, uma lutadora de primeira, mas parece lenta, e consigo prever com facilidade o que ela vai fazer. Tomo a faca de sua mão com meu segundo movimento.

Não a esfaqueio, mas quebro seus braços, como Celia me ensinou. Eu a derrubo, prendo-a com o joelho em suas costas, e poderia tranquilamente quebrar seu pescoço. Puxo sua cabeça para trás. Odeio caçadores. Estou arfando, mas sinto os cabelos sedosos em minhas mãos e não quero matar ninguém.

— Belos golpes! — A garota grande está com a sacola de plástico em uma das mãos e o revólver na outra, apontado para mim.

Fico parado, os braços erguidos em sinal de rendição. Há fêlixes em toda parte, e nenhum deles parece amistoso.

— Elas são suas.

Cutuco a caçadora no chão com a ponta da minha bota e olho para a outra, que ainda está inconsciente.

Há dois fêlixes debruçados sobre o rapaz, que agora está sentado, com um corte na testa. Há sete fêlixes a minha volta, de um adolescente magrelo a dois grandalhões tatuados. Outro está chegando pela rua com dois bull terriers brancos. O irmão da garota com a arma provavelmente não está longe.

— Isso é meu. — Aponto com a cabeça para a sacola.

Ela hesita, mas me entrega.

— Você não tem motivo para ficar nem para voltar aqui — diz ela.

— Agora não mais — digo, pegando a sacola.

Eu me pergunto o que vai acontecer com as caçadoras, mas vou deixar isso para os fêlixes. Abro caminho pela gangue que se formou ao meu redor. Sigo na direção oposta à do sujeito com os cães, caminho depressa e depois corro.

Não paro até chegar à estação de trem de Liverpool. É onde deixei Nikita.

arran

Nikita estava vigiando a casa de Bob quando Clay apareceu lá. Ela me viu e me seguiu. Eu não a notei até estar parada na minha frente. Comprei um chocolate quente para ela.

O nome verdadeiro de Nikita é Ellen. Seus olhos são maravilhosos, como um mar, um mar cristalino, turquesa, com correntes de azul e verde se movendo por eles. É uma meio-sangue. A mãe dela era uma bruxa da Luz, e o pai é um fêlix. Desde a morte da mãe, ela ficou fora da comunidade dos bruxos e foi praticamente excluída por eles. Seu parente mais próximo do lado bruxo é a avó, que finge que ela não existe. Ela mora com o pai em Londres e diz que vai à escola. Também diz que tem dezesseis anos, mas não tenho certeza. Parece mais nova.

Ela me contou que Jim foi para a França e que queria ir junto, mas ele não deixou. Falei um pouco sobre mim. E sobre Arran, Deborah e vovó. E também de Annalise. Ela concordou em me ajudar a mandar uma mensagem para Arran.

*

Ellen está a minha espera como combinamos. Enquanto fui ao encontro de Trey, ela procurou informações sobre Arran na internet. Não há muita coisa, mas o site da antiga escola dele tem uma pequena reportagem falando que ele ganhou um prêmio e foi estudar medicina em Cambridge. Pegamos o primeiro trem que saía de Liverpool naquela direção. É tarde quando chegamos, e digo a Ellen para passar a noite em um albergue. Ela não fica muito satisfeita quando percebe que vou dormir na rua, mas uma coisa boa sobre Ellen é que ela entende rapidamente quando não vai vencer uma discussão.

No dia seguinte, nos encontramos às nove da manhã. A dona do albergue deu a Ellen um panfleto sobre Cambridge e um pequeno mapa da cidade. Ellen diz que vai dar uma investigada na faculdade e ver quantos caçadores há por lá. Está convencida de que vai haver algum vigiando Arran. Combinamos de nos encontrar de novo à noite.

*

— Vi uma caçadora. Sua parceira veio assumir o posto às quatro, então provavelmente estão vigiando Arran vinte e quatro horas por dia, em turnos de doze horas. Se acreditassem que você estaria por aqui, haveria muito mais que isso.

Balanço a cabeça. Não vou tentar. Não quero criar mais problemas para ele do que já criei.

Ellen acha que a melhor hora para encontrá-lo é no refeitório da faculdade no café da manhã. Acha que vai conseguir entrar e sentar-se com ele. Os caçadores ficam circulando fora do prédio, e, na maior parte do tempo, Arran fica fora da vista deles.

Dou a ela um pequeno desenho que fiz.

— Ele vai saber que é meu.

— Tudo bem. Mas vou levar uma foto sua também.

Ah.

— Só vou mostrar a ele no meu celular; para que possa ver como você está agora. Podemos fazer um vídeo.

Balanço a cabeça.

— Uma foto — digo.

— Você pode ligar para ele.

Sacudo a cabeça. Não posso, não.

*

Espero em um parque onde combinamos de nos encontrar. Estou passando mal.

Ellen é muito inteligente. Não vai fazer besteira.

Mas ainda assim estou com o estômago embrulhado.

*

É meio-dia quando a vejo caminhando em minha direção. Está sorrindo. Um sorriso largo.

— Deu tudo certo. Ele pareceu um pouco confuso no início, mas quando mostrei seu desenho, ficou muito feliz. Ficou acariciando o papel. Queria que eu mandasse a foto para o celular dele, mas eu disse que era perigoso demais. Ficou olhando para ela enquanto conversávamos. Ele está gostando de estudar. E descobriu seu dom, que é a cura, mas não é muito forte. Sente saudades de casa e de Deborah, que está morando na casa de sua avó. Ela namora um cara chamado David, e eles querem se casar.

— Casar!

— Ela quer ter filhos. Arran disse que David é muito legal. Não tem nada a ver com o Conselho nem com os caçadores. É um bruxo da Luz de Gales e trabalha como carpinteiro. Arran disse que você ia gostar dele. Deborah trabalha em um escritório na cidade. Arran disse que ela é feliz lá. E mandou contar a você que ela tem um dom fantástico.

— O que é?

— Bem, não entendi direito, mas tem a ver com ser boa com burocracia. Não tenho certeza se ele estava brincando.

Não acho que ele brincaria com isso, mas burocracia não faz sentido.

— Arran me contou que a avó de vocês morreu há três meses, quando ele estava em casa, de férias. Ela foi se deitar dizendo que estava cansada. Morreu durante a noite.

— Você perguntou a ele, não perguntou? Foi suicídio?

— Perguntei. E ele disse que não sabia. Disse que Deborah acha que ela pode ter tomado uma das próprias poções.

Sei que Deborah tem razão.

— Arran disse que, depois que você foi levado, o Conselho sempre convocava sua avó a Londres para interrogá-la. Disse que ela se recusava a responder qualquer coisa.

— Eles nunca interrogaram Arran?

— Ele disse que não, mas não mente muito bem.

— E Deborah?

Ellen assente.

— Ele me contou que os caçadores fizeram uma busca na casa há alguns meses. Deborah os ouviu dizer algo sobre os “incompetentes do Conselho”. Tiveram a impressão de que você havia escapado. Ele perguntou o que tinham feito com você e onde você ficava. Eu disse que não sabia. Disse que você estava bem.

— Obrigado. Você não falou sobre as tatuagens, falou?

— Não. Você disse para não contar. — Ela toma fôlego e tenta sorrir. — Perguntei sobre Annalise também. — O tom de Ellen não é animador. — Ele nunca mais falou com ela depois que você partiu. Nem em festas e casamentos ele e Deborah têm permissão de se aproximar dela. Ele soube que ela teve uma Atribuição discreta.

Ela fez dezessete anos em setembro passado.

— Ela ainda está no ensino médio, não está?

— Não perguntei. Senti que ele não gosta de falar dela.

— É... ele não aprova nosso relacionamento.

— Por quê?

— Acha que estou procurando problema. A família dela é de bruxos da Luz muito poderosos e importantes. Mais pura, impossível. Envolvida com o Conselho... caçadores.

— Não parece seu tipo.

— Ela não é como eles.

E ela é meu tipo, e muito.

— Você não está pensando em voltar para vê-la, está?

Penso muito sobre isso, apesar de saber que seria estupidez.

— Dei a Arran meu endereço em Londres — prossegue Ellen. — Ele disse que talvez devêssemos nos encontrar. Achei que pudesse passar mensagens dele para você. Eu seria uma espécie de intermediária.

Fico confuso. Talvez fosse melhor se eu nunca entrasse em contato com eles de novo. Mas se alguém podia fazer isso, era Ellen.

— Ellen — digo —, não quero criar problemas para você com o Conselho.

— Rá! Agora é tarde demais para isso. — Ela pega o telefone celular. — Tirei uma foto de Arran. E fiz um vídeo rápido.

Digo a mim mesmo que não vou chorar, não na frente de Ellen, e no princípio consigo. Arran está um pouco mais velho, mas o cabelo é o mesmo. Está pálido, mas parece bem. Tenta sorrir, mas sem muito sucesso. Ele me conta um pouco sobre o que faz na universidade e sobre Deborah e David, e depois me diz que sente saudade de mim e que adoraria me ver, mas sabe que é impossível. Ele espera que eu esteja bem, bem mesmo, não só fisicamente, mas por dentro também, e diz que sempre acreditou em mim e que sabe que sou uma pessoa boa, e tem esperança de que eu consiga escapar, que devo desconfiar de todas as pessoas, devo deixar todos eles para trás, que ele e Deborah vão ficar bem e felizes sabendo que estou livre e é assim que ele vai pensar em mim, livre e feliz, sempre.

Tenho que me afastar um pouco depois de assistir àquele vídeo. Quero tanto ver Arran de verdade, estar com ele... e sei que não posso. Nunca vou poder fazer isso.

*

Mais tarde, agradeço a Ellen por me ajudar. Não sei exatamente o que mais posso fazer. Ofereço a ela algum dinheiro, mas ela não aceita, então compramos peixe com fritas e vamos comer sentados no parque. Digo a ela que precisa voltar para o pai, e ela reclama, mas não muito.

Ellen pega uma batata e me pergunta o que vou fazer agora.

— Receber meus três presentes.

— Então vai procurar Mercury.

Fico curioso em relação a Ellen.

— Como é com os meios-sangues, Ellen? Vocês têm Atribuição? Recebem os três presentes?

— Não temos Atribuição, a menos que o Conselho permita, o que quase nunca acontece, e o que também significa trabalhar para eles em troca da autorização para a cerimônia. Nunca vou trabalhar para o Conselho. Eles nos desprezam. Todos os bruxos nos desprezam. Mas soube de alguns meios-sangues no passado que tiveram Atribuição, receberam presentes do pai bruxo e descobriram seu

dom. Minha avó tem medo demais do Conselho até para me ver. Ela nunca vai me ajudar.

— E então? O que vai fazer, se não pode receber os três presentes de sua avó ou do Conselho?

— Ainda não sei. Tem Mercury. Mas ela é absolutamente a última opção.

— O que sabe sobre ela?

— Que ela é uma peste. Dizem que escraviza garotinhas. Por isso ainda não tenho pressa de pedir ajuda. Você não deve confiar nela. — Ellen pega uma batata grande.

— Não sou uma garotinha.

— Ela não transforma os garotos em escravos. Ela os devora — diz Ellen, e enfia uma batata na boca.

— Está falando sério?

Ela assente e engole.

— Foi isso o que ouvi. — Ellen escolhe outra batata e olha para mim. — Mas não crus. Ela os cozinha primeiro.



parte cinco

gabriel

genebra

Aeroporto de Genebra. A viagem até aqui foi estressante: descobrir como pegar um avião, voar e, o pior de tudo, passar pela imigração. Mas deu tudo certo com meu passaporte.

As instruções no papel que Trev me deu diziam para estar nas portas giratórias às onze da manhã de terça-feira. Tem gente entrando e saindo pelas portas de vidro. Pessoas de todas as idades: os que estão a trabalho com minimalas de rodinhas, comissárias de bordo com micromalas de rodinhas, pilotos com maletas pretas de couro de rodinhas, gente de férias com malas enormes de rodinhas. Todos caminham depressa, não exatamente correndo, não de mau humor, só indo para onde têm que ir.

E eu também estou ali, de óculos escuros, boné, um lenço árabe no pescoço, luvas, um casaco militar verde pesado, jeans e botas, carregando minha mochila surrada.

Não sei que horas são, mas estou ali há bastante tempo: já passa das onze.

Um movimento na cafeteria à minha direita atrai meu olhar. Um jovem com óculos escuros acena para que eu me aproxime.

Passo pelos espaços estreitos entre as mesas e paro em frente a ele, que não levanta os olhos da xícara que está segurando, bebendo seu café até o fim. Ele a põe sobre o pires enquanto se levanta, segura meu braço e, andando rápido, me conduz pelas portas giratórias até o prédio anexo, a estação de trem.

Descemos uma escada rolante até a Plataforma 4 e entramos direto em um trem. É mal-iluminado. O trem tem dois andares, e, quando subimos a escada, ele solta meu braço. Sentamos em uma poltrona com uma mesinha redonda à nossa frente.

Meu contato parece ter um ou dois anos a mais que eu, a idade de Arran, talvez. Sua pele é azeitonada e seu cabelo castanho-escuro ondulado tem mechas mais

claras e bate nos ombros. Está sorrindo, mas sem abrir os lábios, como se tivesse acabado de ouvir uma piada. Está usando óculos de aviador com lentes espelhadas e armação prateada, quase idênticos aos meus.

O trem parte, e alguns minutos após o início da viagem um condutor surge no fim do vagão conferindo os bilhetes. Meu contato desce as escadas, e eu o sigo. Paramos junto às portas. Ele é magro, um pouco mais alto que eu, e não consigo ouvir o ruído de seu celular.

Acho que pode ser um bruxo das Sombras. Quero ver seus olhos.

O trem para um minuto depois. É a Estação Central de Genebra. Meu contato desembarca rápido, e eu caminho um passo atrás dele.

Andamos por cerca de uma hora, sempre depressa, mas passando algumas vezes pelos mesmos lugares. Começo a reconhecer certas vitrines de lojas e partes do lago. Finalmente entramos em uma área residencial com prédios altos e paramos diante de uma porta em um edifício antigo muito parecido com os outros por que passamos. A rua está tranquila, há poucos carros estacionados, não há trânsito e nenhum outro pedestre. Meu contato digita um código numérico no sistema de entrada.

— 9-9-6-6-1... Entendeu? — pergunta ele.

— 9-9-6-6-1, entendi — respondo.

Ele entra e solta a porta, que volta com força no meu rosto, e preciso segurá-la com a mão espalmada. Sigo atrás dele escada acima. Subimos, subimos, subimos...

Subimos até o sexto andar, o último, onde a escada termina em um pequeno hall e há uma porta de madeira.

Mais uma vez, não há chave, só um código numérico.

— 5-7-6-3-2. Entendeu?

Ele entra e deixa a porta bater às suas costas.

Fico parado olhando à minha volta. O verniz da porta está descascando, o hall não tem nada, o gesso está rachado, uma teia de aranha velha e enegrecida pende frouxa em um canto. Paira, também, um silêncio vazio. Não há nenhum chiado.

Ele abre a porta.

— 5-7-6-... — diz ele.

— Eu sei.

Ele não está mais sorrindo e continua com os óculos escuros.

— Entre.

Não me mexo.

— Não tem perigo.

Ele se encosta à porta para mantê-la bem aberta.

— Não tem perigo — repete em voz baixa.

Seu sotaque é estranho. Acho que deve ser suíço.

Atravesso a soleira, e a porta se fecha com um estalido quando entro. Sinto que ele está me olhando. Não o quero ali, atrás de mim.

Caminho pelo aposento. É grande, com uma pequena cozinha no canto direito: alguns armários, uma pia e um fogão. Passo entre a lareira e um sofá pequeno e velho. Não há carpete, mas o chão é de madeira marrom escura e manchada, quase negra, com três tapetes persas de tamanhos diferentes. As paredes são pintadas de um tom creme, mas não há quadros nem nada além de uma mancha comprida de fumaça na parede acima da lareira. Pelo visto, o fogo deve ser a única fonte de calor, e a lareira de ardósia tem uma grelha de metal e alguns pedaços de madeira enegrecidos. Ao lado dela há uma grande pilha de lenha, um jornal e uma caixa de fósforos. Seguindo para a esquerda, chego a uma janela pequena que dá para o lago e as montanhas ao fundo. Posso ver a água azul e uma faixa das montanhas, que são de um cinza-esverdeado. Em frente à janela há uma mesa de madeira com duas cadeiras no estilo dos velhos cafés franceses.

— Deixei a janela aberta quando saí. O fogo enche o lugar de fumaça.

Ele vai até a lareira e começa a preparar o fogo.

Eu observo.

Ele acende a pilha de jornal, que se apaga.

— Quero ver Mercury.

— Claro.

Mas ele não para de mexer no fogo.

— Não acho que ela esteja aqui.

— Não.

Dirijo-me a uma das duas outras portas e a abro. Percebo que ele parou de ajeitar o fogo e está me observando. No interior do quartinho anexo há uma cama, uma cadeira e um guarda-roupa de madeira antigo.

— Esse é meu quarto — diz ele, e passa por mim para fechar a porta do guarda-roupa.

Não há muito o que ver. Ele não arrumou a cama. Tem um livro em cima da cadeira.

Eu me encosto no portal.

— É bom esse livro? — pergunto.

Ele me dá um de seus sorrisos quando sai do quarto e vai até a outra porta.

— Aqui é o banheiro. — Diz isso tão mecanicamente que parece ter ensaiado.

O aposento é maior que o quarto, com uma banheira isolada no centro, uma pia branca grande e um vaso sanitário com uma caixa de descarga acima, com uma corrente pendurada. As paredes e o chão são cobertos de ladrilhos pretos e brancos.

Volto a olhar o apartamento.

— Devo ficar aqui ou algo assim? — pergunto.

— Até Mercury estar pronta para vê-lo.

— E isso vai ser quando?

— Quando ela achar seguro.

Ele nunca soa confiante, mas acho que pode ser por causa do sotaque. Tudo parece uma pergunta.

— Preciso vê-la logo. Não tenho mais tempo.

Ele não responde.

— Você trabalha para ela?

Ele dá de ombros.

— Ela me pediu para encontrá-lo e ficar com você até que esteja pronta para vê-lo.

Esfrego o rosto com as mãos e passo os olhos pela sala.

— Não posso dormir aqui dentro.

— Vou lhe mostrar o terraço.

Ele faz a volta na banheira até uma janela de guilhotina e a levanta. Enfia a cabeça para fora e saio. Há uma pequena área externa cercada por quatro telhados íngremes de telhas cinza. É um refúgio particular. A área plana é mais ou menos do tamanho de minha jaula.

— Queria umas peles de carneiro — eu me vejo dizendo.

Ele balança a cabeça e sorri, como se soubesse exatamente o que quero dizer, e diz que pode conseguir algumas.

*

Estou sozinho no apartamento. Meu amigo sorridente saiu. Remexo em todos os armários e em seu quarto, mas não há muito para ver.

Subo no telhado para dar uma olhada. O telhado desce abruptamente do outro lado, e nada impediria uma queda até a rua seis andares abaixo. Caminho pela cumeeira. Ao lado, o vão até o prédio seguinte é estreito, mas seria impossível pular, pois os outros telhados são mais altos. Os fundos do prédio são como a frente. Não há saída de incêndio. O terraço é uma armadilha.

Mas não tenho muitas opções. Falta um mês para meu aniversário e não tenho outro lugar para ir. Preciso receber três presentes ou vou morrer. Agora tenho certeza disso. Preciso de Mercury.

*

O terraço acaba sendo um bom lugar para dormir, protegido do vento e do barulho da rua. Peguei dois tapetes para usar de colchão e, junto com meu saco de dormir, fico aquecido. O céu está limpo e a lua está cheia, ou seja, só volto lá para dentro quando amanhecer.

A lua está alta quando meu contato me acorda. Ele trouxe peles de carneiro. Seis delas. São grossas, limpas e praticamente perfeitas quando estendidas.

Meu contato senta de cócoras de frente para mim do outro lado do terraço. Suas pernas são compridas, mas posso ver que os músculos das coxas são fortes. Seus braços estão cruzados, e a cabeça, levemente inclinada para o lado. Ele ainda está de óculos escuros, com o cabelo atrás das orelhas.

Fecho os olhos. Quando os abro alguns minutos depois, ele sumiu. Ele se move em silêncio. Gosto disso.

*

Amanheceu. Estou ali deitado, me ambientando. Vejo como o céu se ilumina com o alvorecer e fica mais intenso com o dia. Os sons da cidade são um resmungo irregular e abafado. O prédio emite um leve chiado. Meu estômago começa a roncar, e sinto cheiro de pão.

Meu contato está na cozinha, ainda de óculos.

— Café da manhã?

Isso não é bem o que eu esperava de um bruxo das Sombras.

— Tenho croissants, brioques, pãezinhos, geleia, suco de laranja. Estou fazendo café, mas também tenho chocolate.

— Qual é seu nome? — pergunto.

Ele abre um sorriso enorme, cheio de dentes brancos e regulares.

— Qual o seu?

Ando até a cadeira e olho pela janela. Ele coloca a comida na mesa. O café é forte, com leite, e ele o serve em uma tigela. Senta em frente a mim, molha o croissant em sua tigela, e eu o imito. Nunca comi um croissant antes. É gostoso. Celia não aprovaria.

Ele me observa o tempo todo, mas tudo o que vejo sou eu mesmo espelhado em seus óculos. Seus dedos são longos e ossudos — na verdade, pálidos, considerando que sua pele é azeitonada. Quando termina o croissant, corta um pão ao meio com as mãos e tira um pedaço menor de uma das metades. Corta um pouco da manteiga dura e fria e põe no pão. Um pedaço perfeito de manteiga sobre um naco rasgado de pão. Ele o coloca na boca e mastiga, de boca fechada, e o tempo todo parece que está tentando não sorrir.

— Você parece satisfeito — digo.

— É um grande prazer conhecê-lo. — Ele leva a mão aos óculos e os segura como se fosse tirá-los, mas não faz isso. — Isso soa muito inglês, não é? É um grande prazer conhecê-lo, Nathan.

E instantaneamente fico irritado.

Ele ri.

— Mas você é engraçado. Muito engraçado. Gosto de você. Você faz uma cara de mau humor como... uma cara de mau humor deveria ser.

E ri de novo.

Corto um retângulo de manteiga. Depois mais um. Depois outro.

— Por que não tira as luvas?

— Por que não tira os óculos?

Ele ri. Pega uma de minhas fatias de manteiga e passa em seu pão.

— Sou Gabriel — diz ele ao terminar de comer, pronunciando o nome de um jeito engraçado.

— Gabrielle?

Ele ri de novo.

— É, Gabriel.

Coloco uma fatia de manteiga em meu pão e experimento. É gostosa. Cremosa.

— Como sabe meu nome? — pergunto.

Ele sorri.

— Todos sabem seu nome.

— Não, não sabem.

Ele toma um gole do café, mexe com a colher e dá outro gole.

— Está bem, nem todo mundo. Mas todos os bruxos das Sombras na Europa, alguns bruxos das Sombras nos Estados Unidos, a maioria dos bruxos da Luz na Europa... a maioria dos bruxos da Luz em toda parte. Mas poucos fêlixes, muito poucos fêlixes. — Ele dá de ombros. — Então... não, nem todos.

E vejo essa pessoa famosa refletida nos óculos espelhados dele, me olhando não de cara feia, mas com uma expressão bem infeliz. Desvio o rosto e observo a faixa distante de montanhas pela janela.

— É tão ruim assim ser Nathan?

Todo bruxo da Luz que conheci sabia quem eu era. Bastava uma olhadela para mim e... é como se eu tivesse uma placa enorme na cabeça. Parece que vai ser o mesmo no mundo dos bruxos das Sombras.

Eu me viro para ele.

— Prefiro o anonimato.

— Não é uma possibilidade. — Ele tira o cabelo do rosto, mas pelo menos parou de sorrir. — Não com seu pai sendo quem é.

E o pai dele e o pai dele e o pai dele e o pai dele...

— Quem é seu pai? — pergunto. — Alguém de quem eu já ouvi falar?

— Não. Com certeza, não. E minha mãe... também não. Dois bruxos das Sombras muito bons, mas não famosos. Quando digo bons, digo respeitáveis...

para bruxos das Sombras. Meu pai agora mora nos Estados Unidos. Teve que partir depois de matar minha avó, mãe da minha mãe. — Ele dá de ombros. — Devia explicar que foi em legítima defesa. Minha avó estava atacando meu pai. É complicado... Ela o culpava pela morte de minha mãe. — Ele mexe a xícara vazia de café. — Enfim, eles não são famosos.

— Mas são violentos.

— Tanto em termos de violência quanto de fama, sua família supera a minha.

gabriel

Não devo sair do apartamento exceto para dormir no terraço. Tenho dormido bem, com os pesadelos habituais.

À tarde, durmo no sofá dentro do apartamento. Passo a maior parte do tempo sozinho. De certa forma, isso é pior que a jaula. Pelo menos lá eu podia correr. Aqui só fico deitado sem fazer nada.

“Quando vou encontrar Mercury”, pergunto todo dia.

“Talvez amanhã”, responde Gabriel todo dia.

Eu já disse a ele que preciso de três presentes e que falta menos de um mês para o meu aniversário. Ele, porém, continua a me perguntar outras coisas, coisas sobre mim: onde eu passei os últimos anos, se tive contato com o Conselho, com caçadores. Não conto nada. Tudo isso é particular.

Vejo Gabriel pela manhã. Ele traz as compras, toma café da manhã comigo e lavamos a louça. Às vezes ele me lembra Celia com suas tarefas. Ele sempre lava, e eu seco.

— Hoje eu lavo. Você não pode molhar suas luvas.

E diz isso com uma expressão preocupada. Quando mostro o dedo do meio, ele apenas ri.

Não tirei as luvas nem o lenço do pescoço. Durmo com eles... vivo com eles. Se Gabriel visse minhas tatuagens ou as cicatrizes em meu pulso, faria um monte de perguntas, e não quero isso.

Depois de lavar a louça, ele fica mais um pouco no apartamento e então vai embora. Só torno a vê-lo na manhã seguinte, no café. Não acho que ele tenha dormido em seu quarto desde que cheguei aqui, mas não posso ter certeza. Ele nunca arruma a cama, às vezes deita nela para ler.

Desde o primeiro dia, Gabriel começa a fazer perguntas depois do café da manhã, mas só me concentro em secar a louça. Quando ele percebe que não vou lhe contar a história de minha vida, tenta outros assuntos: o primeiro são livros. Está lendo um livro muito bom, Kerouac, seja lá o que for isso.

— Qual é o seu favorito?

Estou ocupado secando um prato, lentamente, em movimentos circulares, deixando-o realmente seco, e não respondo. Então Gabriel lista seus livros favoritos. Não consegue escolher um em particular. Lista alguns franceses de que nunca ouvi falar, depois alguns ingleses de que nunca ouvi falar, à exceção de *O morro dos ventos uivantes*, e em seguida muda para os autores americanos. Não sei se está se exibindo ou se é sempre assim.

Quando finalmente cala a boca, coloco o prato sequíssimo no alto da pilha de pratos também muito secos e digo:

— Nunca li um livro.

Sua mão esquerda, que está mergulhada até o pulso dentro da pia, para de se mexer.

— Mas tenho um favorito. Solzhenitsyn — continuo. — *Um dia na vida de Ivan Denisovich*. Já leu?

Ele sacode a cabeça

Dou de ombros.

— Como pode ser seu favorito... se nunca o leu? — questiona ele.

Fico com vontade de gritar para ele: “Porque a mulher que me mantinha acorrentado em uma jaula era uma maluca que adorava os russos, seu suíço burro e mimado.” Tenho vontade de berrar e gritar. E em seguida os pratos estão todos espatifados no chão e não sei por que fiquei tão furioso de repente. Estou arfando, e Gabriel está ali parado, com espuma escorrendo entre os dedos.

*

No café da manhã do dia seguinte, com pratos novos, Gabriel não fala. Está lendo Solzhenitsyn.

Como o pão, tomo o café e olho pela janela.

— Você consegue ler direito com os óculos escuros? — pergunto.

Ele apenas me mostra o dedo do meio.

Quando estamos lavando a louça, e ele largou o livro, tenta conversar de novo comigo, desta vez sobre arte. Fala sem parar sobre Monet e Manet e coisas assim. Não sei do que está falando. Nem todos os bruxos das Sombras devem ser assim, ou será que são?

— Não preciso de uma aula de arte — digo. — Preciso sair dessa droga de apartamento e encontrar Mercury. Meu tempo está acabando. — Insiro alguns palavrões quando digo isso.

Quando ele vai embora, me lembro de um livro que Arran me deu certa vez, que tinha desenhos de Da Vinci. Eu tinha quase me esquecido desse livro. Eram bons desenhos. Encontro um lápis em uma gaveta, mas não há papel, então arranco uma página em branco do livro de Gabriel.

Quando termino o desenho, eu o queimo. Mas o fogo faz muita fumaça.

*

No café da manhã do terceiro dia, ele diz que terminou *Um dia na vida de Ivan Denisovich* e gostou. Então me pergunta por que gostei.

É claro que há um milhão de razões. Será que ele espera alguma resposta complexa ou algo assim?

— Então? — pergunta. — Por que você gosta dele?

— Porque ele sobrevive — respondo.

Gabriel balança a cabeça.

— É, gosto disso também.

Enquanto lavamos a louça, ele fala sobre alpinismo. Gosta muito de escalar. Para de lavar e começa a subir nos armários da cozinha. Ele é bom... preciso e rápido. Diz que seu lugar favorito para escalar é Gorges du Verdon, na França.

Pergunta qual meu lugar favorito.

— O País de Gales — respondo.

Quando vai embora, arranco outra folha em branco de seu livro e o desenho escalando a cozinha.

*

No quarto dia o assunto de Gabriel é poesia. Ele merece nota dez por tentar, mas se está querendo montar a história de minha vida, poesia não vai acrescentar muita coisa. Logo poesia! Então começo a rir. A rir de verdade. Somos bruxos das Sombras nos escondendo de caçadores. Bruxos da Luz nos temem... e estamos lavando louça e falando de poesia. Eu chego a me inclinar para a frente de tanto rir. Meu estômago dói.

Gabriel observa. Não ri comigo. Tenho a impressão de que não entende por que acho aquilo tão engraçado, mas sorri. Consigo me controlar, mas continuo rindo de vez em quando como uma criança enquanto Gabriel fala de sobre algum grande poeta. Ele chega a recitar um poema. É em francês, então não entendo nada, mas não rio disso.

Pergunto sobre seu sotaque. A mãe dele era inglesa e o pai é suíço. Gabriel nasceu na França e viveu nos Estados Unidos com o pai e a irmã mais nova por um ano. Seu inglês é excelente, mas tem um sotaque estranho, meio americano e meio francês. Ele diz que voltou para a Suíça depois de receber seus presentes. Não disse qual é seu dom, e não perguntei.

Naquela tarde não aguentei mais. Fugi, fui até o lago e depois saí da cidade na direção das montanhas. Na volta, não consegui achar a rua certa e tive que ir de novo até o lago para me localizar. As pessoas estão correndo de volta para casa ou para os bares e cafés. Cada uma tem um chiado de celular diferente, e a cidade é um ronco de motor em minha cabeça. Caminho pela rua que margeia o lago. As montanhas agora estão ocultas por nuvens baixas e, apesar de saber que elas estão ali, não consigo vê-las. Até o grande lago virou um laguinho encoberto por uma camada de neblina. Os barcos no cais estão perdidos na névoa. Ouço duas vozes. Homens falando francês. Eles se calam.

Viro e vejo uma figura de preto me observando, e me afasto lentamente, o mais devagar que consigo, enquanto litros de adrenalina me mandam correr. Ouço um assovio. O chamado de uma caçadora para sua parceira. Então corro.

Evito as ruas principais e encontro a entrada de um bar. Fico em um canto de onde posso ver a rua pela janela. A rua está movimentada, cheia de fêlixes. Depois

de um bom tempo, saio e volto cautelosamente para o apartamento, e não vejo a caçadora de novo.

Chego quando está anoitecendo e vou direto para o terraço.

Sei que me viram. Tenho certeza de que os despistei, mas agora sabem que estou aqui. De algum modo, souberam que era eu.

Sonho. Ainda estou correndo naquele maldito beco, mas agora é diferente. Pela primeira vez no sonho, eu me lembro de olhar para o fim da rua. Olho, olho de novo, e lá estão os prédios comuns, os fêlixes comuns, um ônibus e alguns carros, mas ainda não consigo alcançá-los. Ouço caçadores atrás de mim, gritando: “Peguem-no! Arranquem seus braços!” Entro em pânico e corro mais rápido. Eles estão gritando tão perto, e não consigo correr mais rápido... E acordo.

Gabriel está agachado me observando.

Digo a ele, de um jeito nada simpático, para me deixar em paz, me deito e fecho os olhos. Não sei se devo contar o que aconteceu. Não devia ter deixado o apartamento, mas talvez se contar sobre o encontro com os caçadores, ele me leve até Mercury. Resolvo contar. Mas quando abro os olhos, Gabriel não está mais ali.

*

Quinto dia. Estou reunindo coragem para contar a Gabriel sobre os caçadores enquanto lavamos a louça. Ele me entrega uma xícara para secar e, quando a pego, ele a segura por um instante antes de soltá-la, então tenho que puxá-la de sua mão.

— A Suíça é um ótimo país — diz ele. — Há poucos bruxos da Luz aqui, nenhum em Genebra, e os bruxos das Sombras são de confiança. Mas há meios-sangues que, se virem você, vão entregá-lo. Os caçadores os usam.

Esse é o modo de Gabriel dizer que sabe que saí do apartamento.

Seco a xícara.

— Genebra é uma cidade maravilhosa. Você não acha? — pergunta ele.

Esse é outro modo de dizer que sabe que saí do apartamento.

Eu o xingo.

— Você não deve sair do apartamento.

E essa é a última maneira de dizer que sabe que saí.

— Então me leve até Mercury.

— Como posso saber que você não é um espião? Como posso saber que não foi encontrar um caçador?

Apenas olho para ele. Em seus óculos escuros, vejo a mesma figura solitária me encarar.

— Como posso saber se você não fala comigo? — prossegue ele.

Eu o xingo de novo e vou para o terraço.

Quando volto, Gabriel já se foi.

Não sei o que fazer em relação a ele, mas não quero contar a história de minha vida, isso é certo. Resolvo marcar o tempo com riscos na parede como os prisioneiros fazem nos filmes. Traço linhas verticais curtas e paralelas na parede perto da janela e as risco com uma maior na diagonal.

Olho um pouco pela janela e faço algumas flexões. Depois olho pela janela e faço mais exercícios e flexões. Olho de novo pela janela e, dessa vez, luto boxe com a minha sombra. Depois volto para conferir a vista.

Não acho que contar alguma coisa a Gabriel vá fazer diferença. Posso contar apenas mentiras. E ele deve saber disso.

Deito no sofá. Logo me levanto. Depois me deito de novo.

Não vou contar de jeito nenhum a Gabriel nada verdadeiro sobre mim.

Eu me levanto. Preciso fazer alguma coisa.

Resolvo dar um jeito no fogo, o que significa ficar de pé na lareira com a cabeça dentro da chaminé. Ela precisa de mais pressão, mas não sei como fazer isso, então apenas limpo ali dentro. Tiro o máximo de fuligem que consigo. Acho uma placa de ardósia projetada para fora e que balança um pouco, depois encontro um tijolo solto e uma lata grande e achatada escondida no alto, em um espaço estreito acima dele.

Com a chaminé limpa e a placa de ardósia de novo no lugar, o fogo queima bem. Estou negro de fuligem e tenho que lavar tudo. Entro de roupa na banheira. É uma banheira antiga, com pés de metal imitando patas de animal. Ela é funda, mas não muito larga. Assim que entro, a água fica cinza. Tiro as roupas e as joga no telhado. Tenho outra muda de roupa. Tenho até dois pares de meias.

Tomo outro banho. Uso uma pequena escova de unhas para esfregar os pés e as mãos, mas a sujeira está na pele e não sai.

Afundo e prendo a respiração. Posso fazer isso por mais de dois minutos, quase três, se encher os pulmões antes. Mas não estou tão em forma como na época do regime de Celia.

Eu me seco, visto um jeans limpo e verifico minhas tatuagens. Elas estão iguais. As cicatrizes nas costas parecem piores, mas não estão. A espessura delas sempre me surpreende. A linha de cicatrizes em meu braço direito é tênue, branca sobre a pele mais clara daquela região, mas meu pulso só pode ser descrito como algo horroroso. Minha mão, porém, funciona bem, e meu punho é firme.

Debruçado sobre a pia, observo meu rosto no espelho. Parece o mesmo, só que, de algum modo, mais infeliz, abatido. Parece velho. Não pareço ter dezesseis anos. Tenho olheiras cinza. As marcas pretas e ocas que se movem em meus olhos parecem ter aumentado. O negro de minhas íris não é como o negrume do interior da chaminé. É um negro mais negro que isso. Movo a cabeça para o lado, me perguntando se posso vislumbrar algum brilho, mas em vez disso vejo Gabriel parado na porta olhando para mim, seus óculos espelhados refletindo minha imagem.

— Há quanto tempo está aí? — pergunto.

— Você fez um bom trabalho na lareira.

Ele dá mais um passo para dentro do banheiro.

— Fora daqui.

A raiva que sinto me surpreende.

— Encontrou alguma coisa?

— Falei para sair daqui.

— E perguntei se você achou alguma coisa.

Pela primeira vez ele soa como um bruxo das Sombras.

Eu me viro e caminho na sua direção. Minha mão esquerda está em sua garganta, e eu o estou empurrando pelo ombro contra a parede. Ele não resiste. Está preso ali.

— Encontrei, sim. Encontrei uma coisa.

E tudo o que vejo sou eu mesmo me olhando. Meus olhos estão negros, e o prateado refletido neles é apenas reflexo da luz do banheiro. Não quero machucá-lo. Consigo soltar seu pescoço e voltar para a pia.

— Você leu? — Ele tosse um pouco enquanto fala.

Eu me debruço de novo na pia, apoiado nas bordas. Concentro-me em olhar para dentro do ralo, em meio à sujeira e à escuridão, mas posso sentir os olhos dele às minhas costas.

— Você leu?

— Não! Agora saia daqui! — grito e olho para o espelho.

— Nathan — diz Gabriel.

Ele anda novamente em minha direção e tira os óculos escuros. Seus olhos não são olhos de um bruxo das Sombras.

Ele é um fêlix.

Um fêlix!

Então que história toda era aquela de ser filho de dois bruxos das Sombras muito respeitáveis?

— Fora daqui!

Grito enquanto bato nele, e ele cai no chão, com sangue no rosto, e o xingo com as piores palavras que me vêm à cabeça, e ele está deitado de lado, encolhido, e eu piso em seus joelhos e odeio que ele tenha mentido para mim e odeio ter pensado que ele era confiável, mas ele é só a droga de um fêlix mentiroso e eu tenho que ir para a cozinha antes que o machuque de verdade. Então volto, me debruço sobre ele, agarro-o pelo cabelo e grito. Grito de verdade. Porque ainda posso vê-lo me observando pelas costas. E odeio que ele me observe. Odeio isso. E bato com sua cabeça no chão e não sei por que faço isso. Estou com muita raiva. Ainda estou tremendo quando saio de novo do banheiro.

Ando em volta do sofá, mas tenho que voltar e pegar minha camisa.

Gabriel está gemendo um pouco. Está em péssimo estado.

Eu me deito no chão ao seu lado.

*

Estamos sentados à mesa junto à janela. Gabriel está torcendo um pano em uma bacia de água que está rosa com seu sangue. Seu olho esquerdo está fechado de tão inchado. O direito é castanho-claro com algumas manchas de verde dourado, mas sem brilhos. Com certeza um olho de fêlix. Mas ele me disse que não estava mentindo: é um bruxo das Sombras, mas tem corpo de fêlix.

— Então você não pode se curar de jeito nenhum?

Ele sacode a cabeça.

Disse que seu dom é poder se transformar em outras pessoas. É o mesmo de Jessica, mas ele é diferente dela, o seu oposto.

— Gosto de pessoas — explica ele. — Elas são interessantes. Posso ser homem, mulher, jovem ou velho. Posso descobrir como é ser pessoas diferentes. O único problema é que certa vez me transformei em Félix para ver como era e não consegui me transformar de volta.

— Você ficou preso, então?

— Mercury acha que vou conseguir voltar a ser eu mesmo. Ela diz que não é apenas o meu corpo, ou pelo menos não é apenas o meu corpo que me torna capaz de me transformar. Ela diz que vai me ajudar a encontrar o caminho de volta... Mas não está com pressa.

Ele afunda o pano na água, mexe, depois o tira, torce de novo e coloca de volta no olho.

— Passei dois meses com Mercury. — Ele olha para mim. — Ela quer conhecer você. — Gabriel dá umas batidinhas com o pano no lábio cortado, que também está inchado. — Mas está desconfiada. E com razão. Você passou a vida inteira com bruxos da Luz. — Ele dá de ombros. — Você é meio da Luz e a isca perfeita, exatamente o tipo de coisa que o Conselho ou os caçadores usariam.

— Mas não foram eles que me mandaram para cá.

— Você provavelmente não diria se tivessem sido.

— Então como provo a ela que não foram?

— Esse é o problema. É impossível provar. — Ele aperta de leve a boca com a ponta dos dedos. — Alguém uma vez disse que a melhor maneira de saber se você pode confiar em uma pessoa é confiando nela.

Ele continua a tocar a boca. Mas está sorrindo um pouco.

— Você confia em mim? — pergunto.

— Agora confio.

— Então me leve até Mercury.

Ele remexe o pano na água outra vez.

— Não posso mais ficar neste apartamento. Vou ficar louco... ou matar você.

Ele passa o pano no olho outra vez.

— Amanhã.

— É?

— É.

— Hoje não?

Ele sacode a cabeça.

— Amanhã.

Pego a lata que havia achado na lareira e a ponho na mesa diante de Gabriel, sentando-me em frente a ele.

— Eu não li — digo.

Ele tira a tampa com cuidado e puxa a carta de cima, que tem minhas impressões digitais de fuligem. Uma dobra externa horizontal a fecha como um envelope, e nela há apenas uma palavra escrita em uma letra grande e cheia de floreios. Ele tira a segunda carta, que está suja com minhas marcas de fuligem também. Abana a cabeça.

— O que é isso? — pergunto.

— Apenas cartas de amor de meu pai para minha mãe, de antes... quando eles estavam apaixonados.

— Por que você as esconde?

— Tem algo mais aqui. Se Mercury conseguir me ajudar, ela vai querer um pagamento. É com isso que vou lhe pagar.

Não pergunto o que é. Talvez as palavras de um feitiço, ou quem sabe instruções para uma poção.

Ele guarda as cartas de volta na lata e aperta a tampa com delicadeza para fechá-la, usando o peso dos ombros e do peito, mas com enorme ternura.

— Não li nenhuma... Não sei ler.

Ele espera que eu diga mais.

— Não consigo dormir dentro de nenhum lugar e, quando durmo, passo mal, fico doente. Perdi a capacidade de ficar confinado. Coisas elétricas provocam ruídos na minha cabeça. E me curo rápido. E sei se uma pessoa é bruxa pelos olhos.

— Como?

Dou de ombros.

— São diferentes.

Ele passa a mão pela lata, mas logo a afasta.

— Então... meus olhos? São de bruxo ou de félix? — pergunta ele.

— Félix.

Ele não reage imediatamente, mas após algum tempo dá de ombros.

— Meu corpo agora é de félix — diz.

Lentamente estica o braço até minha mão e toca as tatuagens com a ponta dos dedos.

— O que são essas coisas?

Conto a ele sobre as tatuagens. Ele mal consegue se mexer e não fala, só escuta. É um bom ouvinte. Mas digo que as tatuagens são apenas uma marca. Quero contar mais a ele. Quero confiar nele, mas me lembro do alerta de Mary: “Não confie em ninguém.”

— Mercury disse que você não conseguiria dormir dentro de casa — diz Gabriel. — E ela me mandou usar óculos escuros.

Então, ela conhece Marcus e supôs que eu tivesse as mesmas habilidades.

o telhado

Gabriel diz que vamos até Mercury de manhã. Conta que viu dois caçadores em Genebra e quer descobrir se ainda estão na cidade. Digo a ele que estão, que me viram e que acho que me reconheceram. Ele não se detém muito nesse assunto, mas quer dar uma olhada por conta própria e insiste que eu espere no apartamento.

Quando sai, sinto como se o apartamento fosse uma prisão, e o terraço não é muito diferente.

Acordo no meio da noite. Está chovendo, mas não muito forte, apenas um chuvisco. Espero ver Gabriel no local onde ele sempre me observa. Não está lá. Volto a dormir e tenho meu sonho habitual com o beco. Acordo banhado em suor. Já passou bastante tempo desde o amanhecer. A luz do sol bate direto no terraço. O telhado úmido solta vapor. Há cheiro de café e pão.

Gabriel está sentado à mesa e me examina enquanto observo o café da manhã. Ele pôs a mesa com o de sempre.

Quero ver Mercury e não quero tomar café. Ele coloca manteiga no pão, mastiga, mexe o café. Eu ando de um lado para outro.

— Vi alguns caçadores — diz ele.

Paro de andar.

— Alguns?

— Nove.

— Nove?

— Vi uma e a segui por alguns minutos. Depois vi mais uma, e outra. Não prestaram atenção em mim. Para eles, sou apenas mais um fêlix. Mas acho que reconheceram você. Nove caçadores em um mesmo lugar só pode ser por alguém importante. Fui ver um contato de Mercury, Pilot. Ela não sabia de nada. Quando

estava voltando para cá hoje de manhã, vi outra caçadora no caminho. Esbarrei no ombro dela para ver o que aconteceria. Pedi desculpas. Ela também se desculpou, em um francês péssimo.

Ele ri.

— Eles não reconhecem os bruxos pelos olhos, como você — continua — Mercury diz que os caçadores são treinados para detectar bruxos das Sombras. Eles percebem as pequenas diferenças, nosso modo de andar, o jeito de parar de pé, o jeito de andar, comparado ao das outras pessoas. Mas devo ter perdido isso.

— Acho que, se você viu nove, provavelmente há outros que não notou.

— Com certeza.

E mesmo assim Gabriel parece relaxado. Ele anda tranquilamente pela cidade, esbarra em uma caçadora e depois toma café da manhã como se nada tivesse acontecido.

— Não se preocupe — diz ele. — Se tivessem descoberto este lugar, nós já seríamos duas massas ensanguentadas no chão de alguma cela há horas. — Ele toma o resto do café. — Mesmo assim, acho que devíamos falar com Mercury agora.

Tento ser irônico sem deixar de parecer tranquilo:

— Não se preocupe com isso. Calma. Coma outro croissant.

Ele se levanta e sorri para mim.

— Não. Não quero me atrasar. Mercury está nos esperando. Está ansiosa para conhecê-lo.

Vamos para o terraço, até o ponto onde ele sempre ficava agachado. Gabriel pega uma de minhas mãos e entrelaça os dedos nos meus.

— Segure bem minha mão. Com força.

Ele estica e mexe a outra mão no ar, como se estivesse tocando em alguma coisa.

— Aqui tem uma passagem. Só é preciso achar a entrada. É como uma fenda no ar. Nós entramos por ela e descemos por um tubo. É difícil respirar lá dentro, então é melhor prender a respiração até chegarmos do outro lado.

Na base das telhas há uma canaleta estreita de metal que percorre os quatro lados do prédio e, no canto, há uma calha. Gabriel parece ter encontrado a abertura e enfia a mão na calha.

E enfia mais.

Meu corpo já está diferente, leve. Deslizo pela fenda atrás de Gabriel, e então escorrego em espiral pela calha com ele. Uma escuridão girando sem parar. Descemos como se escorregássemos por um ralo, ganhando cada vez mais velocidade à medida que a espiral se estreita, até que estou girando tão rápido que fico com medo de me soltar de Gabriel, embora os dedos dele estejam presos com firmeza em torno dos meus. Começamos a subir ainda em espiral e a reduzir a velocidade, e consigo ver e acima de mim uma luz. Sinto que fui sugado para fora e meu corpo para.

Estou pesado de novo e arfando, estatelado de bruços em uma local íngreme. Ainda bem que não tomei café da manhã, pois meu estômago não apreciou muito a experiência. Rolo para poder me sentar. Estou em um telhado de placas irregulares de ardósia preta. À minha frente há um pequeno gramado e, ao fundo, a encosta de uma montanha coberta de árvores se ergue tão íngreme que preciso virar a cabeça para ver o céu azul. Minha cabeça e meu corpo parecem estar se movendo em círculos, em velocidades diferentes.

— Temos que ficar no telhado até que Mercury apareça.

Gabriel já subiu e está montado na cumeeira com uma perna de cada lado. Eu me junto a ele, me movendo com cuidado.

A cabana fica no alto da encosta de um vale amplo em forma de U que desce para a direita. O vale é cheio de árvores, uma floresta. À minha esquerda, no alto, há neve e uma geleira.

Os topos das montanhas que formam o paredão irregular ao redor do vale estão cobertos de neve, e do outro lado uma enorme geleira se estende entre elas. O vale inteiro é uma imensa fortificação.

Não há som de passarinhos, mas ouve-se o cricrilar de grilos e um rugido constante e distante. O barulho não está em minha cabeça, e não há chiado de nenhum equipamento elétrico. Mas o rugido é permanente, e percebo que vem de um rio no fundo do vale. Dou um sorriso. Não consigo evitar. O rio deve ser grande, poderoso.

O telhado é de placas irregulares e grossas de ardósia. Há uma chaminé de pedra por onde sai uma coluna espiralada de fumaça. A casinha fica na extremidade mais alta de uma campina cercada por árvores. A única outra coisa naquele pequeno

descampado, bem mais distante encosta abaixo, é um grande toco de árvore lascado e riscado.

— Esta é a casa de Mercury. É protegida por um feitiço contra invasores. Só é possível descer do telhado quando Mercury estiver tocando você.

— Onde estamos?

— Em outra parte da Suíça. Às vezes venho aqui de trem ou caminhando. Ou uso a fenda. Posso voltar por ali. — E ele mostra um espaço acima da calha. — Mercury abriu a fenda. Seu dom é controlar o clima. É um dom poderoso. É o único que tem, mas aprendeu outros truques e ainda ganha coisas das pessoas a quem ajuda... foi assim que aprendeu a fazer as fendas.

A tranca da porta chacoalha e uma brisa gelada toma conta do lugar quando Mercury aparece diante de nós.

É alta e magra, e sua pele chega a ser translúcida de tão pálida, quase cinza. Os olhos são buracos negros, mas com camadas de prata passando por eles. Acho que está olhando para mim, mas não tenho como saber ao certo.

— Achei que tinha sentido um cheiro bom — diz ela. A brisa agora fica quente. Úmida e pesada. — Nathan. Finalmente.

Sua voz parece não lhe pertencer, mas ao clima. É como se viesse da brisa que contorna seu corpo e vem até o meu. Ela se dirige aos fundos da cabana. Como é construída na encosta, aquela parte do telhado fica a apenas alguns centímetros do chão. A brisa fica mais forte quando ela estende a mão para mim, me convidando com seus dedos a descer. O vento agora está girando ao meu redor, me colocando de pé e me empurrando na direção de Mercury. Estendo o braço para pegar sua mão.

Finalmente!

É como segurar a mão de um esqueleto.



parte seis

fazendo dezessete anos

os favores

Abro os olhos. Ainda é noite. Gabriel está dormindo perto de mim. Estamos na floresta acima da cabana de Mercury. A cabana é especial, consigo dormir nela, mas só experimentei fazer isso duas vezes. Fico claustrofóbico demais lá dentro à noite, apesar de não passar mal. De qualquer modo, prefiro aqui entre as árvores. Rose dorme na cabana. Não sei onde Mercury dorme, se dorme.

— A cabana é a casa de hóspedes. Acho que a verdadeira casa de Mercury é longe daqui — disse Gabriel na primeira noite.

— Um castelo de pedra no alto de uma montanha?

— Isso tem mais a cara dela. Já a vi caminhar na direção da geleira. Acho que tem outra fenda lá em cima que leva à verdadeira casa. Já vi Rose ir algumas vezes naquela direção também.

Rose é assistente de Mercury e tem vinte e poucos anos. É morena, curvilínea e bonita, mas não é uma bruxa das Sombras. É uma “bruxa do Pus”, como ela chama as bruxas da Luz, mas foi criada por Mercury. O dom de Rose, segundo Gabriel, é ser uma névoa do esquecimento, o que não faz sentido para mim, e ele diz que é melhor vivenciar do que explicar. Rose usa seu dom para adquirir coisas para Mercury.

Eu mal falei com Mercury. Estou aqui há mais de uma semana e ela não voltou à cabana desde o dia em que cheguei.

Disse a ela que precisava de sua ajuda. Expliquei que meu aniversário de dezessete anos seria em duas semanas. Fui educado. E tudo o que tive em resposta foi nada.

Nada.

Gabriel diz que ela vai me ver a tempo.

Mas todo dia... nada.

Sei que ela está fazendo algum tipo de joguinho. E...

— Está acordado? — murmura Gabriel.

— Hummmm.

— Pare de se preocupar com Mercury. Ela vai lhe dar três presentes.

Gabriel sempre parece saber o que estou pensando, e eu sempre tento não deixá-lo ver que está certo.

— Não estou preocupado. Estava pensando no que vou fazer depois de descobrir meu dom.

— E o que vai fazer?

Procurar meu pai. Se ele quiser ser achado, tenho certeza de que o encontrarei. E depois vou provar a ele que nunca irei matá-lo. Mas não acho que ele queira me ver, e não vejo como provar seja lá o que for.

— E então? — questiona ele.

Não contei mais nada a Gabriel sobre mim. Nem sobre as tatuagens, nem sobre a visão de meu pai, nem sobre a Fairborn.

— Vou desenvolver meu dom — digo. — Não quero ficar preso no mesmo lugar.

— É, ser um fêlix já é bem ruim. E o que mais?

— Por que você acha que há mais alguma coisa?

— O jeito como você fica todo... como se diz? Tem uma palavra boa para isso... macambúzio. Acho que é isso. Você às vezes fica macambúzio.

Macambúzio!?

— Acho que não é bem essa palavra. Acho que pensativo tem mais a ver.

— Não, acho que é macambúzio mesmo.

Abano a cabeça.

— É que gosto de uma garota.

— E?

— E provavelmente é estupidez minha. Ela é uma bruxa da Luz.

Fico esperando que ele diga que é mesmo uma idiotice e que vão me matar e que provavelmente ela vai ser morta por isso, mas ele não diz nada.

Na manhã seguinte, estamos sentados na grama próximos do tronco todo lascado nos arredores da cabana de Mercury. O calor do sol parece mais forte aqui.

— Podíamos dar uma caminhada — digo, examinando o vale.

— Está bem.

Não nos mexemos.

— Ou podíamos escalar — sugere Gabriel.

Ele tira o capim comprido da boca e não faz mais nada.

Caminhamos e escalamos todos os dias.

— Que tal nadar? — pergunta ele.

Há um lago pequeno perto, mas hoje não quero caminhar, escalar nem nadar. Quero que Mercury venha e me diga que vai me dar os três presentes.

— Você sabe que falta pouco mais de uma semana para o meu aniversário?

— Sabe, já devo ter dito isso antes: pare de se preocupar.

— E se eu não receber os três... — Paro de falar, pois Rose surge da floresta mais abaixo e vem em nossa direção, com passos largos e lentos.

Seu vestido fino se molda a suas curvas. Quando nos alcança, ela se joga na grama ao meu lado.

— Oi — diz.

— Olá, Rose.

Ela ri. Não parece ser do tipo que ri de qualquer coisa, mas é. Também fica vermelha com facilidade, o que também não combina muito com ela. É um pouco intrigante.

Rose olha para Gabriel.

— Você precisa ir a Genebra, encontrar Pilot, avaliar quantos caçadores estão por lá e voltar ainda esta noite para contar a Mercury.

Isso faz mais o tipo de Rose.

— Nathan, Mercury disse que adoraria lhe dar três presentes em seu aniversário — diz ela, enquanto arranca um pouco de capim.

Finalmente.

— Disse que seria uma honra.

Uma honra!

— Ela espera alguma espécie de pagamento? Ou a honra é suficiente? — pergunto.

— Pagamento, não — responde Rose. — Um favor. Uma prova de gratidão e respeito. É natural querer agradecer ao doador. É educado.

— E que favor ela quer de mim?

Rose sorri e fica vermelha.

— Ela quer dois favores.

Sem dúvida a honra não é suficiente.

— Quais?

— Ela vai lhe dizer esta noite.

— Vou ter que fazer esses favores antes ou depois da Atribuição?

— Ela disse que um precisa ser feito antes da cerimônia.

Um deles então deve ser relativamente fácil, mas nem imagino o que seja. Não tenho nada que possa oferecer a ela.

— O outro deve ser feito depois, assim que possível.

— E se eu não conseguir?

Rose ri, e passa o indicador rente à garganta.

*

Gabriel volta para Genebra pela fenda, e faço uma longa caminhada para me manter ocupado. Quando nos reencontramos na cabana à noite, estou psicologicamente preparado. Vou encontrar Mercury. Tenho que ser um bruxo das Sombras. Tenho que ser o filho de Marcus.

Mercury me cumprimenta formalmente com três beijos, mas o faz tão devagar que é como se estivesse me inalando, em vez de me beijar. Seus lábios não me tocam, mas posso sentir o frio que emana deles.

— Você sempre cheira tão bem, Nathan.

Depois ela me ignora e pergunta a Gabriel o que ele viu em Genebra.

Parece que os caçadores estão usando a cidade como base, e Pilot diz que andam explorando o lugar à procura de pistas, em busca do filho de Marcus. Mercury parece satisfeita por a cabana estar longe o suficiente deles e o apartamento ainda ser um local seguro.

— Você vê meus olhos de modo diferente, Nathan? — pergunta ela, depois de comermos.

— Nunca vi olhos como os seus antes.

Olhar nos olhos dela é como olhar em órbitas vazias, completamente negras, mas com lampejos repentinos e distantes.

— Você não conheceu muitos bruxos das Sombras, não é?

— Não. — Eu me viro para Rose. — Mas conheci muitos bruxos da Luz.

— É. Rose é uma bruxa da Luz rara. Excepcionalmente talentosa e muito competente.

Rose fica vermelha no ato.

Mercury prossegue.

— Ela nasceu bruxa da Luz, mas agora é como uma filha para mim. É uma bruxa das Sombras de coração. Você, porém, fisicamente tem muito de bruxo das Sombras, mas não sei sobre seu coração. Será que é o coração de um verdadeiro bruxo das Sombras?

— Como posso saber? Como eu disse, nunca conheci um.

Mercury dá de ombros e solta um grito selvagem que soa como um eco em uma caverna.

— Formamos um grupo bem variado esta noite.

Encosto na cadeira e olho para Mercury. Ela é terrivelmente magra. Mas não fraca, não há nada de fraqueza nela. Até sua pele pálida, quase transparente, parece ser à prova de balas. Ela é esguia como uma barra de ferro, parece que vai quebrar a qualquer momento e que sua pele vai soltar em alguns pontos. É fria e sem coração como uma barra de ferro também. Seu cabelo é uma massa emaranhada de fios pretos, cinza e brancos, enrolados como se fossem um bombril de nós e tranças, tudo preso por vários grampos compridos, que ela de vez em quando tira para girar entre os dedos.

Usa um vestido cinza comprido que pode ser de seda ou de trapos, e que tremula quando ela se move ou sem motivo aparente, como se ela estivesse embaixo d'água e ele fosse levado pela corrente.

Eu adoraria descobrir o que ela sabe sobre meu pai, mas esta noite vou me concentrar na Atribuição.

— Obrigado por sua bondade, Mercury. Por cuidar de mim, por me dar um lugar para ficar — digo, com a maior educação possível.

Ela inclina levemente a cabeça em agradecimento. Seu vestido dança um pouco mais ao seu redor.

— E obrigado por sua oferta de me dar os três presentes.

Ela inclina a cabeça mais uma vez, mas, ao erguê-la, diz:

— Seu aniversário está chegando.

— Faltam oito dias.

Ela balança a cabeça.

— Gostaria de lhe oferecer algo em troca, para demonstrar minha gratidão — continuo. — Talvez dois favores, um antes da Atribuição, e outro depois...

— Muito apropriado. Um pequeno favor antes...

— Seria um prazer. Há alguma coisa...?

Silêncio.

Ela adora esse tipo de joguinho.

O silêncio se prolonga um pouco mais, até que ela diz:

— Uma informação.

Espero um pouco. Agora é minha vez de ficar em silêncio.

— Alguma informação em especial? — pergunto, finalmente.

— É claro.

Mercury está com os cotovelos apoiados na mesa, friccionando uma das mãos na outra, e um grampo comprido surge girando entre seus dedos.

— Deixem-nos. Vocês dois, saiam daqui.

Ela não olha para Gabriel e Rose quando dá as ordens, mantendo seu olhar vazio fixo em mim. Depois que eles vão lá para fora, o vento começa a sacudir a porta e as janelas.

Mercury gira o grampo na ponta do dedo.

— O primeiro favor é simples... uma coisa sem muita importância. Quero que me conte tudo o que sabe sobre essas suas tatuagens.

— E o outro?

— Um pouco mais difícil... mas talvez não para você.

Ela finca o grampo de cabelo na mesa e o mexe para a frente e para trás até soltá-lo outra vez.

— Não posso concordar, a menos que saiba qual é o favor.

— Você não tem muitas opções, Nathan.

Mercury fura a mesa de novo.

Cruzo os braços e espero.

Os músculos de sua boca se tensionam mais, e eu me seguro para não dar um pulo para trás quando ela solta um grito alucinado, uma risada. O vento uiva, e Mercury se inclina sobre a mesa aproximando-se de mim. Ergue as mãos, e o grampo reaparece, girando em seus dedos. Ela fala, e seu hálito gela meu rosto.

*

— Por que você o quer morto?

Estou mais curioso do que com raiva.

Mercury se recosta na cadeira e olha para mim, embora seus olhos sejam apenas poços negros e sem fundo no crânio.

— Ele tirou uma vida de mim. A vida de uma pessoa preciosa. E quero tirar uma vida dele. A única vida que ele considera preciosa é a dele mesmo, então é esta que vou tomar.

— Ele tirou a vida de quem?

— Minha irmã. Minha irmã gêmea, Mercy. Ele a matou de forma cruel. Devorou seu coração.

Mercy não estava na lista de pessoas que meu pai tinha matado.

— Sinto muito por sua irmã, mas matar Marcus não vai trazer Mercy de volta. E Marcus é meu pai.

— Isso é um “não”?

— Tenho a sensação de que, se disser sim e não cumprir minha promessa, haverá consequências.

— É claro. Para você, sua família, seus amigos. Detesto pessoas que quebram promessas. Elas devem pagar o mais alto dos preços.

— Então acho que seu preço pode ser alto demais.

Ela estica o braço e passa o dedo sobre a tatuagem em minha mão.

— Seu pai não é nenhum herói, Nathan. Ele é vaidoso e cruel e... Se um dia o conhecesse, veria que ele não dá a mínima para você.

Puxo a mão e me levanto. Ando e paro ao lado da lareira.

— Talvez haja algo que você possa aceitar em vez disso — proponho.

Ela me examina.

— Talvez. — Ela se levanta, caminha até mim e passa o dedo na tatuagem em meu pescoço. — É, talvez haja outra coisa. Seus serviços por um ano.

— Serviços?

Mais uma vez ela solta uma de suas risadas.

— Sempre preciso de assistentes.

Não sei se aguento ficar com ela por uma semana, ainda mais um ano. Não gosto nada da ideia, mas o que posso fazer? Não tenho mais nada para lhe dar.

— Não vou matar ninguém, se é isso o que quer.

Ela recua e abre um pouco os braços.

— Bem, entendo que você se sinta dessa forma agora. — Seu vestido tremula. — Mas com o tempo... sua atitude vai mudar.

Quando ela diz isso, vejo em seus olhos Kieran de joelhos à minha frente e uma arma em minha mão. Desvio o olhar, mas ainda consigo sentir meu dedo puxando o gatilho.

Ela guincha outra vez.

— Matar está em seu sangue, Nathan. Você foi feito para isso.

Sacudo a cabeça. Além do mais, se vou matar pessoas, quero escolher quem serão.

— Talvez você não queira os três presentes.

— Vou trabalhar para você por um ano, mas não vou matar ninguém.

— Vou adorar lembrá-lo dessas palavras daqui a um ano.

— Certo. Contarei o que quiser saber sobre minhas tatuagens na manhã do meu aniversário.

Uma lufada fria atinge meu rosto.

— Estamos sozinhos... agora é uma boa hora.

— Tenho certeza de que vamos encontrar um tempo para ficarmos sozinhos no meu aniversário.

Há uma calma. Nenhum vento, nada, apenas ar frio. Eu me pergunto se ela poderia me matar congelado. Provavelmente.

Não vou lhe contar tudo sobre minhas tatuagens e certamente não sobre o sr. Wallend. Mas preciso pensar no quanto posso revelar para deixá-la satisfeita.

Ela anda até a porta e, sem se virar para me olhar, diz:

— Dê um recado a Gabriel. Há outra pessoa querendo minha ajuda. Gabriel deve ir ao ponto de encontro em Genebra amanhã.

a águia e a rosa

Falta uma semana para o meu décimo sétimo aniversário. Falei com Mercury, e ela vai me dar os três presentes. Por que não me sinto bem?

Gabriel foi para Genebra. Disse que voltaria no fim da tarde. Está quente. O sol está ofuscante. Um ótimo dia para nadar. A caminhada até o lago leva uma hora, mas paro pelo caminho para me sentar e observar o vale. Estou tentando decidir o que contar a Mercury sobre minhas tatuagens, mas não chego a nenhuma conclusão.

Deito de costas e olho para o céu. O rio faz um barulho alto. Bem lá em cima, um pássaro plana. É uma águia. Uma águia grande. Eu a observo por muito tempo, depois me levanto e corro até o lago. Estou tonto, e sigo quase aos tropeções. Nadar vai me despertar. O lago não é muito grande e é cercado pela floresta, com uma faixa de capim alto de um dos lados. Tiro a roupa e mergulho.

Dou algumas braçadas e me sinto dormente. A água do lago vem da neve derretida. Viro de barriga para cima, olho para o azul ininterrupto do céu e vejo novamente a águia, agora voando um pouco mais baixo.

Eu a observo por algum tempo, fazendo círculos cada vez mais altos, e depois descendo e tornando a subir em círculos, descendo ainda mais, e consigo ver cada pena na extremidade de suas asas. Ela parece negra com o sol por trás. Meu corpo começa a afundar, e percebo que estou gelado por dentro, muito gelado. É escuro e turvo sob a água, e há lama e plantas. Posso ver a superfície acima de mim. Posso vê-la, mas parece estar muito acima de mim, cada vez mais longe. Fiquei submerso por tempo demais... luto para subir de volta, mas engoli um pouco de água.

Estou outra vez na superfície. Água no nariz, mas engolindo ar.

— Relaxe. — É Rose. Ela está atrás de mim na água. — Relaxe!

Olho para a águia no alto. Está de volta, ainda ali, acima de mim. Estendo os braços, boiando.

— Você ficou aqui dentro tempo demais. Vou puxá-lo para fora.

Rose me puxa pelo cabelo para a margem, com movimentos lentos e ritmados.

Pelo cabelo!

— Não acho que essa seja a técnica certa.

— Pare de reclamar. Sempre quis fazer isso... resgatar alguém.

Sorriso, e entra água na minha boca, mas cuspo. Estou dormente, mas posso sentir o corpo de Rose tocando meu ombro. Uma pequena faixa de calor.

— Pode levantar agora — diz ela.

— Não, me leve até o raso.

Ela agarra meu cabelo com força, me puxa um pouco mais e joga um pouco de água em meu rosto.

— Acho que aqui já está bom — diz.

Encontro apoio na lama e fico de pé. A água está abaixo de minha cintura.

Rose também está de pé. Seu vestido está grudado e transparente, realçando suas curvas, e tenho que desviar os olhos.

Ela ri.

— Você ficou vermelho, Nathan?

Saio da água e deixo que ela imagine a resposta.

Eu me jogo na grama de barriga para baixo, mas estou tremendo.

— Você precisa se secar. Posso pegar sua camiseta?

Antes que eu consiga responder, ela já está secando minhas costas.

Espero pelos comentários sobre minhas cicatrizes, mas ela não diz nada. Apesar de o sol ainda estar forte, por dentro estou tremendamente gelado. Não consigo parar de tremer.

Rose se deita comigo para me esquentar. É estranho ficar tão perto de outra pessoa. Tenho certeza de que ela cortaria minha garganta se Mercury mandasse, mas essa não foi a orientação que recebeu. A ordem foi cuidar de mim. Eu me afasto dela e me visto.

Rose tem um pouco de pão e queijo na bolsa e comemos juntos.

Eu a agradeço por me salvar, apesar de não precisar ser salvo.

Ela dá uma risada.

— Só fiz isso para deixar Gabriel com ciúmes.

— De mim?

Eu não achei que Gabriel estivesse interessado em Rose.

— Não.

Ela ri e sacode a cabeça.

Não tenho ideia do que ela está tramando.

— Ele ia adorar uma chance de salvar você. Para mostrar o quanto... você sabe...

— Rose ri de novo. — Mostrar o quanto ele ama você.

— *O quê?*

— Ele está apaixonado por você. Totalmente apaixonado por você.

Ela está me provocando, só isso.

— Ele é meu amigo.

— Totalmente. Perdidamente. Loucamente. E, infelizmente, também sem a menor chance.

— Ele é meu amigo.

— Ah, ele quer ser muito mais que seu amigo, Nathan.

Sacudo a cabeça. Gabriel é Gabriel. Ele gosta de ficar comigo, é verdade. Gosto de estar com ele também. Escalamos, nadamos, conversamos. Pensei que fosse isso que os amigos fizessem.

Ele me deu um presente alguns dias antes. Uma faca. Eu a pego e olho para ela. É bonita. Um cabo de couro preto e uma bainha trançada também de couro preto. A lâmina tem a forma de uma faca Bowie. Gabriel parecia nervoso quando me deu. Percebi que ele queria que eu gostasse do presente. E gostei.

— O amor é estranho — diz Rose. Ela pega a faca e a examina. — Gabriel morreria para mostrar o quanto ama você.

Rose olha para seu reflexo na lâmina.

— E por quem você morreria, Rose?

— Ainda não conheci essa pessoa. — Ela me devolve a faca. — Você já?

Reflico, mas não respondo.

— Você é como seu pai — diz ela.

— Você conheceu Marcus?

— Uma vez. Há uns dez anos, quando eu tinha doze. Você se parece com ele. Igualzinho. A voz é parecida. Até os silêncios são iguais.

— Você ainda se lembra dele depois de todo esse tempo?

— Ele é inesquecível... e não sou burra como as outras bruxas de Pus.

— Com certeza, não, Rose. Você procurou Marcus ou ele veio ver Mercury?

— Ele veio ver Mercury. Pediu a ela um favor, mas ela recusou, é claro.

— Por que Marcus matou Mercy?

Silêncio. Ela deixa que eu adivinhe.

— Qual foi o favor, Rose?

Ela ri.

— Talvez eu conte a você... talvez não.

Ela deita de lado para me olhar.

— Adoro provocar você, Nathan. Você entra na pilha muito fácil. É muito engraçado ver.

— Marcus era assim? Ficava com raiva fácil?

— Não o vi por mais que alguns minutos. Ele me pareceu bem calmo. Mercury é quem estava furiosa.

— E o favor era?

— Talvez eu queira fazer você esperar um pouco mais...

— Tenho certeza de que quer.

Ela ri de novo.

— O favor que ele pediu a Mercury foi que ela criasse o filho dele. Você. Ela recusou. Não gosta muito de garotinhos.

— A não ser no ensopado.

Rose ri de novo.

Mercury disse que meu pai só se preocupa com ele. Ela mente sobre tudo. Marcus também deve saber disso, então...

— Por que ele pediu ajuda a Mercury?

— Acho que hoje ela se arrepende dessa decisão. Gostaria de ter algum poder sobre Marcus. Mas na época estava com muita raiva por causa de Mercy.

— Mas por que ele pediu a ela?

— Porque achou que Mercury devia ajudar. Afinal de contas, vocês são parentes.

— Nós somos parentes?

— A irmã gêmea dela, Mercy, era mãe de Saba.

O quê?

— Marcus matou a própria avó?

— Isso é mais comum do que você imagina. Mas é uma coisa que Mercury nunca vai perdoar. Ela amava Mercy. É impossível superar isso. Mercury pode não ter morrido pela pessoa que amava, mas vai matar por ela. Isso me faz rir. Bruxos das Sombras sempre estão matando seus parentes, mulheres, amantes. Bastava que os do Pus os deixassem fazer isso, que em pouco tempo não sobraria nenhum bruxo das Sombras.

Olho para o céu outra vez. A águia sumiu. Mercury é minha tia-bisavó. E meu pai tem me observado e cuidado de mim a vida toda.

confiança em gabriel

Volto para a cabana e espero no gramado por Gabriel.

Estou empolgado por causa de meu pai, satisfeito, feliz até.

Quero contar a Gabriel. Mas a tarde termina e vira noite. Esqueço minha alegria e penso nos caçadores. Genebra está cheia deles, e Gabriel é descuidado demais. Há grandes chances de ele cometer um erro, ser traído pela pessoa com quem devia se encontrar ou por um dos meios-sangues sobre os quais sempre me alerta.

No dia seguinte, quando Gabriel aparece no telhado da cabana, já é quase meio-dia. Ele não está sorrindo. Parece não ter dormido.

Digo a ele que está com uma cara horrível. E ele sorri.

— Você também.

Subo no telhado e sento ao seu lado.

— Tem uma palavra perfeita para explicar como me sinto — diz ele. — Arrasado.

— Você deu de cara com mais caçadores?

— Não, mas as coisas ficaram complicadas. Tivemos que fazer um desvio, um desvio grande. Eu queria passar a noite na casa de Pilot... ela vive bem na periferia de Genebra, mas só de olhar para a garota que estava comigo ela disse não. A garota é uma bruxa da Luz da mais pura linhagem, e disse que estava fugindo do Conselho. Mas não sei no que acreditar. E ela estava surtando também, o que não ajudou. Basicamente, foi uma confusão.

— E onde está a garota agora?

— No apartamento. Apesar de eu não ter certeza se devia levá-la para lá ou não. Não confio nem um pouco nela. — Gabriel sacode a cabeça. — Ela não fala comigo. Diz que só vai falar com Mercury, e você sabe que eu não posso ajudá-la

até que ela me conte mais. E ela não conta. E eu não a ajudo. Ficamos girando em círculos por um bom tempo. Física e verbalmente.

— Parece muito conveniente que uma pessoa esteja fugindo do Conselho e precise da ajuda de Mercury quando eles estão a minha procura. Será que ela foi mandada pelo Conselho ou pelos caçadores?

— Não sei. Não consegui decifrá-la. Ela me deixou exausto. Preciso esquecê-la um pouco e relaxar. Tenho algumas notícias de Pilot para Mercury. Depois podemos ir nadar.

Esperamos por Mercury no telhado. Conto a ele o que Rose me falou sobre Marcus ter matado Mercy e depois sobre a águia. E nessa hora Mercury aparece. Devia estar escutando tudo.

Mercury quer saber mais sobre a águia. Como eu, acho que ela desconfia que seja Marcus.

Não faço nenhum comentário, mas a questiono.

— Será que Marcus está por perto, me observando?

Eu me sinto ridículo assim que acabo de dizer isso. Espero que ela ria.

— Ele só se preocupa consigo mesmo, Nathan — diz ela. — Se estiver observando você, é porque quer alguma coisa.

Entendo que, se Marcus acha que posso matá-lo, é normal que fique de olho em mim. Mas sou seu filho, seu único filho. Se eu tivesse um filho, eu o observaria e gostaria de conhecê-lo também. Iria querer vê-lo em carne e osso e abraçá-lo. Marcus nunca veio me ver, me abraçar nem...

— E você, Gabriel, encontrou a garota?

— Encontrei. Ela está no apartamento. Não confio nela, mas era o único lugar onde eu podia deixá-la. Pilot mandou uma nova mensagem para a senhora. Ela disse que Clay estava em Genebra. E acrescentou: “Clay está com a Fairborn.”

Mercury solta aquele seu riso que mais parece um uivo e praticamente pula no telhado e nos toma pela mão. Algumas telhas se soltam, e parecemos pairar no ar em uma lufada de vento, até ela nos deixar na grama.

Quando aterrissamos, Mercury acaricia meu rosto.

— Soube de uma visão sobre a Fairborn e você, Nathan. E acho que deve ter ouvido falar dela também. — Ela belisca meu queixo e olha em meus olhos. — Com certeza. — E acaricia meu rosto outra vez antes de se virar para Gabriel e

dizer: — Vai ser interessante ver como Nathan muda com essa faca na mão — diz ela.

Ele parece confuso.

— Nathan pode lhe contar sobre a visão. E esta noite vamos discutir como a Fairborn pode ser tomada de Clay e trazida para as minhas... não, para as mãos de *Nathan*.

*

Estamos deitados na margem coberta de musgos do pequeno lago. Já corremos, nadamos e agora deixamos que os raios de sol nos sequem e nos aqueçam. Mas minha cabeça está em outro lugar.

— Esta manhã — diz Gabriel —, fui até a casa onde Pilot disse que Clay estava. Quis conferir eu mesmo, porque Pilot às vezes entende as coisas errado. Mas não se enganou. Clay está lá.

— Como sabe que é ele?

Gabriel dá de ombros.

— Eles têm aquele jeito, não é? Aquela arrogância. Ele é o mais arrogante de todos. O rei da arrogância.

É ele.

— Ele tem uma namorada — diz Gabriel.

— Está falando sério?

Eu me lembro do cassetete dele e de estar no chão, tentando proteger a cabeça com os braços.

— E, mais surpreendente ainda... ela é bonita. Alta, magra e jovem... jovem para Clay, se é que você me entende. Algumas mulheres preferem a beleza, outras, o dinheiro, e outras, o poder. Ela obviamente gosta de... — Ele dá de ombros. — Velhos arrogantes.

Gabriel está tentando me fazer rir, mas não consigo ver nada de engraçado em Clay.

— Ele não é tão velho — digo. — É poderoso. Tem uma boa posição na sociedade. É astuto... inteligente.

E brutal.

— Então é um bom partido para uma bruxa da Luz.

Sento-me e olho para o lago, seu azul profundo refletindo o céu, e embaixo o verde-limão das plantas crescendo na água.

Isso me lembra Ellen.

— Conheci uma meio-sangue em Londres — conto. — Tinha olhos maravilhosos. Um pouco parecidos com esse lago, uma mistura de azul e verde com turquesa e...

Fico sem ter o que dizer. Os olhos de Clay pareciam feitos de gelo.

Gabriel também se senta.

— Qual o problema?

— Estive com Clay. Duas vezes.

Eu me lembro de seu hálito em meu pescoço.

Quero contar a Gabriel sobre a Fairborn, minhas tatuagens, sobre o treinamento com Celia e o alerta de Mary. Mas não sei como contar tudo desde o início, que palavras usar... Por onde começo?

— Fale mais sobre essa meio-sangue — diz ele. — Ela parece interessante.

— É, sim. Você ia gostar dela. É inteligente.

Quando começo a falar de Ellen, as coisas ficam mais fáceis, e conto sobre Bob, Mary, as avaliações, Clay e tudo mais.

— Mary disse para você não confiar em ninguém — diz Gabriel, quando termino. — Mas confiou em Ellen e está confiando em mim.

Dou de ombros. Realmente confio nele.

Ele se aproxima de mim e me abraça. A sensação é meio estranha.

Gabriel está convencido de que Mercury vai querer roubar a Fairborn. Ela quer que a faca vá parar em minhas mãos e que eu a use contra Marcus. Ele acredita que, se eu trabalhar para Mercury por um ano, ela vai usar todos os seus poderes para me manipular e me fazer matar Marcus. Acha que ela vai se deleitar com tudo isso, me colocar contra Marcus, ter poder sobre o filho dele.

— Você está certo em acreditar em seu pai — diz Gabriel.

E diz não querer mais a ajuda de Mercury.

— Mas preciso da ajuda dela — observo. — Faltam só seis dias para o meu aniversário. Preciso dos três presentes.

— É, isso é um problema — diz ele. — Precisamos de um plano.

Mas é difícil encontrar um que seja satisfatório. Concordamos que precisamos destruir a faca ou jogá-la no lago, de onde nunca mais poderá ser recuperada, mas Mercury ficará furiosa, e vai querer se vingar de nós. De todo modo, meu pai pode não acreditar que realmente fizemos isso. Podíamos tentar dar a faca a ele, mas aí existem dois perigos: tanto chegar até ele quanto lhe entregar a arma, já que ele não confia em mim.

Resolvemos seguir qualquer plano que Mercury apresente para roubar a Fairborn, pois ela estaria melhor em suas mãos do que na dos caçadores. Só podemos torcer para que, depois de receber os três presentes e começar a trabalhar para Mercury, eu tenha a oportunidade de destruir a faca. Não é um grande plano.

*

Naquela noite, Mercury está em clima de comemoração. Rose foi a Genebra e voltou. Ela nos conta o que viu: o mesmo que Gabriel. Clay está em uma casa nos subúrbios de Genebra. Há pelo menos vinte caçadores nos arredores da cidade, o que, em minha opinião, não é motivo para comemoração. Pilot viajou para a Espanha.

Mercury não se senta e anda de um lado para outro, o vestido dançando de alegria ao seu redor. Ela não parece se importar com a quantidade de caçadores. Quer a Fairborn e acha que Rose conseguirá roubá-la.

— Se estiver mesmo com Clay — diz Gabriel. — Pilot já se enganou várias vezes.

— Pilot me disse que há um grupo especial encarregado de proteger a Fairborn — diz Rose. — No momento, é a vez de Clay. Aonde ele vai, a Fairborn vai com ele.

— Tirá-la de Clay não vai ser fácil.

— Não, não vai ser fácil — concorda Mercury. — Mas nada que seja impossível para minha maravilhosa, querida e genial bruxa da Luz Rose, que tem o talento de furtar qualquer coisa, por mais bem-guardada que esteja.

Rose fica vermelha e ri.

— Amanhã — diz Mercury. — Rose e Gabriel vão até a casa, encontram a Fairborn e a trazem para mim.

Simples assim.

— E como... — tento perguntar.

Gabriel põe a mão em meu braço.

— Tudo bem. Vamos tomar cuidado. Mercury tem razão. Rose é muito boa. Até os caçadores são enganados por sua névoa. Mas não vamos correr nenhum risco. Se a casa estiver protegida por feitiços contra invasão, não vamos tentar. Seria impossível, mesmo para Rose.

— Os bruxos do Pus não gostam de usar esse tipo de feitiço para não correrem o risco de ferir algum félix — explica Rose. — Eles não matariam um ladrão félix. Isso pode chamar muita atenção. Sumir com félixes é um trabalho difícil.

— Então você vai simplesmente entrar em uma casa cheia de caçadores, pegar a faca e sair andando — digo.

— Eles não vão me ver — responde Rose.

— É perigoso demais — digo a Gabriel.

— Você está ficando mais félix que eu — retruca ele. — Vamos tomar cuidado.

Mercury ri de novo.

— Então vou também — digo.

— Não, você fica aqui — ordena Mercury.

Eu a xingo, e ela ri. Há o estrondo de um trovão acima da cabana, e grampos giram pela sala.

— E a garota? — pergunta Rose.

— Ah, é. A garota... — Mercury olha para Gabriel. — Como é mesmo o nome dela?

— Annalise. Annalise O'Brien.

Fico sem ação quando Gabriel diz aquele nome. Annalise não pode estar tentando encontrar Mercury. Não pode estar precisando da ajuda de Mercury.

Gabriel me pergunta se há algo errado.

Como não respondo, ele me olha fixamente.

— Você a conhece?

Não sei o que dizer.

— É a garota de que você... gosta?

Percebo a desaprovação em seu rosto.

— Preciso vê-la. É uma amiga — digo a Mercury.

— Que lindo... — diz Rose, e fica vermelha.

Mercury também me encara, os olhos com um brilho de fúria.

— Uma amiga? Que chega a poucos dias de seu aniversário e justo quando Genebra está cheia de caçadores? — diz ela, e se dirige a Rose: — Você vai roubar a Fairborn amanhã à noite.

Ela se levanta e se encaminha para a porta, mas então se vira para Gabriel.

— Garanta que Nathan não veja a menina. Ainda não. Preciso pensar no caso dela. — Depois ela se vira para mim: — Se for encontrá-la, Gabriel vai pagar o preço por não ter conseguido impedi-lo. — E então ela vai embora.

Rose olha para nós dois e enrubesce.

— A maldição do verdadeiro amor nunca transcorreu sem sobressaltos — diz. Ela ri, estende o braço e segura a mão de Gabriel. — Mas estou do lado de Gabriel.

Ele solta a mão e olha para mim.

— Sabia que havia alguma coisa errada com essa menina, Nathan. É uma espia. Está trabalhando para o Conselho.

— Não está, não — replico, sacudindo a cabeça.

— Ela veio capturá-lo, espioná-lo ou matá-lo. Está sendo usada por eles para pegar você.

— Você não sabe o que está dizendo.

— Não sei? Ela é uma bruxa da Luz. De linhagem pura. Aposto que metade de sua família é de caçadores ou membros do Conselho.

— Isso não significa que ela seja como eles.

— Ah, mas é claro que não. Ela é *diferente* — diz ele em tom de deboche. — E acha que você é especial, ela entende você, sabe que na verdade você não é mau e não se importa que seu pai seja o bruxo das Sombras mais procurado. Ela não está interessada nele, só em você. Enxerga como você é de verdade. Sua bondade e gentileza. E então balança os cabelos louros, dá seu sorriso mais bonito e...

Não fico ali para ouvi-lo.

Corro. Parece ser a única coisa boa a fazer, correr até não aguentar mais. Durmo na floresta, mal, apesar de estar exausto. Fico na mata quase o dia inteiro, caminhando, olhando para o céu. Faltam apenas cinco dias para o meu aniversário, e sinto que tudo está girando e saindo do controle. Só consigo imaginar que Annalise veio para cá porque as coisas devem ter ficado muito ruins em casa com sua família. E para se arriscar a procurar Mercury, deve ter sido algo muito sério. Mas não está aqui para sua Atribuição, ela fez dezessete anos em setembro.

No fim da tarde, volto para a cabana, onde os preparativos para roubar a Fairborn de uma casa cheia de caçadores estão a todo o vapor.

Quando entro, Gabriel não para o que está fazendo. Fico surpreso ao vê-lo limpando uma arma.

— Você sabe usar isso? — pergunto.

Não consigo evitar a raiva em minha voz, apesar de ter dito a mim mesmo para não ficar assim.

— Morei nos Estados Unidos por mais de um ano, lembra? — Sua voz está tranquila, bem-humorada.

— Mas já atirou em alguém de verdade?

Ele para de limpar a arma e me olha, mas não responde.

E quase vejo o bruxo das Sombras que existe nele.

— Quem você matou?

— Um espião — diz ele com os olhos fixos no meu, de uma forma que só eu consigo ouvir.

— É essa a sua especialidade? Matar espiões?

— Nathan, pare.

Ele volta a limpar a arma.

— Conheço Annalise há muito tempo. Ela não é uma espia. Confio nela.

— São exatamente esses que eles escolhem.

— Então é isso? Não há nada que ela possa fazer para convencê-lo do contrário? Tudo o que fizer vai parecer suspeito, só por ela ser quem é.

Ele não responde, apenas continua limpando a arma.

— E se Mercury mandasse você atirar em Annalise, você atiraria? — pergunto.

Ele não tira os olhos da arma, mas pelo menos parou de limpá-la.

— Atiraria? — repito, com a voz baixa e trêmula.

Ele sacode a cabeça, mas me olha nos olhos e diz:

— Se eu tivesse certeza de que ela está traindo você, eu a mataria, quer Mercury mandasse ou não.

— Então você não tem certeza?

— Não cem por cento. Mas, Nathan, se tem uma coisa em que sou bom é avaliar as pessoas, e tem algo errado com ela.

— Ou talvez você só queira ver isso, mas na verdade não consiga encontrar nada errado nela, porque não existe. Porque ela nunca vai me trair. Porque ela é uma boa pessoa de verdade. Mas você não quer acreditar nisso. Quer que ela seja uma espia!

Percebo que estou gritando e tremendo de raiva.

— Nathan, sei que isso é difícil para você.

Ele se aproxima de mim e passa o braço pelo meu ombro. Não retribuo o abraço, mas não bato nele.

Rose surge do quarto, nos vê e me manda um beijo.

Eu a xingo e me sento em um canto.

Como sempre ela está vestida de modo equivocado, em um vestido cinza longo com estampas em espiral e grudado ao corpo, um pouco parecido com o de Mercury. Seu cabelo está impecável, preso em um coque no alto da cabeça. Parece pronta para um baile de Dia das Bruxas, a não ser pelos pés descalços. Mostra a Gabriel seus grampos, enfeitados nas pontas com caveiras. — Caveirinhas pretas servem para abrir fechaduras de portas, caveirinhas vermelhas para abrir cofres ou fechaduras mais complexas, e a caveira branca grande é... — Ela fica vermelha... — para matar bruxos do Pus.

Mercury surge de repente. Está sorrindo daquele seu jeito.

— Antes de ir atrás da Fairborn, Gabriel, quero que traga a amiga de Nathan até nós.

Ele parece não entender.

— Se ela foi mandada para nos espionar, eu a quero em minhas mãos e incapaz de mandar qualquer aviso para o Conselho.

Sei que na verdade ela quer Annalise em suas mãos para ter mais poder sobre mim.

— Quando você e Rose estiverem prontos para partir, traga-a para cá. Não lhe dê chance de fazer nada.

Gabriel e Rose repassam o plano. Comemos em silêncio. Até Rose está séria.

Ao pôr do sol, Gabriel sobe no telhado e passa pela fenda.

Espero na grama.

Não demora muito.

Gabriel e Annalise aparecem de mãos dadas. Ele a solta como se ela tivesse uma doença contagiosa. Annalise fica esparramada em cima do telhado, de olhos fechados.

Gabriel chama Rose, e ela aparece, se aproxima de mim, me beija no rosto, sobe no telhado, passa por cima do corpo de Annalise e cai nos braços de Gabriel, mas ele não tira os olhos dos meus o tempo todo. Ouço a risada de Rose quando eles desaparecem pela fenda.

annalise

Annalise e eu estamos sentados juntos. Bem perto um do outro. Ela sempre pareceu muito mais madura que eu, mas agora parece bem mais jovem. Seu rosto mudou, ficou mais comprido e magro, ainda mais lindo. Está usando jeans, camiseta e um suéter azul-claro, mas está descalça.

Eu me pergunto quando Mercury vai aparecer. Está me deixando ter algum tempo com Annalise. Deve haver algum motivo por trás disso.

Seguro a mão de Annalise e lhe pergunto o que aconteceu.

Ela pisca, e lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— Eu me meti em uma grande confusão, Nathan.

Seco suas lágrimas com as pontas dos dedos, mal tocando sua pele.

— Depois que Kieran atacou você, ele contou a papai sobre nós. Meu pai ficou furioso, mas disse que eu não seria punida, só teria que reconquistar a confiança deles. Teria que fazer o que me mandassem nos mínimos detalhes. E eu não tinha outras opções, então tentei obedecer. Mas nunca confiavam em mim, por melhor que eu fosse. Meu pai ou um de meus irmãos sempre estava comigo quando eu saía de casa. Não tinha permissão de ver nenhum de meus antigos amigos. Fiquei solitária, mas era suportável.

“Só que, depois da minha Atribuição, o Conselho mandou me chamar. Eles me fizeram perguntas sobre você. Meu tio Soul estava lá. Ele me tratou como se eu fosse uma traidora. Não respondi às perguntas, disse que não lembrava direito o que tinha acontecido. Mesmo assim, aquilo tudo foi assustador. Fui convocada outra vez no dia em que vi você no prédio do Conselho. Depois, algumas noites mais tarde, meu tio foi a nossa casa e eu o ouvi contar a meu pai que você tinha fugido e que eu teria que voltar para mais interrogatórios. Não sabia exatamente o

que fazer, mas sabia que não aguentaria mais aquilo. Pensei que, se você tinha escapado, talvez eu também pudesse. Por isso fugi.”

Ela me fita, e a prata em seus olhos gira lentamente.

— Achei que, se pudesse encontrar você... Bem, não pensei muito além disso. Mas queria encontrá-lo. Sempre quis. E ouvi dizer que Mercury ajudava os bruxos da Luz por um preço. A única coisa que eu tinha era dinheiro. Não acredito que encontrei você... que está mesmo aqui.

Enxugo suas lágrimas de novo, desta vez passando o dedo por seu rosto, sentindo a maciez de sua pele. Ela tenta sorrir e estende a mão para afastar o cabelo do meu rosto.

— Seus olhos estão exatamente como eu lembrava. Não mudaram nada.

Seus dedos tocam meu rosto. Quando dou por mim, já estou virado para beijá-los. Levo sua mão à minha boca e dou um beijo.

Ela acaricia as tatuagens em minha mão e em meu pescoço. Mas não pergunta nada. A prata em seus olhos se move, captando a luz do luar, e mais lágrimas brotam de seus olhos.

Ficamos sentados juntos, e Mercury não aparece.

— Vou ajudar você, Annalise. Mas eles acham que é uma espia. Não confiam em você.

— Mas você confia?

— É claro. — Eu a abraço. Ela está tão frágil e trêmula... — Vou falar com Mercury, vou convencê-la.

Annalise balança a cabeça.

— Temos que esperar por ela no telhado. Só se pode descer do telhado quando Mercury estiver tocando você.

— Senão o que acontece?

— Gabriel me disse que você mergulha em um sono parecido com a morte.

— Ele não confia em mim. Não gosta de mim.

— Você é uma bruxa da Luz, ele é das Sombras...

— Pilot não me deixou ficar na casa dela.

— Mercury tem uma mente mais... voltada para os negócios.

Annalise balança a cabeça.

— Ouvi Pilot dizer que Clay está em Genebra.

E nesse instante uma brisa quente sopra sobre nós.

Espero Mercury aparecer, mas nem sinal dela ainda. Ela deve estar insinuando que quer saber mais.

— Você sabe alguma coisa sobre uma faca especial chamada Fairborn? — pergunto. — Acho que está com Clay.

Annalise franze o cenho.

— Sei, sim. Ouvei meu pai falar sobre ela com Kieran. É importante, mas não sei por quê. Pessoas diferentes se revezam para cuidar dela. Só gente em quem o Conselho confia muito. Meu pai ficou com ela por um tempo no ano passado. Meu tio já ficou com ela uma vez, e Clay também é um dos guardiões.

Annalise agarra minha mão. As dela estão úmidas.

— Você não está pensando em tentar pegar a faca, está?

Ela se vira para me olhar.

Dou de ombros.

— É loucura. Há caçadores por toda parte.

— E se alguém fosse, digamos, invisível, e entrasse sem ser visto no QG de Clay?

Annalise abana a cabeça.

— Existem feitiços anti-invasão protegendo o prédio.

— Como esse aqui do telhado?

— É. Clay deve ter um feitiço para proteger a casa. O feitiço não mata, só deixa a pessoa incapacitada. Kieran contou uma história sobre um fêlix que tentou invadir o alojamento de um caçador uma vez e foi encontrado caminhando sem rumo, atônito, como se estivesse bêbado. Fizeram coisas com ele... riram dele...

— Todas as portas e janelas têm o feitiço?

— Tem uma porta que os caçadores usam. Essa é a única porta segura. Se usar uma porta diferente ou uma janela, vai ser pego pelo feitiço.

A brisa quente beija meu rosto. Rose tem chances.

— Também ouvi Kieran contar a Niall e Connor sobre outros feitiços que os caçadores usam. A porta de entrada que eles utilizam tem um feitiço-senha. Se disser a senha antes de passar, o feitiço é suspenso por um curto período de tempo. Pode haver palavras diferentes para entrar e sair. Não sei muito bem...

A brisa fica fria. Rose não sabe desses feitiços. Talvez eles percebam...

A brisa fica mais forte e ainda mais fria.

Eu me levanto quando Mercury surge. Ela não parece muito satisfeita. O vento fica mais forte e me joga para trás.

Annalise está de joelhos com o cabelo esvoaçando descontroladamente.

— Annalise, que menina linda você é. — A voz de Mercury é fria. — Venha. Vamos nos conhecer melhor.

Mercury está de pé na grama perto do telhado e estende a mão para Annalise, que se vira para me olhar. Tento me aproximar dela, mas o vento não me deixa sair do lugar. Annalise levanta e segura a mão de Mercury, mas assim que ela dá um passo para a frente, outra rajada a empurra para o lado. Ela estica a mão, mas antes de tocar Mercury o vento a joga na grama. Ele me segura, me prende, apesar de eu lutar contra ele e tentar alcançar Annalise. Mas é tarde demais.

Não consigo ouvir o que Mercury diz porque estou gritando, e o vento está soprando forte em meus ouvidos. Annalise está deitada no chão e apenas seu peito se move, ofegante, e sua boca está aberta, tentando puxar algum ar.

Mercury para de pé ao lado dela e a observa. Não paro de gritar.

O peito de Annalise para de se mexer. Ela está completamente imóvel. Seus olhos estão abertos, e grito para Mercury.

Mercury leva a mão até o rosto de Annalise e fecha seus olhos.

Tudo o que vejo é aquele corpo pálido no chão escuro.

O vento não dá trégua e me golpeia enquanto xingo Mercury aos berros.

A voz dela também sopra em meu rosto.

— Você precisa avisar Rose e Gabriel sobre o feitiço-senha. Ainda há tempo para ajudá-los.

— E Annalise? — grito, apontando para o corpo dela.

— Está dormindo. Não morta. Volte em segurança, e eu a desperto.

Ela não está morta. Ela não está morta. Gabriel disse que era um sono parecido com a morte.

— Se ela morrer...

— Já chega. Vá.

a fairborn

Mercury foi prática como sempre e desenhou um mapa para me mostrar como encontrar a casa de Clay. Ouvi todos os planos, por isso sei que a casa fica a uma hora de caminhada do apartamento. Percorro a distância em pouco mais de vinte minutos. Se Rose e Gabriel fizeram tudo certo, estão uma hora à minha frente, mas ainda devem estar vigiando a casa, esperando um momento mais tranquilo.

Preciso me concentrar neles, porque, sem isso, a única coisa em que penso é o corpo de Annalise estirado sobre a grama. Ela parecia morta. Seu peito estava imóvel; seus olhos, abertos.

Estou quase lá. Tenho que me concentrar.

A casa fica em um subúrbio tranquilo, em uma rua secundária com mansões rodeadas por jardins espaçosos. Atrás há uma pequena encosta coberta de árvores. Examino as ruas do entorno e também a mata nos fundos.

Vejo uma pessoa de costas para mim na beira da mata. Está observando a casa.

E todo o treinamento que tive com Celia retorna. É fácil, uma segunda natureza, como ler é para Gabriel. Avanço devagar e em silêncio, com uma faca na mão. A figura começa a se virar quando dou meu último passo e agarro seu corpo, a lâmina em sua garganta. Poesia em movimento.

O corpo de Gabriel está rígido contra o meu. Mantenho a faca apertada contra a pele dele.

— Você não está preparado o suficiente — sussurro em seu ouvido.

— Nathan? O que está fazendo aqui?

— Onde está Rose?

— Observando a entrada. O que está acontecendo?

— Mercury me mandou vir. Preciso falar com Rose sobre os feitiços na casa.

Uma coisa útil que Annalise me contou.

Ele não responde, então o solto e o empurro para longe de mim.

— O que ela disse?

Eu lhe conto, e ele assente.

— Vamos contar a Rose — diz.

Damos a volta até a frente da casa. Ainda é cedo, antes da meia-noite. Rose está no jardim de uma residência do outro lado da rua. Ela não ri quando explico a situação, mas também não quer desistir. Acha que pode dar um jeito. Todos os caçadores entram e saem pela porta da frente. Ela vai seguir de perto o próximo caçador que chegar e ouvir a senha.

Agora estou de novo nos fundos da casa, encostado em uma árvore na beira da floresta. Não há cerca, apenas um gramado que termina exatamente onde as árvores começam.

Rose e Gabriel estão do outro lado, na frente.

A casa é dividida em duas: a de cima, no primeiro e segundo andares, é ocupada por vários caçadores; a de baixo, por Clay. Pelo que percebi, a de Clay tem um escritório e um quarto nos fundos. Posso ver vários caçadores circulando na deles. Se estão entrando e saindo, não estão usando a porta dos fundos nem as janelas para isso.

O tempo está quente, com o céu coberto por nuvens, e começou a cair uma chuva fina.

Pergunto a Rose o que fazer se algo der errado.

Ela sorri.

— Fuja se puder. Corra. Se não puder correr, mate todos que conseguir. Eles mataram seus ancestrais e vão fazer de tudo para matar você, Nathan. Mate todos eles. — Ela me beija no rosto e diz com carinho: — Quando tiver matado todos eles, não vai mais precisar fugir.

Não quero matar ninguém. Se chegar ao ponto de ter que decidir entre matar ou ser morto, com certeza vou lutar, mas vou tentar não matar. No entanto, se for Clay ou Kieran...

Que ideia é essa?

Rose surge do meu lado. Atravessou o jardim usando sua névoa, seu dom. Ela parece evaporar, assim como minha lembrança dela. Mesmo enquanto você a vê, se esquece dela. É estranho... confuso. Mas se ela toca você, pele na pele, a

confusão termina, e enquanto isso ela permanece visível. É difícil trabalhar com Rose por causa da névoa, até porque não dá para segurar a mão dela o tempo todo. Gabriel diz que a melhor maneira de lidar com Rose é não olhar para ela, mas saber o que ela vai fazer e desviar os olhos quando ela se transformar. Assim, nossos pensamentos permanecem claros.

— Quantos caçadores tem lá dentro? — pergunta Rose.

— Quatro em cima. — Nenhum deles tem o tamanho de Kieran. — Acho que Clay está em seu escritório.

— Vou esperar aqui até ele ir dormir. Depois vou até a frente da casa e entro. Já ouvi a senha: “chuva vermelha”.

Legal!

— Acho que também tem um porão na casa — digo. — Tem uma grade no chão à esquerda. Vi sair uma luz de lá mais cedo. Acho que Clay estava lá embaixo.

— Um bom lugar para guardar armas.

— Talvez. Se eu fosse Clay... — O que eu faria? — Eu carregaria sempre a Fairborn comigo. Mas imagino que ele tenha que armazenar as armas de suas tropas: pistolas, balas, o que for. Então talvez...

— Mais alguma coisa? — pergunta ela.

— Como vou saber que você saiu de lá, se estou nos fundos?

— Não espere aqui. Quando eu entrar, dê a volta, vá lá para a frente e espere com seu namorado.

— Você sabe quanto é irritante, Rose?

Ela ri baixinho.

Eu a cutuco e aceno com a cabeça na direção da casa. A luz no escritório se apagou. Alguns segundos depois, a luz do porão se acende.

— Será que ele está guardando as armas porque vai dormir? — pergunta-se Rose.

E eu sei a resposta.

— Não. Ele é um caçador. Nunca dorme sem elas.

— Então embaixo do travesseiro.

— Tenho a sensação de que ele dorme de botas e com a Fairborn presa à coxa.

— Gosto de um desafio.

A luz do porão se apaga e a luz do quarto se acende. Uma sombra. Duas sombras. Clay e a namorada andam pelo quarto, se aproximam, se beijam e se separam. A sombra de Clay se vai. A luz do escritório acende outra vez.

— E eu achando que ia ter um pouco de romance — diz Rose.

Vejo a sombra no quarto de Clay, o modo como se move e como me parece familiar.

*

A luz do escritório se apaga já bem mais tarde. Clay vai para o quarto, e essa luz se apaga também.

— Vejo vocês do outro lado — diz Rose, e sai pulando pelo jardim sem se preocupar em ser vista.

Uma névoa a cobre, e eu me pergunto se cheguei mesmo a vê-la. Deduzo que ela foi para a frente da casa e está entrando.

Penetro na mata e dou uma volta bem grande, passando entre duas casas bem mais acima na rua, e só então volto ao encontro de Gabriel. Caminho devagar. Não há pressa, apesar de eu não ter ideia de quanto tempo Rose vai demorar. Quero ter certeza de que não cometerei nenhum erro bobo. Tenho a impressão de que os caçadores ficam relaxados perto da casa. Deixam de lado as precauções, ou pelo menos baixam um pouco a guarda, sem nunca imaginar que alguém, algum bruxo, possa tentar entrar ali.

Gabriel está no jardim em frente à parte da casa ocupada por Clay. Não fala, mas me olha quando chego ao seu lado. Está observando o local. Vigio nossa retaguarda.

Nada acontece.

Nenhum carro, nenhum caçador entrando nem saindo. Agora devem ser duas da manhã.

Gabriel me cutuca. Eu me viro e vejo a porta da frente se abrir e dois caçadores saírem. Tenho aquela sensação confusa, sem saber direito o que está acontecendo, e não consigo descobrir, mas digo a mim mesmo para desviar os olhos. Vejo-me fitando o perfil de Gabriel. Ele se vira, olha para mim e sorri.

— Rose está com eles — murmura.

Balanço a cabeça. Rose fez um bom trabalho e conseguiu entrar e sair sem ser vista. Mas agora sinto meu coração bater forte. Será que ela está com a Fairborn?

— Vamos — digo.

Antes, porém, de darmos um passo, ouve-se um grito vindo da casa. Não consigo entender direito, mas acho que é Clay.

“Descubram quem foi que pegou... AGORA!”, escutamos.

Gabriel e eu nos agachamos e corremos depressa pelo jardim até os fundos da casa, pulamos a cerca e adentramos um beco.

Gabriel corre para o lado esquerdo até a esquina.

— Combinamos de nos encontrar aqui.

Continuo a vigiar o caminho por onde viemos enquanto Gabriel olha para a rua.

Ouço um riso baixinho e me viro.

Rose está encostada em Gabriel. Os dois estão sorrindo. Inquietos como crianças que roubaram balas de uma loja. Rose ergue uma faca comprida. Cabo negro, bainha negra.

— Tudo é fácil para uma pessoa tão talentosa — diz Gabriel para Rose. — Mas acho que Clay percebeu que a Fairborn sumiu...

— Vamos embora — digo, e saio andando pelo beco.

Estamos correndo quando uma caçadora sai da rua e surge a nossa frente. Ela parece tão surpresa quanto nós. Para, hesita e grita.

— Estão aqui!

Sou o que está mais próximo dela, e nesse espaço de tempo cheguei mais perto ainda. Ela está sacando a arma, e estou três passos mais perto. Está erguendo a arma quando me joga contra ela. Meu braço direito mira sua garganta; o esquerdo, a arma. Escuto um tiro, desabo em cima dela, e parecemos cair em câmera lenta, mas minha mão está em sua garganta e ela olha para mim. É tão jovem... não muito mais velha que eu. Os brilhos em seus olhos giram freneticamente, e ouço algo quebrando. É seu crânio, e os brilhos desaparecem.

Estou sentado em cima dela.

O sangue escorre pela grade de metal embaixo de sua cabeça. Quando me levanto, vejo que seu pescoço está em um ângulo estranho. Quero acreditar que foi o impacto da grade que a matou, mas minha mão estava em seu pescoço, e o

pescoço está quebrado. Ainda não consigo acreditar que ela é tão jovem e que a matei. Consigo ficar de pé, mas com dificuldade. Sinto dor em um lado do corpo.

Ouvimos um tiro, depois outro. Eu me agacho e viro. Vejo Rose entendida de bruços no chão, e Gabriel de joelhos ao seu lado, com os braços estendidos e a arma apontada para outro caçador deitado no chão, mais distante no beco. Ninguém se mexe.

Rose está totalmente imóvel. Tão imóvel quanto a caçadora.

Gabriel se abaixa e pega a Fairborn da mão dela. Aproximo-me dele. A cabeça de Rose está virada para o lado. Seus olhos não têm brilho algum, e suas costas são uma massa de sangue.

Gabriel me puxa dali. Corremos pela esquina e há mais tiros. Surge outra caçadora a nossa frente. Gabriel atira nela e corremos para um jardim. Pulamos uma cerca, mas preciso parar.

Matei uma mulher. Não queria fazer isso, mas o pescoço dela está quebrado. Rose também está morta, e estou tremendo. Minhas mãos estão cobertas de sangue, sangue da garota, e estou esfregando-as na camisa, mas o sangue não sai. Tem muito sangue.

— Ah, não, Nathan — diz Gabriel.

Olho para seu rosto e vejo que ele está olhando fixamente para minha barriga. Ele levanta minha camisa. Meus joelhos estão moles.

— Merda, Nathan.

Olho para baixo. Minha camiseta tem uma mancha escura que cresce. O sangue parece negro.

— Estou bem — digo sem pensar. Não me sinto bem. — Posso curar isso — acrescento. Sinto uma onda de energia e me aprumo. Respiro fundo. Me acalmo. — Estou bem.

Ela me baleou do lado esquerdo, um pouco abaixo do tórax.

— Vou ficar bem.

Minhas mãos ainda tremem. Por alguma razão, não consigo curar aquilo.

— Tem certeza?

Gabriel parece muito preocupado.

— Tenho. Vamos embora.

E continuamos. Fico bem por cinco minutos, mas a dor em minhas costelas retorna. Eu a curei, mas ela voltou, e é uma dor paralisante. Não é normal. Preciso parar de novo.

— É uma bala de caçador — diz Gabriel. — Não é uma bala de fêlix. Ainda está em você?

— Acho que está.

— Temos que removê-la. Ela é mágica, venenosa.

— Não há tempo. Posso curar por enquanto. Tiramos quando voltarmos para a casa de Mercury.

— Está feio, Nathan.

— Estou bem. No momento, estou mais preocupado em não levar uma bala pelas costas.

Saio andando, mas sei que estou lento. É difícil acompanhar Gabriel. Na verdade, eu não o acompanho — ele é que reduz o passo. Viramos a esquina e há um jipe vindo em nossa direção. Um caçador salta, atirando, e Gabriel revida. Começamos a correr e fico para trás. Sei que Gabriel deve ter acertado o caçador, porque eu já teria sido apanhado se ele tivesse errado.

Passamos por mais jardins e chegamos a um beco. Gabriel espera por mim e depois me ajuda a pular um muro alto.

Ele pula e para na minha frente, e tenho que me encostar no muro para me manter de pé.

— Nathan, você não consegue correr rápido o bastante. — Ele fala baixo. — Vão pegá-lo se tentar. Vou atrair a atenção dos caçadores e mantê-los ocupados para que você consiga chegar à fenda. Mas precisa tomar cuidado. Seja cuidadoso. Não espere por mim no apartamento. Só entre na fenda e volte para a cabana de Mercury.

Sei que ele tem razão. Não posso correr mais que os caçadores, mas tenho um mau pressentimento. Lembro-me do que Rose disse. Que Gabriel adoraria ter uma chance de me salvar. Mas atrair os caçadores para longe, tantos caçadores, é suicídio.

Abano a cabeça.

— É o único jeito — diz ele, e me entrega a Fairborn. Ela está presa a uma faixa de couro que ele pendura em volta do meu pescoço.

— Gabriel, é perigoso demais.

— Vou tomar cuidado.

— Você não sabe tomar cuidado.

Ele sorri, depois me dá um beijo no rosto, diz algumas palavras e, apesar de ser em francês, sei o que significam. Damos um abraço apertado.

— Quantos dias faltam para a sua Atribuição? — pergunta ele.

— Quatro. Você sabe disso.

— Não perderia por nada.

Ele sobe o muro e desaparece.

Espero bastante antes de ousar sair dali. Ouço um barulho ao longe que pode ser um tiro ou o estouro do escapamento de um carro. Na verdade, sei que não é um carro. Ouço sirenes da polícia. Os caçadores não vão gostar disso. Eles também estão longe, mas há muitos deles.

Preciso ir para o apartamento.

de volta para mercury

Não sei onde estou. Nem consigo localizar o lago. Continuo a ver o corpo de Rose, a sentir o pescoço da caçadora e seu sangue quente. Está tudo errado, nada daquilo devia ter acontecido. O plano não era um plano de verdade. Era uma maluquice. E eu devia ter chegado ao apartamento há séculos.

Estou outra vez de joelhos no paralelepípedo molhado. Minhas pernas não conseguem se manter firmes.

Descanso com a testa apoiada na pedra fria e tento me curar, mas minha cura mal está funcionando, e não há nenhum zunido. É como se ela estivesse se esgotado.

Está claro, agora, mas ainda é cedo. Faz silêncio. Não há pessoas pela rua. A chuva parou.

Fico de pé. Preciso de açúcar. Comida e bebida são minha prioridade, depois vou me curar e pensar melhor, para então achar o apartamento e Gabriel.

Na rua, um homem está erguendo a porta de ferro de sua pequena tabacaria. Ele entra, e eu o sigo bem de perto, avançando sobre ele até imprensá-lo contra a parede. Não sei como falar francês, então digo em inglês e coloco a mão em sua boca para que não faça barulho. Ele olha em meus olhos e sei que entendeu. Não posso fazer bobagem e amarrá-lo. Celia me disse que uma situação real era bem diferente do treinamento. Ela me ensinou a controlar a respiração. A me concentrar no que tenho que fazer e fazê-lo direito. Eu o apago. Fiz tudo certo.

Vou até a geladeira e bebo um energético. Depois outro. Eles ajudam. Já consigo me curar melhor. Pego a mochila surrada do homem e a encho de bebidas e doces bem açucarados.

Agora preciso encontrar o apartamento. Desço a colina na direção do lago. A partir dele, sei como chegar ao apartamento. Minhas pernas estão mais fortes.

Finalmente encontro a esquina de nossa rua. O prédio está à minha frente, do outro lado. Não há ninguém por perto, mas sinto que há algo errado.

Do meu lado da calçada, há um carro azul e também um vermelho, cheio de ferrugem, que já vi antes. Do lado esquerdo, diante da entrada do edifício, há uma van. Tenho a sensação de ter visto a van em algum lugar, mas onde? Não é a van de algum caçador... então, por que estou hesitante? Não há nada de estranho. Se correr, estarei dentro do apartamento em um minuto, e na casa de Mercury em dois. Mas alguma coisa parece diferente.

Paro na entrada de outro prédio e me escondo bem. Começou a chover de novo. Ouço o barulho distante do trânsito.

Espero.

Nada acontece. Nada. Isso está me matando. Gabriel não está aqui, Rose está morta, o pescoço daquela garota era tão fino... Não consigo pensar que eles tenham pegado Gabriel e no que podem fazer com ele. Não consigo pensar nisso.

Mais chuva.

Um carro desce pela rua.

Uma mulher sai de um dos prédios, abre o guarda-chuva e, com os saltos fazendo barulho na calçada, vai embora apressada.

Estou suado. Está quente, e a chuva ainda está caindo. Ouço o barulho de um carro na rua atrás de mim. E então vejo... um movimento, uma sombra vinda da entrada de nosso prédio.

Tudo parece estar como antes, mas agora sei o que está errado. Sei o que é a sombra. Uma caçadora, imóvel, a arma erguida. Seu celular faz um chiado. Baixo, mas faz. Era isso o que eu estava sentindo.

Não há nada que eu possa fazer além de torcer para que nada de ruim tenha acontecido. Talvez tenham seguido Gabriel até ali, e ele não tenha tido outra opção além de passar pela fenda com os caçadores em seu encaixo. Eles não descobririam como passar a menos que vissem exatamente onde ela fica e, mesmo que conseguissem atravessá-la, Mercury iria pegá-los enquanto estivessem presos no telhado. Talvez Gabriel já estivesse em segurança na cabana, sem poder se arriscar a voltar para me avisar.

Mas ele disse que os levaria para longe.

De que outro jeito saberiam como chegar aqui?

Se o tivessem capturado e torturado... Quanto tempo ele levaria para contar sobre o apartamento?

Um carro entra na rua pela extremidade mais distante. Um utilitário preto, o que vi na casa dos caçadores. Clay estaciona o veículo no meio da rua e desce. Não parece satisfeito. Vai até a caçadora escondida e depois entra no prédio. A caçadora entra no carro de Clay, dá a ré pela rua a toda velocidade e vai embora. Um minuto depois ela corre de volta para sua posição. A rua fica novamente em silêncio.

Preciso sair.

Estou coberto de sangue. Os fêlixes vão me parar se me virem.

Preciso encontrar um lugar para descansar e me limpar. Saio dali, apesar de não saber para onde ir.

Vinte minutos depois, eu a vejo. Está no fim de uma ruela parcialmente escondida por uma pequena van, mas sei de imediato que é ela. E sei que o correto seria passar direto, mas há Rose e Gabriel e um monte de outras coisas que impedem que eu tome a atitude mais sensata. Não sei onde está sua parceira, mas não vou me demorar muito.

Eu me curo antes de me aproximar, caminhando furtivamente, o mais silenciosamente possível, e pego a Fairborn.

Nesse instante, as coisas mudam.

A Fairborn praticamente ganha vida em minha mão. É parte de mim, mas também sou parte dela.

Alcanço a caçadora e a puxo com força, virando-a para mim, a Fairborn em sua garganta.

— Está procurando alguém? — pergunto.

Ela fica perplexa. Mesmo agora odeia que eu a toque, mas supera o susto em menos de um segundo e começa a se transformar em um homem enorme. Sou seu meio-irmão mais novo, conheço seus truques, e a Fairborn também. Nós apunhalamos o ombro de Jessica e jogamos seu corpo semitransformado com força contra a parede. Apunhalamos o outro ombro, e ela grita. Se sua parceira estiver perto, chagará em menos de um minuto.

Jessica se transformou completamente em um homem, mas seus braços estão inutilizados, e tenho força e a Fairborn para prendê-la contra a parede.

Ela se transforma rapidamente outra vez, agora em Arran.

— Por favor, não me machuque, Nathan. Sei que não quer me machucar — implora Arran.

— Cale a boca.

— Sei que é uma boa pessoa. Sempre soube disso. Por favor, não me machuque.

Sei que deveria fugir. Mas ver Arran é maravilhoso demais. Quero ficar olhando para ele. Mas não é Arran. É Jessica, e ela é uma bruxa terrível. Estou segurando a ponta da faca contra o olho de Arran. E a Fairborn quer arrancá-lo.

— Por favor, Nathan. Você é uma boa pessoa.

Seria um bom plano cortar fora seu olho. Ela nunca seria capaz de disfarçar isso. Mas não consigo. Não quero fazer isso. Não com Arran, apesar de saber que não é ele. Estou dizendo a mim mesmo que é Jessica, mas não quero fazer nem com ela também... mas a Fairborn quer...

Tremo, tentando guardar a faca na bainha. Jessica me empurra para trás, sem força, mas basta, e eu levanto a Fairborn, que desce e corta seu rosto.

*

Arrombei uma casinha no subúrbio. Não tem alarme e está vazia. Acho que foram trabalhar. Tomo um banho. Meu corpo continua fraco e trêmulo.

O tiro que levei virou uma cicatriz limpa e redonda, mas se toco em qualquer lugar perto dela, parece que vou desmaiar. Não tenho a menor vontade de tentar tirar a bala. Além disso, os energéticos e os doces parecem estar funcionando.

Eu me sirvo duas vezes uma tigela grande de cereais com banana e penso em como voltar para a cabana de Mercury. Tenho uma vaga ideia de onde fica. Gabriel me disse que algumas vezes foi de trem e outras, a pé. Deve haver caçadores na estação de trem e também vigiando as estradas, mas talvez eu consiga pegar um ônibus. Deve haver um que me leve de Genebra para algum lugar onde eu possa tomar um trem. Faltam quatro dias para o meu aniversário. A cautela é mais importante do que a velocidade.

Preciso de um mapa.

Há um computador na casa, só que não faço ideia de como usá-lo. Nas gavetas, acho um mapa rodoviário da Suíça, mas preciso de um mapa de trilhas para

encontrar o vale de Mercury. Vou ter que comprar um. A única coisa boa foi encontrar na mochila surrada que peguei do comerciante sua carteira com o dinheiro do caixa. Normalmente não roubaria alguém como ele, mas não sabia que havia dinheiro ali. E não é uma situação normal.

Olho no espelho antes de sair. A casa deve pertencer a um casal de meia-idade. As roupas dele são um pouco grandes. Não consigo achar óculos escuros, então pego seu boné de beisebol vermelho com uma cruz branca e um cachecol estampado, que enrolo duas vezes no pescoço. Luvas! Encontro um par de couro e corto fora os dedos.

Antes de sair, quero examinar melhor a Fairborn. Quero senti-la. Assim que a tiro da bainha, ela parece querer cortar alguma coisa. A lâmina é bem diferente, não é feita de um metal reluzente, tem um tom cinza fosco, quase preto. Sinto que a faca tem vida, embora pareça morta. Na verdade, não quero que Mercury ponha as mãos nela, não quero que os caçadores a peguem e não a quero. Poderia deixá-la atrás de um armário ali mesmo, onde provavelmente ficaria segura e perdida para sempre. Mas a levo comigo. Vou enterrá-la em algum lugar. Não posso dá-la a Mercury, não posso deixar que ela saiba que está comigo. Mas Annalise está sob seu poder. Uma coisa de cada vez. Sair. Encontrar um lugar para enterrar a Fairborn. Voltar para a cabana de Mercury. Receber meus três presentes.

Sigo a rua principal até um ponto de ônibus.

*

O ônibus foi uma boa ideia. Parei em uma estação de trem em uma cidade a meia hora de Genebra. Comprei um mapa em uma loja de alpinismo próxima. É maravilhoso. A Suíça é cheia de vales, mas o de Mercury é único, com a geleira e as cidadezinhas enfileiradas ao longo do rio, indo de leste a oeste, o que torna mais fácil sua localização. O trem me deixará perto; depois terei que pegar um ônibus e fazer uma caminhada, e na metade da noite estarei de volta à cabana de Mercury. Compro energéticos, doces e frutas e embarco no trem. Está cheio. Encontro um lugar e fico de cabeça baixa.

Merda! Merda! Merda!

Tem uma caçadora andando na plataforma. Está examinando o lugar. Ela embarca. Eu desço, agindo de forma bem natural.

*

Ainda está escuro nas primeiras horas do dia. Estou em uma floresta em algum lugar. A caçadora não deve ter me visto, caso contrário a esta hora eu estaria preso ou morto. Não tenho condições de ser mais rápido que eles. Não consigo correr. Estou todo suado, tremendo e com calafrios, e um lado do meu corpo está inchado. Um nódulo do tamanho de um ovo cresceu na altura das costelas. Pelo menos tenho os energéticos. Não posso arriscar voltar à estação de trem. Posso pedir carona, mas se ficar na beira da estrada por mais de dez minutos os caçadores vão me pegar. De todo modo, não conseguiria entrar em um carro. Ia me sentir preso. Além disso, tenho um mapa. Sei aonde estou indo e tenho tempo para chegar lá. É uma caminhada de dois dias até o vale de Mercury, e faltam três dias para o meu aniversário. Eu consigo. Vou voltar, encontrar Mercury, receber meus três presentes e, de alguma maneira, ajudar Annalise.

Está clareando. Já percorri um bom caminho. Em um ritmo cadenciado. Sempre pela floresta, perto da estrada. Agora posso descansar. Estou me movendo com tanta dificuldade que pareço um velho, mas posso me permitir algumas horas de descanso.

*

Já está anoitecendo. Passei o dia todo dormindo. Mas agora vou estar mais forte. É noite, e eu dormi. Só sobraram dois energéticos, mas espero poder comprar mais. Posso relaxar nas árvores. Altero meu ritmo. Caminho rápido por cinco árvores e devagar pelas cinco seguintes. O inchaço, antes do tamanho de um ovo, agora tem o tamanho de um punho.

Está clareando e não consigo mais andar.

Descanse um pouco. Não durma.

*

Merda! Que horas são? Meio-dia, talvez. Continuo caindo no sono. Preciso seguir em frente.

Seguir em frente. Estou me sentindo tonto.

Tem uma cidadezinha por perto. Vou comprar algo para beber. Preciso de açúcar.

Também preciso conferir que dia é hoje.

Que dia é hoje?

Estou me sentindo estranho... tonto...

Volto para as árvores. Caminho cadenciadamente. O açúcar me fez bem. Meu aniversário é depois de amanhã.

É isso mesmo? Eu conferi. Conferi? Alguém conferiu.

Ou imaginei isso? Não, eu bebi alguma coisa. Eu conferi. Vi um jornal. É, é isso mesmo.

Esqueci de novo.

É um bom dia para uma caminhada. Um dia ensolarado.

Estou um pouco lento. Mas faz sol.

Se eu caminhar durante o dia e a noite, chego à cabana de Mercury antes do meu aniversário. Acho que vai dar certo.

É só continuar andando.

Que dia é hoje?

Estou molhado. Suado.

O inchaço ainda está lá.

Meu peito dói. Tudo dói.

Não toque em nada, apenas ande.

Estou lento, mas está ensolarado.

Ensolarado. Ensolarado. Ensolarado.

O que é aquilo? Alguém nas árvores à frente. Vi alguém.

Quem será?

Uma garota.

A luz do sol. Cabelo louro comprido. Está correndo como uma gazela.

“Annalise! Espere!”

Corro, mas tenho que parar quase imediatamente.

“Annalise!”

Eu me encosto em uma árvore, descanso por um minuto.

Annalise desapareceu. Escorrego até o chão.

Queria que ela voltasse.

“Annalise!”

Um riso vem do outro lado do tronco.

Rose?

Rastejo para a frente e vejo Rose deitada no chão, rindo, e então me dou conta de que ela não pode rir porque está morta, e, apesar de saber que não devia, tento levantar sua cabeça para confirmar. Faço isso, não consigo evitar, e ela se transforma na caçadora, e sinto seu sangue e o pescoço quebrado em minha mão.

Acordo arfando. Suado. Tremendo de novo.

Está escuro. Preciso continuar. Dormi demais. Levanto e minhas pernas desabam.

Já está claro. O sol brilha por entre as árvores. Ouço o riso de Rose de novo.

“Rose?”

Ela espia por trás de uma árvore e diz:

“Parabéns por amanhã, Nathan.”

Meu aniversário é amanhã?

Ei, gente, tenho quase dezessete anos!

Mas onde está todo mundo?

Onde está Gabriel?

“Rose, onde está Gabriel?”

Ela não ri.

Tudo está silencioso outra vez.

Onde estou?

Meu mapa! Onde está meu mapa?

Eu tinha algumas bebidas, não tinha?

Mas estou com a Fairborn. É, estou com a Fairborn.

E tenho um riacho. Não preciso das bebidas. Esse é um bom lugar para parar. Um bom lugar.

Vamos dar uma olhada nesse inchaço.

Não está nada bom.
Amarelo, bem amarelo, com uma pequena cicatriz e muitas veias vermelhas.
Nada bom. Nada bom.
Se eu o toco...
Merda!

*

Rose está de volta. Está dançando ao meu redor. Debruça-se sobre mim e examina o inchaço em minhas costelas.

“Eca! Você tem que cortar isso agora.”

“Onde está Gabriel?”, pergunto. Ela fica vermelha, mas não responde, e eu grito: “Onde está Gabriel?”

Silêncio.

Está escurecendo.

Olho para o inchaço. Acho que ainda está crescendo.

Logo vou me transformar em um grande inchaço.

Que dia é hoje?

Não posso pensar. Não posso pensar.

“Rose, que dia é hoje?”

Ninguém responde. E lembro que Rose está morta.

O inchaço está cheio de veneno... Gabriel disse que era veneno... ele está me envenenando...

Tem que ser removido.

É só cortá-lo.

Pego a Fairborn.

Ela quer fazer isso.

*

Está claro. Estou deitado no chão perto de um riacho. Estou todo dolorido, mas não tanto quanto antes.

Será que cortei o inchaço?

Não lembro.

Olho para baixo e minha camisa está aberta, coberta de sangue seco e de uma substância amarelada, também seca. Tem muito dessa coisa amarelada. Mas o inchaço se foi.

A água do riacho está deliciosa, e me sinto melhor. Meus pensamentos estão claros. Bebi muita água, um riacho inteiro. Minha ferida agora não parece tão feia. Limpei o resto do pus amarelo. Ainda está um pouco inchada, mas não é nada. Meu corpo não dói tanto. Talvez o veneno tenha sido eliminado, mas a bala ainda está lá, pode ser que ainda libere veneno. Mas o pior já deve ter passado, e já me sinto muito melhor.

Não tenho certeza de que dia é hoje, mas acho que é meu aniversário.

Deve ser. Tenho dezessete anos.

TENHO DEZESSETE ANOS!

E estou me sentindo bem. Vou conseguir. Agora não preciso do mapa. Reconheço as montanhas.

Quando resolvo partir, percebo que a Fairborn não está comigo. Estou com a faca que Gabriel me deu, mas não com a Fairborn.

Corro aos tropeções até o riacho para procurá-la.

Foi lá que me cortei. Todo o pus está lá. A Fairborn tem que estar. Eu a usei para cortar o inchaço. Estava ao lado do riacho, perfurei o inchaço e... quando acordei, a Fairborn tinha desaparecido.

Não tenho tempo para isso. Preciso encontrar Mercury. Não quero saber da Fairborn. Eu não a quero. Se mantiver um ritmo bom, vou chegar à cabana de Mercury pouco antes de escurecer.

A chuva recomeçou, uma chuva fina, que cai em grande quantidade, e agora mais fria. Estou subindo o vale pela estrada. É mais rápido pela estrada, e preciso ser mais rápido. Passam apenas poucos carros. Os faróis me ofuscam, mas me mantenho na estrada, passo por três vilarejos nas montanhas e depois subo pela própria montanha. Conheço a trilha, mas avanço lentamente, pois ela está molhada e escorregadia. Mesmo assim, estarei lá em menos de uma hora de caminhada.

Minhas costelas doem, mas não tanto quanto antes. Não me curo. Talvez a cura tenha piorado as coisas. Não sei, mas posso aguentar isso. Vou conseguir. Vou receber meus três presentes e vou ajudar Annalise.

À medida que subo, a chuva se transforma em granizo e depois em neve. Os flocos são grandes e parecem cair lentamente, como se estivessem usando paraquedas. Estou bem alto nas montanhas, mas mesmo assim está frio demais para junho. A neve acumulada no chão está quase na altura de meus joelhos, o que me faz avançar mais devagar, mas só um pouco, pois é tão leve e fofa que não preciso dar passos longos, simplesmente caminho em meio a ela. Olho para a trilha que vou deixando, uma trilha meio apagada: a neve está leve e desmorona sobre meus passos, como se estivesse se acomodando neles. Continuo achando que estou perto da cabana, mas não há luz em lugar nenhum, exceto atrás de mim.

Chego ao tronco de árvore lascado. As bordas riscadas e cortadas são tão afiadas e finas que há pouca neve sobre elas. Eu devia poder ver as luzes da cabana.

Aperto o passo e depois reduzo a velocidade nos últimos vinte metros. A cabana está às escuras. Sigo pela parede lateral e continuo pelo lado mais distante até a porta. Quando estou prestes a entrar, percebo um brilho pequeno e distante à esquerda do vale. Então o som chega. Um tiro. E outro. Depois um raio seguido por um trovão. Mercury está lutando contra os caçadores.

Eles devem ter encontrado a fenda, mas não conseguiram sair do telhado. Provavelmente descobriram a localização da cabana. Não deve ter sido difícil. E então subiram o vale. Deviam estar só um pouco à minha frente. Depois, outra coisa passa por minha cabeça: se capturaram Gabriel e o torturaram, ele pode ter contado a localização do vale...

Não consigo pensar nisso. Preciso encontrar Mercury. Tenho que seguir na direção dos tiros. Mercury deve estar lá. Há uma nuvem girando no vale mais abaixo, rumando para a geleira. O brilho de um raio se lança de seu interior. É ela.

Mas antes tenho que ver se Annalise está aqui. Não sei quanto tempo ainda me resta. Não muito.

Na cabana, tudo está limpo e arrumado. Minhas coisas estão da mesma forma que as deixei. Assim como as de Gabriel. Ele não voltou.

Dou uma olhada nos quartos.

Não sei o que esperava, mas achava que Annalise pelo menos estaria lá. Não está. Mercury deve tê-la levado para seu castelo, e não sei onde fica. Será que ainda está adormecida? Talvez Mercury já a tenha despertado de seu sono profundo... mas sei que não fez isso.

Visto a jaqueta e olho o relógio da cozinha. Com muito esforço, vejo as horas.

É mais tarde do que eu pensava. Pouco mais de dez para a meia-noite. Deve ser isso mesmo.

Ou um pouco menos. Se correr, consigo alcançar Mercury a tempo.

Saio a toda e dou dois passos na direção dos tiros. Então algo me para. Não consigo andar para a frente.

A neve cai ao meu redor, mas os flocos também ficam mais lentos... até pararem de vez. Os flocos pairam imóveis na negritude do ar da noite.

Tudo ao meu redor parou, e só o que posso fazer é cair de joelhos, agradecido.

três presentes

Meu pai.

Sei que é ele. Só ele pode fazer as coisas pararem.

Estou ajoelhado em meio à imobilidade e ao silêncio. Há véus e mais véus de neve no ar, neve que cobre o chão ao meu redor, cinza por causa da escuridão. Não consigo ver a floresta a minha frente.

Então surge uma fenda.

Ele.

Uma figura escura na escuridão, com flocos de neve pairando a sua frente.

Ele se aproxima, dando um peteleco para tirar um floco de seu caminho, e soprando outro suavemente com sua respiração. Chega ainda mais perto, caminhando, e não voando, com neve até os joelhos.

Para à minha frente, limpa a neve com um dos pés, se abaixa para ficar da minha altura e senta com as pernas cruzadas a poucos metros de distância.

Não consigo ver seu rosto, apenas sua silhueta. Acho que está de terno.

— Nathan, finalmente.

A voz dele é calma e se parece com a minha, só que mais... reflexiva.

— É — digo, e minha voz não parece a minha, mas a de um garotinho.

— Queria que nos conhecêssemos. Há muito tempo quero isso — diz ele.

— Eu também. — E acrescento: — Há dezessete anos.

— Isso tudo? Dezessete anos?

— Por que não veio antes? — pergunto.

— Está com raiva de mim?

— Um pouco.

Ele balança a cabeça.

— Por que não veio antes?

Pareço patético, mas estou tão exausto que não ligo.

— Nathan, você só tem dezessete anos. É jovem demais. Quando for mais velho vai perceber que o tempo pode passar de maneiras diferentes. Às vezes mais devagar... outras mais depressa.

Ele gira o braço e faz os flocos de neve se moverem em círculos até formarem um tipo estranho de galáxia que começa a se erguer, desaparecendo logo depois.

É impressionante. Ver meu pai, seu poder. Meu pai está aqui, tão perto de mim... Mesmo assim, ele devia ter aparecido anos atrás.

— Não ligo para o modo como o tempo passa. Perguntei por que não veio antes.

— Você é meu filho, Nathan. Espero um pouco de respeito da sua parte...

Ele inspira e depois solta o ar com uma longa expiração, dispersando mais alguns flocos de neve, que pairam perto do chão a sua frente.

— E você é meu pai, esperava um pouco de responsabilidade da sua parte.

Ele solta uma espécie de risada.

— Responsabilidade? — Ele inclina a cabeça para a direita e depois volta a endireitá-la. — Não estou acostumado a lidar com essa palavra... E você? Está familiarizado com algum tipo de respeito?

Hesito, mas acabo dizendo:

— Não muito, até agora.

Ele espera, pega um pouco de neve e espalha para o alto com os dedos.

— Mercury ia dar três presentes a você, imagino — diz ele.

— Ia.

— O que pediu em troca?

— Informação.

— Parece pouco para Mercury.

— Também queria uma outra coisa.

— Deixe-me adivinhar... Não é difícil. Queria minha morte. Mercury é bem previsível.

— Não tenho intenção de matá-lo. Disse isso a ela.

— E ela concordou?

— Ela acha que eu vou mudar de ideia.

— Ah, tenho certeza de que ela ia se divertir tentando fazer isso.

— Então acredita em mim? Não vou matar você.

— Ainda não sei bem em que acreditar.

Fico sem saber exatamente o que dizer. Você nunca pede a alguém que lhe dê três presentes. Nunca. E não posso pedir a ele, mas se chegou agora, no dia do meu décimo sétimo aniversário, então deve ter vindo para isso.

— Que informação ela queria? — pergunta ele.

— Coisas sobre o Conselho e minhas tatuagens. Não contei nada.

— Não gosto de tatuagens.

Estendo o braço para mostrar-lhe a de minha mão e a do dedo. São de um preto azulado, e minha pele assume um tom branco leitoso na escuridão.

— Eles planejavam usar meu dedo para fazer uma garrafa de bruxo. Para me obrigar a matá-lo.

— Para minha sorte você ainda tem seu dedo. Sorte sua não ter contado isso a Mercury. Acho que ela o teria cortado.

— Ela também queria a Fairborn — digo.

— Ah, sim... Onde está a Fairborn?

— Rose a roubou de Clay, mas... as coisas não saíram como o planejado. Ela foi morta por três caçadoras. E perdi a Fairborn.

Silêncio.

Ele olha para baixo, belisca a ponte do nariz.

— Inevitavelmente, é neste ponto que fica difícil acreditar no que você está me contando. Onde exatamente você a perdeu?

— Na floresta, a caminho daqui. — E uma pontada forte da dor em minhas costelas me faz estremecer. — Fui envenenado ou algo do gênero.

— O que aconteceu? Está ferido? — pergunta ele, inclinando-se em minha direção.

Parece preocupado. Preocupado! Quero chorar de alívio.

— Levei um tiro de uma caçadora. Eu o curo, mas a ferida sempre volta. A bala ainda está aqui dentro.

— Precisamos tirá-la daí.

— Mas dói.

— Não tenho dúvida disso. — Ele agora parece impressionado. — Mostre para mim.

Abro minha jaqueta e a camisa.

— Tire as duas. Deite na neve.

Enquanto tiro a camisa, ele fica de pé, passa por mim e pega a faca que Gabriel me deu.

— O que é isso?

Passa os dedos pelas minhas costas. O toque de sua pele na minha é estranho. Suas mãos são tão frias quanto a neve.

— Cicatrizes.

— É. — Ele ri de novo. — Quem fez isso?

— Kieran O'Brien, um caçador. Faz muito tempo.

— Algumas pessoas acham que um milênio não é muito tempo. — Ele passa a palma áspera da mão nas minhas costas, e seu toque é estranhamente suave. — Deite de costas e fique parado.

Ele não se apressa.

Cerro os dentes. Minha carne parece estar sendo arrancada da costela, como quando se arranca carne dos ossos de um frango. Uma força surpreendente mantém a carne presa.

Começo a contar. Depois do nove, os números se transformam em palavrões.

E a dor para.

— A bala estava alojada atrás do osso. Foi difícil alcançar. Agora você vai conseguir se curar.

Curo o machucado e percebo que ele está observando a rapidez com que minha pele cicatriza.

Estou sentindo a energia em meu corpo, e meu poder de cura já melhorou sem a bala lá, dentro de mim.

Tento me levantar, mas meu pai me agarra pelo cabelo e puxa minha cabeça. Ele põe o joelho em minhas costas e a faca em minha garganta. Bate com o lado da faca em minha pele, depois a vira para pressionar a lâmina contra meu pescoço. Ainda não me cortou.

— Sua vida é minha, Nathan.

A lâmina está tão próxima que não ousa engolir. Arqueio tanto meu corpo para trás que poderia quebrá-lo.

— Como estou me sentindo generoso hoje, pode considerar sua vida um presente meu.

Ele solta meu cabelo, e minha cabeça e meu corpo caem para a frente. Estou de quatro na neve me perguntando: *Ele vai fazer mesmo isso? Isso conta como um presente? Que horas são agora?*

Eu me viro e ele está sentado de pernas cruzadas perto de mim. Está de terno, mas sem gravata, e o colarinho está desabotoado. Seu rosto é todo escuridão.

Visto a camisa e me sento de pernas cruzadas em frente a ele.

Ele estende a bala em minha direção.

— Para você... outro presente. Talvez isso o faça lembrar que deve tomar mais cuidado quando estiver perto de caçadores.

A bala é redonda, um verde metálico, com alguns riscos.

— Ciência de fêlixes misturada com magia. Não é elegante, mas, como tantas coisas, ainda pode matar.

Pela forma como diz isso, sei que está se referindo a mim.

— Não vou matar você. Mary me falou de sua visão. Não vou matar você.

— Vamos ver. — Ele se inclina em minha direção, com a voz baixa. — O tempo é que vai dizer.

— Mas Mercury não pensa como eu — digo.

— Ela acha que eu agi mal com ela. E agi mesmo. Vai achar que eu trouxe os caçadores até aqui, mas pode lhe dizer que não fiz isso. Nunca faria isso. Os caçadores são muito bons, Nathan. Não precisam da minha ajuda. Diga a ela que eles acharam um modo de descobrir as fendas. Ela vai ter que tomar mais cuidado no futuro.

— Vou dizer a Mercury se a encontrar. Mas...

Ele não quer que eu vá com ele?

Silêncio. Imobilidade. Flocos de neve esperando.

— E agora? — pergunto.

— Está perguntando quanto a mim e você?

Faço que sim com a cabeça.

— Não acredito muito em profecias, Nathan, mas sou um homem cauteloso. Por isso sugiro que fique longe de caçadores e tome cuidado para não perder seu dedo, já que perdeu a Fairborn.

— Mas...

Não posso perguntar se posso ir com ele. É meu pai. Mas não posso perguntar. Ele diria se quisesse que eu fosse.

— Por que nunca me procurou?

— Achei que estivesse indo bem. Tinha vislumbres em visões. Você se saiu bem sozinho. Não vi nada depois que eles o levaram embora. Esconderam você bem, até mesmo de minhas visões. Mas você escapou. Fico feliz com isso, pelo bem de nós dois.

Ele olha para o pulso, mas não vejo relógio nenhum ali.

— Tenho que ir embora.

Ele tira um anel do dedo, pega minha mão direita e o coloca em meu indicador.

— Para você, o anel do meu pai, e que antes pertenceu ao pai dele.

Ele pega a faca, faz um corte na palma de sua mão e a estende.

— Meu sangue é seu sangue, Nathan.

E ali estão sua mão, sua carne, seu sangue.

Com cuidado, eu a tomo entre minhas mãos. A pele é áspera e fria, e eu a levo aos lábios e bebo seu sangue. Sugo, engulo e ouço as palavras estranhas que ele murmura em meu ouvido. Seu sangue é forte, doce e quente em minha garganta, meu peito e meu estômago, e suas palavras se enroscam em meu cérebro, misturadas ao meu sangue, sem sentido, mas me envolvendo em algo que reconheço. Sinto o cheiro da terra e sua pulsação através de meu sangue, através do corpo de meu pai e do pai dele, e do pai de meu avô, e finalmente sei quem sou.

Solto sua mão e fito seus olhos.

Meus olhos.

Marcus fica de pé.

— Levo minhas responsabilidades de pai a sério, Nathan.

E, conforme se afasta, os flocos de neve começam a cair bem lentamente de novo. O vento ganha força, me atingindo e erguendo a neve do chão. Consigo apenas ouvir a voz de Marcus.

— Espero que voltemos a nos encontrar, Nathan — diz ele.

Os flocos de neve começam a cair mais rápido, e o vento se transforma em um vendaval, criando uma névoa branca em torno de nós dois.

Os flocos de neve batem em meu rosto, e ele desaparece.

*

O anel é pesado. É grosso, quente. Não consigo identificar as formas sob a luz fraca. Eu o giro no dedo, sinto seu peso, beijo-o e murmuro um “obrigado”. Sou um bruxo.

Conheci meu pai. Muito brevemente, mas o conheci. E acho que ele deve saber que não quero matá-lo. Ele não teria me dado três presentes se acreditasse nisso. Minha mente está clara e tranquila. É uma sensação diferente. Percebo que estou sorrindo.

Acima de mim, o céu se enche de raios, e o ar ecoa o estrondo de trovões.

fuga

Volto para a porta da cabana, e Mercury está lá, em um vestido cinza, os cabelos apenas um pouco mais desganhados que o normal, mas está furiosa, girando e soltando raios.

— Tenho a sensação de que conheceu seu pai.

Sua voz perdeu o ritmo lento. Está gritando comigo.

— Conheci.

— Ele deu os três presentes a você?

— Deu.

— E trouxe os caçadores aqui.

— Não. Os caçadores a acharam sem a ajuda dele. Marcus disse que eles descobriram uma maneira de detectar suas fendas. Ele me pediu que a alertasse para que fosse mais cuidadosa.

Um raio atinge o chão perto de meus pés.

— Você também devia ser mais cuidadoso. Onde estão Rose e Gabriel?

— Não sei onde está Gabriel — digo. — Rose foi morta pelos caçadores.

Mercury grita.

— Você sabia que era perigoso e a mandou lá.

— E mesmo assim você sobreviveu. Está com a Fairborn?

— Não.

— Mas Rose a pegou de Clay?

— Pegou.

— Onde ela está? Está com Marcus?

Hesito, mas acabo dizendo.

— Está; ele a levou.

Ela grita de novo. Um pequeno rodaminho gira ao seu redor, e para de repente.

— Parece que tudo o que tenho é Annalise.

— Onde ela está?

— Em segurança. Por enquanto. Você a quer de volta?

— É claro.

— Então me traga a cabeça de seu pai. Ou coração. Aceito qualquer um dos dois.

Mercury gira e uma nuvem cinzenta, um minifuracão, surge ao seu redor, seu rosto aparecendo e desaparecendo no centro. O furacão sobe o vale na direção da geleira.

O ar fica calmo outra vez. A tempestade de neve termina. Tudo está em silêncio.

Será que os caçadores vão conseguir encontrar a cabana no escuro? É claro que vão, são caçadores.

Escuto o zunido de seus celulares. Eles chegaram.

Um tiro. Depois outro.

Mas já estou correndo. E correr é ainda melhor que antes. Estou mais forte, mais rápido, mais em sintonia comigo mesmo. A noite é escura, mas encontro o caminho com facilidade. E sei para onde estou indo. Vou encontrar meu amigo. Gabriel.

agradecimentos

Comecei a escrever meio tarde, há não muito tempo, em 2010, e fiz o possível para esconder a nova obsessão (em que isso logo se transformou) de meus amigos e parentes. Não tinha a menor intenção de ser ridicularizada, pois o máximo que já tinha escrito até então havia sido um bilhete para o entregador de leite. No entanto, não demorou para que meu marido percebesse que eu estava aprontando alguma coisa no pequeno escritório de nossa casa, onde ficava até as duas da madrugada. Então, decidi lhe contar:

— Estou escrevendo um romance.

Esperei. Será que ele riria?

Diria que eu estava sendo ridícula?

— Ah, que bom! Parece legal.

Não foi a reação que eu esperava, mas era exatamente o que eu precisava. Eu não poderia ter escrito *Half Bad* sem sua ajuda e seu grande apoio.

Depois disso, fiquei um pouco mais ousada e contei para alguns amigos, que tiveram que aturar minhas conversas entediadas sobre como era escrever. Lisa e Alex foram (e ainda são) ouvintes maravilhosos. Nunca bocejaram na minha cara e sempre conseguiram dizer “Verdade?” nos momentos certos (e foram os primeiros leitores dos meus manuscritos).

Obrigado também a meus outros leitores. Sou muito agradecida a eles por seu tempo e sua franqueza. David me deu muitos conselhos sobre meu primeiro romance, que não chegou a ser publicado. Mollie foi a primeira adolescente a ler *Half Bad* — considero um elogio e tanto o fato de ela ter escolhido passar parte de seu tempo com Nathan. Gillian e Fiona, colegas da Open University, foram sensacionais com seu feedback total e sincero.

Enviei *Half Bad* a Claire Wilson, da Rogers, Coleridge and White, em janeiro de 2013, torcendo para que ela se interessasse em ser minha agente. Ela se interessou e começou a me agenciar. Foi uma defensora maravilhosa do livro, me aconselhou e conduziu pelo mundo estranho da edição. Claire tinha recusado meu primeiro romance dizendo que não era empolgante o suficiente. Sou muito agradecida a ela, pois sem esse toque *Half Bad* não teria sido escrito.

Tenho um grupo impressionante de pessoas trabalhando comigo na Puffin, e trabalhar com todas elas foi uma alegria. Ben Horslen, meu editor, devia ganhar um prêmio por entusiasmo (e tato), e com ele há um bando de gente: a editora-assistente Laura Squire; Tania Vian-Smith, Gemma Green e os departamentos de marketing e publicidade; a designer Jacqui McDonough; e Zosia Knopp e sua equipe fantástica de direitos autorais. Obrigada a todos na Puffin.

Também me sinto incrivelmente privilegiada por ter Ken Wright como editor na Viking nos Estados Unidos, junto com sua assistente Leila Sales. Ele também tem uma equipe fantástica, mas em especial tenho que agradecer a Deborah Kaplan e seus designers pela maravilhosa arte da capa.

Enquanto escrevia *Half Bad*, reli muitos livros de minha adolescência (anteriores à criação do rótulo jovem adulto), em especial *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, de Aleksandr Solzhenitsyn, que me convenceu de que o período passado por Nathan na jaula seria suportável.

A pessoa que disse que “A melhor maneira de saber se você pode confiar em uma pessoa é confiando nela” foi Ernest Hemingway.

Eu estava à procura de um nome para dar à Fairborn e me inspirei na faca Fairbanks-Sykes, informação que encontrei na Wikipédia.

Não vejo há anos o filme *Lawrence da Arábia*, mas a cena com os fósforos é uma das muitas que ficaram na minha cabeça.

Em relação a *Hamlet*, para ser honesta, eu li a peça há anos e nunca vi no teatro (vi apenas uma versão em filme), mas a citação “Pois não existe nada de bom ou de mau que não seja assim pelo nosso pensamento” foi um elemento fundamental na formação de minha história. Embora Shakespeare não tenha ocupado grande parte de meu tempo nos últimos dez anos, já que me dediquei integralmente à maternidade, sempre cuidei de meu filho e refleti sobre questões a respeito da influência da natureza e da criação: “Por que ele faz isso?”; “O que faz dele o que

ele é?"; "O que faz de cada um de nós o que somos?". Essas perguntas sem dúvida influenciaram meu trabalho.

As montanhas do norte do País de Gales foram uma inspiração. Eu subia e descia por elas, bem como pela Sandstone Trail, na Inglaterra, e pelo vale Lötschental, na Suíça. Se viram uma mulher caminhando por esses lugares falando sozinha (e às vezes com um pobre amigo) sobre fêlixes e três presentes, pode ter sido eu.

sobre a autora

© Mark Allen



SALLY GREEN mora no noroeste da Inglaterra. Ela teve vários empregos e até mesmo uma profissão, até que, em 2010, descobriu o amor pela escrita, e agora simplesmente não consegue mais parar. Já foi criadora de galinhas, faz umas geleias bem razoáveis, não se importa em ter que passar roupa, adora passear pelo País de Gales mesmo quando está chovendo e provavelmente nunca mais vai voltar a praticar corrida. Deveria, sem dúvida, tomar menos café. *Half Bad* é seu primeiro romance.

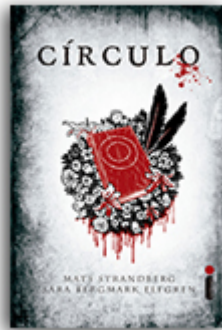
A SAGA DE NATHAN
CONTINUA EM

HEILM

títulos relacionados



A caçada



Círculo